

AILMA DO NASCIMENTO SILVA

AS PRETÔNICAS NO FALAR TERESINENSE

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS**

AILMA DO NASCIMENTO SILVA

AS PRETÔNICAS NO FALAR TERESINENSE

Porto Alegre

2009

AILMA DO NASCIMENTO SILVA

AS PRETÔNICAS NO FALAR TERESINENSE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof^a Dr. Leda Bisol

Porto Alegre

2009

AILMA DO NASCIMENTO SILVA

AS PRETÔNICAS NO FALAR TERESINENSE

**Tese de Doutorado em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Área de concentração: Linguística Aplicada**

Data da aprovação: ____/____/2009.

Banca Examinadora

**Prof^a Dr. Leda Bisol
Orientadora**

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Porto Alegre

2009

Aos meus pais Amélia e Manoel,
incansáveis apoiadores dos meus projetos profissionais;

A todos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos,
pela saudável convivência e amizade;

Aos demais familiares
que, direta e indiretamente, torceram por mim durante todo o
processo.

AGRADECIMENTOS

À CAPES/UESPI, que, por meio do Programa PICDT, tornaram possível a realização desse projeto;

À PUCRS, pela qualidade do Programa de Pós-Graduação em Letras;

À Profa. Dra. Leda Bisol, minha orientadora, pela orientação criteriosa, pelo comportamento paciente e generoso durante o atendimento nas orientações ao longo desses quatro anos;

À Profa. Dra. Cláudia Brescancini, pelas proveitosas discussões durante as aulas e grupos de estudos que fundamentaram a minha pesquisa, pelo pronto atendimento sempre que a consultava;

À Profa. Dra. Regina Lamprecht, pelo generoso acolhimento ao ingressar no Programa;

Às secretárias do Programa, Mara Rejane e Isabel, pela eficiência na viabilização das informações;

Aos informantes, pelo material para a realização do estudo;

Aos colegas e amigos do curso, em especial, Ubiratã Kickhöfel, Ana Paula Blanco, Marivone Vacari, Carolina Cardoso (Coca), Melissa Toffoli, Tatiana Keller e Denise Hogetop, pela calorosa acolhida e amizade;

À Alzira Peglow, extraordinária alma, pelo apoio e amizade;

Aos amigos Algemira Macedo, Raimundo Gomes e Márcia Edlene, pela presença do calor piauiense em terras tão distantes, pelo companheirismo e amizade;

À Norma Ramos, pela presença de irmã e força amiga nas horas mais difíceis vividas nessa reta final – a quem sou eternamente grata;

À Kátia Regina, pela presença constante ao longo desses quatro anos sempre disponível para ouvir pacientemente meus desabafos e amenizar as minhas angústias;

Aos amigos da UESPI, pelas mensagens diárias de apoio, em especial, ao Felipe, à Katiúscia Poliana e à Joselita Izabel.

Ao observar o português do Brasil sob o prisma de uma polarização sociolingüística, é preciso levar em conta que o sentido do termo *polarização* deve, necessariamente, afastar-se da dicotomia simples sugerida em oposições correntes do tipo “pólo norte” *versus* “pólo sul”, “pólo negativo” *versus* “pólo positivo”, entre outros exemplos. [...]. De fato, a complexidade, sociolingüística no Brasil aproxima-se bem mais da imagem de uma *rosa-dos-ventos* que da de pólos (CALLOU; BARBOSA; LOPES, 2006, p. 261-262).

RESUMO

Esta tese tem por objetivo descrever e analisar a pronúncia das vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina-PI. A partir da investigação empírica, propomos uma análise sob a perspectiva da Teoria da Variação Linguística delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (1972) com vistas a explicar o complexo comportamento variacional destas vogais, detectado no dialeto, que se apresenta sob o seguinte formato harmônico: a) uma realização com a vogal média aberta [ɛ, ɔ], que obedece a marca dialetal da região; b) uma realização com a vogal alta, [i, u], usual a todos os falares brasileiros; c) uma realização com a vogal média fechada, [e, o], estranha à fala nordestina. Além destes casos, há ainda uma variação tripartida [ɛ ~ e ~ i]/ [ɔ ~ o ~ u] que ocorre com o mesmo item lexical. O *corpus* utilizado contou com 5.308 realizações de pretônicas, coletadas a partir de entrevistas com 36 informantes estratificados socialmente por gênero, faixa etária e escolaridade. As variáveis linguísticas consideradas na análise foram: contiguidade, homorganicidade, tonicidade, paradigma, distância da tônica, derivada de tônica e os contextos fonológicos precedente e seguinte. Os dados foram submetidos ao pacote de programa computacional VARBRUL 2S. Os resultados obtidos apontaram ser a contiguidade de uma vogal da mesma altura o fator favorecedor dos três processos harmônicos, seguindo-se-lhes alguns segmentos consonantais circundantes. Os fatores sociais, gênero, faixa etária e escolaridade, não exercem qualquer papel sobre a pronúncia de cada variante no dialeto. A ocorrência da variação tripartida da pretônica deve-se ao uso moderado da harmonia com a vogal alta, pois é o contexto desta regra que abre as três possibilidades. Argumentamos, em nossa análise, que a emergência majoritária da vogal média aberta nesse contexto e em outros desarmônicos pode ser um indício de que o dialeto teresinense possa estar em direção a um processo de neutralização em favor da vogal média aberta.

Palavras-chave:

vogal média pretônica – teoria da variação – harmonia vocálica

ABSTRACT

This Doctoral Dissertation aims both to describe and analyze the production of pretonic mid vowels in the dialect of Brazilian Portuguese spoken in Teresina-PI. Departing from an empirical investigation, we propose an analysis under the framework of Variation Theory, proposed by Labov and Herzog (2006) and Labov (1972), aiming to explain the complex variational behavior exhibited by these vowels. This behavior, in the dialect in question, is detected under different harmonic formats: (a) productions with the open mid vowel [ɛ, ɔ], characteristic of this regional dialect; (b) productions with the high vowel [i, u], common among all Brazilian dialects; (c) productions with the closed mid vowel [e, o], not common in the Northeastern speech. Besides these occurrences, there is also a three-way variation, [ɛ ~ e ~ i]/ [ɔ ~ o ~ u] which occurs on the same lexical item. The corpus contained 5,308 productions of pretonic vowels, which were collected in interviews with 36 informants, who were stratified in terms of sex, age and schooling. The linguistic variables considered in the analysis were: contiguity, tonicity, paradigm, distance from the tonic vowel, derivation from the tonic, and previous and following phonological contexts. The data were analyzed using the software package VARBRUL 2S. The results reveal that the contiguity of a vowel with the same height favors the three harmonic processes, followed by the effect of some surrounding consonantal segments. Social factors, such as sex, age and schooling, do not play any role concerning the production of each of the variants in the dialect. The occurrence of the three-way variation in the pretonic vowel is a result of the moderate use of a harmony rule with the high vowel, as the environment of this rule allows for the three output possibilities. We argue that the emergence of the open mid vowel in this context, as well as in other disharmonic ones, may be indicative that the dialect spoken in Teresina may be moving toward a process of neutralization to the open mid vowel.

Keywords:

pretonic mid vowel – variation theory – vowel harmony

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Evolução do vocalismo português	26
Tabela 2:	Efeitos da vogal contígua	126
Tabela 3:	Efeitos do contexto fonológico precedente	129
Tabela 4:	Efeitos do contexto fonológico precedente com amalgamações	131
Tabela 5:	Efeitos do paradigma	132
Tabela 6:	Efeitos do contexto fonológico seguinte	133
Tabela 7:	Efeitos do contexto fonológico seguinte com amalgamações	134
Tabela 8:	Efeitos da homorganicidade	135
Tabela 9:	Efeitos da faixa etária	136
Tabela 10:	Efeitos da escolaridade	137
Tabela 11:	Cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária	138
Tabela 12:	Efeitos do gênero	140
Tabela 13:	Efeitos da vogal contígua	144
Tabela 14:	Efeitos da vogal contígua com amalgamações	146
Tabela 15:	Efeitos do contexto fonológico precedente	147
Tabela 16:	Efeitos do contexto fonológico seguinte	150

Tabela 17: Efeitos do contexto fonológico seguinte com amalgamações	151
Tabela 18: Efeitos do paradigma	152
Tabela 19: Efeitos da homorganicidade	153
Tabela 20: Efeitos da escolaridade	154
Tabela 21: Efeitos do gênero	155
Tabela 22: Efeitos da vogal contígua	159
Tabela 23: Percentagem total de aplicação da vogal média fechada em ambientes de contiguidade	161
Tabela 24: O comportamento das pretônicas diante das vogais altas	162
Tabela 25: Ambientes vocálicos de produção de vogais médias fechadas e médias baixas	163
Tabela 26: Efeitos da vogal tônica	164
Tabela 27: Cruzamento da vogal contígua com vogal tônica	165
Tabela 28: Efeitos da distância da tônica	167
Tabela 29: Efeitos do contexto fonológico precedente	168
Tabela 30: Efeitos do contexto fonológico seguinte	170
Tabela 31: Efeitos da faixa etária	172
Tabela 32: Efeitos das pretônicas derivadas	173
Tabela 33: Efeitos do gênero	174
Tabela 34: Cruzamento da faixa etária com gênero	174
Tabela 35: Distribuição de ocorrências de vogais médias pretônicas em alguns dialetos	201

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes	111
Quadro 2: Exemplo de codificação de ocorrências das variantes da vogal média pretônica	118
Quadro 3: Harmonia com vogal baixa	183
Quadro 4: Harmonia com vogal média fechada	185
Quadro 5: Contexto para aplicação da regra restrita e regra <i>default</i>	188
Quadro 6: Harmonia com vogal alta	191
Quadro 7: Variação tripartida	193
Quadro 8: Produção categórica de vogais médias abertas em contexto de vogal alta	195

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produção geral – Frequência de cada variante da vogal média [-post]	122
Gráfico 2: Produção geral – Frequência de cada variante da vogal média [+post]	122
Gráfico 3: Cruzamento de escolaridade e faixa etária da vogal média [-post]	139
Gráfico 4: Cruzamento de escolaridade e faixa etária da vogal média [+post]	139
Gráfico 5: Cruzamento da faixa etária com o gênero – Vogal média [-post]	176
Gráfico 6: Cruzamento da faixa etária com o gênero – Vogal média [+post]	177
Gráfico 7: Total de ocorrências de variantes das vogais médias [-post] em posição pretônica no dialeto de Teresina – PI	180
Gráfico 8: Total de ocorrências de variantes das vogais médias [+post] em posição pretônica no dialeto de Teresina – PI	181
Gráfico 9: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Teresina (PI), Natal (RN), Salvador (BA), Recife (PE) e João Pessoa (PB)	204
Gráfico 10: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Teresina (PI), Formosa (GO), Piranga (MG) e Ouro Branco (MG)	205

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Sistema vocálico tônico do galego português, segundo Teyssier	27
Figura 2:	Sistema vocálico átono do galego português	28
Figura 3:	Sistema vocálico tônico, segundo Camara Jr.	44
Figura 4:	Sistema vocálico tônico diante de consoante nasal, segundo Camara Jr. ..	44
Figura 5:	Vogais pretônicas	45
Figura 6:	Vogais postônicas não-finais	45
Figura 7:	Vogais postônicas finais	45
Figura 8:	Sistema vocálico tônico, segundo Wetzels	47
Figura 9:	Diagrama da estrutura hierárquica dos traços, segundo Clements e Hume	48
Figura 10:	Neutralização da vogal átona, segundo Wetzels	49
Figura 11:	Neutralização da vogal pós-tônica não-final, segundo Wetzels	49
Figura 12:	Neutralização de vogal em final de palavra, segundo Wetzels	49
Figura 13:	Mapa da demarcação da área geográfica de Teresina	107
Figura 14:	Mapa da primeira proposta de divisão dos dialetos, segundo Nascentes ..	203

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 A EVOLUÇÃO DO VOCALISMO PORTUGUÊS: QUESTÕES NORTEADORAS DA ANÁLISE	23
1.1 VOCALISMO: UM RETROSPECTO HISTÓRICO DO LATIM AO PORTUGUÊS EUROPEU	24
1.2 VOCALISMO: UMA VISÃO PANORÂMICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	31
1.3 O SISTEMA VOCÁLICO BRASILEIRO ATUAL	43
2 TEORIA DA VARIAÇÃO	51
2.1 ORIGEM DA TEORIA	52
2.1.1 Teoria da variação	59
2.1.2 Principais estudos variacionistas	62
2.2 MÉTODOS DE ESTUDOS DE REGRAS VARIÁVEIS	67
2.2.1 Regra variável	67
2.2.2 Modelos quantitativos	69
2.3 O ESTADO DA ARTE	73
2.3.1 A pretônica no Rio Grande do Sul	74
2.3.1.1 Harmonização vocálica: uma regra variável	74
2.3.1.2 Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha	76
2.3.1.3 A Harmonia vocálica em dialetos do sul do País: uma análise variacionista.	77
2.3.1.4 Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real	78
2.3.2 A pretônica no Rio de Janeiro	80
2.3.2.1 Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro	80
2.3.3 A pretônica em Minas Gerais	81
2.3.3.1 O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais	82
2.3.3.2 Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade	84
2.3.3.3 As vogais médias em posição pretônica nos nomes do dialeto de Belo Horizonte: um estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade	85
2.3.3.4 A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco	87
2.3.4 A pretônica no Espírito Santo	88
2.3.4.1 As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES	88

2.3.5 A pretônica em Brasília – DF	90
2.3.5.1 A variação das vogais pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?	90
2.3.6 A pretônica em Formosa – Goiânia	91
2.3.6.1 A fala de Formosa – GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas	92
2.3.7 A pretônica no Rio Grande do Norte – Natal	93
2.3.7.1 Vogais pretônicas médias na fala de Natal	94
2.3.8 A pretônica na Bahia	96
2.3.8.1 As pretônicas no falar baiano	96
2.3.9 A pretônica em Recife – Pernambuco	98
2.3.9.1 Pretônicas fechadas na fala culta de Recife	98
2.3.10 A pretônica em João Pessoa – PB	100
2.3.10.1 As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano	101
2.4 CONCLUSÃO	103
3 METODOLOGIA	106
3.1 A CIDADE DE TERESINA – PI	106
3.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA	111
3.2.1 Definições das variáveis	112
3.3 CODIFICAÇÃO	117
3.4 TRATAMENTO ESTATÍSTICO	118
4 A DESCRIÇÃO ESTATÍSTICA DOS DADOS	121
4.1 ANÁLISE ENEÁRIA: ESTATÍSTICA DOS DADOS	121
4.2 DISCUSSÃO DA ANÁLISE QUANTITATIVA	124
4.2.1 Harmonia Vocálica com a vogal média aberta. Variável dependente: vogal média aberta	125
4.2.1.1 Da seleção dos fatores	125
4.2.1.2 Vogal contígua	126
4.2.1.3 Contexto fonológico precedente	129
4.2.1.4 Paradigma	132
4.2.1.5 Contexto fonológico seguinte	132
4.2.1.6 Homorganicidade	135
4.2.1.7 Faixa etária	136
4.2.1.8 Escolaridade	137
4.2.1.9 Gênero	140
4.2.1.10 Conclusão	141
4.2.2 Harmonia Vocálica com a vogal alta. Variável dependente: vogal alta	142
4.2.2.1 Da seleção dos fatores	143
4.2.2.2 Vogal contígua	143
4.2.2.3 Contexto fonológico precedente	146
4.2.2.4 Contexto fonológico seguinte	149
4.2.2.5 Paradigma	152
4.2.2.6 Homorganicidade	153
4.2.2.7 Escolaridade	154
4.2.2.8 Gênero	155
4.2.2.9 Conclusão	156
4.2.3 Harmonia Vocálica com a vogal média fechada. Variável dependente: vogal média fechada	157
4.2.3.1 Da seleção dos fatores	158

4.2.3.2	Vogal contígua	159
4.2.3.3	Vogal tônica	164
4.2.3.4	Distância da tônica	167
4.2.3.5	Contexto fonológico precedente	168
4.2.3.6	Contexto fonológico seguinte	170
4.2.3.7	Faixa etária	171
4.2.3.8	Pretônicas derivadas	172
4.2.3.9	Gênero	173
4.2.3.10	Conclusão	177
5	PROCESSOS FONOLÓGICOS CONCORRENTES NA REALIZAÇÃO DAS VARIANTES VOCÁLICAS NO FALAR TERESINENSE	179
5.1	OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DAS VOGAIS MÉDIAS [-POST]	180
5.1.1	Ocorrências das variantes das vogais médias [-post]	181
5.2	OS PROCESSOS FONOLÓGICOS	182
5.2.1	Harmonia com a vogal baixa	182
5.2.2	Harmonia com a vogal média fechada	184
5.2.3	Harmonia com a vogal alta	190
5.3	CONCLUSÃO	196
6	COMPARAÇÃO DE RESULTADOS, EM TERMOS DE FREQUÊNCIA, DE ANÁLISES COM DADOS DE ESTADOS DIVERSOS	197
6.1	QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS DIALETOS	200
6.2	CONCLUSÃO	207
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	212
	APÊNDICE – Ocorrências das vogais médias em posição pretônica	222

INTRODUÇÃO

Segundo a História da Língua Portuguesa, é no decorrer do século XVIII que se documentam as primeiras alusões aos traços linguísticos específicos que caracterizam o português falado no Brasil em relação ao falado em Portugal. Desde as primeiras comparações, a que se tem acesso, atestam-se tanto diferenças quanto similaridades entre a língua da colônia de então e a língua da metrópole. O maior vestígio que o português colonial conservou do velho português foi a vulnerabilidade da vogal pretônica. Essa percepção do caráter conservador do português brasileiro em relação a determinados traços variacionais do vocalismo átono do velho português foi expressa, já em 1822, por Jéronimo Soares Barbosa (TEYSSIER, 1997, p. 95), ao salientar que os brasileiros dizem *minino* (por menino) *mi deu* (por me deu), afirma que a continuidade de traços é uma comprovação de que a variação das pretônicas do velho português é um traço repassado que o sistema vocálico do português brasileiro conservou. Entretanto, é oportuno ressaltar que essa regra de elevação em que o falante substitui variavelmente /e, o/ por [i, u] perpassou todas as variedades brasileiras, sem qualquer estigmatismo social, sendo considerada, hoje, como um fenômeno suprarregional.

A respeito desses atributos de conservadorismo e inovação, Castilho ressalta que o português brasileiro tem sido interpretado sob “duas posições antitéticas [...] ora como uma modalidade conservadora, que reflete o falar quinhentista trazido pelos colonizadores, ora como modalidade inovadora, que se afasta a passos rápidos do PP [Português de Portugal]” (2006, p. 244). Analisando-se essas posturas em uma perspectiva de evolução da língua, podemos entendê-las como complementares, uma vez que as variações operadas no ambiente pretônico entre vogais médias abertas e médias fechadas põem em relevo o caráter emblemático da fala do brasileiro por caracterizar variedades regionais. Isto quer dizer que, apesar do caráter conservador, a língua falada no Brasil não ficou estagnada;

pelo contrário, as vogais médias /e, o/, em relação ao grau de abertura, tomaram rumos distintos: as regiões sul e sudeste do Brasil privilegiaram-nas fechadas, enquanto o Norte e o Nordeste privilegiam-nas abertas.

Essas realizações distintas das vogais médias, abertas ou fechadas, é o parâmetro de que alguns estudiosos têm se servido para classificar geograficamente as áreas dialetais do Brasil, em dois grandes grupos: Norte e Sul, delimitando as fronteiras linguísticas de cada comunidade regional, desde Nascentes (1953), Révah (1958), Silva Neto (1963), Elia (1963), entre outros. Todavia, a realização das vogais médias abertas, sobretudo na região Nordeste, carrega consigo uma questão bastante polemizada por esses autores, no que respeita à origem desse abaixamento e à sua delimitação de abrangência, por abordar dois aspectos distintos que, *a priori*, igualmente atribuem como os responsáveis por essa pronúncia “predominante” na região: o primeiro defende que esse traço tão peculiar deve-se a uma interferência tupi, tese absolutamente rejeitada por Marroquim (1934), primeiro autor a descrever a variedade nordestina; o segundo diz respeito à forma como o País foi povoado; embora os documentos sobre a procedência dos colonos portugueses sejam escassos, ainda assim os relatos apurados subsidiam-nos a argumentos mais contundentes sobre esse fato, visto que o próprio Silva Neto (1992, p. 583-585), considerando a primeira visita do Santo Ofício às regiões do Brasil, menciona a possibilidade de tanto a Bahia quanto Pernambuco terem recebido uma quantidade maior de imigrantes da região Norte de Portugal, o que nos permite levantar a hipótese de um possível papel diferenciado que os dialetos do Norte de Portugal tenham desempenhado no Nordeste brasileiro, sobretudo na Bahia e Pernambuco e daí, por intermédio de relações comerciais, ter-se-iam irradiado para toda aquela região.

Embora a base da divisão do português brasileiro em dois grandes grupos tenha sido apoiada em impressões generalistas sobre a pronúncia das vogais médias pretônica, o fato é que a percepção de Nascentes sobre a distinção fonética entre as variedades do norte e do sul do País tornou-se um parâmetro inequívoco para a identificação de qualquer falante brasileiro. Contudo, essas impressões generalistas, de que na fala nordestina todas as ocorrências de vogais médias na pauta pretônica são abertas, precisam ser apuradas via pesquisas variacionistas.

Contraopondo-se a essas impressões sobre o dialeto nordestino, o trabalho de Marroquim (1934) é o primeiro a desmistificar esse padrão único de realização vocálica ao

descrever os dialetos de Pernambuco e Alagoas, caracterizando-os como portadores de uma variação tripartida com uma pronúncia da média aberta [ɛ, ɔ], média fechada [e, o] e alta [i, u] que ocorre indistintamente em todas as classes sociais.

Todavia, esse formato de realização não se restringe à região Nordeste, pois Révah (1958, p. 397) já registrara que a pronúncia aberta da pretônica se estende numa vasta área do país, do Nordeste até certa região leste de Minas Gerais, envolvendo áreas dialetais que se caracterizam pela predominância da vogal média fechada. Com isso, tais dialetos apresentam contextos linguísticos que favorecem a variação entre vogais médias abertas, fechadas e alçadas. Isto quer dizer que as vogais médias são segmentos que precisam ser amplamente investigados para que se possa compreender melhor a regra de abaixamento em áreas dialetais fora dos limites geográficos nordestinos. Sobre isso, os trabalhos de Célia (2004), a respeito do dialeto capixaba, Guimarães (2006), Dias (2008) e Alves (2008), sobre o dialeto mineiro, e Graebin (2008), sobre o dialeto goiano, comprovam a emergência de vogais médias abertas nas respectivas regiões.

Vale notar que os vários estudos que abordam as vogais médias na perspectiva sociolinguística sobre o português brasileiro, em sua maioria, procuram analisar o comportamento das vogais médias relacionando-as a processos fonológicos como Harmonia Vocálica (BISOL, 1981; BARBOSA DA SILVA, 1989; CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991; BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992; VIEGAS, 1987, 2001).

Sobre o dialeto do Piauí, esses estudos encontram-se, por enquanto, adormecidos em relação aos demais Estados coirmãos como Bahia, Paraíba, Pernambuco e Natal que possuem diversos projetos elaborados a partir da organização de banco de dados que dão suporte a uma descrição desses falares. A ausência de pesquisas que levem em conta a pronúncia das pretônicas no dialeto piauiense representa uma lacuna a ser preenchida na caracterização dos dialetos nordestinos.

Em razão dessa ausência, demos início a este trabalho de tese que tem o propósito de descrever e analisar a produção das vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina, capital do Piauí.

Ao observarmos a realização das vogais médias no dialeto teresinense, verificamos que o segmento de maior opcionalidade para o falante, nesta posição, é a vogal média aberta. Entretanto, a produção da vogal média fechada e da vogal alta também é um

fato. Além disso, há, ainda, casos em que o mesmo item lexical se apresenta com três variantes na forma de média aberta, média fechada e alçada, isto é, uma variação tripartida [ɛ ~ e ~ i]/ [ɔ ~ o ~ u]. Isto implica uma análise detalhada da produção de cada variante das vogais médias nesta posição, exigindo-se a identificação dos fatores que favorecem a emergência de cada uma dessas variantes vocálicas, bem como os processos fonológicos concorrentes envolvidos.

Assim, considerando o comportamento das vogais médias no dialeto teresinense, descrevemos esse dialeto a partir das seguintes hipóteses:

- a vogal média aberta predomina no dialeto;
- a vogal média fechada também ocupa um espaço no dialeto teresinense;
- o dialeto parece apresentar três tipos de Harmonias com a vogal média aberta, alta e média fechada;
- há uma variação tripartida no dialeto de Teresina-PI, [ɛ ~ e ~ i]/ [ɔ ~ o ~ u], que parece ocorrer somente em contextos cuja vogal da sílaba seguinte seja uma alta.

Desta forma, concomitantemente ao nosso objetivo maior, que é promover a discussão sobre os casos de variação das vogais médias em posição pretônica na perspectiva de três Harmonias, as considerações postas acima têm o propósito de desvelar-se nos seguintes objetivos específicos:

- encontrar argumentos para os três tipos de variação evocados, considerando a evidência empírica de que a vogal média aberta é a predominante, que permitam arbitrar se o dialeto está ou não a caminho do processo de neutralização a favor da média aberta;
- discutir a concorrência de processos fonológicos que atuam no falar teresinense com vistas a apontar que processo fonológico pode estar se consolidando;
- verificar diferenças, em termos de frequência, entre os resultados obtidos em nosso dialeto com os demais Estados que apresentam a mesma diversidade de alternância vocálica em posição pretônica;

— fornecer, através da descrição e análise de dados, insumos empíricos para pesquisas sobre as vogais médias pretônicas no português do Brasil.

Assim, a tese de doutorado aqui proposta obedecerá à seguinte organização:

O primeiro capítulo faz um percurso histórico sobre o vocalismo português com vistas a caracterizar as flutuações que as vogais médias apresentaram para estabelecer as devidas relações com o português brasileiro.

O segundo capítulo aborda os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista que fundamentarão a descrição e análise dos dados. Neste capítulo, apresentam-se alguns estudos que tratam da descrição do comportamento variacional das vogais médias pretônicas nas mais diferentes comunidades de fala do Brasil, especificamente no que diz respeito à Harmonia Vocálica.

O terceiro capítulo descreve toda a ação desenvolvida para a constituição da amostra e da classificação dos dados a serem tratados pelo programa computacional.

O quarto capítulo trata da descrição estatística dos dados cujos resultados serão apresentados e discutidos por meio de tabelas, quadros e gráficos que auxiliam na interpretação dos efeitos que os fatores linguísticos e extralinguísticos exercem sobre cada variante analisada.

O quinto capítulo discute a concorrência de processos fonológicos que atuam no falar teresinense.

O sexto capítulo faz uma comparação, em termos de frequência, entre os resultados obtidos com os dados de Teresina – PI e de outros estudos concernentes a outros Estados brasileiros cuja intenção é situar o dialeto teresinense no panorama linguístico atual.

Por último, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

1 A EVOLUÇÃO DO VOCALISMO PORTUGUÊS: QUESTÕES NORTEADORAS DA ANÁLISE

Neste capítulo, trataremos da evolução do vocalismo do português europeu e seu comportamento no traslado para o português brasileiro.

A ideia é caracterizar, desde um tempo muito antigo, em ambiente pretônico, as flutuações que as vogais médias apresentaram no sistema vocálico do português que são bastante pertinentes à análise desta tese, pois refletem alterações sofridas que motivaram vários processos fonológicos.

No entanto, para entendermos a complexa relação estrutural entre o português brasileiro e o português europeu, que não se reduz, apenas, à procedência regional dos colonizadores que aqui se instalaram, buscaremos apoio na sócio-história linguística que irá fundamentar a proposição de que o fator demográfico histórico configura-se um fator de peso para uma interpretação sociolinguística dos processos fonológicos que ocorreram no português do Brasil. Isto, então, nos conduzirá ao ponto consensual de que o português brasileiro conservou alguns fatores fonéticos resultantes dessas evoluções e, por outro lado, fez inovações.

Finalizaremos o presente capítulo com o atual sistema vocálico do português brasileiro.

1.1 VOCALISMO: UM RETROSPECTO HISTÓRICO DO LATIM AO PORTUGUÊS EUROPEU

A evolução do Vocalismo Português é marcada por uma história de um latim modificado em função das circunstâncias linguísticas e políticas que motivaram as diferentes ramificações que vieram a ser conhecidas por línguas neolatinas.

Segundo Coutinho (1976), a história da implantação do latim na Península Ibérica está relacionada à ocupação romana, cabal e permanente, deste território, demarcado e dividido por uma dominação não só político-administrativa, mas, sobretudo, linguístico-cultural.

Sobre a existência de povos e línguas na região peninsular, comenta Camara Jr.:

Pouco se sabe dos povos e línguas nativas por ocasião da conquista romana. É certo, apenas, que eram numerosas as nações e muito diferentes de língua e cultura. Do ponto de vista étnico, havia pelo menos duas camadas de população bem distintas: uma antiqüíssima, classificada como “ibérica”, e outra, mais recente, dos Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias e se estenderam pela península hispânica como o fizeram pelo norte da Itália (1976, p. 15).

Os fatos históricos evidenciam que, com a expansão político-militar e cultural na Península Ibérica, o latim consolidou-se nesta região, fazendo desaparecer as línguas nativas ali existentes.

Uma vez estabelecido o latim na região peninsular, Roma tornou-se o centro da nova população latina que, dada a sua organização político-social, tornou-se, também, o centro da língua. A sua organização social baseava-se na supremacia de uma classe aristocrática, os “patrícios”, que se encontravam separados em todos os aspectos sociais da grande massa de habitantes, cuja heterogeneidade entre essas duas classes, patrícios e plebeus, era bastante exaltada por aqueles. Essa dicotomia social desencadeou uma dicotomia linguística, favorecendo condições opostas de usos linguísticos, o que culminou em uma divisão teórica e tradicional: latim clássico e latim vulgar (cf. CAMARA JR., 1976).

O latim clássico era a língua escrita, exaltada nas obras dos grandes escritores latinos. Essa modalidade caracterizava-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical e pela elegância do estilo, configurando-se, por estas características, uma língua

artificial, rígida e imota. O período do auge do latim clássico é a época de Cícero e de Augusto, quando grandes artistas da prosa e do verso levam a língua ao seu maior esplendor (cf. COUTINHO, 1976).

Na outra face, encontrava-se o latim vulgar, falado inicialmente pelas classes inferiores, que se estendeu por todo o Império Romano. Essas classes compreendiam a imensa multidão de pessoas iletradas que encaravam a vida pelo lado prático e objetivo, sem nenhuma pretensão maior. O uso dessa modalidade linguística representava a soma de todos os falares das camadas sociais humildes. Para Camara Jr. (1976), o latim vulgar é o que corresponde essencialmente ao nosso conceito de língua viva.

Reprimido e censurado durante muito tempo em suas expansões naturais pela ação dos gramáticos, da literatura e da classe culta, o latim vulgar, já bastante modificado pela ação dos substratos linguísticos da Península, passa, então, a desenvolver-se livremente em cada região, dialetando-se. Exatamente por esta censura demasiada, exercida pelos escritores clássicos, não é fácil reconhecer, em detalhes, esta outra modalidade da língua latina, pois, fechada às manifestações populares, a literatura clássica inibia qualquer propósito deliberado de descrever o falar vulgo (cf. COUTINHO, 1976).

Contudo, a essa modalidade linguística, que já trazia em si o germe da diferenciação, são adicionados elementos dialetais diversos por meio de invasões territoriais que acentuam, cada vez mais, essa diferenciação. Identificam-se, dessa forma, duas causas da dialeção do latim: uma imediata, que é a invasão bárbaro-germânica, e a outra, mediata, que foi a própria ação do substrato linguístico. O produto de todas essas transformações teve como surgimento os diferentes romances e, posteriormente, as várias línguas neolatinas que preservarão as marcas de todas essas alterações.

Segundo Teyssier (1997), cronologicamente, é só a partir do término do período imperial que o latim conhece as evoluções fonéticas. Tomando-se o latim como o ponto de partida de uma língua a caminho da evolução, a primeira redução a ser observada, no vocalismo tônico do latim clássico, diz respeito às perdas de oposições de quantidade sofridas pelo latim imperial em relação ao latim clássico, que se resumem na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Evolução do vocalismo português

Latim Clássico	Latim Imperial	Exemplos
\bar{i}	i	<i>fīcum</i> > port. figo
\check{i}	e	<i>sītīm</i> > port. sede
\bar{e}		<i>rēte</i> > port. rede
\check{e}	e	<i>tĕrra</i> > port. terra
\check{a}	a	<i>lătus</i> > port. lado
\bar{a}		<i>amātum</i> > port. amado
\check{o}	o	<i>pōrta</i> > port. porta
\bar{o}	o	<i>amōrem</i> > port. amor
\check{u}		<i>bŭcca</i> > port. boca
\bar{u}	u	<i>pŭrum</i> > port. puro

Fonte: TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 9.

Esta Tabela mostra que o latim clássico possuía cinco timbres vocálicos, pois havia uma vogal breve indicada pelo sinal ˇ (bráquia) e uma vogal longa indicada pelo sinal ¯ (mácron) para cada timbre, perfazendo um total de dez fonemas.

A partir do século VII, com o desaparecimento da quantidade, a distinção entre as vogais passou a ser percebida através da intensidade (cf. COUTINHO, 1976).

À evolução do vocalismo tônico são acrescentadas, ainda, as alterações que os ditongos æ e œ, assim referidas por Teyssier (1997), sofreram ao passarem de uma modalidade a outra, resultando em vogais simples com timbres distintos, tais como descrevem os exemplos *cæcum* > port. cego e *fædum* > port. feo, hoje feio. O sistema vocálico tônico do latim imperial passa, então, a ser constituído por sete vogais, resultantes das modificações fonéticas sofridas pelas dez vogais e pelos dois ditongos do latim clássico.

Vê-se, então, que, nessa passagem do latim clássico para o latim imperial, as quatro vogais médias permaneceram não se distinguindo todas pela duração, mas pela diferença de abertura representada por /e/ e / ě/ e /o/ e / o/; todavia, quando em posição átona, ě e o ĥ passaram a ser pronunciadas, respectivamente, como e e o fechadas e como e e o abertos.

Segundo Teyssier (1997), um dos pontos mais obscuros da história linguística peninsular é o que compreende os períodos entre 409 a 711 em decorrência das invasões germânica e a invasão muçulmana, respectivamente. Desse período, não há nenhum registro linguístico. No entanto, as evoluções que já ocorriam no vocalismo tônico aceleram a deriva que transformará o latim imperial em proto-romance. Da invasão muçulmana e da reconquista cristã é válido ressaltar que:

[...] são acontecimentos determinantes para a formação de três das línguas peninsulares – o galego-português, oeste da Península, o castelhano, no centro, e o catalão a leste. Todas as três línguas foram levadas para o Sul pela Reconquista. Nas regiões setentrionais, a influência linguística e cultural dos muçulmanos foi a mais fraca em relação às demais regiões. No oeste, em particular, a marca árabe-islâmica é muito superficial ao norte do Douro, o que compreende, hoje, à região da Galiza e ao extremo norte de Portugal. Foi na primeira destas regiões, ao norte do Douro, que se formou a língua galego-portuguesa, cujos primeiros textos escritos aparecem no século XIII (TEYSSIER, 1997, p. 6-7).

Desta forma, os séculos IX a XIII firmam-se como períodos decisivos para a emergência do galego-português que, já tendo sofrido algumas inovações e ignorado outras, se distancia muito dos outros falares ibéricos.

Contudo, é somente na segunda metade do século XIII que algumas modificações fonético-fonológicas do galego-português são estabelecidas para o sistema vocálico. Assim, o sistema das vogais orais tônicas em galego-português medieval permaneceu o mesmo do latim imperial, com sete vogais (TEYSSIER, 1997, p. 30).

/i/		/u/
/ɛ/		/ɔ/
/e/		/o/
	/a/	

Figura 1: Sistema vocálico-tônico do galego-português, segundo Teyssier (1997, p.31)

Ex.: /i/: aqui, amigo; /ɛ/: verde, vez; /e/: perde dez; /a/: mar, levado; /o/: pôs, boca;
/ɔ/: pós, porta; /u/ : tu

Todavia, quando essas vogais se encontram em posição pretônica, as oposições de timbre, entre /ɛ/ e /e/, de um lado, e entre /ɔ/ e /o/, do outro, neutralizam-se em favor das

vogais de timbre fechado, reduzindo o sistema de sete para cinco fonemas (TEYSSIER, 1997, p. 31).

/i/		/u/
/e/		/o/
	/a/	

Figura 2: Sistema vocálico átono do galego português

Exemplos: quitar, pecar, trager, conhocer, burlar

É, então, no período compreendido entre o século XIII e meados do século XIV que o galego-português medieval apresenta uma diferenciação entre os sistemas vocálicos tônico e pretônico. Importa saber, então, se essa diferenciação no sistema vocálico quando em posição pretônica vai permanecer ou sofrer outras modificações com a evolução da língua. Esse será um fator de diferenciação entre o português de Portugal e do Brasil mais tarde?

O isolamento do galego em relação ao português, segundo a História, começa a partir do século XIV com a prosa literária já em português. É, porém, no século XVI que o galego-português perde sua força na língua literária, sendo usado apenas na oralidade. O sistema vocálico vigente, a partir disso, passa a sofrer uma série de evoluções fonéticas que o afastarão cada vez mais do português.

Uma vez distinto do galego, o português firma-se como uma língua nacional, praticamente em todo território português, ignorando os vários problemas surgidos em algumas regiões onde a fronteira linguística não conseguiu recobrir a fronteira geográfica.

Um dos pontos mais obscuros da história do português europeu foi a redução das vogais [ɐ] e [ɔ]¹. Até 1800, o sistema vocálico em voga sofreu modificações importantes que transformam as pronúncias das vogais fechadas [ɐ] e [ɔ] em [ɛ]² e [u], respectivamente, tanto na posição pretônica como na posição átona final. Assim, em lugar de [ɐ], tem-se uma vogal central fechada transcrita como [ɛ]; ex.: [mëter], [pásë] e, em vez de [ɔ], tem-se [u]; ex.: [murar], [pásu]. No entanto, uma redução de grande importância histórica na língua não se caracteriza na ortografia oficial, visto que se continua a escrever

¹ Os símbolos fonéticos [ɐ] e [ɔ] correspondem às vogais médias fechadas [e] e [o], respectivamente.

² O símbolo fonético [ɛ] corresponde à vogal átona central na pronúncia de Portugal.

e e o as vogais que se pronunciam hoje [ê] e [u]. Adverte-se, porém, que tal redução só ocorre em Portugal (cf. TEYSSIER, 1997, p. 68-69).

A redução de [e] e [o] pretônicos firma-se na segunda metade do século XVIII, pois:

a) [o] > [u] – Até o século XII, inclusive, o **o** de *morar*, *cortar*, *coração* etc., era um [o] [...]. Em toda a metade do século XVIII essa situação continua. Mas em 1667 o *Compêndio de Orthographia* de Luís do Monte Carmelo traz lista de “erros” onde aparecem formas tais como *cutovelo* (cotovelo), *murar* (morar), *purtagem* (portagem), *tucar* (tocar) etc. A nova pronúncia estava, pois, em vias de generalizações [...]. Por volta de 1800, a transformação do [o] em [u] está consumada.

b) [e] > [ê] – O caso de **e** pretônico é mais complexo [...]. Ter-se-ia de supor, como para a posição final átona, uma fase intermediária [i]? Nos textos do século XVIII há exemplos de grafia de **i** em lugar de **e** pretônico [...]. Seja derivado diretamente de [e], ou tenha passado por uma fase intermediária [i], como posição final átona, uma coisa pelo menos parece segura o [ê] pretônico, tão característico da língua contemporânea de Portugal, surgiu no século XVIII, provavelmente depois de 1750 (TEYSSIER, 1997, p. 75-76).

Para compreender o processo de redução, que se reveste de extrema importância na história da língua, é preciso compreender as modificações que os fonemas vocálicos sofreram em uma e outra posição supracitada. Em posição pretônica, foco de nosso estudo, é importante não confundir essa evolução com as interversões vocálicas antigas na língua, que remontam ao século XVI, que permitiram as variações de **e** para **i** de um lado, e de **o** para **u** de outro. Naro (1973) evidencia essa regra assimilatória, muito antiga na língua, através dos estudos de Oliveira (1533), Nunez do Lião (1576) e Herculano de Carvalho (1962). No entanto, ressalta que tal evidência assimilatória não pode ser entendida como um fechamento pretônico geral.

Daí, então, justifica-se, nos estudos clássicos sobre o português, que as maiores discussões estejam concentradas no problema de determinar qual o valor fônico das vogais médias **e** e **o**, quando em posição átona, nas fases mais antigas do português que compreendem os períodos entre o final do século XIV e a segunda metade do século XVIII, posto que foi no intervalo desses períodos que se deflagraram na oralidade e, posteriormente, na escrita, as variações das vogais médias em posições átonas, conforme registros da *Grammaire Portugaise* (1682) e *Compendio de Orthographia* (1767).

Estudos como os de Oliveira ([1536], (1933)) testemunham as flutuações dessas vogais em posição pretônica, configurando-as como um fenômeno antigo na língua.

Relativamente a essa posição, descreve o autor que: “Das vogaes, antre *u* e *o* pequeno há tanta vezinhança que quase nós [os] confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir*, e *dormir*, ou *durmir*, e *bolir* e *bulir* e outras partes semelhantes” (OLIVEIRA, 1533, p. 44).

O testemunho de Oliveira para as flutuações das pretônicas no português tem seu valor ratificado pela contraprova dos escritos nos textos do século XV, que já acusavam alternância entre **o** por **u** na posição pretônica, descrevendo exemplos como: *custura*, *custume*, *cubrir*, *fremusura*, *cumunicar*, etc. Dos dados apresentados por Oliveira e os encontrados nos textos do século XV, de imediato inferimos como gatilho motivador da variação a natureza da vogal da sílaba imediata: uma vogal alta.

No século XVIII, os ortógrafos da língua portuguesa também registram seu testemunho nas flutuações das pretônicas não em termos de alçamento, mas de graus de abertura: fechadas e abertas. Lima (1736) distingue as vogais médias em posição pretônica, denominando-as: *aberta*, “quando soa muito ou se abre e carrega muito nela”, e *fechada*, “quando soa pouco e se fecha e carrega menos nela”. Lima descreve, então, que, no princípio do século XVIII, **e** e **o** equivalem aos fones [e] e [o], mas apresentam variações abertas nessa posição para [ɛ] e [ɔ], respectivamente.

Ao tratar da elevação das pretônicas no português, Révah (1958), baseado nos dados de Lindley Cintra (1964), defende a tese de que o processo de elevação das pretônicas foi todo concluído no século XV. Considerando o testemunho de Lima (1736), Herculano de Carvalho (1962) contesta essa argumentação, afirmando que até o século XVIII o sistema vocálico era o mesmo para ambas as posições, pois, na verdade, o que ocorria era uma variação entre [u] ~ [o] e [i] ~ [e].

Nesta posição, o autor, ao fazer uma comparação com as variedades modernas do português de Portugal e do Brasil, diz que as realizações de [o] e [e] em posição pretônica no português do Brasil deverão ser consideradas “como o reflexo mais fiel da antiga pronúncia portuguesa, conservada nos falares ultramarinos como um dos seus traços arcaizantes relativamente às variedades de Portugal” (CARVALHO, 1962, p. 18), pois o fechamento de **o** > **u**, **e** > **i**, são variações que seguem as mesmas condições que apresentavam na linguagem quinhentista.

Cunha (1986) reforça essa postura conservadora ao apontar pronúncias usuais no português do Brasil que remontam à pronúncia do português antigo, como:

- a) a realização fechada [e] e [o] que era tudo faz crer a do *e* e *o* pretônicos, não originados de crase, até o século XVIII em Portugal, e que permanece nas regiões Centro e Sul do Brasil [...];
- b) a alternância polimórfica das pretônicas *e/i* e *o/u*, que a língua dos séculos XVI e XVII conhecia [...] (CUNHA, 1986).

Do exposto, importa saber como essas realizações usuais dos séculos XVI e XVII se refletem no português do Brasil; tais pontos serão considerados na seção seguinte, visto que para a sua discussão não se pode dissociar o fator linguístico do demográfico histórico para uma interpretação mais ampla sobre os processos fonológicos que ocorreram no Brasil.

1.2 VOCALISMO: UMA VISÃO PANORÂMICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A saga da língua portuguesa no Brasil começa no Nordeste. Com os portugueses veio a língua românica, ainda com fortes resquícios do português arcaico-tardio, quase que o equivalente ao que os documentos em textos do século XV nos mostravam.

A situação linguística, na época, pode ser descrita da seguinte forma: durante o processo histórico de colonização, quando os primeiros povoadores portugueses aqui chegaram, no início do século XVI, ao entrarem em contato com as tribos indígenas que habitavam a costa litorânea, adotaram como instrumento de comunicação a língua tupinambá – denominada língua geral³ da costa brasileira – com o propósito de obterem a força do trabalho indígena na extração do pau-brasil e, posteriormente, no cultivo da cana-de-açúcar, tabaco e algodão. Contudo, dada a resistência intrínseca do índio ao trabalho agrícola, fez-se necessário buscar outra alternativa de mão-de-obra para atender as demandas dos emergentes engenhos de cana-de-açúcar que começavam a se instalar no Nordeste brasileiro e que se converteriam no maior empreendimento econômico-colonial do Brasil. Assim, foi importado para cá um grande número de escravos oriundos do continente africano que passou para a História com a denominação de *tráfico negreiro*. A

³ Segundo Luchesi e Baxter (2006, p. 172-173), o termo língua geral recobre uma diversidade de situações lingüísticas: (i) a *Koiné* tupi empregada na comunicação entre as tribos de línguas do tronco tupi da costa brasileira; (ii) a sua versão como língua franca usada no intercuro dos colonizadores portugueses e indígenas; (iii) a versão nativista predominante nos núcleos populacionais mestiços que se estabeleceram no período inicial da colonização; (iv) a versão “gramaticalizada” pelos jesuítas sob o modelo do português e utilizada largamente na catequese, até de tribos de língua tupi – chamada de *tapuias*, que significa “bárbaro” em tupi.

prática recorrente desse processo forneceu a base mais representativa na composição étnica demográfica da sociedade açucareira do Nordeste. Tal demografia entra na composição das três principais bases da população brasileira (cf. LUCHESI; BAXTER, 2006).

É a partir desse cenário vertiginoso de emergência econômica que a língua portuguesa avança dos centros diretamente ligados à economia agroexportadora – Bahia e Pernambuco – para todo o território nacional.

Segundo Luchesi e Baxter (2006), não se pode absolutizar a total ausência de contato dos escravos africanos com a língua geral, mas é válido afirmar que a menor presença indígena na zona açucareira reduziu significativamente essa possibilidade, levando desde cedo os escravos a ter contato com o português. Devido às várias etnias que constituíam a massa africana escravizada, os autores argumentam ainda mais a favor da reduzida possibilidade de contato com a língua geral, pois:

[...] se a língua de intercurso entre colonizadores e escravos era o português, é provável que, em alguns agrupamentos mais homogêneos em termos étnicos, os escravos pudessem lançar mão de uma língua franca africana para a comunicação entre eles. O uso da língua geral tupinambá tornava-se, assim, residual (LUCHESI; BAXTER, 2006, p. 175).

Todavia, a convivência conflituosa entre o português e o tupi, na versão tupinambá, durou muito tempo. Até o século XVIII, essa era língua que mais se ouvia, tornando-se a língua geral do Brasil-Colônia. Porém, com a pressão da civilização de cultura superior, o português passa a ser a língua oficial das cidades maiores, da administração e de toda a transação comercial, restringindo o tupi, apenas, a uma língua doméstica, ou seja, instrumento de comunicação entre mãe e filho (cf. CHAVES DE MELO, 1981).

Pode-se afirmar, então, que até o início do século XVIII a exposição da língua portuguesa no território brasileiro ocorria concomitantemente à expansão da sociedade açucareira do Nordeste, por meio da fala dos colonos responsáveis por esse empreendimento econômico e, sobretudo, pelas variedades defectivas do português adquiridas pelos escravos africanos (cf. LUCHESI; BAXTER, 2006).

No decorrer do século XVIII, a mudança do foco econômico em função da intensificação do Ciclo do Ouro, com as descobertas de ricas jazidas nas Minas Gerais do final do século XVII, acentua ainda mais a expansão da língua portuguesa no território

nacional. A febre de riqueza, desencadeada pela corrida do ouro, provocou uma explosão demográfica que, pela procedência do contingente, pode-se entender, nesse fenômeno, a homogeneidade diatópica das variedades do português que temos hoje.

Luchesi e Baxter saem em defesa desses processos sociodemográficos como principais vetores do retrocesso da língua geral do século XVIII, posto que:

[...] a grande onda migratória vinda de Portugal com o ciclo do ouro certamente favoreceu a situação da língua portuguesa no Brasil, aumentando o acesso dos escravos aos modelos da língua-alvo do segmento dominante e penetrando nas regiões do interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, onde antes predominava a língua geral (2006, p. 176).

A formação histórica do Português Brasileiro (PB), claramente, apresenta-se sob dois cenários linguísticos: o primeiro refere-se ao contato entre brancos e índios, que fez surgir uma “língua geral” como instrumento de comunicação, e o segundo, ao contato entre brancos, índios e os vários grupos africanos. Segundo Rodrigues (1983), um ponto (in)comum emergiu desses contatos: assim como houve uma língua geral como meio de comunicação com os tupis, houve também uma língua geral negra para o entendimento entre os vários grupos africanos. A língua geral indígena foi criada pelos jesuítas e a língua geral negra foi criada pelos próprios negros, em função das condições impostas pelo tráfico, levas de escravos de diversas regiões e etnias que foram trazidos ao país. Sobre isso, Villalta afirma:

Os portugueses e suas autoridades evitaram a concentração de escravos de uma mesma etnia nas propriedades e nos navios negreiros. Essa política, a multiplicidade lingüística e as hostilidades recíprocas que os negros trouxeram da África dificultaram a formação de núcleos solidários que retivesse o patrimônio cultural africano, incluindo-se aí a preservação das línguas (2000, p. 341-342).

A falta de uniformidade na distribuição dos vários grupos linguísticos africanos descortina a vertente mais saliente na formação do Português Popular do Brasil (PPB) que desponta com toda força linguística e geográfica: o interior do país no Período Colonial. Conforme Ramos (2001), a introdução da mão-de-obra negra, no Brasil, nas plantações de açúcar, algodão, cacau e café nas zonas agrícolas, a princípio foi para Pernambuco, Bahia e Rio, depois Maranhão e estados limítrofes, e, por fim, nas zonas centrais de mineração. Portanto, o cenário de distribuição concentrava-se fora dos reduzidos centros de elite da época.

A consequência linguística dessa história demográfica foi a aquisição da língua portuguesa em condições de rudes contatos entre os escravos, seus senhores brancos e os índios que falavam a língua geral.

A segunda metade do século XVIII é marcada pelo total declínio da língua geral, como consequência de vários fatos: a descoberta das minas de ouro e diamantes, o conjunto de decisões do Marquês de Pombal, que obrigou oficialmente o uso da língua portuguesa em todo o Brasil, e a expulsão dos fiéis protetores da língua geral, os Jesuítas, em 1759 (cf. TEYSSIER, 1997).

Contudo, a língua portuguesa, ao disseminar-se pelo território brasileiro, depara-se com dificuldades que não se restringem à dimensão continental que o País possui, às línguas gerais e etnias africanas, mas, sobretudo, à completa ausência de uma política educacional. Segundo Mattos e Silva (2004), o percurso da escolarização no Brasil Colonial configura-se como um processo consolidador do português brasileiro, uma vez que: a) a política linguístico-cultural desenvolvida por Marquês de Pombal, no século XVIII, marca o Brasil como um espaço de língua dominante portuguesa, desviando o Brasil de ser um país de base linguística majoritariamente indígena; b) em 1808, com a migração da Corte portuguesa para o Brasil, consolida-se o direcionamento linguístico adotado durante o Período Colonial, e em 1824, através da primeira Constituição brasileira, explicita-se a intenção de tornar o ensino obrigatório no Brasil; c) até os fins do século XVIII, o número de letrados não ultrapassa a 0,5%, aumentando no decorrer do século XIX esse percentual de 20% a 30%.

Essa fase da língua, implantada sob influências múltiplas, foi se moldando com a ajuda dos fatores de unificação, tais como: a imposição da escrita por intermédio da escola, o prestígio e a ação da classe senhorial, e, sobretudo, a grande migração de lusos para o país que se espalharam e ensinaram uma variedade padrão da língua portuguesa, o que ajudou a eliminar uma grande parte das pronúncias de construções não-padrão e usos da língua românica na fase inicial da sua aquisição.

É certo afirmar que todo esse processo sociolinguístico desencadeou uma série de reflexos no País como um maior incremento da urbanização, devido ao grande impacto demográfico provocado pelo assentamento de toda a Corte Real em 1808 e, em consequência disso, um fortalecimento da cultura institucional de caráter português.

Diante desse cenário histórico, Callou, Barbosa e Lopes sintetizam:

A bem da verdade, chega-se à realidade lingüística brasileira do século XX por uma política lingüística de tolerância para com os índios e negros inseridos na sociedade colonial, e ao genocídio dos, porventura, resistentes.

De todo modo, o ano de 1808 marca, sem dúvida, o início de uma nova fase cultural do Rio de Janeiro. A vinda da família Real e a conseqüente fixação do centro político do Império determinam a elevação da cidade a centro de uma civilização luso-brasileira, e há, ao menos até 1822, uma unidade cultural (2006, p. 270-271).

Há de se ressaltar que, conforme Silva Neto (1992), na implantação do Português Europeu no Brasil, apesar da falta de registros de documentação que comprovassem a procedência exata das emigrações, os indícios demográficos na Bahia e Pernambuco conduzem à conclusão de que os emigrantes vieram de todas as partes de Portugal. Portanto, não houve uma variedade lingüística de Portugal que especificamente predominasse no Brasil.

Constatada historicamente a vinda de colonizadores de todas as partes de Portugal, entende-se que as consequências dessa colonização heterogênea deixem marcas lingüísticas, resultantes de uma interação em que o indivíduo, ao aprender a língua em convivência com outros, modifica-a, eliminando as características mais salientes de uma e outra pronúncia, de forma que atenda lingüisticamente aos interesses da intercomunicação dos grupos, como argumenta Silva Neto:

Acreditamos, pois, que, na Colônia, portugueses de todas as partes se fundiram em contacto e interação, eliminando, expurgando os difíceis fonemas do Norte, os tipicismos que podiam levar à sanção do ridículo, as particularidades que diante da língua comum se poderiam considerar “rusticismo”. Assim, de certo modo, se repetia no Brasil aquele peneiramento e aquela seleção que se opera durante a reconquista (1992, p. 589).

A posição de Silva Neto é compartilhada por Teyssier (1997), ao defender que, diante de uma colonização tão heterogênea, os colonos portugueses, ao eliminarem os traços *marcados* e *não-marcados* dos falares portugueses do Norte e do Centro-Sul de Portugal, criaram uma *koiné* brasileira, generalizando uma norma portuguesa a ser utilizada na Colônia similar à utilizada no Centro-Sul de Portugal.

E, desde aí, foram se estabelecendo as características que consolidaram hoje o português brasileiro como uma deriva do português arcaico, distinguindo-se, a partir da primeira metade do século XVIII, do português europeu. A partir daí, o português

brasileiro passa a apresentar, na sua fonética, aspectos conservadores e aspectos inovadores que o distanciam do português europeu, enquanto o português lusitano segue outra deriva.

No que respeita aos aspectos conservadores da fonética brasileira, o português do Brasil perpetua a pronúncia de Portugal do século XVI, ao conservar o antigo timbre fechado para *e* e *o*, dizendo, por exemplo, *pegar* e *morar* com as pretônicas fechadas (cf. TEYSSIER, 1997). O Centro-Sul do Brasil faz a realização dessas pretônicas fechadas, mas o Norte e Nordeste fazem-nas abertas. Pratica ainda um fenômeno linguístico antigo: a assimilação ao pronunciar *menino* e *costume* como *mininu* e *custumi*.

Esses traços inovadores do português do Brasil foram percebidos já nas primeiras comparações entre uma e outra língua, no século XVIII, como destaca Teyssier:

Em 1767, frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*) assinala pela primeira vez um traço fonético dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas (ex.: *pádeiro*, *prégar*, *córar*) e as fechadas (ex.: *cadeira*, *pregar*, *morar*). Jerónimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822) salienta o mesmo fato e acrescenta que os brasileiros dizem *minino* (por menino), *mi deu* (por me deu) [...] (1997, p. 95).

A esse respeito, Teyssier argumenta ser o ponto que distancia o português do Brasil do português europeu, quer pelo seu conservadorismo, porque manteve o mesmo sistema do galego-português, quer pelas suas inovações, pois o português brasileiro ignora a pronúncia portuguesa para vogal átona central [ë], como em *parte*, bem como do ditongo [äy] cuja pronúncia é feita com [ëỹ] em palavras como *bem*, *tem correm*. O sistema fonológico das vogais brasileiras apresenta na posição tônica sete vogais, /i, e, ε, a, u, o, ɔ/, na pretônica cinco, /i, ε, a, u, ɔ/, e na átona final três /i, a, u/ (1997, p. 104).

Internamente, argumenta Teyssier, esse distanciamento consolidou um cenário linguístico diversificado que delimitou áreas dialetais diferenciadas mais do ponto de vista sociocultural do que geográfico, pois:

Há, hoje, na língua do Brasil, uma diversidade geográfica. Os lingüistas vêm tentando elaborar o mapa dos “dialetos” brasileiros, à semelhança do que se tem feito para as línguas européias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma linha que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do Estado da Bahia) até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. A realidade, porém, é que as divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que socioculturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre

dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra (1997, p. 98).

Pelo exposto, reafirma-se na primeira argumentação de Teyssier – existência de uma diversidade geográfica (variação diatópica) – a posição de Nascentes (1953) de mapear traços linguísticos semelhantes a partir de uma divisão dialetal.

Cardoso, ao enveredar por um caminho de discussão quanto à prevalência ou convivência diatópica e diastrática no português do Brasil, chega a uma categorização dos fenômenos observados tomando como parâmetro as vogais médias pretônicas, independentemente das características socioculturais de que se revestem ou da área geográfica em que se situam, observando que:

[...] a realização plena, seja aberta, seja fechada, contrapõe o português do Brasil a ao português europeu, que as tem reduzidas ou elididas, e constitui-se em marca diatópica desprovida de qualquer vinculação a variáveis sociais ou comprometimento diastrático (2006, p. 375).

A nova realidade do sistema fonológico das vogais brasileiras, que culminou em divisões dialetais⁴ na língua do Brasil, constitui hoje amplo tema de debate no sentido de redesenhar por completo o mapa linguístico do Brasil, sobretudo, nas pronúncias das vogais em ambiente pretônico. Na verdade, podemos afirmar que a língua portuguesa, ao aportar no Nordeste brasileiro, logo de início teve de adaptar-se a novos hábitos fonéticos, agregar, termos de origem indígena e, posteriormente, de origem africana; conservando a língua transplantada. Diferentemente, o Centro-Sul do Brasil tomou outro rumo linguístico, posto que, além da influência indígena e africana, acolheu grandes contingentes de imigrantes de outras nações europeias. Como língua e cultura são indissociáveis, esses processos linguísticos que ocorreram no Brasil pesam positivamente na caracterização linguística de cada região do País. É o que defende Silva Neto:

⁴ As discussões acerca das primeiras divisões dialetais do Brasil datam dos fins do século XIX. Segundo Nascentes (1953, p. 20-22), a primeira proposta de divisão dialetal do Brasil foi a Júlio Ribeiro (1891), por obedecer a um critério rigorosamente geográfico é “toda ela imperfeita” porque unificou áreas muito diferentes: o **Norte**, compreendia Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco; **Leste**, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo; **Centro**, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; **Sul**, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em 1913, Rodolfo Garcia, no seu **Dicionário de Brasileirismo**, apresenta a sua proposta que combinando critérios geográficos e históricos delimita as seguintes áreas dialetais: **Norte**, Amazonas, Pará e Maranhão; **Norte-oriental**, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; **Central**, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro; **Meridional**, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro; **Altiplana-central**, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Para Nascentes, essa é uma divisão mais aceitável, mesmo portando alguns defeitos de delimitações.

Não somos daqueles que vêm interferências lingüísticas a todo preço e a todo risco, mas em ambientes lingüísticos e sociais como no Brasil dos séculos XVI, XVII e XVIII é preciso não perder de vista essa possibilidade, ao menos para exame como hipótese de trabalho (1992, p. 623).

Nesse ponto, o autor, ao discutir o contraste de pronúncias, estabelece que os traços distintivos e característicos entre os falares em questão podem pertencer a dois tipos: a permanência de pronúncias portuguesas do século XVI ou a persistência de antigas pronúncias de aloglotas. Daí destaca a maior intensidade da vogal nasalada nordestina em relação aos outros falares, chamando atenção para a proximidade destas à pronúncia de Portugal do século XVI e, ainda, a pronúncia sempre aberta das vogais pretônicas, que pode ser explicada por influência indígena, embora essa afirmação deva ser mais bem apurada (cf. SILVA NETO, 1992).

A hipótese de a modulação cantada nordestina ser fundamentada em uma influência tupi, como é defendida por Nascentes (1953), Elia (1963) e Silva Neto (1992), é veementemente contestada por Marroquim com dois seguros argumentos: um histórico: “Quanto ao tupi, não vejo como o índio, que nunca teve preponderância na vida do nordeste, nem mesmo como trabalhador do campo, possa influir ainda hoje na prosódia dialetal” (1934, p. 52), e outro lingüístico: “Não julgo tenha o tupi influído para essa prosódia. A língua portuguesa sujeita a influencias evolutivas particulares, assume aspectos prosódicos próprios em cada região” (1934, p. 51-52).

Uma segunda hipótese apontada por Nascentes (1953), sobre essa diferenciação lingüística, diz respeito à ocupação demográfica histórica não-homogênea no País que, a nosso ver, fundamenta melhor uma caracterização sociodialetal do português do Brasil porque traduz argumentos mais convincentes a essa realidade dialetal. O autor verifica que as demografias históricas no País não ocuparam o território brasileiro de forma ordenada; pelo contrário, formaram-se focos populacionais desenvolvidos apenas no litoral que, a partir daí, irradiavam-se para o interior. Desses focos, destacam-se São Paulo, Pernambuco e Bahia. Os paulistas desbravaram Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Pernambuco difundiu a colonização interiorana pela Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Alagoas, chegando até ao Acre. A irradiação baiana estende-se a Sergipe e ao norte do Espírito Santo. O resultado dessa difusão demográfica expõe razões sócio-históricas que ratificam o segundo argumento supracitado de Marroquim (1934), posto que

foi essa interiorização do país que desencadeou o surgimento de regiões linguísticas distintas e perfeitamente caracterizadas do ponto de vista dialetal.

Essa diferenciação dialetal foi descrita por Nascentes, ao dividir o falar brasileiro em seis subfalares, que compreendem dois grandes grupos: os do Norte e do Sul⁵. Esses subfalares traçados não são coincidentes com os limites geográficos entre os Estados brasileiros. O enquadramento linguístico dos falantes nas regiões delimitadas deu-se através de características similares entre os falares, visto que, para o autor, uma só palavra proferida por um falante define bem o grupo a que pertence, pois “O que caracteriza estes dois grandes grupos é a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*” (1953, p. 25).

Por esse veio, os fatos históricos subsidiam a persistência ininterrupta de desenvolver-se no Brasil estudos dialetológicos de campo. Mesmo sem utilizar um método descritivo rigoroso, Nascentes (1953) elaborou um mapa dos seis subfalares do português brasileiro, baseado, apenas, na observação oitiva dos falares, em que propõe uma distinção fonética e prosódica entre Norte e Sul do País. Mesmo que pesquisas de campo, hoje, façam muitas retificações em uma boa parte deste quadro linguístico proposto pelo autor, o grupo de isoglossas é tão grande que ainda não foram por completo descritas. Nesse ponto, Mattos e Silva argumenta que a ausência de um instrumento rigoroso de mapeamento linguístico obriga a contentarmo-nos com a inferência das delimitações linguísticas propostas por historiadores que mapearam nosso passado caracterizando nosso presente linguístico, visto que:

Se dispuséssemos de um mapeamento geolingüístico rigoroso e detalhado de todo o espaço brasileiro, teríamos um outro excelente caminho diretor para o nosso trabalho, uma vez que de posse de isoglossas bem delimitadas poderíamos entrever, através delas, aspectos diferenciáveis da nossa história passada (2004, p. 57).

⁵ Nascentes (1953), ao estabelecer os dois dialetos, o do Norte e o do Sul, afirma que cada um deles engloba subdialetos. Os subdialetos do Norte são dois: a) amazônico que compreende Pará, Amazonas e Norte de Goiás; b) nordestino que compreende Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco e parte de Goiás. Os subdialetos do Sul são quatro: a) baiano, compreendendo a Bahia, Sergipe, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste) e uma parte de Goiás; b) fluminense, compreendendo Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas (Zona da Mata e parte do Leste), Distrito Federal; c) mineiro (Centro Oeste e parte do leste de Minas Gerais) e o d) sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso.

Essa realidade linguística, delineada por Nascentes (1953), polemiza duas grandes questões linguísticas: uma de âmbito nacional e outra de âmbito regional. A questão de âmbito nacional diz respeito à formação de uma *koiné* de falares metropolitanos dos séculos XVI e XVII, válida para todos os falantes brasileiros e tão defendida por Silva Neto (1950); no entanto, dado o primeiro passo rumo ao mapeamento dialetal do português brasileiro, a hipótese da *koiné* é inaceitável. A questão de âmbito regional refere-se, sobretudo, à afirmação categórica de que no falar do Norte a pronúncia das vogais pretônicas é sempre aberta, o que difundiu um conhecimento parcial sobre as realizações destas vogais naqueles subfalares.

É certo que a predominância destas vogais com o timbre aberto é bastante expressiva; nossos dados confirmaram bem essa predominância; contudo, há uma percentagem significativa de realizações com timbre fechado que nos levam a hipotetizar sobre um possível resíduo de um sistema vocálico anterior ao atual.

Os primeiros estudos sobre as pretônicas nordestinas que se encontram nos trabalhos de Marroquim (1934), Castro (1958) e Aguiar (1937) já descreviam as realizações de vogais médias abertas, médias fechadas naquele dialeto. Pelo estudo descritivo do falar de Alagoas e Pernambuco, o trabalho de Marroquim (1934) nos diz respeito diretamente, porque descreve a variação das vogais médias em ambiente pretônico, fenômeno que ocorre indistintamente em todas as classes sociais daqueles falares.

A evidente inclinação no dialeto nordestino à pronúncia aberta das vogais em ambiente pretônico, hipotetizada por Nascentes (1953) como resultado de uma influência tupi, é explicada por Marroquim (1934) como força de resistência da velha língua portuguesa, cujo dialeto conservou em uso desde o descobrimento e que devido ao meio geográfico foram petrificadas nesses dialetos.

Marroquim mostra algumas expressões que ainda são proferidas tal como o português do século XVI, ou seja, pronuncia-se a vogal média /e/ como [ɛ] em vez de [i]; outras formas morfológicas mantêm a pronúncia da vogal anterior pretônica aberta, motivadas por alguns fatores linguísticos já descritos pelo autor:

— como no português do século XVI: *défama, déferença, démensão, déploma, léncença* (1934, p. 55);

- quando seguido de um r ou l formando sílaba: *errar, érguer, érvilha, hérdeiro, Élpidio, Élvira* (1934, p. 49);
- posição inicial absoluta: *elétrico, educação, elogio, elegância, eloqüente, equiparar, épopéia, equilíbrio, épico, equivocar, évasão, evaporar, evocar, evangelho* (1934, p. 51);
- posição medial: *lévar, navégar, elévar, dézembro, sétembro, sézão, pécado, pédal, vélhaco* (1934, p. 51).

A vogal média posterior é descrita através de contextos fonológicos bem mais numerosos do que a série das vogais anteriores. Segundo Marroquim, a vogal posterior apresenta uma indecisão para o uso de ó, ô e u, mas não uma direção segura para uma mudança dialetal. A predominância do timbre aberto restringe-se aos contextos:

- posição inicial absoluta: *Óliveira, óficio, oceano, obrigação, óraculo, ópilação, órador, ordenar, orgulho, ornamentado* (1934, p. 55);
- quando seguido de *l* ou *r* formando sílaba: *sórdado, jórna (l), pórtador, tórmento, torrencial* (1934, p. 55);
- nos infinitivos dos verbos terminados em *ar*: *chóra(r), implóra(r), cóbra(r), amója(r), bróca(r), tóca(r), tópa(r), róla(r)* (1934, p. 56);
- nos diminutivos de nomes: *bodinho, tópezinho, bendengózinho, pótezinho, mólezinho* (1934, p. 56).

Para que não se olhe a fonética nordestina sob um só aspecto particular de predominância do timbre aberto nas átonas em ambiente pretônico, como proposto por Nascentes (1953), Marroquim (1934) destaca as variantes dessas vogais e chama atenção para dois pontos cruciais neste processo: a assimilação, como principal fator responsável por algumas mudanças, e a persistência de resíduos fieis do português quinhentista que se conservaram no dialeto nordestino.

A assimilação obedece à regra geral da língua, difundindo-se em todas as classes sociais; assim, o *e* pretônico soa como *i* em: *pidi(r), piqueno, sinhô(r), melhor, mio (pop.), tisôra, imbolá(r), Jiroime e Jiróime (pop.) por Jerônimo* (MARROQUIM, 1934, p. 47).

Quando em posição inicial seguida de *s* como: *istorá(r)*, *istêrco*, *istação*, *istio*, *istrada*, *istribo*, *ispirito*, *ispuma*, *isquadrão* (1934, p. 48). Quando nasal e inicial: *imbaraço*, *impregar*, *insinar*, *incruado*, *incubação*, *incruzilhada*, *incôsto*, *incontrão* (1934, p. 49). Pronúncias que têm antecedentes no português quinhentista e que se fixaram integralmente no dialeto são exemplificadas como de *é > i*: *izitir*, *izistencia*, *izato*, *ixcumunhão* e *iscumunhão*, *izecutar* e *ixpulsar*; de *é > ê*: *existência* (1934, p. 55).

As variantes da vogal posterior são realizadas em alguns contextos linguísticos ora como abertas, ora como fechadas ou altas, como quando precedida por *m* formando sílaba, assim em: *mórgado*, *morrer*, *murcego*, *mordaça*, *morder*, *mordomo*, *mormaço*, *murrinha*, *mortalha*, *moleza*, *molenga*, *muldura*. Nos infinitivos dos verbos *er* tem-se: *sôfrê(r)*, *môrrê(r)*, *côrrê(r)*, *cômê(r)*, *môrdê(r)*, *entorpece(r)*, *fôrnecê(r)*, *môvê(r)* (MARROQUIM, 1934, p. 56). Estando em posição medial, a pronúncia é preferencialmente pelo *u*: *currida*, *pulimento*, *dumingo*, *cumida*, *lumbriga*, *muleque*, *muinho* (1934, p. 57).

Neste ponto, toda a descrição dos fatores linguísticos que desencadearam processos fonológicos, nos falares nordestino analisados por Marroquim, vai de encontro aos nossos dados que representam o falar teresinense, o qual faz parte da mesma isoglossa de Alagoas e Pernambuco.

Considerando-se os fatores sócio-históricos que atuaram desde a formação da língua portuguesa, na Península Ibérica, ao momento que aportou no Nordeste brasileiro, dando início a uma transmissão linguística irregular ao longo dos séculos XVI ao XIX, podem-se entrever dois vieses de análise da língua: uma deriva de caráter conservador por manter as evoluções que o português europeu sofreu no período quinhentista, sobretudo no seu aspecto fonético e fonológico, e uma deriva cuja aceleração ou desaceleração dos fenômenos linguísticos ocorre, dependendo exclusivamente de condições histórico-sociais às quais a língua está exposta. Neste cenário, há que se considerar dados como: a) o produto linguístico daqueles que subitamente tiveram que aprender uma língua nova de modo imperfeito e imediato, do que resultou naturalmente o que Weinreich (1964) denominou de “efeito de gatilho”; b) a demografia histórica conjugada ao contexto de transmissão linguística majoritariamente oral e irregular no processo de interiorização do Brasil e, por fim, c) a ausência de escolarização. Expressos assim, os testemunhos da História permitem-nos detectar claramente que as mudanças linguísticas que por aqui

ocorreram resultaram em uma variedade da língua portuguesa, em muitos aspectos diferente da europeia.

Entender a formação do português do Brasil é resgatar explicações não apenas linguísticas, mas também históricas, políticas, culturais e étnicas, trazendo-as para o plano da língua, a fim de conhecer o seu sistema com sua diversidade linguística em uma comunidade tão ampla como o Brasil. A esse respeito tratará a seção que segue.

1.3 O SISTEMA VOCÁLICO BRASILEIRO ATUAL

A descrição de base estruturalista de Camara Jr. (1953), por seu caráter inaugural e abrangente, é tomada como ponto de partida para qualquer estudo sobre o sistema vocálico brasileiro. Partindo da complexa realidade da língua oral, Camara Jr. apresenta uma interpretação fonêmica básica do sistema vocálico brasileiro, dizendo: “o que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (1991, p. 3); no entanto, ressalta que em uma classificação de um sistema vocálico, em linhas fonêmicas, o que interessa são as propriedades ou traços distintivos; portanto:

Para as vogais portuguesas, a presença do que se chama “acento”, ou particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom), é que constitui a posição ótima para caracterizá-las. A posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que se trate do registro culto formal) os traços distintivos vocálicos. Desta sorte, a classificação das vogais como fonemas tem de partir da posição tônica. Daí se deduzem as vogais distintivas portuguesas (CAMARA JR., 1991, p. 40-41).

Assim, o quadro vocálico constituído de 7 fonemas que só funciona por completo em posição tônica foi apresentado por Camara Jr. (1970) como um sistema triangular de base para cima em que se tem a vogal /a/ no seu vértice. A altura gradual da língua em direção à parte anterior da boca ou à parte posterior determinará a classificação articulatória da vogal como baixa, médias de 1º grau (abertas), médias de 2º grau (fechadas) e altas. Conforme Camara Jr., o sistema vocálico na posição tônica é o seguinte:

Altas	/u/		/i/	
Médias	/ô/		/ê/	(2° grau)
Médias	/ó/		/é/	(1° grau)
Baixa		/a/		

Figura 3: Sistema vocálico tônico, segundo Camara Jr. (1970, p. 43)

Isto significa que é a sílaba tônica, preservadora do contraste, que permite a distinção entre itens lexicais “que nos faz identificar *saco*, em contraste com *sôco* e com *seco* e com *suco*; ou o /ê/ que opõe *vê* a *vi*; ou /u/ que opõe *tu* a *ti*; assim por diante” (CAMARA JR., 1971, p. 23). Essa oposição se desfaz, no Brasil, quando a sílaba tônica é imediatamente seguida por uma consoante nasal, o que reduz o quadro tônico para cinco com uma variante posicional [â] e elimina as vogais médias de 1° grau. De acordo com Camara Jr. (1970), diante de consoante nasal, na sílaba seguinte o sistema reduz-se a:

Altas	/u/		/i/
Médias	/o/		/e/
Baixa		/a/	

Figura 4: Sistema vocálico tônico diante de consoante nasal, segundo Camara Jr. (1970, p. 43)

Por outro lado, o quadro de oposições vocálicas se modifica quando as vogais se encontram em posição átona⁶, pois nesta posição há perda de contraste, reduzindo o número de fonemas. As posições átonas favorecem o processo de Neutralização⁷ no sistema vocálico brasileiro. Há, assim, segundo Camara Jr. (1970), no sistema vocálico brasileiro, três quadros para as vogais átonas:

⁶ Neste ponto, Camara Jr. (1953) afirma ser a posição átona um dos problemas mais intrigantes da fonêmica portuguesa no Brasil. O autor postula que nesta posição as vogais apresentam uma enunciação fraca condicionada pela ausência de tonicidade resultando na redução do número de vogais.

⁷ Na teoria fonêmica de Praga, define-se neutralização como o desaparecimento ou a supressão de um traço distintivo que reduz dois fonemas a uma só unidade fonológica.

Altas	/u/	/i/
Médias	/o/	/e/
Baixa	/a/	

Figura 5: Vogais pretônicas

Altas	/u/	/i/
Médias	/./	/e/
Baixa	/a/	

Figura 6: Vogais postônicas não-finais

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

Figura 7: Vogais postônicas finais

As figuras dos fonemas vocálicos acima mostram o resultado das variações articulatórias que todos os fonemas vocálicos sofrem quando em posição átona. Por tratar-se de uma descrição fonêmica, as variações que sabidamente ocorrem, nesta posição, não são descritas por Camara Jr. (1970). Sabe-se, no entanto, que a elevação da vogal média é variável segundo a modalidade de posição da tônica e do dialeto; o próprio fato de haver dialetos que registram mais o uso de vogais médias abertas do que médias fechadas já caracteriza bem os casos de variação das vogais médias nesta posição. Porém, como o dialeto considerado modelo na proposta de Camara Jr é o do Rio de Janeiro, observando a posição pretônica (Figura 5) vê-se o apagamento do contraste entre as vogais de 1° e 2° graus, em favor das médias de 2° grau. Na posição pretônica não-finais (Figura 6), a neutralização ocorre entre /o/ e /u/. A posição átona final (Figura 7) apresenta um processo de neutralização mais abrangente, pois, segundo Camara Jr. (1970), a vogal átona final seguida ou não de /s/ no mesmo vocábulo sofre neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/.

Com a análise estruturalista de Camara Jr. (1970), sobre o sistema vocálico oral do português brasileiro, aprendeu-se que o quadro de oposições fica reduzido quando em posição átona, ou seja, do quadro de 7 fonemas vocálicos em posição tônica reduz-se para

5 fonemas em posição pretônica, para 4 em posição átona não-final e para 3 em posição átona final.

Ao lado do quadro das vogais orais, Camara Jr. chama atenção para o problema da classificação dos fonemas vocálicos “chamados nasais”, pois a nasalidade pura não existe fonologicamente, ou seja, “a vogal nasal fica entendida como um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba – vogal e elemento nasal” (1970, p. 47). Por essa interpretação, a vogal nasal portuguesa deve ser descrita dentro da estrutura da sílaba e entendida “como uma conseqüência obrigatória do travamento da sílaba por uma consoante nasal posvocálica” (1971, p. 31).

Neste ponto, Camara Jr. (1970) faz uma ressalva importante, baseado nas colocações de Malmberg (1963), de que é preciso distinguir no português a nasalidade fonológica da nasalidade desencadeada pelo processo de assimilação. É preciso distinguir que, em uma nasalidade como *lança* oposta a *laça*, a emissão da vogal tem valor distintivo, portanto é fonológica, enquanto que em *banana*, *cama* a emissão da primeira vogal é levemente nasal e não gera contrastes de sentido, portanto não é fonológica.

Segundo Camara Jr. (1971), essa consoante nasal de travamento é indiferenciada quanto ao ponto de articulação, podendo ser labial, dental, palatal e até velar, dependendo da consoante seguinte, mas ressalta que, em termos fonéticos, há entre as consoantes nasais de *campo* ou *lenda* uma relação de homorganicidade, sendo, portanto, pronunciados como [kâmpu] e [lênda]. Por esse motivo, a consoante nasal de travamento é descrita pelo autor como um arquifonema, representado por /N/. É, então, “um arquifonema dos fonemas nasais existentes em português, que deles só conserva o traço comum de nasalidade” (CAMARA JR., 1971, p. 30).

Diante do exposto, vê-se que, na visão estruturalista de Camara Jr., o português brasileiro apresenta um número diferenciado de vogais que corresponde a um sistema máximo de sete vogais que sofrem redução em certos contextos.

Da visão estruturalista de Camara Jr. à visão gerativista, a análise que se impõe é a de Wetzel na linha autossegmental.

Wetzels (1991), ao definir o sistema vocálico do português brasileiro em termos do modelo de Clements (1995), substituindo os traços alto e baixo por traços de abertura,

os quais em português estão sujeitos a regras ou motivam regras, faz a seguinte descrição do sistema vocálico do português:

Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
Aberto 1	-	-	-	+
Aberto 2	-	+	+	+
Aberto 3	-	-	+	+

Figura 8: Sistema vocálico tônico, segundo Wetzels (1991, p. 30)

Segundo a geometria de traços, a distinção entre as vogais médias altas e médias baixas está no domínio do nó de abertura. Este nó apresenta um único traço [aberto] caracterizador da altura das vogais. O traço [aberto] subdivide-se em vários registros fonéticos, que, conforme a língua, fazem diferença. Portanto, a distinção entre as vogais médias pode ser feita, apenas, com o traço [aberto3], pois “as especificações para /e,o/ e /ɛ,ɔ/ são idênticas para ambas as fileiras [aberto1] e [aberto2]. Isso significa que a neutralização da oposição da vogal média é obtida se as distinções na fileira [aberto3] forem apagadas” (WETZELS, 1992, p. 30).

Conforme o esquema arbóreo apresentado a seguir, delineiam-se as vogais.

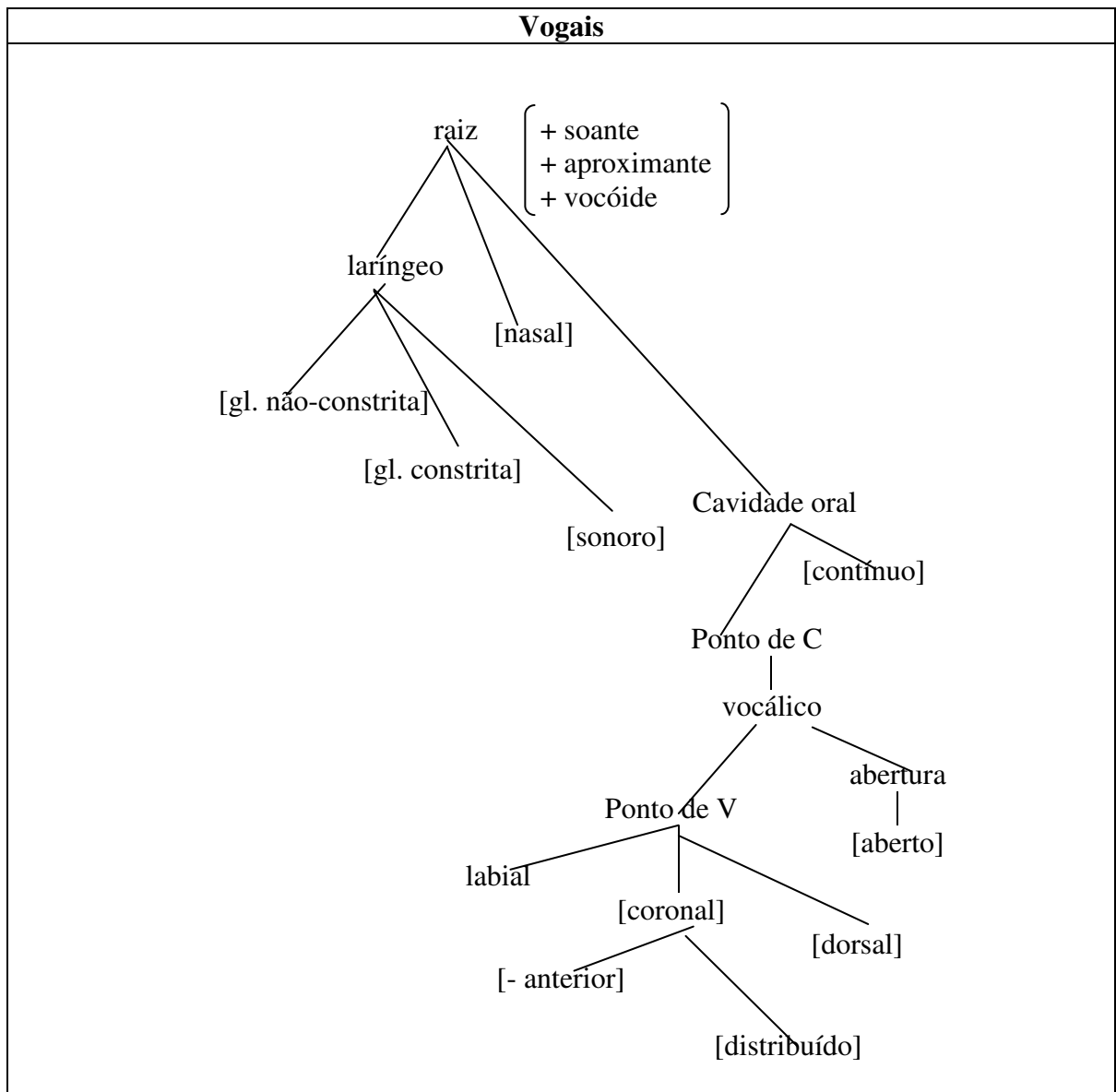


Figura 9: Diagrama da estrutura hierárquica dos traços, segundo Clements e Hume (1995, p. 249)

Ao analisar o fenômeno da neutralização nas vogais átonas do português brasileiro, Wetzels (1992) formula uma regra de estrutura métrica, determinando que a vogal que não estiver na posição do acento principal do vocábulo será desassociada do [aberto 3], assim representada:

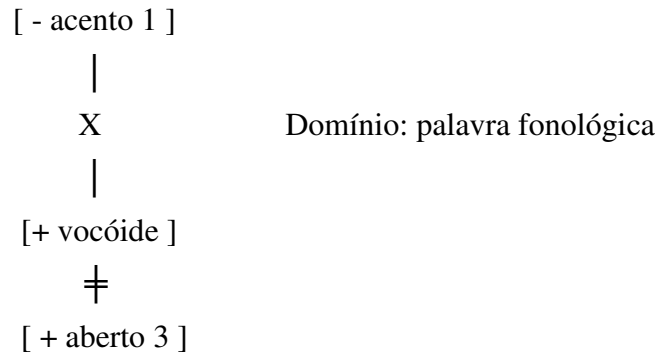


Figura 10: Neutralização da vogal átona, segundo Wetzels (1992, p. 24).

Por essa regra, as vogais átonas tomam a mesma representação apresentada para o sistema das médias [aberto 1] e [aberto 2]. Wetzels (1992) destaca como resultado dessa regra a sistemática diferença de altura entre a vogal baixa e as vogais médias.

Como a neutralização se aplica uma só vez no sistema vocálico, Wetzels (1992) propõe, ainda, duas regras para dar conta desse fenômeno nas postônicas e postônicas não-finais, representadas a seguir:

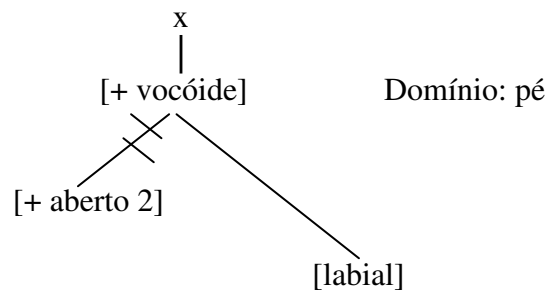


Figura 11: Neutralização da vogal pós-tônica não-final, segundo Wetzels (1992, p. 27)

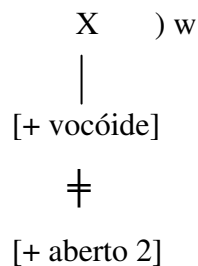


Figura 12: Neutralização de vogal em final de palavra, segundo Wetzels (1992, p. 27)

No entanto, Bisol (2003), ao destacar que regras de neutralização são processos naturais cujo resultado é sempre um sistema mais simples, já contido na própria língua e encontrado em tantas outras línguas do mundo, chama atenção para a necessidade de se rever a proposta dessas duas outras neutralizações, sobretudo se considerarmos os resultados de análises recentes em que apontam usos variáveis da vogal alta, nestas duas posições postônicas. Embora somente a pretônica seja o centro deste estudo, registramos estas análises para localizar nosso tema no âmbito geral do vocalismo do português.

2 TEORIA DA VARIAÇÃO

Neste capítulo apresentaremos os pressupostos conceituais e metodológicos que fundamentam a Sociolinguística Variacionista de William Labov (1969, 1972a,b, 1994), que se mostram importantes para a descrição e análise de uma língua em uso, como a que será aqui realizada.

Iniciaremos o capítulo com um levantamento histórico sobre a percepção da mudança linguística caracterizada pela variação das línguas no eixo do tempo em que se discutem a renovação de objeto e o método de análise.

Na segunda seção, discutiremos a Teoria da Variação, apontando os pontos mais importantes, os procedimentos adotados para a análise da variação linguística e os principais modelos quantitativos propostos para tal procedimento.

Na terceira seção, apresentaremos as pesquisas sobre a pretônica do português brasileiro que serão tomadas como referências.

2.1 ORIGEM DA TEORIA

A linguística histórica, ao estudar as mudanças que ocorreram na configuração estrutural das línguas no eixo do tempo, mostrou que não existe língua homogênea. O dado empírico central da linguística histórica é que qualquer língua humana é sempre uma realidade heterogênea sujeita a mudanças no tempo. O final do século XVIII marca cronologicamente o início de uma reflexão sistemática sobre as mudanças das línguas dentro dos pressupostos da ciência moderna.

Segundo Camara Jr. (1975), a partir do final do século XIX, as técnicas de pesquisa no campo da linguística românica sofreram grandes mudanças que afetaram as abordagens técnicas e teóricas da ciência da linguagem. Vê-se com o advento dessas novas técnicas o entusiasmo de se estudarem dialetos e línguas vivas.

Nesse ponto, o movimento dos neogramáticos emerge como um divisor de águas, pois com seu caráter polêmico, ao questionarem os pressupostos tradicionais da prática histórico-comparativa, estabelecem um conjunto de postulados teóricos para a interpretação da mudança linguística. Toda a atenção dos neogramáticos se concentrou nas mudanças fonéticas, explicando as discrepâncias nos sons das línguas através do processo que denominam de analogia, entendida em termos de Camara Jr. da seguinte forma:

A analogia era vista como a única exceção possível nos resultados regulares da lei fonética. A mente humana, associando formas distintas por seus significados ou semelhança de sons, foi vista como capaz de interferir no desenvolvimento natural de sons, contrariando a esmagadora força de uma lei fonética no caso de algumas formas, postas em associação mental com outras formas, bastante diferentes, que resultaram de outras leis fonéticas (CAMARA JR., 1975, p. 76).

As ideias difundidas pelos neogramáticos espalharam-se intensamente, tornando-se, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), o século XIX o período mais vigoroso da linguística histórica. Pode-se falar da abordagem neogramática em linguística como um modelo dominante entre os linguistas da época.

A principal teorização dessa abordagem atribui-se a Hermann Paul (1880), no livro **Princípios fundamentais da história da língua**, principal referência para a formação dos primeiros diacronistas. Neste estudo, Paul defende uma concepção da ciência da linguagem baseada no seu caráter histórico, pois, querendo-se analisar mais concretamente

uma mudança linguística, deve-se trabalhar com a perspectiva de uma análise completa do fenômeno linguístico, não se aceitando seus resultados como ocorrências casuais, uma vez que:

Aquilo que se considera como um método não-histórico, e contudo científico, de estudar a língua, não é no fundo mais do que um método histórico incompleto, incompleto em parte por culpa do observador, em parte por culpa do material do estudo (PAUL, 1970, p. 28).

Nestes *Princípios*, Paul propõe uma diretriz para os estudos da mudança linguística, com a finalidade de “expor o mais universalmente possível as condições de vida da língua, traçando assim de uma maneira geral as linhas fundamentais de uma teoria da evolução da mesma” (1970, p. 17). Desta forma, os resultados das mudanças afetariam a todas as línguas.

Ao defender que os princípios fundamentais da mudança linguística deveriam ter suas fontes de explicações nos fatores psíquicos e físicos para que pudesse se compreender a verdadeira realidade das mutações históricas das línguas, Hermann Paul sustentava a tese de que toda mudança linguística tinha como cerne o falante com seu uso linguístico individual. Camara Jr. diz que, para Hermann Paul, “toda mudança se processa na mente e daí se espalha, tornando-se uma mudança na língua comum, o resultado do modo pelo qual os indivíduos em sociedade se deixam influenciar” (1975, p. 78). Weinreich, Labov e Herzog (2006), ao analisarem também essa postura de isolamento do idioleto, destacam que a psique do indivíduo é vista, por Hermann Paul, como o *locus* da associação e conexões entre compostos linguísticos. Portanto, na concepção de Hermann Paul, “o isolamento tinha a vantagem de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia” (apud WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 41).

A consequência imediata deste recorte nos estudos linguísticos, em que o foco de interesses encontra-se mais voltado aos aspectos psíquicos dos processos linguísticos isolados dos contextos sociais, é a instauração de uma dicotomia de pólos extremos entre o individual e o social para a qual dificilmente se encontra uma solução teórica conciliável. Na tentativa de se estabelecer uma ponte de ligação entre os dois pólos, Hermann Paul passou a operar com um artefato que tem por denominação “uso linguístico”; contudo, como postulou a absoluta individualidade dos idioletos, não há como diferenciar usos linguísticos entre si. É um procedimento vago porque lhe falta sustentação teórica e não

tem nenhuma contribuição para os estudos, pois não consegue dar conta da extensão social das mudanças que ocorrem na língua (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Apesar dos vários problemas de insuficiências teóricas para explicar as mudanças na língua quando concebida como uma realidade absolutamente individual e psicológica, é nos *Princípios* de Hermann Paul que se encontra os fundamentos do estudo histórico da linguagem em que, por muito tempo, a linguística se baseou. Essa obra representa as ideias dominantes nas últimas décadas do século XIX e dos primeiros anos do século XX (cf. CAMARA JR., 1975; FARACO, 1998).

A postura metodológica de recorte nos estudos linguísticos referente ao uso individual da língua, defendida pelos neogramáticos, é retomada pela escola estruturalista que tem Ferdinand Saussure como principal representante.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), a visão de Saussure se mostra em plena conformidade com as ideias de Hermann Paul, pois, apesar de suas famosas dicotomias, Saussure não consegue romper com o psicologismo do pensamento neogramático porque a sua teoria não acomoda uma concepção de língua como heterogênea, uma vez que postula a língua como sendo de natureza homogênea. A heterogeneidade é concebida dentro do uso linguístico de uma comunidade como um tipo tolerável de imprecisão de desempenho. Assim, na concepção dos autores:

Não vemos nenhum indício de que Saussure tenha progredido para além de Paul em sua capacidade de lidar com a língua como fato social; para ele, a precondição para lidar com a língua como fenômeno social era ainda sua completa homogeneidade (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 56).

Na realidade, em sua teoria, Saussure deixa claro a defesa de procedimentos metodológicos na análise de uma língua baseada em fatores exclusivamente linguísticos. Essa postura está consagrada na sua afirmação: “a Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (1972, p. 271).

Tal abordagem da língua como sendo imune à história, aos fatores sociais que afetam quer direta ou indiretamente as mudanças linguísticas que ocorrem no fluxo do tempo, fica clara na separação que o autor propôs entre Linguística externa e Linguística interna. Conforme preceitua, é possível estudar a história da língua sem conhecer as circunstâncias do meio nas quais ela se desenvolveu (cf. SAUSSURE, 1972, p. 29-32). A

partir daí, Saussure estabelece que o estudo linguístico comporta duas dimensões: uma que compreende o estudo dos estados de língua (sincronia) e outra que compreende o estudo da mudança linguística (diacronia). Os métodos de cada dimensão diferem entre si, pois por um lado a sincronia limita-se a um ponto que é aquele que:

[...] conhece somente uma perspectiva, a das pessoas que falam, e todo o seu método consiste em recolher-lhes o testemunho; para saber em que medida uma coisa é uma realidade, será necessário e suficiente averiguar em que medida ela existe para a consciência de tais pessoas (SAUSSURE, 1972, p. 106).

Enquanto a diacronia, por sua vez, deve distinguir duas perspectivas:

[...] uma prospectiva, que acompanhe o curso do tempo, e outra retrospectiva, que fala o mesmo em sentido contrário. A prospecção se reduz a uma simples narração e se funda inteiramente na crítica dos documentos, a retrospectiva exige um método reconstrutivo, que se apóia na comparação (SAUSSURE, 1972, p. 106).

Ainda no início do século XX tem-se um rompimento profundo da visão neogramática com o surgimento de uma concepção sociológica do falante e da língua através de Antoine Meillet (1866-1936). Apesar da grande influência saussureana, Meillet vai buscar explicações para as mudanças da língua nas “realidades sociais” no terreno da recém-criada ciência sociológica e passa a conceber o falante e a língua através de um prisma sociológico (cf. CAMARA JR., 1975). Portanto, essa concepção mais sociológica do falante e, conseqüentemente, da língua sobressai-se em relação aos estudos precedentes, como uma postura teórica de formulação mais consistente, diferindo-se da concepção de língua sob o prisma psíquico-subjetivista (como a dos neogramáticos) ou como a de um sistema autônomo de relações puras (como a visão de Saussure), sendo capaz de exercer uma influência decisiva na análise da língua e, sobretudo, no método de avaliar as mudanças que nela ocorrem, concebendo a linguística entre as ciências sociais como Meillet:

[...] a língua era uma destas realidades sociais, uma vez que a sua estrutura é imposta sobre o indivíduo pela sociedade na qual ele nasce e cresce. [...] a afirmação de que toda mudança linguística emerge do discurso individual é um truismo sem significação uma vez que a inovação individual parte de uma corrente coletiva à qual o indivíduo dá vazão e que é espontaneamente aceita por seus ouvintes (CAMARA JR., 1975, p. 122).

A visão social de língua defendida por Meillet tem uma formulação tão consistente com a ciência sociológica que, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.

114), torna-se a mais eloquente das reivindicações em favor do papel de fatores sociais na mudança linguística, expressa na seguinte definição:

A língua é uma instituição com autonomia própria; deve-se determinar, portanto, as condições gerais de desenvolvimento a partir de um ponto de vista puramente lingüístico; [...] mas como a língua é [também] uma instituição social, disso decorre que a lingüística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode apelar a fim de explicar a mudança lingüística é a mudança social, da qual as variações lingüísticas são somente as conseqüências – às vezes imediatas e diretas e, no mais das vezes, mediatas e indiretas (MEILLET, 1906, p. 17).

Essa perspectiva sociológica já se encontrava em Michel Bréal (1832-1915), ao tratar das implicações sociais na mudança do significado do vocábulo; contudo, foi com Meillet que essa visão tomou mais impulso porque ele colocou a mudança inteiramente dentro do campo das condições sociais da linguagem (cf. CAMARA JR., 1975). Esta perspectiva começa a impor-se à revelia do pensamento saussureano, pois a crítica que se faz sobre o impacto do estruturalismo nos estudos diacrônicos é exatamente o fato de se atribuir toda a dinâmica da mudança a uma questão exclusivamente imanente, compreendendo-se com isso a língua como uma realidade autônoma.

Uma vez entendida a heterogeneidade da realidade social como elemento condicionante da mudança, essa linha de reflexão sociológica sobre a língua abriu caminhos para os estudos de dialetologia e, posteriormente, para a sociolinguística laboviana.

Os estudos de dialetologia apontam que a realidade da mudança está diretamente relacionada com a estrutura e a história social, por isso o seu foco prioritário é estudar as relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, quer pela identificação de fenômenos lingüísticos semelhantes que estas apresentam na mesma área geográfica, quer pelo confronto da presença ou ausência de fenômenos sociais relativos a áreas geográficas distintas.

A dialetologia tradicional iniciada no final do século XIX tem como objeto o estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico. O termo deriva de dialeto que, por sua vez, segundo Monteiro (2000), tem sentido relacionado com o “falar de uma região”, conforme a tradição francesa que remonta a Ronsard em um texto de 1565, citado por Louis Jean-Calvet (1993).

Por ligar inicialmente a heterogeneidade linguística à noção de espaço geográfico, a dialetologia recebeu muitas críticas por essa visão limitada de se estudarem os fenômenos linguísticos, pois língua e a realidade sócio-histórica das comunidades são indissolúveis. Assim, adotando uma postura mais moderna, Chambers e Trudgill (1980) definem dialetologia como o estudo de todos os dialetos espaciais e sociais. Cabe à dialetologia a descrição e situação de usos em que a língua se diversifica não só no espaço geográfico, mas também em sua dimensão sociocultural e cronológica.

Uma vez incorporada aos estudos dialetológicos a necessidade de incluir a dimensão social, consolida-se a ideia de que o contato entre as diferentes realidades linguísticas constitui fator essencial da mudança linguística. Essa tendência vai encontrar suporte em uma nova modalidade de ciência linguística que surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, a Sociolinguística, que passa a desvelar outras dimensões da realidade heterogênea das línguas ao defender a tese de que não é possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. Sobretudo, dá a mesma ênfase ao papel dos fatores linguísticos e sociais.

Do exposto, é possível entrever o percurso traçado para o nosso atual refinamento adotado nos procedimentos metodológicos de pesquisas. O que herdamos do embate entre as diferentes orientações metodológicas foi o enfoque que devemos dar aos fatos de mudança em uma análise linguística. Assim, dos estruturalistas herdamos a rigorosa exigência de se analisar a mudança situando o fenômeno em seu contexto estrutural; daqueles que defendiam a língua numa perspectiva mais sociológica, herdamos a relevante percepção de analisar as mudanças considerando as múltiplas correlações entre língua e sociedade.

Contudo, somente com o advento dos estudos de dialetologia, com os trabalhos de Weinreich (1964) e Herzog (1965)⁸ e de sociolinguística com Labov (1966)⁹, consolida-se essa postura de que a realidade da mudança deve estar correlacionada com a estrutura interna da língua e a história social, passando a exigir uma abordagem mais realista do fenômeno. A propósito, esses autores elaboram um conjunto de fundamentos empíricos para a compreensão da mudança linguística que é apresentada em 1966, “Direções para

⁸ *Languages in Contact* e *The Yiddish Language in Northern Poland*, resultantes de suas respectivas teses de doutorado.

⁹ Com suas pesquisas na Ilha de Marthas’s Vineyard (dissertação de mestrado) e o estudo da estratificação social do inglês na cidade de Nova York (tese de doutorado).

Linguística Histórica”, na Universidade do Texas (EUA), e publicado originalmente em 1968.¹⁰ Nesse estudo clássico, os autores assumem como coordenada básica para a reflexão sobre o fenômeno da mudança o caráter heterogêneo natural da língua; posicionam-se veementemente contra a ideia de que sistematicidade e variabilidade se excluem, ideia tão defendida pelas correntes linguísticas que precederam esse estudo, como os neogramáticos Saussure, Chomsky, Bloomfield (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Em outros termos, Weinreich, Labov e Herzog não aceitam o axioma da homogeneidade e propõem a adoção de uma abordagem que acomode os fatos de língua sob dois aspectos, a realidade da estrutura e a presença da variação, o que denominam de “heterogeneidade ordenada”; para tanto, dizem:

Argumentaremos que o modelo gerativo para a descrição de uma língua como um objeto homogêneo [...] é em si mesmo desnecessariamente irrealista e representa um retrocesso em relação às teorias estruturais, capazes de acomodar os fatos da mudança que aceite como seu *input* descrições desnecessariamente idealizadas e inautênticas dos estados de língua. Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (2006, p. 35).

O fundamento para essa argumentação dos autores apoia-se justamente no entendimento da estrutura organizacional de uma comunidade, daí concluindo que se esta apresenta uma estrutura complexa, mas ordenada, a língua por ela utilizada também será. Desta forma, pontuam: “Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (isto é, real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 36).

Ao delinear uma estratégia geral que se apoia nesses fundamentos, os autores discutem cinco problemas que devem ser tratados por qualquer teoria da mudança:

- 1) o problema dos fatores condicionantes – mudanças, condicionamentos e direção possíveis;
- 2) o problema da transição – o passo a passo da mudança;
- 3) o problema do encaixamento – a extensão do encaixamento da mudança;
- 4) o problema da avaliação – como a mudança é avaliada pela comunidade

¹⁰ Estamos utilizando neste trabalho a versão traduzida por Marcos Bagno, 2006.

5) o problema da implementação – as razões para mudanças ocorrerem em determinado tempo e lugar.¹¹

Essa perspectiva de estudar os fenômenos de variação mediante a discussão dos problemas a serem enfrentados por uma teoria da mudança tornou-se a diretriz norteadora de muitos estudos dentro da teoria da variação.

2.1.1 Teoria da Variação

A Sociolinguística surge, na década de 1960, com uma nova metodologia que se apoia na mensuração da variabilidade em que ressalta o seu caráter sistemático, visto que a ocorrência de uma variante linguística pode ser correlacionada com diferentes grupos sociais. Partindo do propósito de desvelar outras dimensões da realidade heterogênea, a sociolinguística repisa os mesmos caminhos traçados pelos linguistas que postularam a necessidade de estudar a língua dentro da esfera social, sem qualquer abstração da sua natural heterogeneidade. Portanto, o objeto privilegiado desta ciência é a manifestação da linguagem no contexto social e, principalmente, em situação de espontaneidade. Essa postura permite suplantar a dicotomia de Saussure (1916) de sincronia e diacronia porque, nesta nova visão de descrição linguística, a análise sincrônica necessariamente fundamenta-se no conceito de língua como um sistema de regras variáveis que atuam ordenadamente com a contraparte fixa da língua. Contudo, “isso só é possível porque a dinamicidade linguística é inerente e motivada” (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 12).

O entrelaçamento das duas dimensões, linguística e social, consolidado pela sociolinguística abriu novas perspectivas para o estudo histórico porque passa a operar com o conceito de *mudança em progresso* que dá novo suporte empírico ao princípio de que a mudança não ocorre por uma mera substituição de um elemento por outro, mas que os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em larga escala no passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem dentro de um quadro sincrônico de variação (cf. FARACO, 1998; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

¹¹ Para maiores detalhamento de cada problema levantado, consultar: Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 121-124).

Labov (1972b, p. 207) ressalta que os estudos sociolinguísticos constituem não uma nova teoria linguística, mas, sobretudo, um novo método de trabalho capaz de detectar as ocorrências linguísticas divergentes que resultam da interação entre a língua e o ambiente social. Tal modelo de análise torna-se conhecido como Teoria da Variação.

Segundo Labov (1972b), a Teoria da Variação busca estabelecer a correlação entre grupos sociais e variedades de uso linguístico e apreender nas bases sociais a direção da mudança.

Toda língua está sujeita à variação que eventualmente poderá conduzir a mudanças. A partir dos estudos de Labov ([1972],1983), os fenômenos de mudanças decorrentes das variações linguísticas, passam a ser objeto de estudos e observação. Estes estudos impõem uma postura de análise perante os dados cujo entendimento sobre a descrição da mudança não pode prescindir da análise das pressões sociais que as condicionam, uma vez que:

[...] não se pode compreender o desenvolvimento da mudança de uma língua fora da vida social da comunidade em que ocorre. Ou, dita de outra maneira, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de um ponto remoto do passado, mas sim como uma força social imanente que atua no presente vivido (LABOV, 1983, p. 31).¹²

De acordo com Labov (1994, p. 21), uma forma de se conhecer as mudanças linguísticas que se processaram em determinada língua é estudar mudança em progresso. Esse recurso baseia-se no princípio da uniformidade, o qual determina que as forças e restrições internas que atuam para impulsionar as mudanças linguísticas em curso são idênticas àquelas que impulsionaram as mudanças já concluídas. Portanto, como o mecanismo é sempre o mesmo, pode-se compreender as mudanças no presente através de estudos das que ocorreram no passado.

Contudo, a possibilidade de conhecer indícios de mudanças em curso, comparando com as que já foram concluídas, implica, conforme Labov (1994), a adoção de dois processos distintos de pesquisa: em tempo aparente e em tempo real. O foco do tempo aparente é o padrão do comportamento linguístico em diversas faixas etárias, num determinado momento do tempo. Nesse caso, espera-se que a análise dos dados permita a

¹² “[...] no se puede comprender el desarrollo del cambio de un lenguaje fuera de la vida social de la comunidad en la que ocurre. O, dicho de otra manera, las presiones sociales están operando continuamente sobre el lenguaje, no desde un punto remoto del pasado, sino como una fuerza social inmanente que actúa en el present vivido”.

constatação de que o uso de uma variante inovadora mostra-se mais frequente entre os jovens do que entre os idosos. Têm-se, então, indícios de que se trata de uma mudança em progresso. Neste ponto, Labov chama atenção a dois pontos essenciais a serem considerados para validar a mudança: “primeiro será necessário olhar para alguns problemas envolvidos no tempo aparente para se obter uma visão clara da dimensão da mudança” (LABOV, 1994, p. 56)¹³ e segundo, deve-se analisar de forma mais criteriosa a faixa etária, pois em média os falantes mais idosos podem ter um nível educacional mais baixo do que os mais jovens. Isso pode possibilitar uma interpretação de que as distribuições em termos de faixa etária podem não representar uma mudança, mas um padrão característico de uma faixa etária.

O estudo em tempo real, por sua vez, configura-se como a completude da pesquisa por meio do retorno do pesquisador ao passado, valendo-se de dois métodos: a) utilização de textos antigos que registrem as variantes em estudo para que se possa fazer uma comparação com os dados atuais; b) volta à comunidade, cerca de vinte anos depois, repetindo os mesmos estudos com dados coletados através de gravação, obedecendo aos mesmos critérios da coleta anterior, para que se possa ter uma situação similar à pesquisa feita em tempo aparente. Recriada a situação, é possível desvelar as características do curso da mudança visualizado no corte sincrônico, validando assim cientificamente o estudo em tempo real. Segundo Labov (1994), só as observações em tempo real podem definir se uma mudança está em progresso ou não em uma comunidade.

Com essas duas dimensões de estudo em tempos diferentes, a Sociolinguística faz-nos entender que a variação não resulta de uma mescla dialetal irregular, mas é uma característica inerente e regular de todo sistema linguístico. E permite constatar que a variação é uma característica recorrente na forma vernacular que emerge naturalmente no sistema da língua padrão, dependendo do contexto de fala em que o usuário se encontre (cf. LABOV, [1972], 1983, p. 283-286).

Ademais, a metodologia adotada nessas pesquisas permite descortinar o processo de mudança em curso de uma determinada comunidade, como um quadro de variações que desencadeiam o processo, as quais são auferidas socialmente pelos próprios falantes, positiva ou negativamente, nas diferentes situações de uso.

¹³ “[...] first it will be necessary to look at some of the problems involved in obtaining a clear and accurate view of the apparent-time dimension”.

À escolha entre uma ou outra forma variante por falantes de estratificação social privilegiada, a julgar pelo contexto em que esta ocorre, é atribuída uma valoração social de *prestígio*. A valoração *estigmatizada* é associada a falantes dos estratos mais baixo da população. Essa relação entre classes e formas variacionais é abordada como variável em alguns estudos desenvolvidos em algumas comunidades por Labov, uma vez que tem como objeto metodológico privilegiado a ambiência social em que as variações ocorrem (cf. LABOV, [1972], 1983).

Todavia, Labov ([1972], 1983, p. 75) adverte que todo pesquisador que se propõe estudar a linguagem em seu contexto social vai deparar-se com *o paradoxo do observador*. Os meios utilizados para a coleta dos dados podem interferir negativamente sobre os mesmos e mascarar a forma vernacular utilizada pelo falante no seu cotidiano. Para reduzir esses efeitos, o autor sugere algumas técnicas, como estudar o sujeito em seu contexto social natural (ambiente familiar, grupo social) ou observar o uso da linguagem fora de qualquer situação formal de entrevista. Quanto a esse ponto, Tarallo (1986) argumenta que a formulação de um questionário-guia de entrevista e a provocação de narrativas de experiências de cunho pessoal constituem procedimentos metodológicos capazes de neutralizar a força dos efeitos negativos tanto do gravador quanto da própria presença do pesquisador.

Por postularem técnicas de coletas metodologicamente eficazes para a descrição de uma língua em uso, dois estudos de Labov são tomados como referências dentro dos estudos da Teoria da Variação Linguística: *La motivacion social de un cambio fonético* e *La estratificación social de (r) en los grandes almacenes de Nueva Yorky*¹⁴. Desses estudos, trata a seção seguinte.

2.1.2 Principais estudos variacionistas

La estratificación social de (r) en los grandes almacenes de Nueva Yorky (LABOV, [1972], 1983) trata da pronúncia do /r/ em posição de coda no inglês falado na cidade de Nova York, trabalho de caráter variacionista realizado pelo autor em três grandes lojas: *Saks, Macys* e *S. Klein*. Alguns pontos foram essenciais para diferenciá-las entre si e

¹⁴ Esses artigos têm como títulos originais *The social motivacion of a sound change* e *The social stratification of /r/ in New York City Department Stores* (LABOV, 1972).

estratificá-las socialmente, como a sua localização, a política de publicidade, os preços das mercadorias, a arquitetura da loja, a distribuição das seções dentro delas e a questão salarial como outro dado que pontua a estratificação social.

Labov revela que o procedimento utilizado para uma sistematização do estudo foi precedido de uma ampla série de investigações preliminares que compreendeu setenta entrevistas individuais em lugares públicos. Esses estudos proporcionaram uma definição melhor das principais variáveis fonológicas que deveriam ser estudadas, entre elas a presença ou ausência da consoante “r” em posição pós-vocálica.

Desse modo, esta variável concreta se revelou como um mecanismo extraordinário de medida de estratificação social ou estatística, pois as entrevistas preliminares pareciam possibilitar um teste empírico que conduzia a duas noções gerais, diante dos dados: a) que a variável linguística /r/ é um diferenciador social em todos os níveis de fala de Nova York; b) que os fenômenos de fala de caráter fugaz e anônimo podem ser utilizados como base para um estudo sistemático da linguagem.

Abordar a distribuição social da linguagem em Nova York sem considerar a estrutura da estratificação social que configura a vida da cidade é impossível, porque o próprio curso normal de atividades da sociedade produz, “naturalmente”, as diferenças sistemáticas de acordo com a hierarquia social.

Assim, para confirmar essas diferenças sociais sistemáticas, resultantes de uma estratificação social, Labov investiga essa variedade na fala dos empregados das três grandes lojas de departamentos de Manhattan, socialmente classificadas como pertencentes às classes alta, média e baixa. Com essa seleção, poderia esperar que os clientes também fossem socialmente estratificados.

O método aplicado para este estudo de fala casual e anônima nas três grandes lojas foi relativamente simples. O entrevistador passava-se por um cliente e perguntava a qualquer empregado da loja sem que este desconfiasse do objetivo: *Excuse me, where are the woman's shoes?*, com o intento de ouvir e anotar a pronúncia da variável dependente /r/, nas palavras *fourth floor*. Muitas vezes, Labov simulava incompreensão nas respostas dos informantes, conduzindo-os a responder num estilo mais enfático. A variável dependente observada era constituída pelas variantes produção e apagamento do /r/. Essa metodologia de trabalho resultou em 68 entrevistas na Saks, 125 na Macy's e 71 na Klein,

perfazendo um total de 264 sujeitos entrevistados em 6 horas, supondo que as vendedoras tendam a fazer uso da variante de prestígio dessas lojas.

O resultado deste trabalho mostrou uma estratificação clara e consciente do /r/ nas três lojas, pois os informantes da Saks apresentaram o maior número de ocorrências de /r/, seguidos da Macy's e, por último, da Klein. Esse resultado, para Labov, confirma a hipótese do *prestígio emprestado*, caracterizada na fala dos informantes da Saks, loja destinada a uma clientela de classe socialmente privilegiada.

Além da clara estratificação das lojas, outros fatores permitiram também explicar a pauta regular de pronúncia do /r/, que são as variáveis independentes, como a etnia predominante em uma loja em detrimento da outra. Havia muito mais empregados negros na Klein do que na Macy's, e mais na Macy's do que na Saks. Essa variável revelou que a presença de muitos negros contribui para o menor emprego do /r/ do que os informantes brancos. Os negros da Klein apresentavam uma tendência consideravelmente maior para a supressão do /r/. Outra variável também considerável que pontua a regularidade do /r/ é a função exercida por cada empregado: o gerente está acima do vendedor, portanto tende a apresentar pronúncia padrão. A idade dos informantes foi estimada em intervalos de cinco anos, dado considerável, apenas, para efeito de comparação simples entre os grupos.

La motivacion social de uu cambio fonético (LABOV, [1972], 1983) é o resultado da sua dissertação de mestrado sobre um processo de mudança fonética na base dos ditongos [ay] e [aw] na pronúncia dos falantes na comunidade linguística da Ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts (EUA). Segundo Labov, de acordo com a história dos ditongos centralizados, o primeiro elemento do ditongo /ay/ era uma vogal semicentral em inglês dos séculos XVI e XVII, fato constatado através da reconstituição do veio histórico da ilha. Daí a origem da centralização, na Ilha, ser atribuída aos primeiros colonizadores ingleses.

Para verificar a sua hipótese, Labov analisou uma amostra constituída de 69 informantes, sendo 40 informantes da parte superior da Ilha (pescadores) e 29 informantes da parte inferior (fazendeiros).

A metodologia utilizada para a coleta da variável dependente foi baseada em três tipos de entrevistas: um questionário lexical que continha os referidos ditongos, perguntas relativas a juízo de valor e uma leitura de palavras para fins de medidas espectográficas.

Labov, diante dos dados, aponta as possíveis explicações do aumento da centralização, defendendo a tese de que o estudo detalhado de configuração da mudança fonética está relacionado às forças sociais. Essas agem com maior profundidade na vida dos habitantes da ilha, pois os dados mostram que a alta centralização de [ay] e [aw] está estritamente correlacionada com expressões de forte resistência a incursões dos veranistas. Os exemplos considerados para esta constatação foram o do grupo de ingleses descendentes de antigas famílias, mostrando que a centralização alcança o ponto máximo no nível de idade entre 30 e 45 anos e que a centralização de [aw] alcança ou supera a de [ay] neste nível.

O significado social da centralização, a julgar pelo contexto em que esta ocorre, tem uma orientação positiva em relação à Martha's Vineyard, pois um exame completo de cada entrevista permitiu situar cada informante em três categorias: positiva (expressa de forma definitiva sentimentos positivos a respeito de Martha's Vineyard), neutra (não expressa sentimentos negativos nem positivos a respeito) e negativa (manifesta desejo de viver em outro local).

Apesar de o autor ressaltar que o estudo em foco apresenta limitações, pela baixa relevância da variável selecionada e escassez da população, os resultados confirmam que a correlação das pautas sociais com o modelo de distribuição de uma variável linguística é fundamental na análise da variação.

Em 1969, Labov realiza outro estudo, intitulado *Contraction, deletion and inherent variability of the English Copula*. O estudo surgiu a partir de uma hipótese baseada em dados escolares que tinham como força comprovar que o baixo rendimento escolar das crianças negras americanas em idade escolar era resultante da sua competência linguística. Profissionais de outras áreas, como psicólogos, passam a defender a ideia de que os negros utilizavam uma língua não-padrão que lhes impedia a formulação de um raciocínio lógico, cujo veredicto foi a *verbal deprivation*, o que determinava a hipótese do *deficit verbal*. A solução, então, proposta para a *verbal deprivation* apresentada por essas crianças é que o ensino deveria ser voltado para uma educação escolar compensatória, ou seja, o ensino do inglês padrão (SE). Essa postura foi condenada por antropólogos e linguistas, que passaram a defender a ideia de que o problema não está na criança, mas na imposição de um ensino legalizado por um racismo institucionalizado pela sociedade americana, na segunda metade do século XX.

Assim, diante desse quadro, Labov se propõe a atestar que a presença ou apagamento da cópula, no BEV, na fala dos negros norte-americanos, não inviabiliza a formulação de um pensamento lógico, no ato da expressão linguística, nem tampouco é fator preponderante no insucesso escolar das crianças nas escolas americanas.

O estudo do Black English Vernacular (BEV) resulta de uma estratégica metodologia de pesquisa *in locus* para a análise da estrutura da língua inglesa. Essa pesquisa se propõe a investigar o aparecimento e a ausência da Cópula no vernáculo, localizando a origem dessa variação.

Utilizando-se do modelo teórico-metodológico, que tem por meta analisar e sistematizar a variação existente na fala de uma comunidade linguística, Labov, neste estudo, se propõe, diante dos dados coletados, separar, quantificar e testar as implicações dos efeitos de fatores condicionadores que interferem na opção de uma variável linguística em detrimento da outra.

Primeiramente, então, identifica a variável linguística dentro dos dados coletados, determinando o seu âmbito de aplicação, para verificar o que estes revelam. Os dados coletados conduzem o autor a duas hipóteses: a cópula não existe no BEV ou a cópula existe, mas é apagada. O sistema sedimenta o problema por acatar construções como: **He crazy ~ He is crazy ~ He' crazy**. O princípio básico da discussão é, então, identificar o ambiente de contração no inglês padrão (SE).

O trabalho de Labov revela, através dos dados coletados, que a cópula existe no Black English Vernacular (BEV), mas em alguns contextos sofre apagamento em função de fatores condicionantes resultantes do próprio sistema linguístico utilizado pelos negros do Harlem.

O estudo da variação é necessariamente quantitativo e a análise quantitativa envolve dados estatísticos, tabulação de dados de fala coletados, em diversos grupos de falantes de diferentes faixas etárias e etnia: os T-Birds (10-12 anos), Cobras (12-17 anos), Jets (16-18 anos), Oscar Brothers (16-18 anos), Adults (20-70 anos) e Inwood (10 –17 anos) apontam percentagens diferentes em ambientes de uso do IS com pronomes sujeitos e outros nomes que funcionam como sujeitos estando em *ful form, contracted and deleted forms*, nos seis grupos analisados. Surpreendentemente, os dados revelam que tanto os adolescentes brancos como os negros realizam a contração no mesmo ambiente. Portanto, a

diferença no padrão de fala entre as duas etnias não inviabiliza a compreensão de qualquer ato linguístico.

2.2 MÉTODOS DE ESTUDOS DE REGRAS VARIÁVEIS

A partir do modelo de análise proposto por Labov (1969), entende-se que a variação é inerente ao sistema linguístico e que esta pode identificar um grupo ou um indivíduo. Contrário ao modelo gerativo, pois nos moldes laboviano o que interessa é a frequência de aplicação de uma determinada regra produzida em circunstâncias reais de uso, o modelo proposto de análise de uma regra variável possibilita extrair regularidades de um determinado sistema linguístico, a partir de um conjunto de dados, e com isso descobrir as diferenças sistemáticas entre falantes conjugadas aos ambientes linguísticos e sociais em que estão inseridos.

Sobre uma análise feita nesses moldes, Tarallo argumenta que o modelo é eficiente ao mostrar que o aparente “caos” do sistema desaparecerá, pois:

[...] a língua falada avultará como um sistema devidamente estruturado. Os resultados finais de análise propiciarão a formulação de regras gramaticais. Estas, no entanto, devido à própria essência e natureza da fala não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias. Serão, conseqüentemente, regras variáveis, pois o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias lingüísticas (condicionamento das variantes por fatores internos) e não-lingüísticas (condicionamento das variantes por fatores externos, tais como faixa etária, classe social etc.) apropriadas à aplicação de uma regra específica. Trata-se, portanto, de um sistema lingüístico de probabilidades (1986, p. 11).

2.2.1 Regra variável

O termo *regra variável* foi introduzido por Labov no seu estudo sobre a presença e a ausência da cópula no Black English Vernacular (BEV), em Harlem, relatado no artigo *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula* (1969). Segundo o autor, a noção de regra opcional, entendida nos termos estruturalistas, não é capaz de identificar tendências variáveis sistemáticas, pois a análise dos dados do BEV mostrou que a regra variável incorpora restrições capazes mapear todas as tendências de variações (cf. LABOV, 1972a, p. 93-101).

A frequência de aplicação ou não-aplicação da regra variável, resultante das escolhas que o falante faz entre uma ou outra forma linguística, pode ser afetada ou influenciada por elementos contextuais intralinguísticos e extralinguísticos que são organizados em grupos de fatores. Desta forma, só o uso da regra variável permitirá demonstrar que a escolha de determinada variante feita por um falante em seu desempenho linguístico foi influenciada por fatores linguísticos ou sociais.

Para isso, Sankoff defende como pré-requisito essencial para análise de uma regra variável:

[...] a percepção por parte do pesquisador da existência de algum tipo de escolha entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas feitas pelo falante durante o desempenho. Além disso, este tipo de análise só se justifica se o resultado do processo de escolha for, pelo menos algumas vezes, não previsível por algum tipo de informação contextual, nos moldes dos fatores (traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional ou características sociodemográficas), que são conhecidos ou estabelecidos (caso contrário a análise da regra variável poderia se tornar desnecessária à medida que mais informação contextual pertinente fosse constatada – um cenário freqüentemente vislumbrado mas raramente observado) (1988, p. 984).

A operacionalização desse tipo de investigação, que envolve fenômenos linguísticos variáveis de uma determinada língua, exige uma sistematização de procedimentos que, conforme Labov (1972a), compreende a definição do número exato de variantes e a organização de toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece.

Para medir a influência que cada um dos diversos fatores de cada variável independente exerce sobre a variável dependente, a metodologia variacionista faz uso de modelos matemáticos que apresentam o cálculo da aplicação revertido em probabilidades.

2.2.2 Modelos quantitativos

Segundo Guy e Zilles (2007, p.101-102), entende-se como modelo quantitativo na sociolinguística variacionista o modelo de teoria que procura explicar as possibilidades de produções em uma língua e também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático. Assim, a abordagem principal que procura alcançar um modelo adequado aos fatos quantitativos de uso da linguagem é a chamada regra variável, na linha de Labov (1969) e Cedergren e Sankoff (1974). Os autores pontuam que o modelo de regra variável é extremamente eficiente para indicar tendências linguísticas sociais, porque:

[...] supõe que as probabilidades e pesos fazem parte da gramática mental dos falantes. São determinadas pela experiência do falante, aprendidas por ele na base de observações de outras pessoas ao usarem essa regra, justamente como se aprende qualquer outro elemento da linguagem. Portanto, deve ser o caso que os valores de determinado falante são semelhantes aos valores dos conhecidos, familiares e vizinhos, e que grupos sociais que falam mais entre si terão valores semelhantes no uso das variáveis (GUY; ZILLES, 2007, p. 102-103).

Para compreendermos o processo de elaboração desses modelos quantitativos, partiremos das descrições das primeiras propostas de modelos. Cedergren e Sankoff (1974) propõem um modelo aditivo para o cálculo da análise da regra variável, a partir do estudo de Labov (1969), segundo o qual postula que a probabilidade de aplicação de uma regra se aplicar em determinado contexto era calculada a partir da média global de aplicação da variante sob estudo. Assim, tinha-se:

$$P = p^o + p^1 \dots p^n \text{ (onde } P \text{ representa a probabilidade)}$$

Nas explicações de Sankoff (1988), esse modelo tem o mérito da simplicidade e é bastante apropriado quando há somente dois ou três grupos de fatores concorrentes, entretanto mostra-se ineficiente quando há muito fatores.

Para Naro (2004, p. 20), a média global serve como um ponto de referência para os fatores, cada um dos quais tem um efeito, positivo ou negativo, que aumenta ou diminui a frequência da variante no contexto.

Nesta fórmula, p^1 é um número fixo e p^o é um *input* comum para todos os ambientes. Esta fórmula foi baseada em modelos de análises estatísticas de variância.

Entretanto, esse modelo apresentava problemas de natureza técnica, ou seja, falhava ao calcular valores probabilísticos de aplicação fora do intervalo entre 0 (quando a regra nunca aplica) e 1 (quando a regra sempre aplica) em casos nos quais as frequências de aplicação eram muito diferentes em contextos, ou havia um número grande de contextos diferentes, uma vez que as probabilidades eram somadas (cf. ROMAINE, 1982, p. 185).

Por essa razão, Cedergren e Sankoff (1974, p. 337-339) propuseram modelos probabilísticos para análise da regra variável que substituem frequências por probabilidades. Junto a esses modelos, rotulados de *Modelos Multiplicativos*, uma importante complicação é introduzida, a saber: o problema de decidir sobre uma determinada regra, na fase da aplicação ou não-aplicação das probabilidades, em termos de modelo multiplicativo.

O modelo multiplicativo de aplicação tem a seguinte formulação:

$$P = p^o \times p^1 \times p^2 \times \dots \times p^n$$

Tal como no modelo aditivo, p^o é a probabilidade de *input* comum a todos os ambientes e p^1 a probabilidade de contribuição do traço presente à aplicação da regra, com valores compreendidos entre 0 e 1.

Segundo Cedergren e Sankoff (1974, p. 337), se p for a probabilidade de aplicação de uma regra linguística, então $1-p$ será a probabilidade da regra não se aplicar, cuja fórmula é resumida por:

$$(1 - p) = (1 - p) \times (1 - p^o) \times (1 - p^2) \times \dots \times (1 - p^n)$$

Romaine (1982, p. 186), em uma argumentação sumária, defende que os modelos multiplicativos permitem a constatação de que a presença ou a ausência de um traço determina a aplicação ou não-aplicação da regra. Em outros termos, parece que os dois modelos atendem à proposta mais satisfatoriamente do que o modelo aditivo.

Naro, ao discutir os modelos matemáticos, pontua de forma mais clara, afirmando que cada modelo tem uma área em que funciona satisfatoriamente, pois:

[...] o modelo multiplicativo da aplicação é apropriado à co-atuação de fatores desfavorecedores, enquanto o modelo multiplicativo de não-aplicação é apropriado para fatores favorecedores. Em qualquer dos casos, estamos longe da função que procuramos. Em face de uma massa de dados lingüísticos reais, não

há nenhum meio rigoroso de decidir sobre qual modelo utilizar, além do que, ainda que fosse possível escolher, a contínua troca de modelo à procura do melhor para cada caso resultaria num tratamento *ad hoc* dos dados em busca de “bons” resultados (2004, p. 21-22).

Com vistas a resolver os problemas e as inadequações apresentados pelos modelos multiplicativos, Rousseau e Sankoff (1978) desenvolvem um modelo mais adequado para a análise da regra variável, capaz de substituir, satisfatoriamente, os demais até então utilizados – é o *Modelo Logístico*.

A fórmula do modelo logístico é sumarizada como:

$$\frac{p}{(1-p)} = \frac{p^0}{(1-p^0)} \times \frac{p^1}{(1-p^1)} \times \frac{p^2}{(1-p^2)} \times \dots \times \frac{p^n}{(1-p^n)}$$

Segundo Sankoff (1988, p. 989), o modelo logístico tem duas propriedades que o tornam superior a outras funções que têm sido sugeridas: a) para qualquer soma dos efeitos dos fatores a percentagem estimada está sempre compreendida entre 0 e 1; b) o modelo é simétrico com respeito a escolhas binárias.

Esse modelo, apropriado para a análise de dados binários, estabelece que probabilidades¹⁵ maiores que 0,50 favorecem a aplicação da regra, enquanto menores do que esta a desfavorecem, e que, por outro lado, todas as probabilidades que se encontram em torno de 0,50 não exercem nenhum papel sobre a regra (cf. SCHERRE, 1998).

O modelo logístico mostra-se mais vantajoso, porque trabalha no sentido de quantificar a influência relativa de cada variável e de atribuir pesos aos diversos fatores das variáveis estabelecidas. Contudo, nem sempre é possível detectar a interferência entre os diversos fatores das diversas variáveis, o que exige uma tomada de postura de reanálise dos dados ou rediscussão da adequação do modelo utilizado para análise do fenômeno linguístico investigado.

Segundo Sankoff (1988, p. 990), uma coisa é estabelecer um critério que identifique que as estimativas são satisfatórias, e outra completamente diferente é encontrar os valores satisfatórios das estimativas. Em linguística, tem sido feito um amplo uso dos programas de regras variáveis que são preparados para receber o tipo de dado gerado nos

¹⁵ Naro sugere que o termo “probabilidade” seja substituído por “peso”, visto que o modelo logístico não segue o modelo de eventos independentes da teoria da probabilidade, como fazem os modelos multiplicativos (2004, p. 23).

estudos da variação que calculam os resultados de uma forma mais apropriada a estes estudos. Dois programas circulam amplamente: o VARBRUL 2S e VARBRUL 3, desenvolvidos pelo próprio autor, que rodam no antigo DOS. Entretanto, é oportuno ressaltar que versões mais recentes adaptaram esse programa para o sistema computacional Windows, o GOLDVARB-X (cf. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Um aspecto importante a ser destacado sobre o VARBRUL 2S é que ele avalia o grupo de fatores como um todo, gerando resultados numéricos relativos aos diversos fatores dos conjuntos de fatores estabelecidos para um dado *corpus*. Todavia, conforme Guy e Zilles: “O objetivo final de qualquer estudo quantitativo em pesquisa dialetal não é produzir números, mas identificar e explicar fenômenos lingüísticos” (2007, p. 31). O programa é apenas um recurso sofisticado à disposição do linguista.

O VARBRUL 2S é um pacote de programas computacionais que calcula os pesos relativos de cada variável independente. Para encontrar a configuração dos grupos de fatores mais apropriada a um determinado conjunto de dados, esse programa realiza uma seleção de fatores no formato passo-a-passo, em que a escolha de uma dada variável sofre influência de dois elementos distintos: a) o nível de significância, arbitrado em 0,05, o que significa que um grupo de fatores escolhido como estatisticamente significativo conta com uma margem de erro de 5%; b) *log likelihood* (cálculo da verossimilhança máxima) que mede o grau de adequação aos dados. Uma seleção é considerada ideal quando apresenta um nível de significância 0,000, pois ele representa uma certeza estatística de que os valores gerados pelo modelo estão adequados aos valores observados. Como trabalha com níveis diversos de análises, o programa efetua comparações entre os valores probabilísticos atribuídos aos fatores das variáveis cujos cálculos são descritos mediante dois processos: o *step-up*, em que o programa escolhe o grupo mais significativo e procura adicionar outros de forma que vá aumentando o *likelihood* até que não haja contribuição estatística significativa para o modelo, e o *step-down*, que verifica se as variáveis não selecionadas são também eliminadas (cf. SANKOFF, 1988; SCHERRE, 1998; GUY; ZILLES, 2007).

Normalmente, os valores dos pesos relativos são os mesmos na melhor rodada do *step-up* e *step-down*. Contudo, isto pode não acontecer, segundo Guy e Zilles, “quando se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais, em termos de distribuição de dados” (2007, p. 166); isto é, não coocorrem com dados semelhantes ou aproximados. No caso de uma variável independente

binária, os pesos relativos próximos de 1,0 são favoráveis à aplicação da regra, os próximos a 0,0 são inibidores e os próximos de 0,5 são neutros ou de efeito intermediário, a depender do número de dados (cf. NARO, 2004). A decisão de como interpretar os pesos relativos depende dos objetivos de cada pesquisa; o que não se pode é analisá-los isoladamente, posto que, conforme pontua Sankoff, “é a comparação de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pela suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais” (1988, p. 989).

Nesta tese, submetemos os nossos dados ao VARBRUL 2S.

2.3 O ESTADO DA ARTE

O excuro histórico sobre a realização das vogais médias pretônicas no Brasil, com timbres “aberto” ou “fechado”, constatou ser esse o principal argumento utilizado por Nascentes (1953)¹⁶ para a divisão das isoglossas diatópicas relativas às realizações das vogais médias em posição pretônica. Os subfalares do Norte foram demarcados pela neutralização dos contrastes de /e/ : /ɛ/ e /o/ : /ɔ/ em favor das médias baixas. Nascentes classifica o dialeto piauiense como uma variedade do subfalar nordestino.

Esse conhecimento sobre a realização das pretônicas pautado na delimitação das isoglossas definido por Nascentes perdurou até a década de 1970. A caracterização atribuída ao falar do Norte ser marcado foneticamente pela presença de vogais pretônicas abertas consolidou a versão mais difundida de que os falantes nortistas realizam as pretônicas sempre abertas, enquanto os sulistas as realizam fechadas.

Neste ponto, o primeiro trabalho a ser tomado como referência, por seu caráter “inaugural”, é o de Camara Jr. (1970), segundo o qual o sistema vocálico do português brasileiro, na posição pretônica, é constituído por cinco vogais /i, e, a, o, u/. O autor afirma que, nesta posição, ocorre um processo de neutralização, envolvendo as vogais médias

¹⁶ A primeira proposta de divisão dialetal de Nascentes consta da primeira edição de **O linguajar** (1922) em que altera a divisão de Rodolfo Garcia (1915). Nesta primeira versão, Nascente propõe a seguinte divisão dialetal: Nordeste (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia); Fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais, Distrito Federal); Sertaneja (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas Gerais, sertão dos Estados litorâneos desde o Maranhão até a Bahia) e o Sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Triângulo Mineiro).

abertas e fechadas, que se reduzirá “na área cujo centro é o Rio de Janeiro” (CAMARA JR., 1970, p. 33-34) favorece as médias fechadas.

A partir do final da década de 1970, começam a surgir no Brasil novos estudos sobre o comportamento variável das vogais médias pretônicas com a finalidade de delimitar a ação de algumas regras fonológicas, comparando-se dialetos distintos como também dentro do mesmo dialeto.

Mesmo guardando entre si diferenças em termos teóricos, metodológicos e enfoque interpretativo, esses trabalhos apresentam um objetivo comum que é mapear com precisão o processo de condicionamento da regra variável que atua em cada dialeto sob investigação.

Em geral, os novos estudos sobre as vogais pretônicas do português do Brasil ampliaram a discussão dos primeiros, atentando-se para o fato da maior influência na variação das médias pretônicas ser a natureza da vogal da sílaba subsequente o elemento condicionador da altura da pretônica, como veremos nas seções a seguir, em que se resumem trabalhos realizados sobre esse estudo em diferentes regiões do País.

2.3.1 A pretônica no Rio Grande do Sul

As pesquisas feitas no Rio Grande do Sul centralizaram seus estudos na descrição da regra de Harmonia Vocálica.

Nesta região, destaca-se o estudo de Bisol como o primeiro de cunho variacionista a abordar as variantes das vogais médias pretônicas do dialeto gaúcho.

2.3.1.1 Harmonização vocálica: uma regra variável (BISOL, 1981)

Bisol (1981), em sua tese de doutorado, realiza um minucioso estudo sobre as vogais médias na pauta pretônica interna. O estudo compõe-se de uma amostra principal constituída pelo registro da fala de 32 informantes, representantes da fala popular, pertencentes a quatro comunidades gaúchas sociolinguisticamente distintas: a) 08

metropolitanos monolíngues de Porto Alegre; b) 08 bilíngues de descendência italiana; c) 08 bilíngues de descendência alemã; c) 08 monolíngues fronteiriços; e, por uma amostra suplementar do Projeto da Norma Culta (NURC) de 12 informantes com curso superior, ao todo 44 informantes. Toda pretônica, independente de estar seguida de vogal alta, entra na amostra.

Usando o paradigma da regra de variação, desenvolvido por Labov (1972a,b), Cedergren e Sankoff (1974) e outros, a autora tem por objetivo principal averiguar os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que eleva a pretônica e através de operações matemáticas auferir a probabilidade de seu uso em dois níveis do falar gaúcho: fala popular e fala culta. Para tanto, estabelece fatores linguísticos (nasalidade, tonicidade, paradigma, sufixação, contextos fonológicos precedente e seguinte) e fatores extralinguísticos (etnia, sexo, situação e idade).

Bisol conclui que a alternância o~u e e~i é uma regra variável que resulta da ação conjugada de fatores em que o principal deles é a presença de uma vogal alta, quer átona ou tônica, na sílaba seguinte. A autora define esse processo variacional como Harmonização Vocálica, “um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, alguma ou todas as vogais média do contexto” (1981, p. 259), como, por exemplo, *adormeceria ~adormeciria ~adormiciria ~adurmiciria* (1981, p. 111).

Bisol (1981) constata que a variação da pretônica está sujeita à própria natureza do fenômeno de variação em três pontos: primeiro, a maior probabilidade de aplicação e uso da regra está diretamente relacionada com a multiplicidade de fatores concorrentes; segundo, que a regra pode deixar de aplicar em contextos que satisfaçam todas as condições necessárias de aplicabilidade e, por fim, que pode operar em contextos inesperados, embora com raridade.

Com relação à elevação da vogal média anterior /e/, Bisol aponta como ambiente mais favorável a presença da vogal homorgânica alta **i** na sílaba seguinte e que a não-homorgânica **u** tem uma influência menor. As razões de ordem articulatória indiciam a nasalidade como um fator expressivamente positivo para a elevação de /e/. As consoantes velar e palatal no contexto seguinte favorecem a aplicação da regra; por outro lado, as

consoantes alveolar e labial, quer precedente ou seguinte, comportam-se como neutras ao processo.

Já, para as médias posteriores, a autora constatou que qualquer das vogais altas, **i** ou **u**, na sílaba contígua à aplicação da regra igualmente favorece a regra. A ambiência consonantal que também atua como condicionador do processo tem as consoantes labial precedente e seguinte e a velar precedente como representantes mais expressivos. As consoantes apontadas como bloqueadoras da elevação da média posterior /o / são a alveolar e palatal quando em posição precedente. O fator etnia revelou-se bastante sensível em virtude do uso menor em grupos de colonização italiana e alemã.

Com base nos resultados obtidos, Bisol (1981) afirma que a Harmonia Vocálica encontra-se em estado estável nos quatro grupos, sem índices de mudança linguística.

2.3.1.2 Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha (BATTISTI, 1993)

Battisti (1993) analisa, em sua dissertação de mestrado, a elevação das vogais médias pretônicas, /e/ e /o/, em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha. O *corpus* do estudo é constituído por amostras de falas de dois grupos: popular e culto, um recorte da amostra de Bisol (1981): 28 informantes de representantes da fala popular e 7 informantes de nível superior (Projeto de Norma Culta Urbana – NURC).

Valendo-se do método variacionista, a análise quantitativa dos dados permitiu à autora conclusões muito semelhantes às de Bisol no que respeita à vizinhança de algumas consoantes:

- a elevação de /e/ é favorecida em ambientes de: dorsal precedente, palatal subsequente, nasal e sibilante;
- a elevação de /o/ é favorecida em ambiente de:dorsal precedente, labial precedente e subsequente;
- a ausência de contexto fonológico precedente favorece à elevação de /e/ e tende a preservar o /o/;

- as consoantes coronal anterior e vibrante funcionam como inibidoras na elevação de /e/ e /o/;
- /e/ eleva-se mais do /o/ porque /e/ possui mais condicionadores;
- sílabas iniciadas por prefixos favorecem apenas a elevação de /e/.

Diferentemente de Bisol (1981), os resultados de Battisti (1993) apontaram a vogal alta homorgânica na sílaba seguinte como ambiente favorecedor para ambas as vogais médias.

Os resultados quantitativos permitiram à autora constatar que a fala gaúcha tende a preservar as médias pretônicas em sílaba inicial, comportamento também evidenciado em posição interna nos resultados de Bisol.

2.3.1.3 A Harmonia Vocálica em dialetos do sul do País: uma análise variacionista (SCHWINDT, 1995)

Schwindt (1995), em sua dissertação de mestrado, investiga os contextos linguísticos e extralinguísticos que atuam na regra de elevação das vogais pretônicas, seguidas de vogal alta em uma das sílabas subsequentes da palavra, nos dialetos do português falado em Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, capitais que integram o Projeto Variação Linguística do Sul do País (VARSUL). O fenômeno foi analisado sob a perspectiva da Teoria da Variação, com o fim de se verificar a influência de fatores sociais e linguísticos na regra de Harmonia Vocálica.

O *corpus* da pesquisa constituiu-se do registro de fala de 36 informantes, falantes monolíngues do português. Segundo o autor, a regra de Harmonia Vocálica nos dialetos investigados apresenta sistematicidade, depreendida a partir da regularidade com que o fenômeno ocorre em determinados ambientes. O contexto principal para aplicação da regra é a presença de uma vogal alta contígua, já apontado por Bisol.

Em artigo de 2002, Schwindt retoma essa discussão fazendo um recorte somente com os dados do dialeto gaúcho. O autor apresenta e discute os resultados dos fatores que contribuem para esse processo.

Schwindt assume, com base em estudos precedentes, que a harmonização vocálica é uma regra variável, em moldes labovianos, motivada por fatores linguísticos e sociais, que tem baixa aplicação no português e que, do ponto de vista da mudança linguística, é um processo estável.

Os resultados mais relevantes da análise que asseveraram os argumentos do autor podem ser assim resumidos: (i) o gatilho e o alvo devem estar em relação de dominância, independentemente do acento da vogal alta; (ii) os contextos preferidos são a palavra não-derivada e verbos; (iii) a homorganicidade das vogais não se mostrou relevante.

A análise dos fatores linguísticos, segundo Schwindt (1995), além de apontar a caracterização da regra de harmonização vocálica como variação estável, no dialeto gaúcho, sinalizou, por outro lado, a existência de outra regra, de natureza fonética ou mesmo acústica, como mostrou Bisol (1981), que coexiste com a regra fonológica descrita em questão.

2.3.1.4 Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real (CASAGRANDE, 2004)

Casagrande (2004) apresenta uma análise da regra de harmonização vocálica em tempo real na cidade de Porto Alegre, contrapondo dados de fala referentes a duas épocas distintas: final da década de 1970 e final da década de 1990. O objetivo da autora é verificar o *status* da harmonização como regra variável, no sentido de ser uma variável em progresso ou uma variável com indícios de estabilidade, quer no indivíduo quer na comunidade. Para tanto, a necessidade da realização em dois estudos: um em tempo aparente¹⁷ e outro em tempo real¹⁸.

A amostra da pesquisa é constituída de 24 entrevistas, 12 para o estudo de painel e 12 para o estudo de tendência. A realização do estudo de painel foi feita utilizando-se seis

¹⁷ “Os estudos de distribuição em tempo aparente se fazem necessários em comunidades em que os dados em tempo real não estão disponíveis. A fim de se detectar variação e possível mudança linguística nesses casos, realiza-se na comunidade um recorte em função das faixas etárias dos falantes e compara-se o comportamento linguístico dos diferentes grupos etários, dos falantes mais jovens aos mais velhos” (CASAGRANDE, 2004, p. 38).

¹⁸ Segundo Labov, “para se detectar uma mudança linguística em uma comunidade de fala, é preciso arrolar evidências que mostrem alguma variação através de coleta e análise de dados, e, passadas algumas décadas, retornar ao local para verificar se houve ou não avanço no uso da regra variável em estudo” (1994, p. 39).

informantes recontatados do projeto NURC¹⁹ que tiveram sua fala gravada, pela primeira vez, em meados de 1970 e, pela segunda vez, no período de 1998 a 2000. O estudo de tendências teve como base Bisol (1981), em que a autora analisa, ao lado de uma amostra maior representativa da fala popular, uma amostra suplementar representante da fala culta de Porto Alegre, extraída do projeto NURC, constituída por doze indivíduos com nível superior. Todos os informantes, nos dois estudos, possuem nível superior.

Casagrande (2994) analisa 5.538 dados, 2.933 para a vogal /e/ e 2.605 para a vogal /o/. Os resultados da análise quantitativa para o estudo de painel dizem respeito às variáveis sociais e possibilitaram as seguintes conclusões: a) os falantes mais velhos, tanto para /e/ quanto para /o/, comparativamente, mudam seu comportamento; b) os falantes da faixa etária intermediária, tanto para /e/ quanto para /o/, tendem a diminuir o uso da regra à medida que avança de faixa etária; c) os mais jovens mudam o comportamento ao usar menos a vogal alta no ambiente da pretônica /o/; d) o comportamento dos mais jovens para a pretônica /e/ não pode ser definido por um padrão.

Em termos gerais, no que respeita ao estudo de tendências, em que se averigua o comportamento da comunidade, Casagrande (2004) compara seus resultados aos de Bisol (1981) e, ao procurar ver a simetria de aplicação da regra entre os estudos, constata um decréscimo de aplicação na amostra do final da década 1990, em relação à amostra do final de a 1970, indicando que a comunidade, assim como os indivíduos, não permanecem estáveis e, de modo geral, apresentam discreta regressão no uso da regra.

Em relação ao estudo em tempo aparente, expectativas baseadas no estudo de Bisol (1981) são confirmadas, pois muitos dos fatores mostraram exercer a mesma influência sobre a regra, como: a) vogal alta contígua, tônica ou não, é o fator determinante na aplicação da regra; b) a presença de consoantes de articulação alta entre as vogais-alvo e gatilho; c) o papel do sufixo verbal com vogal alta em detrimento de outros sufixos.

Especificamente em relação aos aspectos fonológicos, Casagrande (2004) constatou que: a) o espraçamento do traço de abertura não encontra obstáculos se houver segmentos consonantais simples intervenientes correspondentes no traço alto²⁰, como *perigo* ~ *pirigo*, *coluna* ~ *culuna*; b) o nó de abertura existente nos segmentos /ñ/ e/ λ intervenientes, ao invés de bloquear o espraçamento, dá continuidade ao processo, lançando

¹⁹ Únicos informantes disponíveis até a época da pesquisa.

²⁰ A autora segue Clements e Hume (1995) na classificação dos traços.

seu próprio espriamento, como em *s[eñ]ior ~ s[iñ]or*, *m[eλ] or ~ m[iλ]or*; c) o espriamento [-aberto 2] parece atuar com mais facilidade dentro do limite de palavras prosódicas e palavras derivadas a partir de sufixos derivacionais produtivos e sufixos flexionais de verbos, como em *correria ~ corria*, *pedia ~ pida*.

2.3.2 A pretônica no Rio de Janeiro

Talvez pelo seu caráter histórico como o centro irradiador do padrão linguístico nacional, o dialeto carioca destaca-se como a variedade de uso do português do Brasil com grande número de estudos que fazem referências às vogais pretônicas, a começar por Nascentes (1953) a Camara Jr. (1970), ou que tratam especificamente sobre elas, como as pesquisas, dentre outras, de Callou (1986, 1991, 1995 e 2006) e Yacovenco (1993).

2.3.2.1 Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991).

Callou, Leite e Coutinho (1991), diferentemente das primeiras pesquisas realizadas por Bisol (1981) e Viegas (1987), estudam a variação das vogais médias do dialeto carioca observando não só a regra que proporciona a elevação, mas o fenômeno do abaixamento entre as vogais médias mesmo com frequência baixa. Neste dialeto, confirmou-se a existência da tripla alternância, porém com predominância da realização das médias fechadas [e] e [o]. As autoras detectam no dialeto carioca a presença de alternâncias duplas com vogal alta ou média em um mesmo item lexical, mas ressaltam que alternâncias entre alta/baixa jamais ocorrem, diferentemente do que Barbosa da Silva (1989) constata no dialeto de Salvador (ver adiante).

Callou Leite e Coutinho (1991) apresentam estudo sobre a realização das vogais pretônicas no dialeto carioca com o objetivo de delimitar a ação da regra de harmonização vocálica. O *corpus* compõe-se do registro de fala de 18 informantes, 9 de cada sexo, compreendendo três faixas etárias, distribuídos em três áreas geográficas de residência, no âmbito do Projeto de Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro.

Utilizando-se da metodologia laboviana, foram analisadas 4.310 ocorrências, das quais 2.133 são da vogal **e**, 1.213 da vogal oral **o**, 538 da vogal nasal **ẽ**, 276 da vogal nasal posterior **õ** e 150 ditongos.

A análise quantitativa dos dados possibilitou às autoras concluir que o processo de elevação das vogais médias pretônicas obedece a fatores diferenciados, distinguindo-se o comportamento da vogal anterior do comportamento da posterior. Na elevação da vogal anterior, a presença da vogal tônica homorgânica ou não-homorgânica mostra-se como fator expressivo, confirmando o que a análise de Bisol (1981) apontara.

Em relação ao abaixamento das vogais pretônicas, a análise probabilística apontou um percentual muito baixo. Callou, Leite e Coutinho (1991) chamam a atenção para o fato de que as descrições dessas ocorrências no dialeto carioca são atribuídas a dois ambientes bem restritos de atuação: 1) palavra com vogal média aberta tônica acrescida de sufixos diminutivos ou de superlativos ou formador de advérbio; 2) harmonização vocálica com uma vogal tônica baixa.

As autoras pontuam que a regra de elevação no dialeto carioca é um processo estável, sem qualquer indício de progressão, enquanto o abaixamento pode ser considerado como um processo em sua fase inicial que complementa e generaliza a harmonização vocálica: vogais médias podem se realizar como altas no ambiente de vogais altas tônicas e como baixas no ambiente de vogais baixas.

2.3.3 A pretônica em Minas Gerais

Os primeiros estudos sobre a variação das vogais pretônicas no falar mineiro tomam um rumo diferente do que foi adotado nos estudos dos falares gaúcho e carioca. O alçamento das vogais pretônicas é analisado pela ótica do conflito entre os modelos neogramático e de difusão lexical. O objeto principal das primeiras análises é a questão da implementação da regra de variação. Neste ponto, destacam-se as pesquisas de Viegas (1987), apresentadas na sua dissertação de mestrado e na sua tese de doutorado (2001).

2.3.3.1 O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais (VIEGAS, 2001)

Viegas (2001), ao retomar o tema de sua dissertação de mestrado²¹, traça como objetivo principal, neste novo estudo, a discussão de dois modelos teóricos da mudança linguística, o modelo neogramático e o modelo difusionista.

O *corpus* do trabalho compôs-se de dois tipos de itens lexicais: a) itens lexicais tomados da amostra de 1987, acrescidos de outros baseados na própria intuição de falante nativa, e ainda da análise de textos dos séculos XIII, XIV e XVI; b) itens lexicais do português contemporâneo falado por 16 informantes, da região de Belo Horizonte, divididos em dois grupos diferenciados pela renda mensal, sexo, idade, profissão e escolaridade.

Ao analisar os itens *ciroulas*, *cenoura*, *cebola ~cibola*, *simestre e semanal* citados por Oliveira (1991) como contraexemplos à regra de alçamento, a autora observa que são nomes comuns, possíveis em estilo informal, e que, embora não possuam contexto para a mudança, uns alçam a vogal e outros não.

Cuidando dessa questão, Viegas (2001) propõe uma análise histórica dos itens lexicais para só então fazer uma análise dos itens que possuem contexto que poderiam ser atingidos pela regra e não o são e dos que não possuem contexto e que, apesar disso, alçam a vogal. Ao fazer isso, a autora tenta encaixar o estudo do alçamento no modelo neogramático com o fim de precisar as “exceções” com auxílio do estudo histórico, pois defende que muitas delas poderiam ser consideradas empréstimos e já terem sido incorporadas ao sistema com a vogal alta ou serem considerados processo analógicos de acordo com o modelo neogramático.

O levantamento e os dados das informações históricas relacionadas aos itens lexicais através dos séculos possibilitaram constatar que o processo de alçamento no português teve início nos séculos XIII a XVII, com registros como: *cymitério*, *midida*, *custura*, *jugar*, *suffrer* (século XIII); na maioria dos casos a vogal alçada é posterior como

²¹ **O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística**, defendida em 1987. Neste trabalho, a autora analisa a elevação do traço de altura das vogais médias pretônicas (casos como “mininas, cunversa”, etc.) na fala de moradores de duas áreas, diferenciadas socioeconomicamente, da região metropolitana de Belo Horizonte.

fogueira (século XIII), fugueyra (século XIV). Segundo Viegas, existe uma seleção lexical associada ao alçamento.

No que respeita à pesquisa histórica, Viegas (2001) conclui que na passagem do latim ao português há itens que não seguem a “lei geral”, como, por exemplo, *milhor* (arc.) por *melhor*, e que existem variações na passagem do latim ao português que podem refletir critérios de escrita ou variações fonéticas relativas a grupos sociais ou regiões geográficas distintas, os quais indicam uma tendência à elevação da vogal média.

A autora constata que a variação *o ~ u* e *e ~ i* pode ocorrer sem a presença da vogal alta como fator condicionante. No caso da vogal média pretônica anterior, notou-se a extrapolação do ambiente de vogal alta subsequente, pois os itens *melhor*, *senhor* e *Geraldo* ocorrem com a vogal alta na pretônica. Já no caso da média posterior, itens com ambiente de vogal alta subsequente ora ocorrem com [o], ora com [u], como em: *comprido ~ cumprido*, *costume ~ custume*, *fortuna ~ furtuna*.

Assim, Viegas (2001) afirma que, se analisarmos o alçamento das vogais médias pretônicas com os “olhos” dos neogramáticos procurando regularidade, podemos até encontrá-las com muito esforço, pois no caso de /e/ tem-se um ambiente favorecedor que é a vogal alta contígua que desencadeia o processo de harmonização, enquanto que no caso de /o/ a harmonização expande-se para um processo de redução motivado pelas consoantes adjacentes.

Na realidade, a autora não se mostra uma fiel adepta da teoria dos neogramáticos, pois enfatiza a presença das variantes *e~i*, *o ~u* sem condicionantes.

Daí decorre sua inclinação pelo modelo difusionista, pois, segundo Viegas (2001), ele explica melhor o processo de implementação de mudança porque permite fazer uma análise condizente com as realidades históricas e sociais das comunidades de fala, sobretudo no que diz respeito ao uso do item vocabular e sua valorização social.

2.3.3.2 Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade (GUIMARÃES, 2006)

Guimarães (2006), em sua dissertação de mestrado, apresenta uma análise das vogais médias, em posição pretônica, a partir de dados dos dialetos das regiões Norte e Sul de Minas Gerais. As diferentes variações encontradas nestas regiões, bem como os processos e ambientes fonológicos que atuam determinando as escolhas dos falantes foram descritos à luz da Teoria da Otimalidade (doravante TO).

O *corpus* do trabalho foi constituído a partir de dados coletados em seis cidades, divididas em três para cada uma das regiões pesquisadas. Do norte de Minas, coletaram-se dados das cidades de Bocaiúva, Montes Claros e Mirabela; do sul de Minas, das cidades de Bom Sucesso, Lavras e Três Corações. Para cada região foram selecionados 12 informantes, obedecendo-se aos seguintes critérios: a) ter nascido na região; b) enquadrar-se nas faixas entre 20-39 anos ou acima de 40 anos de idade; c) ter o Ensino Fundamental completo.

Os 3.055 dados coletados revelaram, segundo Guimarães (2006), um fenômeno interessante de variação, pois na produção dos falantes da região Sul não se observou a presença da vogal média aberta em posição pretônica, enquanto em determinados contextos fonológicos a presença dessa vogal é absolutamente relevante no Norte. Para determinar melhor os ambientes que favorecem a presença de outra vogal foi utilizado o programa GOLDFARB 2001.

Em termos estatísticos, os resultados dos dados confirmaram a expectativa do autor, pois na região Sul de Minas a ocorrência de vogais médias fechadas foi de 98,5% contra 1,5% de emissões com vogais médias abertas; na região Norte o índice de ocorrência de vogais médias fechadas foi de 86,5%, mas com uma presença marcante de emissões das vogais médias abertas, 13,5%. Dos resultados estatísticos, viu-se que a região sul do Estado apresenta uniformidade no que tange à escolha entre vogal média aberta e vogal média fechada. Contudo, Guimarães (2006) chama atenção para o alçamento fora do contexto da vogal alta, como *governador~guvernador*, *coelho~cuelho*, *demais~dimais* que não se enquadram no processo de Harmonia Vocálica. Sobre isso, levanta um questionamento: *Qual processo fonológico interfere, de fato, no alçamento das vogais médias da região sul de Minas: harmonia ou redução vocálica?* O percentual obtido para o

contexto de alçamento por Harmonia Vocálica foi de 62,75% e para o contexto para a redução sem Harmonia Vocálica foi de 13,4%.²²

A região Norte, por sua vez, apresentou um fator que chancela a presença de médias baixas na posição pretônica: a presença de outra vogal média aberta em sílaba pretônica. O índice registrado, nesta situação, foi de 59%, como em *hip[ɔ]pótamo*, *r[ɛ]lógio*, *v[ɛ]lório*. Outros ambientes foram: sílaba travada pelo /R/, como em *j[ɔ]rnal* e *c[ɛ]rteza*; sílaba tônica constituída com /eN/ ou /oN/, *fr[ɛ]quência*, *m[ɔ]mentos*, *in[ɔ]centes*.

Em relação à aplicação da TO aos dados de variação, o autor conclui que a alternativa dos ranqueamentos múltiplos demonstra ser a mais eficaz para explicar os fenômenos de variação do dialeto em estudo.

2.3.3.3 As vogais médias em posição pretônica nos nomes do dialeto de Belo Horizonte: um estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade (ALVES, 2008)

Alves (2008), em sua tese de doutorado, analisa a variação das vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte via Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993; MacCARTHY; PRINCE, 1993).

Para averiguar se a variação no dialeto investigado se manifesta de forma intraindividual ou interindividual, a autora analisou três *corpora* diferentes do dialeto: a) 08 informantes, extraídos do *corpus* POBH²³; b) 21 informantes, retomados do *corpus* de Alves (1999); c) 02 informantes do *corpus*, fala espontânea, em que os falantes não sabiam que estavam sendo gravados.

Sumariamente, Alves (2008) pontua que a análise dos três *corpora* possibilitou a constatação de que as vogais médias em posição pretônica, no dialeto de Belo Horizonte,

²² O processo de redução vocálica, neste trabalho, “refere-se a uma espécie de redução de proeminência de uma vogal média. Através dessa redução de proeminência, uma vogal média é alçada sem que haja um ambiente que favoreça essa situação. Um exemplo claro disso é dado pela palavra *g[ɔ]vernador* que passa a *g[u]vernador*, sem que na sílaba seguinte haja uma vogal alta” (GUIMARÃES, 2006, p. 21).

²³ Projeto do Português de Belo Horizonte – POBH, banco de dados sobre o falar culto da região de Belo Horizonte, coordenado pelo prof. Dr. José Olímpio de Magalhães (UFMG, 2000).

têm uma complexidade muito grande com relação as suas realizações, pois os dados mostraram que:

- a grande maioria dos resultados constatou a preferência à vogal média fechada, em posição pretônica tanto na série anterior como na posterior;
- o contexto linguístico influencia a realização da vogal;
- os fatores que favorecem a elevação da vogal média anterior são diferentes da posterior;
- o dialeto de Belo Horizonte apresenta duas formas de Harmonia Vocálica, uma delas motivada pelos traços [alt], como *m[i]dida*, *c[u]mida*, e a outra por [-ATR], como *pr[ɔ]p[ɔ]sta*, *[ɛ]xc[ɛ]sso*;
- o fenômeno de variação linguística apresenta dois formatos de variação: a) a variação entre a vogal média fechada e a vogal média aberta; b) a variação entre a vogal média fechada e a vogal alta. Essas variações são mais evidentes quando interindividuais.

Dos resultados da análise à luz da Teoria da Otimalidade, Alves (1999) conclui que a abordagem pela classificação dos segmentos vocálicos através do traço gradual [aberto] associado ao ranqueamento parcial de restrição é a melhor forma para explicar a variação das vogais médias nos nomes em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte, porque os falantes deste dialeto ativam os ranqueamentos parciais de forma particular para cada uma das realizações da vogal média na posição pretônica. O traço [aberto] contribui para a simplicidade de informação e economia de restrições.

2.3.3.4 A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco (DIAS, 2008)

Dias (2008) descreve, em sua dissertação de mestrado, a realização das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ do dialeto das cidades de Piranga e Ouro Branco – MG. Com base na Teoria da Variação e Mudança, analisa três variantes das vogais médias pretônicas: as fechadas [e] e [o], realizações abertas [ɛ] e [ɔ] e realizações alçadas [i] e [u].

A autora analisa 15.407 ocorrências de vogais pretônicas, coletadas em três estilos, como leitura de texto, leitura de palavra e entrevista com 16 informações, 8 homens e 8 mulheres que representam a população das cidades.

Os dados coletados foram submetidos ao modelo logístico multinomial, incluído no software *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*. Os resultados da análise quantitativa dos dados das suas cidades possibilitaram as seguintes conclusões:

- a) o alçamento de /e/, nas duas cidades, ocorre por meio da harmonização vocálica. O alçamento é ligeiramente estigmatizado, pois há uma grande redução do alçamento nos estilos leitura de texto e leitura de palavras, em relação ao estilo entrevista;
- b) o abaixamento de /e/ resulta de um processo de neutralização, em favor da baixa nas duas cidades. O percentual de abertura de /e/, em Piranga é superior ao percentual de abaixamento em Ouro Branco, nos três estilos estudados;
- c) o alçamento de /o/ em Piranga e Ouro Branco é favorecido pelas vogais altas na sílaba tônica, ocorrendo, nesses contextos, o processo de Harmonia Vocálica. O alçamento também é ligeiramente estigmatizado nas duas cidades. A Harmonia Vocálica não é suficiente para explicar todos os casos de alçamento da pretônica posterior, em Ouro Branco, pois ocorre também o processo de redução vocálica sem condicionante. Assim, nas duas cidades, além da Harmonia têm-se a redução vocálica, sem condicionamento fonético;
- d) o abaixamento de /o/, em Piranga e Ouro Branco, ocorre por meio do processo neutralização, em favor da média aberta. O percentual de abertura de /o/, em Piranga, é muito superior ao percentual de abaixamento em Ouro Branco, nos

três estilos estudados. Não há estigma evidente para abaixamento nessas cidades.

Dias (2008) ressalta, ainda, que, para chegar a essas conclusões, foi preciso trabalhar sempre com o item lexical e com o processo. Os processos de alçamento e de abaixamento, nas duas cidades, ocorrem por difusão lexical e desenvolvem-se gradualmente através do léxico. A ordem geral, como tendência dos processos em Piranga, é manutenção > abaixamento > alçamento, enquanto em Ouro Branco a ordem é a manutenção > alçamento > abaixamento.

2.3.4 A pretônica no Espírito Santo

O dialeto capixaba apresenta uma característica incomum em relação aos demais que compõem a sua região, produz a realização da vogal média pretônica em três alturas: média fechada, média aberta e alta. Com essa caracterização linguística, o dialeto parece constituir uma área de transição entre os dialetos do norte e do sul do Brasil.

2.3.4.1 As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES (CÉLIA, 2004)

Em sua dissertação de mestrado, Célia (2004) busca descrever a variação linguística, envolvendo as vogais médias pretônicas /e o/, que podem realizar-se ora como [e o], ora como [i u] ou ainda como [ɛ ɔ], na variedade culta da fala de Nova Venécia – Espírito Santo.

Célia (2004) analisa 2.950 ocorrências de vogais médias pretônicas, sendo 1.714 contextos de /e/ e 1.236 de /o/, considerando oito fatores linguísticos (nasalidade, tipo de tônica, distância, pretônica seguinte, atonicidade, consoante precedente e seguinte, estrutura silábica). Os dados foram coletados a partir de entrevistas com 09 falantes do

sexo feminino²⁴, portadores de nível superior e divididos em três faixas etárias (25-35 anos; 36-55 anos e +56 anos).

Submetidos ao programa estatístico GOLDVARB 2001, os resultados da análise estatística permitiram à autora as seguintes conclusões:

- as vogais médias pretônicas podem variar entre realizações médias fechadas [e o], elevadas [i u] ou médias abertas [ɛ ɔ], e tal variação se dá por um processo de assimilação do traço de altura da vogal da sílaba seguinte, independentemente de sua tonicidade;
- o alteamento das vogais médias pretônicas, assim como nos demais dialetos, tem como principal fator favorecedor a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte;
- a estrutura da sílaba em que se encontra a vogal pretônica também é um fator relevante para o alteamento. As sílabas abertas CV favorecem o alteamento e as sílabas travadas CVC o inibem;
- a atonicidade da vogal pretônica é outro fator relevante. As vogais átonas permanentes são o ambiente favorecedor da aplicação da regra de elevação tanto de /e/ quanto de /o/;
- as consoantes que favorecem a elevação de /e/ são a palatal e a bilabial precedentes e a velar seguinte. Já para /o/, mostraram-se favorecedoras a palatal e a velar precedente, além da labiodental seguinte;
- o abaixamento das médias segue os mesmos padrões da elevação e tem como principal favorecedor a presença de uma vogal baixa na sílaba seguinte;
- a consoante labiodental favorece o abaixamento de /e/ em posição precedente, enquanto a alveolar e a bilabial o fazem quando em posição seguinte à pretônica. O abaixamento de /o/ é favorecido pelas consoantes seguintes alveolar, palatal e labiodental.

²⁴ Segundo Alves, a uniformização da variável sexo deve-se ao fato do número reduzido de informante para a pesquisa e que, conforme trabalhos já realizados, esse fator não apresenta diferenças muito relevantes entre os gêneros masculino e feminino (1999, p. 46).

Das conclusões de Célia (2004), vale ressaltar as observações sobre o abaixamento na fala do capixaba, pois, segundo a autora, não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, mas também não é tão frequente quanto na Bahia. Neste ponto, é oportuno reproduzir os percentuais: 16% para [ɛ] e 23% para [ɔ], com o interessante dado de que a média posterior parece ser mais susceptível de variação do que a anterior. Por essa razão, para autora, o Espírito Santo parece ser uma região de transição, no que diz respeito à realização das vogais médias em posição pretônica.

2.3.5 A pretônica em Brasília – DF

Em Brasília, os estudos sobre as pretônicas focalizam o comportamento variacional dessa vogal, considerando uma análise binária de elevação e abaixamento. A regra de alçamento, por ser bastante produtiva e aplicar-se indiscriminadamente a todos os dialetos do português brasileiro, mostra resultados de aplicação que se assemelham aos demais encontrados em outras regiões no que respeita aos fatores linguísticos e sociais. Por outro lado, atribui-se ao fenômeno de abaixamento a quantidade de migrantes nordestinos na região do Distrito Federal.

2.3.5.1 A variação das vogais pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? (BORTONI; GOMES; MALVAR, 1992)

Bortoni, Gomes e Malvar (1992) analisam a variação das vogais médias pretônicas, no dialeto de Brasília, sob a perspectiva de discutir se essa variação resulta de um fenômeno neogramático ou de implementação lexical²⁵. Para tanto, partem do mesmo ponto interrogativo de Oliveira (1991), segundo o qual a Harmonia é um processo de difusão em pauta.

Segundo a análise das autoras, em relação à vogal média [e], os resultados indicam como ambientes favorecedores de elevação desta vogal: a) vogais altas orais e nasais na sílaba seguinte; b) posição inicial absoluta; c) presença de consoante velar, /S/ e

²⁵ Para o modelo neogramático, o processo de mudança é foneticamente gradual e lexicalmente abrupto. Já o modelo difusionista que tem como unidade básica a palavra, o processo se dá abruptamente nos sons; mas de forma gradual no léxico.

hiato; d) contexto de sílaba átona permanente. Para o abaixamento desta vogal, por sua vez, foram detectados os seguintes ambientes favorecedores: a) consoantes alveolares, velares e labiais; b) travamento silábico por /R/.

Quanto aos resultados encontrados para a média [o], as autoras afirmam como ambientes favorecedores de elevação: a) todas as vogais, exceto [o,õ,a,ã,e]; b) consoantes palatais, velares e labiais; c) vogais em sílabas átonas permanentes. Para o abaixamento desta vogal, os ambientes descritos são: a) [i, e] e as vogais baixas; b) consoantes alveolares e velares; c) sílaba átona eventual.

Os fatores não-estruturais foram mais significativos para o abaixamento, pois se observou que as mulheres apresentam uma probabilidade ligeiramente superior à dos homens. Outro fator favorecedor do abaixamento foi a classe social, pois a classe média baixa constituída por migrantes nordestinos parece estar incorporando a variante aberta, enquanto os da classe média alta a usam pouco.

Quanto à questão inicial, as autoras que se sentem inclinadas a advogar em favor dos neogramáticos com base na Harmonia Vocálica afirmam que os dados de Brasília não são suficientes para apontar qual modelo explicaria melhor a variação da pretônica.

2.3.6 A pretônica em Formosa – Goiânia

A cidade de Formosa, na região do entorno do Distrito Federal, mostra um fenômeno complexo para as vogais pretônicas semelhante à variedade nordestina, pois apresenta uma variação ternária das vogais nesta posição. Essa variação tripartida liga o dialeto de Formosa às variedades linguísticas do norte de Minas Gerais, Bahia e ao de Teresina-PI, como podemos constatar.

2.3.6.1 A fala de Formosa – GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas (GRAEBIN, 2008)

Graebin (2008), ao discutir a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, na fala de Formosa-GO, sob a perspectiva da Teoria da Variação, procura encaixar o dialeto dessa comunidade de fala no panorama linguístico brasileiro.

Ao detectar que, na fala de Formosa, a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica admitia três possibilidades: média aberta, média fechada e alta, a autora analisa as possibilidades de pronúncia, definindo-as nos seguintes grupos:

- i. elevação – quando as vogais /e/ e/o/ são realizadas como na forma alta [i] e [u], como em *filiz*, *juelho*;
- ii. abaixamento – quando as vogais pretônicas são realizados na forma média aberta [ɛ] e [ɔ], como em [ɔ]*brigado*, dif[ɛ]*rente*;
- iii. manutenção da média fechada – quando não houver alteração das vogais /e/ e /o/, na posição pretônica, como em *cerrado*, *profissão*.

Graebin (2008) analisa 6.546 ocorrências de vogais pretônicas, 3.683 da vogal /e/ e 2.863 da vogal /o/, coletadas em entrevistas com 16 informantes distribuídas nos seguintes grupos de fatores sociais: sexo (masculino e feminino), escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior), classe econômica (classe baixa, classe média e classe alta)²⁶ e contato com Brasília (trabalha em Brasília e não trabalha em Brasília). As variáveis intralinguísticas consideradas na análise foram: a) zona de articulação das variantes da variável dependente; b) vogal da sílaba seguinte; c) contextos fonológicos precedente e seguinte; d) acento secundário. Foi acrescido, ainda, o fator nível de formalidade do discurso.

Os dados foram submetidos ao GOLDVARB-X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que tem como princípio a média multivariada, ou seja, é capaz de investigar as múltiplas variáveis que podem estar influenciando a variável linguística em estudo.

²⁶ Os parâmetros utilizados, nesta pesquisa, para avaliar e classificar socioeconomicamente o informante foram: informações sobre sua ocupação e/ou dos pais, cônjuge; observação da moradia, escola que os filhos frequentam e bens como carro, computador e eletrodomésticos.

Para estabelecer uma relação entre a variedade falada em Formosa com outras variedades linguísticas do Brasil, a autora compara seus resultados com os estudos realizados dentro dos limites de mesma isoglossa, que inclui, especialmente: o de Barbosa da Silva (1989), sobre a fala culta de Salvador; o de Soares (2004), sobre a variedade falada em Jeremoabo-BA; e os de Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e Corrêa (1998), sobre a fala de Brasília. No entanto, como Formosa apresenta uma variação complexa, considerada como uma fala pertencente a um âmbito linguístico maior, compara ainda seus resultados com os estudos sobre as variedades das regiões Sul e Sudeste do país, como o de Callou, Leite e Coutinho (1991), Rio de Janeiro; o de Bisol (1989) e o de Schwindt (2002), Rio Grande do Sul; o de Viegas (1995) e o de Oliveira (1991), Belo Horizonte.

Os resultados da análise quantitativa permitiram a Graebin concluir que nem todos os contextos analisados suportaram as três variantes identificadas e que os dados de Formosa não puderam sustentar que a variação das pretônicas /e/ e /o/ estejam sendo motivadas única e exclusivamente pelo nível fonético – o que confirmaria a visão neogramática –, mas também não indicam a ocorrência de um processo puramente difusionista. Eles apontaram para uma influência de vários níveis da língua, num constante movimento e numa contínua relação, conforme a proposta de Bybee (2002).

2.3.7 A pretônica no Rio Grande do Norte – Natal

Em Natal, o comportamento das vogais médias pretônica é apresentado sob uma proposta de formalização de uma regra básica de médias abertas para as vogais médias, acrescida de um processo de harmonização vocálica que fecha o timbre da vogal em vizinhança de vogal média fechada subsequente, a partir de sílaba tônica.

2.3.7.1 Vogais pretônicas médias na fala de Natal (MAIA, 1986)

Maia (1986) analisa o comportamento das vogais médias pretônicas no dialeto natalense, considerando que a região Sudeste irradia para o Nordeste brasileiro uma norma de pronúncia, para as vogais médias, com predominância das fechadas.

A amostra utilizada é constituída de seis falantes nativos, sendo quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, com faixa etária compreendida de 20 a 30 anos. No que diz respeito à escolaridade, três falantes são universitários, pertencentes à classe média alta, e os outros três são semianalfabetos, da classe média baixa da esfera social investigada.

Para a composição dos dados de fala foram extraídos apenas itens lexicais com vogais pretônicas [e/ɛ] e [o/ɔ]. Exclui-se propositadamente itens com pronúncias com vogais pretônicas como alta [i] e [u] por não serem estes traços diferenciados e sim convergentes entre as duas pronúncias aqui confrontadas, a natalense e a carioca.²⁷

Os itens lexicais foram analisados levando-se em consideração a sílaba seguinte nos seguintes aspectos: a altura da vogal da sílaba seguinte, a tonicidade, o peso da sílaba, em termos de aberta e fechada e a nasalidade da vogal.

Os resultados da análise permitiram à autora as seguintes afirmações:

- o dialeto de Natal apresenta um alto índice de ocorrência de vogais pretônicas médias abertas, ao contrário do Rio de Janeiro e cidades do sudeste/sul do Brasil;
- não é verdadeira para Natal a observação de Silva Neto (1950) de que todas as pretônicas sejam abertas;
- a ocorrência da pretônica fechada é altamente previsível em termos estruturais, obedecendo a uma regra de harmonização de timbre e altura que se processa da vogal média fechada para a sua vizinha imediata à esquerda. Esta regra se aplica apenas quando o segmento do ambiente condicionador é oral;

²⁷ As razões elencadas para esse confronto, segundo a autora, foi a sua própria naturalidade carioca, por ser esse dialeto objeto de várias descrições e, ainda, o centro irradiador de uma norma nacional.

- a ocorrência da pretônica aberta é, em termos estruturais, menos previsível, dada a diversidade de ambientes em que acontece;
- vogais pretônicas médias abertas ocorrem em ambiente de vogais baixas, vogais nasalizadas e vogais altas imediatamente subsequentes;
- pretônicas médias fechadas também podem ocorrer antes de vogais não-médias ou não-fechadas, variando, em muitos casos, com as médias abertas;
- pretônicas médias abertas nunca ocorrem diante de tônica fechada imediata;
- na fala de Natal, a vogal pretônica aberta que ocorre na maior gama de ambientes resulta da neutralização de oposição entre as vogais de cada uma das séries médias.

Em termos de formalização, a autora postula um sistema de três regras de tipo gerativo padrão. A primeira regra é elaborada de forma a abrir o timbre de todas as pretônicas médias e, com isso, gerar os casos em que a pretônica é aberta, em tanta diversidade de ambientes. A segunda é uma regra de harmonização vocálica que parte da vogal tônica para a pretônica média que lhe é imediatamente anterior, produzindo-se, assim, formalmente, as pretônicas fechadas. Por fim, uma terceira que é muito semelhante à segunda, diferindo apenas por não ter que apresentar a condição de tonicidade para a vogal que segue a pretônica, caracterizando um processo de harmonização que vai de pretônica a pretônica, produzindo fechamento de timbre.

Em síntese, Maia (1986) afirma que o processo de harmonização vocálica explica boa parte dos casos de vogais fechadas em ambiente pretônico no dialeto de Natal, todavia não se pode também descartar a hipótese de um desenvolvimento histórico, independente, regional.

2.3.8 A pretônica na Bahia

O estudo da pretônica na variedade culta de Salvador focaliza a realização predominante de vogais médias abertas nesta posição. Nesta região, o trabalho pioneiro de destaque é o de Barbosa da Silva (1989).

A variação da pretônica no dialeto baiano mostra-se como um fenômeno complexo por apresentar uma variação ternária: vogais média abertas ~ média fechadas ~ altas.

2.3.8.1 As pretônicas no falar baiano (BARBOSA DA SILVA, 1989)

Barbosa da Silva (1989) apresenta, em sua tese de doutorado, um estudo das vogais pretônicas na variedade culta do falar baiano. As vogais-alvo da pesquisa são as médias fechadas e as médias abertas que, na amostra de Salvador, ora são produzidas como altas /i/ e /u/, como em prop[u]rção e n[i]c[i]ssita, ora como médias fechadas /o/ e /e/, como em prop[o]rção e n[e]c[e]ssita, e ainda como baixas /ɔ/ e /ɛ/, em pr[ɔ]p[ɔ]rção, e n[ɛ]c[ɛ]ssita, um sistema bastante semelhante ao que os dados de Teresina – PI, em análise nesta tese, apresenta.

O *corpus* do estudo compôs-se de uma amostra principal e duas secundárias. A amostra principal é constituída por 24 informantes de um segmento do Projeto da Norma Culta de Salvador (NURC–SSA). Todos com ensino superior completo, restrição imposta pelo Projeto. Quanto aos outros dois *corpora* secundários, um foi constituído por dados transcritos foneticamente, tomados de empréstimo do Atlas prévio do falar baiano (ROSSI, 1965), e o outro foi composto por dados de uma localidade sergipana, Ribeirópolis, constante do trabalho de Mota (1979).

Na análise quantitativa das ocorrências, a autora confrontou os dados coletados com os de 50 pontos do território baiano, mais os de Sergipe (por pertencerem à mesma isoglossa defendida por Nascentes, 1953), o que lhe possibilitou as seguintes conclusões: a) no dialeto baiano predominam as vogais baixas, como em n[ɔ]vela, n[ɛ]c[ɛ]ssário, exceto em contextos antes de média não-nasal, como c[o]rreio, c[e]rveja, e

antes de alta, como em p[u]lícia, p[i]rigo; b) na variedade de Salvador, é significativa a ocorrência de altas, médias e baixas em um mesmo contexto, ou seja, antes de vogal alta da sílaba seguinte, como em r[i]vista, r[e]vista e r[ε]vista; c) e, ainda, que em todos os demais contextos, as vogais médias fechadas e as médias abertas estão em distribuição complementar, exceto em alguns poucos casos, qualquer que seja a amostra examinada.

Considerando as especificidades de variação das vogais médias pretônicas encontradas no dialeto baiano, via análise laboviana, que, em um mesmo vocábulo registra a alternância de elevação, rebaixamento e preservação da altura da vogal pretônica, Barbosa da Silva (1989) estabelece, para uma descrição mais precisa dos dados, um conjunto de regras ordenadas definidas como:

- a) Regra Categórica de Elevação (RCE) –/e/ torna-se [i] em posição inicial absoluta seguido de *s* implosivo como [i]scola, [i]scuro;
- b) Regra Variável de Elevação (RVE) – torna-se alta a pretônica especialmente antes de **i** e **u** e de algumas consoantes, tais como c[u]rtina, s[i]rviço, c[u]stume;
- c) Regra Categórica de Timbre (RCT) – torna-se média alta a vogal anterior seguida de uma palatal nos verbos e derivados como f[e]char, plan[e]jamento. Fecha qualquer vogal não-alta /O/ ou /E/ quando em contextos de vogais da mesma altura da sílaba seguinte, por exemplo, c[o]rreio, c[e]rveja; torna baixas todas as pretônicas nas quais não se aplicaram as regras ordenadas anterior, como d[ε]pósito, d[ε]zembro;
- d) Regra Variável de Timbre (RVT)²⁸ – é a responsável pelos ocorrências minoritárias. Atua em contextos em que as vogais da sílaba seguinte são preferencialmente altas e secundariamente nasais, como p[o]lítica, r[e]canto.

Barbosa da Silva (1989) chama atenção para o fato de que todas essas regras, mesmo as categóricas, podem deixar de operar por interferências da morfologia, pois as barreiras morfemáticas funcionam como um fator de preservação da vogal básica. Mas, como isso nem sempre acontece, por simples afrouxamento dessas barreiras, logo o

²⁸ Segundo Barbosa da Silva (1989), essa regra tem uma motivação social porque atua em vocábulos de uso não-popular.

significado do vocábulo perde seu vínculo semântico original e permite que todas as regras descritas passem a atuar.

2.3.9 A pretônica em Recife – Pernambuco

Com a hipótese de que o dialeto de Recife participe com os demais estados do Nordeste de uma mesma isoglossa caracterizada pela alternância entre [ɛ]/ [e] e [ɔ]/ [o], Barbosa da Silva (2008) investiga essa variedade restringindo o estudo ao padrão CV(C), sobre o qual também se estabeleceram as regras mencionadas no item precedente: Regra Categórica de Timbre (doravante RCT), Regra Variável de Elevação (doravante RVE) e Regra Variável de Timbre (doravante RVT), estudo esse realizado pela autora (1989).

2.3.9.1 Pretônicas fechadas na fala culta de Recife (BARBOSA DA SILVA, 2008)

Embora admitindo a existência de algumas diferenças contextuais e quantitativas entre as variedades de Salvador e Recife, Barbosa da Silva (2008) traça como principal objetivo deste estudo analisar as emissões de [e] e [o], isto é, variantes fechadas, também presentes no dialeto de Salvador, as quais, para a autora, implicam uma violação à regra geral do dialeto nordestino. Por serem, provavelmente, empréstimos da variedade do Sul do País, por conseguinte foram descritas como uma Regra Variável de Timbre.

A investigação sobre a variedade de Recife se realizou sobre uma amostra do Projeto NURC-RE, constituída de 16 inquéritos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador), distribuído igualmente entre mulheres e homens, compreendendo quatro faixas etárias: 25-33, 35-43, 45-53 e 55-63 anos.

Para confirmar a hipótese que motivou a pesquisa, Barbosa da Silva (2008) aplicou nos dados recifenses as mesmas regras que determinaram a altura das vogais pretônicas na variedade de Salvador. Os resultados obtidos para cada regra são discutidos em termos de porcentagens de ocorrências e não de pesos.

Os resultados revelaram que, em relação à elevação das pretônicas médias, a regra supradialetal (RVE) atua nessa amostra de modo semelhante a outras variedades brasileiras, ou seja, as vogais médias pretônicas tendem a harmonizar-se diante das vogais altas /i/ e /u/.

À semelhança das amostras de Salvador (BARBOSA DA SILVA, 1989), a variedade recifense também se serve da RCT nas mesmas condições contextuais lá apresentadas.²⁹ Isto é, o contexto vocálico é o principal condicionador dos traços de altura das vogais médias pretônicas. Isso foi demonstrado através das frequências entre médias abertas e fechadas, que ressaltou o modo como esse contexto condiciona a altura dessas vogais. Assim, o dialeto de Recife apresentou percentagens elevadas de [o] e [e], apenas diante de vogais da mesma altura (na ordem de **96,1%** e **93,9%** antes de [o] e **91,6%** e **98%** antes de [e]). Nos demais contextos vocálicos, predominam as vogais médias abertas, na maioria das vezes com percentagens superiores a 90%.

Diante dos percentuais obtidos com a aplicação dessa regra, Barbosa da Silva (2008) conclui que vigoram em Recife as mesmas regras flagradas em Salvador (BARBOSA DA SILVA, 1989), ou seja, a pretônica média é produzida aberta quando seguida por vogais baixas e mantém a média pretônica fechada diante de vogal média fechada, ou, ainda, por uma antiga regra de interferência das palatais mencionada por Gonçalves Vianna (1892) para explicar exceções à metafonia em palavras como f[e]cho. Uma parte das ocorrências de [e] e [o] antes de vogais altas, nasais ou não, e ainda antes de vogais baixas, que violam as regras do dialeto, decorrem da manutenção, em palavras derivadas ou flexionadas, do parente tônico, como cab[e]calho/cab[e]ça, val[o]r/val[o]rizar; outra parte, aparentemente desmotivada, constitui violação às regras da comunidade.

Com o propósito de buscar uma avaliação melhor das emissões das vogais médias fechadas, [e] e [o], que não se explicaram por assimilação, nem pela antiga regra de interferência das palatais, nem por guardarem o timbre da vogal da palavra primitiva, os dados foram submetidos à Regra Variável de Timbre, partindo do pressuposto de que se

²⁹ Regra Categórica de Timbre (RCT), uma regra de caráter regional que: torna média-alta a vogal anterior precedida de uma palatal nos verbos e derivados como f[e]char, plan[e]jamento. Fecha qualquer vogal não-alta /ɔ/ ou /ɛ/ quando em contextos de vogais da mesma altura da sílaba seguinte, por exemplo, c[o]rreio, c[e]rveja; torna baixas todas as pretônicas nas quais não se aplicaram as regras ordenadas anterior com d[e]pósito, d[e]zembro

tratava de empréstimos motivados pela emigração em massa de nordestinos para o sul do País. Para tanto, foram examinadas variáveis linguísticas e sociolinguísticas, considerando os seus respectivos pesos relativos.

Quanto às linguísticas, *a altura e zona de articulação da vogal subsequente* foi a que se revelou mais significativa tanto para [o] quanto para [e], confirmando a expectativa de que, quanto mais altas fossem as vogais do contexto seguinte, mais favoreceriam a emergência das médias fechadas, como em Salvador. Todavia, os resultados de [e] mostraram-se mais coerentes e mais próximos da variedade de Salvador do que os de [o].

Os contextos consonânticos, quando na sílaba seguinte, revelaram como fatores favorecedores para a emergência de [o] a lateral vocalizada, o /r/ em posição de ataque e a alveolar não-lateral, enquanto para [e] as palatais ou palatalizadas são propiciadoras. Para o contexto precedente, o /r/ pré-vocálico e as palatais favorecem a realização tanto de [e] como de [o], enquanto as velares salientam-se como propiciadoras, apenas, de [o].

As variáveis sociolinguísticas revelaram que a aplicação da RVT é discretamente favorecida pelos homens e pelas mulheres mais jovens em Recife, contrariando a tendência verificada em todos os estudos até então realizados.

Diante desse cenário, Barbosa da Silva (2008) concluiu que são as vogais altas, presentes na sílaba seguinte, que propiciam a emergência das vogais médias fechadas no dialeto recifense, enquanto as vogais mais baixas são as que mais se opõem a essa emergência. As consoantes adjacentes podem exercer um papel secundário, mas ainda não satisfatoriamente claro.

2.3.10 A pretônica em João Pessoa – PB

Nos estudos da variação fonológica, o comportamento das vogais médias pretônicas sobressai-se como a primeira marca dialetal que caracteriza os falares regionais. Nascentes (1953) já considerava a alternância entre as pretônicas médias abertas e médias

fechadas como um divisor de águas entre os falares do Norte e do Sul do Brasil, como foi mencionado na seção 1.2.

Entre os estudos das vogais médias pretônicas em João Pessoa que focalizam o seu comportamento, destaca-se o de Pereira (1997), que, com base em pesquisas já realizadas sobre essas vogais, como Bisol (1981), Callou e Leite (1986), Barbosa da Silva (1989), Maia (1986), Bortoni, Gomes e Malvar (1992), parte da hipótese de que na fala do pessoense urbano predominam as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ].

2.3.10.1 As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano (PEREIRA, 1997)

Pereira (1997), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise do comportamento das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo, nos padrões silábicos CV- e CVC-, do falar do pessoense urbano. Neste estudo, são examinadas as variações das médias pretônicas em termos de elevação, fechamento e abaixamento, ou seja, **i :: ê :: é \ u :: ô :: ó**.³⁰

O *corpus* da pesquisa foi constituído por 15.080 ocorrências, 8.679 para a média [-post] e 6.401 para a média [+post], da fala de 60 informantes. Os dados foram estratificados por faixa etária (15-25, 26-49 e 49 anos em diante) e anos de escolarização, que compreendem: analfabetos, Ensino Fundamental 1 (1 a 4 anos), Ensino Fundamental 2 (5 a 8 anos), Ensino Médio (9 a 11 anos) e Universitários (+de 11 anos). Deste *corpus*, foram excluídas as ocorrências das vogais pretônicas em posição inicial absoluta, hiatos, prefixos, contextos fonológicos em que ocorre a nasalização das vogais pretônicas, substantivos próprios e siglas.

Para depreender quais contextos interferem mais diretamente na realização da variável dependente, a autora estabelece variáveis linguísticas (vogal da sílaba seguinte, distância da sílaba tônica, classificação morfológica da palavra, natureza da pretônica, contexto fonológico precedente e seguinte) e sociais (sexo, idade e anos de escolarização).

³⁰ Pereira (1997) utilizou os sinais de acentuação ortográfica, nas ocasiões em que não for feita a representação fonética, para indicar as ocorrências de elevação, fechamento e abertura.

Os dados foram submetidos ao pacote de programas VABRUL, cujos resultados probabilísticos confirmaram a hipótese inicial de que as médias abertas são majoritárias no dialeto pessoense urbano. Essa predominância, no entanto, não ocorre na dimensão esperada. Confrontado esse resultado com os do dialeto de Salvador, constata-se que a ocorrência de variantes elevadas e fechadas apresenta níveis bem mais significativos no dialeto soteropolitano, como mostram os resultados gerais³¹:

Dialeto de Salvador: i = 20,3% é = 60,3% ê = 19,4%
 u = 24,9% ó = 57,8% ô = 17,3%

Dialeto de João Pessoa: i = 31,7% é = 46,3% ê = 20,3%
 u = 34% ó = 44,5% ô = 21,7%

A respeito de quais contextos linguísticos condicionam a realização das vogais médias, três variáveis linguísticas apresentam-se como maiores favorecedoras: vogal da sílaba seguinte, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte. Contudo, a vogal seguinte demonstrou ser um forte condicionador da realização, pois os resultados apontam que: (i) as variantes altas [i] e [u] ocorrem categoricamente diante de [ĩ], como em m[i]nina, d[u]mingo, e, predominantemente, diante de /i/: p[i]dia, p[u]lítica, verificando, de acordo com Bisol (1981), que /i/ é um condicionador mais forte do que /u/; (ii) as vogais médias abertas ocorrem predominantemente diante de vogais de mesma altura e diante das não-altas nasais, havendo ainda casos significativos de produção de [ε] diante /u/, como d[ε]putado, e de [ɔ] diante de [ũ], como pr[ɔ]funda; (iii) as médias fechadas ocorrem restritamente diante de vogais de mesma altura e certos ditongos como r[ê]speito, d[ê]pois, m[ô]rreu; (iv) a alternância i :: é :: ê e u :: ó :: ô só é possível diante das altas orais /i / e / u/.

Em relação aos condicionamentos exercidos pelos contextos fonológicos precedente e seguinte, Pereira (1997) constata que, para a elevação de /o/, a labial precedente é a consoante mais favorecedora, enquanto para a elevação de /e/ a sibilante seguinte exerce maior atuação. Condicionam a abertura da [-post], a vibrante posterior tanto precedente como seguinte. Já a alveolar e a palatal precedentes mostraram-se mais

³¹ Pereira (1997, p. 47) ressalta que essas diferenças são mais significativas porque a amostra de Salvador se constitui apenas de falantes universitários que demonstraram ser os mais favorecedores das variantes ê e ô (BARBOSA DA SILVA, 1989, p. 84-86). Ao passo que, nesta pesquisa, trabalhou-se com cinco níveis de escolaridade, o que permite concluir que, em termos gerais e percentuais, o pessoense eleva e fecha mais as vogais, ao mesmo tempo em que abre menos que os soteropolitanos.

favoráveis à abertura de /o/, isto é, da [+post]. Como contexto fonológico favorável ao fechamento, sobressaíram-se a palatal precedente para /e/, no caso de /o/ destacaram-se a vibrante posterior (precedente e seguinte) e a palatal seguinte.

Os resultados obtidos para os fatores sociais, isoladamente, não autorizam conclusões definitivas, todavia os valores percentuais decorrentes dos cruzamentos efetuados entre as três variáveis sociais consideradas sugerem que as mulheres favorecem mais as variantes não-padrão [i], [u] e [ê], [ô] (que são as de maior prestígio no dialeto em questão) do que os homens.

Com base nesses resultados, Pereira conclui que a altura da vogal pretônica está sempre condicionada à da vogal seguinte, quer seja alta, média aberta ou média fechada. Além disso, de maneira geral, a vogal [-post] está mais sujeita à elevação e ao fechamento do que a vogal [+post], que, por sua vez, apresentou sempre, em toda a amostra, índices superiores. E que, apesar de não ter trabalhado dentro de uma perspectiva de análise autosssegmental, os resultados possibilitam a generalização de que todas as variantes no dialeto pessoense se submetem aos mesmos princípios que regem a Harmonia Vocálica descrita por Bisol (1981).

2.4 CONCLUSÃO

Ao tentar delimitar a ação da regra de variação na pronúncia das vogais do português do Brasil, muitos dos trabalhos aqui resumidos tomam como ponto de partida a abordagem sociolinguística da variação, ou seja, descrevem e analisam a extensão do fenômeno nos falares de diversas regiões do país, com observância à influência de fatores intralinguísticos e extralinguísticos previamente estabelecidos a cada propósito de análise.

Baseados nos fatores estruturais da língua, a maioria dos trabalhos descreve, principalmente, a regra variável de elevação das vogais médias pretônicas, processo que se aplica a todos os dialetos indiscriminadamente, buscando precisar, dentro de uma determinada comunidade de fala específica, os ambientes que se destacam como favorecedores ou bloqueadores do processo. A elevação das médias é definida, conforme Bisol (1981), como uma Harmonização Vocálica, em que a presença de uma vogal alta na

sílaba seguinte modifica a altura da vogal pretônica. Contudo, em se tratando de uma regra variável, outros ambientes comportam-se como favorecedores à sua aplicação.

Através das descrições dos dialetos do Rio Grande do Sul, sul de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, vimos que o padrão do sistema vocálico é sempre o mesmo, com predominância das vogais médias fechadas na posição pretônica. O norte de Minas Gerais, Brasília e Formosa (GO), porém, apresentam variação mais próxima dos falares nordestinos, com uma frequência mais expressiva de vogais médias abertas, diferentemente dos falares do sul do País. Essa variação é determinada pela presença de vogal da mesma altura na sílaba seguinte. A presença de vogais médias abertas nessas regiões atesta a percepção fonológica de Nascentes (1953), ao mapear estas áreas no mesmo grupo de Estados que, geograficamente, reconhecem-se como nordestinos³².

Em relação aos falares do Nordeste, os primeiros trabalhos de Marroquim (1934), Aguiar (1937) e Castro (1958) atestaram a presença majoritária da vogal média aberta na pauta pretônica. Todavia, ao lado dessas registraram a produção de uma variação ternária das vogais médias, ou seja, [ɛ ~ e ~ i]/[ɔ ~ o ~ u], nesse dialeto. Estudos mais recentes desenvolvidos em Salvador (1989), Recife (1997) e João Pessoa (1997) detectaram também a deflagração desse fenômeno nos respectivos dialetos. Segundo Barbosa da Silva (1989), essa alternância tripartida só se efetiva com a presença de vogal alta na sílaba seguinte. Por esse motivo, talvez, explique-se a ausência dessa variação nos dados do Rio Grande do Norte – Natal, uma vez que Maia (1986) excluiu da amostra ocorrências em que as vogais médias, /e, o/, se elevaram para [i]/[u], respectivamente.

A partir dos resumos dessas pesquisas, poderemos situar o dialeto de Teresina-PI a ser descrito neste estudo. Partindo da premissa de que Teresina é uma das nove capitais que compõem o nordeste brasileiro, portanto, região que tem por marca dialetal característica a abertura das vogais médias em posição pretônica, esperamos confirmar que o dialeto teresinense apresente a mesma complexidade de variação das vogais médias já descritas nos demais falares nordestinos.

³² Embora na subdivisão dos falares do Brasil Nascentes (1953) tenha separado o falar nordestino (que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte do Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Paraíba) do falar baiano (compreendendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (da nascente do Paraíba até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos).

Para tanto, os resultados das pesquisas desenvolvidas em Natal, Salvador, Recife e Paraíba, no limite dos seus objetivos, são os que mais se adequam para uma posterior comparação com os nossos dados, não só para se comprovar a predominância da vogal média aberta, como também confirmar o contexto de realização da variação tripartida.

Os dialetos do Centro-Sul, por sua vez, fornecerão subsídios para a discussão das diferenças.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, explicitaremos a metodologia variacionista utilizada para o estudo da regra variável das vogais médias pretônicas no dialeto teresinense.

A exposição de toda a ação desenvolvida no método da pesquisa está dividida em três seções, assim descrita: a primeira contextualiza o universo da amostra, situando geograficamente a cidade de Teresina-PI, cidade-alvo da coleta; a segunda trata da constituição da amostra, dos critérios básicos adotados para a escolha dos falantes, procedimentos de coleta e definição das variáveis operacionais estabelecidas para o estudo; por fim, a seção três descreve o procedimento de codificação da amostra.

3.1 A CIDADE DE TERESINA – PI

Localizada na região Centro-Norte do estado do Piauí, a capital piauiense – Teresina – ocupa uma área total³³ de 1.809 km², o que a torna a maior capital nordestina em extensão territorial. À margem direita do rio Parnaíba, Teresina está conurbada com o município maranhense de Timon. A única barreira natural que separa os dois municípios é o próprio rio Parnaíba. Limita-se ao norte com os municípios de União e José de Freitas; ao sul, com Monsenhor Gil e Palmeirais; a leste, com Altos e Demerval Lobão; ao oeste, com o estado do Maranhão. Embora o Piauí se caracterize como fonte de movimentos emigratórios, Teresina caracteriza-se como receptora de fluxos populacionais, registrando uma taxa geométrica de crescimento anual de 2,03%, que supera as taxas do próprio

³³ Deste total, 228,32 km² correspondem à área urbana (12,38% da área total) e 1580,69km² correspondem à área rural (87,38% do total da área).

Estado (1,08%), do Nordeste (1,30%) e do Brasil (1,63%), de acordo com os dados da Prefeitura Municipal de Teresina (1993).

Teresina foi a primeira capital planejada do Brasil; ela não nasceu de forma espontânea, mas artificial, por meio de uma medida político-estratégica. A cidade é banhada por dois grandes rios perenes: o Parnaíba e o Poti, pertencentes à grande bacia do Parnaíba, permanentemente alimentada por águas subterrâneas oriundas do excelente aquífero formado pelo arenito saraiva de Formação Pedra de Fogo. Com posição geográfica privilegiada, cuja parte central fica entre os dois rios, há quem chame a capital piauiense de *Mesopotâmia do Nordeste* (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 1993). A Figura 13, a seguir, apresenta o mapa da demarcação da área da capital piauiense.



Figura 13: Mapa da demarcação da área geográfica de Teresina

Fonte: Disponível em: <<http://www.teresina.pi.gov.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2009.

Esta capital, que possuía na década 1970 uma população de 220.487 habitantes, praticamente quase quadruplicou sua população no decorrer dos últimos trinta e oito anos, atingindo um contingente populacional de 793.915 habitantes³⁴, em 2008, segundo dados recenseados e estimados pelo último censo.

Teresina tem suas raízes na Barra do Poti, bairro mais antigo da capital, que já em 1760 aglomerava um contingente populacional significativo, constituído por pescadores, canoieiros, plantadores de fumo e mandioca. A Barra do Poti registrou extraordinário aumento populacional, transformando-se num dos maiores centros comerciais da região, e foi elevada à categoria de vila – Vila do Poti –, desde então demonstrando a vocação comercial da capital piauiense, de acordo com a obra supracitada.

Romão da Silva (1994), em seu estudo sobre a memória histórica da transferência da capital do Piauí, relata o conturbado episódio de remoção da sede do governo da província inicialmente instalada na freguesia do Mocha, antiga povoação pertencente ao núcleo de Cabrobó, região do Canindé, que posteriormente passou a denominar-se Oeiras, em homenagem ao Conde e ao Marquês de Pombal. Segundo o autor, os protestos da comunidade oeirense concentravam-se na manutenção do prestígio social, pois temiam, com sobras de razão, que o município a que deram origem as afamadas “fazendas de criar” de Domingos Sertão, caísse no desprestígio social e econômico ao perder os foros de capital do Estado.

Essa medida sobre a transferência da capital foi cogitada pela primeira vez em 1792, pelo então governador e capitão-mor das capitanias do Maranhão e Piauí D. Fernando Antônio de Noronha, que chegou a propô-la ao rei de Portugal. Contudo, essa ideia sofreu por dez anos protestos e pressões até a sua efetiva realização. Em 1798, D. João Amorim Pereira, administrador do Piauí, encaminha ofício ao ministro ultramar D. Rodrigo Sousa Coutinho em que opinava sobre a transferência da capital para o litoral do Estado (Vila São João da Parnaíba) ou para as margens dos rios Poti e Parnaíba (Vila do Poti), opinião que não logrou êxito. Permaneceu em ponto morto até 1804, quando comerciantes da Vila Parnaíba solicitaram ao governador, Pedro José Cezar de Menezes, a criação de uma alfândega, manifestando o velho desejo de vê-la transformar-se em sede do governo. Ao transmitir a pretensão dos parnaibanos a D. João VI, ratifica-se a posição de que Oeiras não oferecia condições geográficas para desempenhar o papel de capital do

³⁴ Fonte: IBGE, Contagem de População 2007 (inclusive a população estimada nos domicílios fechados).

Estado. Com a presença de D. João VI no Brasil, em 1810, o Piauí se constitui capitania autônoma, desligando-se do Maranhão. Dois anos depois, a questão ressurge e é encaminhada à Corte do Rio de Janeiro. Até 1851, não houve nenhum aceno positivo para a efetivação de tal medida, o que provoca mais uma vez a manifestação dos habitantes de algumas vilas que se dirigem ao então presidente da província, José Antônio Saraiva, pleiteando a trasladação da capital piauiense para a localidade deltaica (Vila São João da Parnaíba) ou para a Vila Velha do Poti. Foi, então, que, em 16 de agosto de 1852, José Antônio Saraiva efetiva a transferência da capital para Vila Nova do Poti, que posteriormente passou a chamar-se Teresina (cf. PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 1993, p. 15; ROMÃO DA SILVA, 1994, p. 13-19).

Nos relatos históricos, destaca-se o papel relevante da Imperatriz do Brasil Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon, pelo forte apoio à causa junto ao Imperador, o que justifica a denominação da cidade com um topônimo que até hoje se conserva: “**Teres**, tirado de Teresa, e **ina** de Cristina, Teresina, **Cidade Verde**, conforme a cognominou Coelho Neto” (ROMÃO DA SILVA, 1994, p. 19).

Uma vez efetivado todo o processo de trasladação da sede do governo para a nova capital, Teresina inicia um processo de urbanização bastante acentuado. O primeiro edifício construído foi a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, padroeira dos potiensens. A Igreja serviu de ponto de referência para o traçado urbano da cidade, pois, de acordo com o modelo de ocupação proposto por Saraiva, a Matriz se localizaria no centro, no sentido norte a sul, a oeste se limitaria com o rio Parnaíba e a leste com o rio Poti, regiões com fortes expectativas de desenvolvimento. Por esta ótica, a cidade teve seu primeiro plano urbanístico fomentado pela forma como foi idealizada. Como não nasceu de forma espontânea, Teresina foi a primeira cidade do Brasil construída em traçado geométrico, planejada com o cuidado de estabelecer logradouros em linhas paralelas, simetricamente dispostas, partindo sempre do rio Parnaíba em direção ao rio Poti. O sistema viário e o zoneamento urbano foram traçados com base na localização das principais instituições públicas, residências, comércio e outros serviços. Fatores como a localização central da Matriz e do Mercado Público, da construção do Cemitério São José na região norte, bem como as efetivas relações comerciais estabelecidas nestas áreas, condicionaram o crescimento da cidade no sentido norte-sul, contrariando as primeiras expectativas (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, 1993).

No que respeita ao aspecto econômico, todo o desenvolvimento de Teresina tem como forte sustentação o setor terciário, ou seja, área comercial, serviços autônomos e administração pública. O Governo tem um papel excepcionalmente importante como empregador, seguido imediatamente pelo setor comercial. O setor secundário exerce importante papel na medida em que a indústria de transformação oferece postos de trabalho formais e qualificados, destacando-se aqui a indústria têxtil e de confecções, que exporta para outras regiões. A indústria de cerâmica firmou-se ao longo do tempo como um importante centro de produção, tanto da artística quanto da utilitária. A importância e a diversificação da produção se devem à qualidade da argila encontrada no município, que é um grande diferencial, e a fatores culturais, passados de geração em geração pelas famílias que sobrevivem da produção artística. A construção civil, devido à rápida verticalização da cidade nos últimos anos, vem se destacando como um setor em vertiginosa expansão. No entanto, a cidade exerce uma forte atração sobre municípios e estados vizinhos por ser caracterizada como cidade de prestação de serviços, na saúde, educação e comércio. Especificamente, no setor de saúde, Teresina possui uma grande rede de prestação de serviços da saúde pertencentes ao Estado, ao município e à iniciativa privada, o que a torna um centro de referência para o Piauí e outros estados das regiões Norte e Nordeste (cf. TERESINA AGENDA – 2015).

Em relação à Educação, o ensino formal em Teresina é regido pelas esferas federal, estadual e municipal. O município registra, em todos os níveis de ensino, o fenômeno da distorção idade/série. Contudo, é válido ressaltar que Teresina atende a um contingente de alunos do interior do próprio Estado e do vizinho estado do Maranhão. A mobilidade escolar dos alunos, por série, apresenta uma configuração típica de cidades pobres: o afunilamento de matrículas no decorrer de todo Ensino Fundamental. Entretanto, o município tem procurado superar os problemas que se evidenciam no sistema educacional por meio da aplicação de programas que objetivam ampliar o número de matrículas nas séries iniciais, garantindo o acesso e a permanência do aluno. Por outro lado, é importante destacar a contribuição do setor privado, que tem tido um papel relevante na educação. Destaca-se, ainda, o vertiginoso crescimento do Ensino Superior, refletido no alto índice de matrícula nas duas IES públicas (cf. PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO PARA TERESINA, 2003).

3.2 CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

Com base nos pressupostos da Teoria da Variação, o estudo sobre as vogais médias pretônicas no falar teresinense tem por objeto de análise a fala de 36 informantes, correspondente a 18 perfis de falantes do sexo feminino e 18 do sexo masculino, estratificadamente distribuídos nos três níveis de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e três em faixas etárias (20-35, 36-50 e +50 anos).

Na seleção dos informantes, levaram-se em conta os seguintes critérios:

- ter nascido em Teresina (ou no interior do Estado e chegando na capital antes de 12 anos idade);
- ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida;
- não ter morado fora do Estado por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa (2 a 12 anos).

Os 36 informantes, estratificadamente distribuídos por gênero, faixa etária e escolaridade, estão apresentados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Gênero, faixa etária e escolaridade dos informantes

FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
20 -35 ANOS	Masculino (6)	Ensino Fundamental (2)
		Ensino Médio (2)
		Ensino Superior (2)
	Feminino (6)	Ensino Fundamental (2)
		Ensino Médio (2)
		Ensino Superior (2)
36 – 50 ANOS	Masculino (6)	Ensino Fundamental (2)
		Ensino Médio (2)
		Ensino Superior (2)
	Feminino (6)	Ensino Fundamental (2)
		Ensino Médio (2)
		Ensino Superior (2)
+50 ANOS	Masculino (6)	Ensino Fundamental (2)
		Ensino Médio (2)
		Ensino Superior (2)
	Feminino (6)	Ensino Fundamental (2)
		Ensino Médio (2)
		Ensino Superior (2)

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da entrevista de experiência pessoal gravada, seguindo a metodologia empregada usualmente em estudos de caráter variacionista. Segundo Tarallo (1986), a entrevista consiste na interação do pesquisador com o informante. O pesquisador deve tentar minimizar o efeito negativo de sua presença sobre o comportamento sociolinguístico natural do informante, pois o que se deseja é a coleta de uma fala casual. O propósito é contornar o que Labov (1972) chama de paradoxo do observador. Consideradas essas orientações, a obtenção desse material baseou-se em relatos de experiências pessoais, com o objetivo de estimular o informante a expressar-se na sua linguagem usual. Recorremos a temas discutidos na cidade durante o período da coleta de dados, como, por exemplo, a adoção de um Projeto de Medida de Segurança Pública na cidade, chamado de “Boa Noite, Teresina”, que imporia limites de horários de permanência na rua, o que vinha causando bastante polêmica em todas as classes sociais.

Dois outros instrumentos de coleta foram utilizados: questões diretas do tipo pergunta/resposta e leitura de uma lista de palavras soltas, com o objetivo de verificar a produção da vogal média pretônica em situação de controle.

As entrevistas, com média de duração de 45 minutos, foram realizadas entre dezembro de 2006 e março de 2007.

Feito isso, partimos, então, para escuta de todas as entrevistas constituintes da amostra da pesquisa, extraindo e registrando foneticamente todas as ocorrências da pretônica.

3.2.1 Definições das variáveis

- As variáveis operacionais

O dialeto sob investigação apresenta uma complexidade na pronúncia das vogais médias em posição pretônica, pois os dados registram a existência de três possibilidades:

- abaixamento, na qual as vogais médias pretônicas são realizadas como médias abertas [ɛ] e [ɔ], como m[ɛ]dida, r[ɔ]busta;

- elevação, na qual as vogais médias pretônicas são realizadas como alta [i] e [u], como m[i]dida, r[u]busta;
- como média fechada, que denominamos de vogal residual, pois as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ não sofrem variação, permanecendo na forma [e] e [o], como m[e]dida, r[o]busta.

Preparando os dados para a análise, fez-se a classificação exposta nos itens seguintes.

- Variável dependente

Na análise multidimensional, em que se consideram as variáveis citadas, três foram as variáveis dependentes: 1) [i] e [u], que correspondem à elevação; 2) [ɛ] e [ɔ], que correspondem ao abaixamento; 3) [e] e [o], que correspondem às vogais residuais.

- Variáveis linguísticas independentes

As variáveis linguísticas independentes expressam as pressuposições que se tem a respeito da influência que certos fatores possam exercer sobre o fenômeno em estudo. Para este estudo, foram estabelecidas as seguintes variáveis:

- Contiguidade

Essa variável tem o papel de verificar a influência da vogal que se encontra na sílaba imediata à pretônica, supondo-se que processos de assimilação exigem, em geral, contiguidade para a determinação da altura da vogal média pretônica. Em nossa análise, não verificamos se há ou não um efeito diferenciado entre vogais orais e nasais na sílaba seguinte, uma vez que outros trabalhos sobre o dialeto nordestino, como os de Maia (1986), Barbosa da Silva (1989) e Pereira (1997), não chegam a conclusões claras a

respeito das motivações fonéticas para o efeito favorecedor do contexto nasal seguinte sobre o abaixamento das pretônicas.

Exemplos:

[a]: elevado, melância, conversar, jornal, dotado

[ɛ]: doméstico, colégio, federal, recebi, coletivo

[e]: preterido, pedregulho, pretendido, morcego

[i]: delicada, delito, corrigido, rotina, cortina

[ɔ]: forró, melhor, fervorosa, mocotó, fofoca

[o]: colocou, econômico, forçoso, pescoço, cebola

[u]: documento, prejuízo, derrubar, procurei, coluna

- Homorganicidade

Classificou-se a pretônica em relação à vogal tônica em homorgânica e não-homorgânica, com o objetivo de ver o papel da homorganicidade em nossos dados, que, segundo Camara Jr. (1970), ocorre quando a vogal alta tônica exerce uma ação assimilatória sobre a pretônica. Para Bisol (1981), a harmonia vocálica ocorre quando uma vogal alta da sílaba imediatamente seguinte exerce, independente da sua tonicidade, uma ação assimilatória sobre a pretônica. A autora conclui que a vogal alta anterior [i] atua no alçamento de /e/ e /o/ com a mesma intensidade; já a vogal alta posterior [u], favorece apenas o alçamento de /o/, atuando esporadicamente para o alçamento de /e/.

Homorgânica: pepino, coruja

Não-homorgânica: legumes, bonito

- Paradigma

Admitindo-se a possibilidade de uma palavra ter a sua vogal modificada em função da sua correlação com um paradigma, classificamos cada palavra em “com paradigma” e “sem paradigma”. Em análises em que a variação ocorre por difusão, o

paradigma tem papel predominante, como nos estudos de Oliveira (1991), Bortoni, Gomes e Malvar (1992) e Viegas (1995).

Com paradigma: feliz, felicidade, felicitação

Sem paradigma: acerola, procissão

- Contexto Fonológico Precedente e Seguinte

Sabendo-se que os contextos que precedem e seguem a vogal-alvo de estudo podem exercer alguma influência na produção da pretônica, classificamos estes grupos de fatores da seguinte forma: contexto inicial vazio, correspondendo à posição inicial absoluta da vogal-alvo na palavra e de acordo com o segmento vizinho, como velar, labial, coronal e palatal.

- Precedente

Velar: [k, g, r]

Ex.: coluna, retratar, **g**overno

Labial: [p, b, m, f, v]

Ex.: político, **b**onito, **m**enino, folia, **v**elório

Coronal: [t, d, n, r, l, s, z]

Ex. **t**ecelão, **d**otado, **n**eblina, **p**recisa, **c**oletivo, **s**olene, **z**eladora

Palatal: [ʃ, ʒ, ʎ, ñ, tʃ, dʒ]

Ex.: xodó, **j**ornal, **g**elada, **ch**egar, **con**hecer, **mel**horias

Vazio

Ex.: etapa, horário, eleição, organizar

- Seguinte³⁵

Velar: [k, g, r]

Ex.: locomotiva, liberdade, cogumelo

Labial: [p, b, m, f, v]

Ex.: repetido, cebola, acomodar, severa, fofoca

Coronal: [t, d, n, r, l, s, z]

Ex.: repetir, modéstia, penetra, gerador, possível, pesada

Palatal: [j, ʒ, ʎ, ñ, tʃ, dʒ]

Ex.: mexer, melhor, senhora, melhor, costela, motivação, medicina

- Variáveis linguísticas sociais

Desde Labov (1972), investiga-se a influência dos diversos fatores sociais sobre as formas variantes de um determinado sistema linguístico. Segundo Mollica e Braga (2004, p.27), as variáveis, tanto linguísticas quanto não-linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Assim, com base em estudos já realizados sobre variação, consideramos, nesta tese, as variáveis sociais gênero, faixa etária e escolaridade.

- Gênero

Segundo Labov (1972), em situações formais, as mulheres empregam menos variantes estigmatizadas do que os homens, o que sugere que elas sejam mais sensíveis aos

³⁵ A vogal seguinte, como em *teatro* não foi considerada, em virtude de essa sequência VV tender a realizar-se como ditongo.

valores sociais, que muitas vezes condicionam o uso das formas linguísticas. O objetivo é verificar se essa variável homem/mulher tem um papel em nossos dados.

- Escolaridade

A estreita relação entre o uso de uma determinada variante e o nível de escolarização do indivíduo pode inibir ou favorecer o emprego de formas linguísticas variantes em um determinado dialeto. É o que se pretende verificar. Assim, os informantes foram estratificados obedecendo à seguinte hierarquia de instrução formal: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

- Faixa etária

Atualmente vem se atribuindo às faixas etárias um papel no desenvolvimento de uma forma variável, no seguinte sentido: o uso maior pelos jovens indicaria uma variável em progresso, ou o uso maior pelos mais velhos indicaria uma variável em regresso. Por esta razão, foi analisada a variação das pretônicas em três faixas etárias: 20-35, 36-50 e 56 anos em diante.

3.3 CODIFICAÇÃO

A codificação das 5.308 ocorrências do total geral da amostra deu-se de acordo com as variáveis estabelecidas. Para isso foi atribuído a cada uma delas um código único e específico, cuja finalidade foi representar objetivamente a classificação de uma determinada ocorrência, para só então submetê-las aos programas do Pacote VARBRUL 2S.

Quadro 2: Exemplo de codificação de ocorrências das variantes da vogal média pretônica

Ocorrência	Codificação usada
p[ɛ]rigo	[2IhpLrM47]
p[i]rigo	[1IHpLrM58]
p[e]rigo	[3IHpLrM69]

Desse modo, a codificação estabelecida para as ocorrências das variantes da vogal média na palavra *perigo* é representada, respectivamente, por: (2) a variável dependente – vogal baixa; (1) vogal alta e (3) vogal média fechada; (I) vogal alta; (h) vogal seguinte não-homorgânica e (H) vogal seguinte homorgânica; (p) sem paradigma (L) consoante labial no contexto precedente; (r) consoante coronal no contexto seguinte; (M) gênero masculino, (4) Ensino Fundamental, (5) Ensino Médio e (6) Ensino Superior; (7) faixa etária de mais de 50 anos de idade, (8) faixa etária entre 36 a 50 anos de idade e (9) faixa etária entre 20 a 35 anos de idade.

3.4 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Organizadas e codificadas todas as ocorrências, submetemo-las ao programa computacional mais utilizado pelos linguistas, o VARBRUL 2S (PINTZUK, 1988), em DOS, que já dispõe de versões mais recentes adaptadas para operar também no Windows.

O uso de programas estatísticos refuta a hipótese nula, isto é, as variáveis independentes estipuladas que não atuam de modo significativo sobre a variável dependente (cf. SANKOFF, 1988, p. 987).

Os programas do Pacote VARBRUL 2S consistem em um conjunto de programas computacionais tais como: CHECKTOK, READTOK, MAKE3000 e o VARB2000 – que executa o próprio algoritmo - e, também, aqueles que dão suporte às tarefas de apoio como TSORT, TEXTSORT e CROSS3000. Esses programas têm como objetivo implementar modelos matemáticos que deem tratamento estatístico adequado a dados variáveis, (cf. SCHERRE, 1992; BISOL; BRESCANCINI, 2002).

Para as rodadas dos dados submetidos ao pacote, fizemos uso de cinco programas constantes do pacote: QEDIT, CHECKTOK, READTOK, MAKE3000 e VARB2000. Os procedimentos adotados em cada etapa das rodadas serão descritos a seguir.

- Arquivo de dados

Todas as ocorrências e sequências de codificação foram digitadas em arquivos especificados. Nessa etapa, utilizou-se o programa QEDIT, cuja função é armazenar todas as ocorrências que serão analisadas no estudo, editar os arquivos de especificação e condição. Para esse estudo, foram criados dois arquivos de dados: um para a vogal média pretônica [-post] e outro para a vogal média pretônica [+post].

- Realização das rodadas dos dados

Após a criação dos arquivos de dados para todas as ocorrências linguísticas das vogais pretônicas, listamos em outro arquivo todas as especificações dos fatores usados na codificação dos dados, que devem ser portadoras de informações necessárias com vistas à inserção dos símbolos apropriados para os programas, sem que haja conflitos de identificação.

O segundo passo da rodada foi gerar um arquivo ideal, livre de qualquer erro de digitação; para isso, executamos essa tarefa com a utilização do programa CHECKTOK, que toma como parâmetro o arquivo de especificação e checa todas as ocorrências linguísticas armazenadas nos arquivos de dados. Efetuadas todas as incorreções apontadas pelo CHECKTOK.ERR, rodamos novamente os dados no programa em execução e foi criado um novo arquivo sem erros.

O novo arquivo corrigido constituiu a fonte de alimentação para a execução do terceiro programa utilizado na rodada, o READTOK, cuja função é produzir um arquivo de ocorrências somente com os símbolos necessários à identificação do ambiente da regra variável em estudo e um arquivo de condição em que se informou ao programa a maneira como os dados foram classificados.

O arquivo de ocorrências e o arquivo de condição são fontes de alimentação para o quarto programa utilizado na rodada, o MAKE3000. Esse programa gera um arquivo de células que mostrará os percentuais de aplicação da regra para cada fator de cada variável determinada no arquivo de condição.

Uma vez preparados todos os passos explicitados, procedemos à execução das rodadas. Na primeira rodada, fizemos primeiro uma análise eneária, com vistas a obtermos, no cômputo geral, as probabilidades de ocorrências de cada variante das vogais médias empiricamente percebidas, no dialeto teresinense, sob três formas fonéticas distintas: a) como média aberta [ɛ, ɔ], b) como média fechada [e, o] e c) como alta [i, u].

Identificados os percentuais de cada variante da variável dependente, partimos para a segunda rodada, em que fizemos a opção pela análise binária, ou seja, selecionamos individualmente cada variante para computação das frequências de aplicação e, assim, identificarmos quais fatores atuam favoravelmente na produção das mesmas. Para tanto, utilizamos o programa VARB2000, que gera um arquivo com os resultados da análise binomial da regra variável em pesos relativos para cada um dos fatores linguísticos e sociais.

4 DESCRIÇÃO ESTATÍSTICA DOS DADOS

Os percentuais obtidos na análise eneária revelam, de forma mais abrangente, que a vogal média aberta é a vogal preferida pelos informantes quando de sua emissão em posição pretônica. Todavia, esta vogal, no dialeto teresinense, está em competição com a vogal alta e com a média fechada.

Descreve-se, a seguir, a análise quantitativa dos dados. Com base nestes resultados, é possível se fazer uma descrição minuciosa sobre a realização da vogal média em posição pretônica no dialeto teresinense.

4.1 ANÁLISE ENEÁRIA: ESTATÍSTICA DOS DADOS

As amostras totalizadas em 5.308 dados, 3.219 para a vogal [-post] e 2.089 para a vogal [+post], foram submetidas ao Pacote de Programas VARBRUL2000. Na busca de resultados mais representativos do dialeto em estudo, foram realizadas muitas rodadas de *step-up* e *step-down*. Os grupos de fatores selecionados serão discutidos nas seções seguintes.

A primeira rodada geral dos dados com as variantes da variável dependente para a vogal [-post] e para a vogal [+post] mostra um esboço geral da aplicação de cada variante [ɛ ~e ~i] e [ɔ ~o ~u], em posição pretônica, na análise eneária.

Para uma ideia geral da análise eneária, apresentaremos inicialmente os Gráficos 1 e 2 com resultados que representam, em termos de percentual, as três variantes, /e, ε, i/ e /o, ɔ, u/, em posição pretônica, no dialeto que constitui o tema deste estudo.

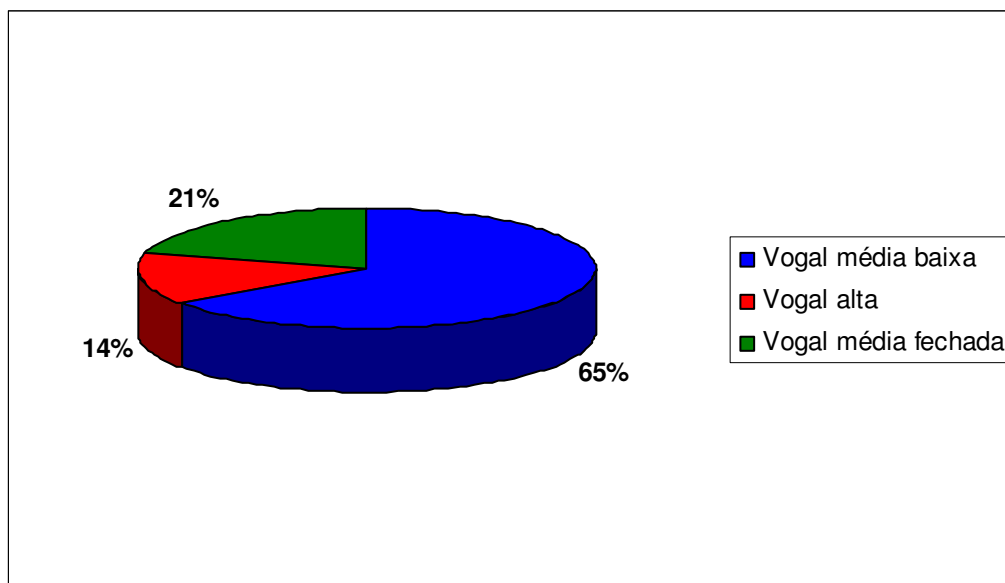


Gráfico 1: Produção geral – Frequência de cada variante da vogal média [-post]

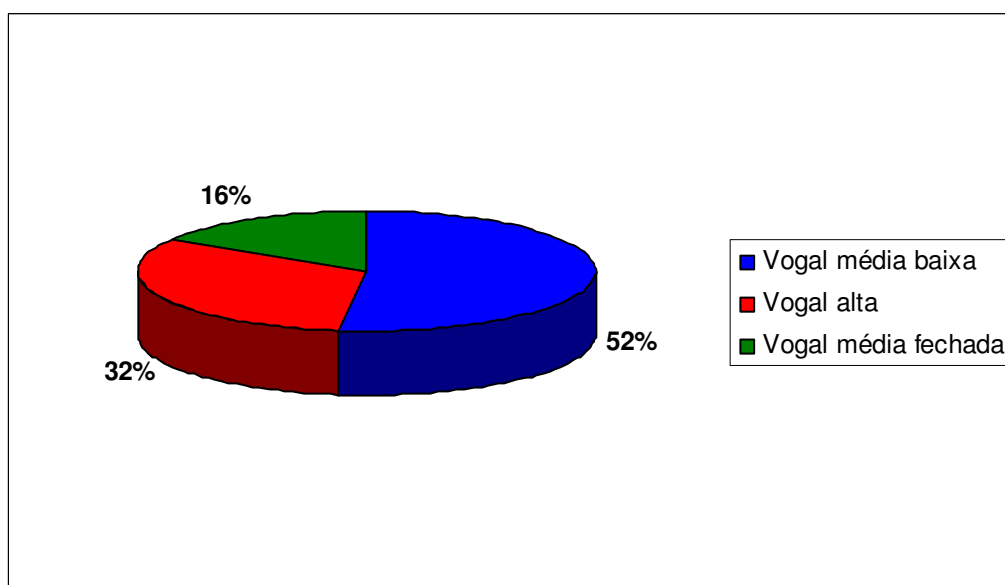


Gráfico 2: Produção geral – Frequência de cada variante da vogal média [+post]

Os resultados expostos nos Gráficos 1 e 2 sugerem que no dialeto investigado as vogais médias abertas [-post] e [+post] predominam na pretônica. Dados como *f[ɛ]d[ɛ]ral*, *s[ɛ]v[ɛ]ra*, *[ɛ]létrica*, *l[ɛ]gumes*, *d[ɛ]rrubar* e como *pr[ɔ]m[ɔ]ção*, *c[ɔ]légio*, *c[ɔ]mércio*, *n[ɔ]vidade*, *r[ɔ]busta* atestam as nossas expectativas sobre o dialeto, apontando ser as vogais médias de timbre aberto a marca predominante do falar teresinense. Em se tratando de vogal média, afora os contextos específicos, o falante teresinense opta pela vogal média aberta como nas demais variedades nordestinas,

enquanto o falante do Sul opta pela vogal média alta, como se depreende da seção de revisão bibliográfica.

Esses resultados confirmam o que asseveram Nascentes (1953), Camara Jr. (1953) e Silva Neto (1992) como mais evidente para as regiões Norte e Nordeste do País: a vogal média aberta é preferida na posição pretônica, posição aqui investigada.

Por outro lado, os Gráficos revelam que ao lado das pretônicas médias baixas e altas realizam-se também no falar teresinense as vogais médias fechadas, confirmando o que os relatos mais antigos sobre as pretônicas nordestinas descreveram, tais como Aguiar (1937) e Castro (1958).

A coexistência de segmentos alternantes [e] ~ [i] e [o] ~ [u] na sílaba pretônica do dialeto investigado, ainda que em porcentagens baixas, 14% e 32%, respectivamente, confirma a hipótese de que a variação com presença de vogais altas independe da variedade linguística estudada, ou seja, tem uma aplicação indiscriminada em todos os dialetos do País. Tal alternância é descrita nos trabalhos de Bisol (1981), Barbosa da Silva (1989), Callou e Leite (1986) e Schwindt (1995), entre outros, como uma regra variável estável, ou, segundo Oliveira (1991), como uma regra de difusão lexical que tem a palavra como unidade básica da mudança.

Contudo, a presença das vogais [e] e [o], em sílaba pretônica, escapa à regra geral do dialeto nordestino, sendo percebidas como estranhas ao sistema vocálico em que predominam, nessa posição, as vogais médias abertas. Aparentemente, a média fechada não se integrou às tendências da pretônica do sistema em descrição, mostrando-se como um resíduo de fases antigas.

No cômputo geral, a análise eneária revelou que a maior concentração das vogais médias pretônicas fica na área das vogais baixas bastante ativas no sistema, ao lado da Harmonização com a vogal alta, uma regra de aplicação variável, e das vogais médias fechadas, o que nos sugere um sistema com três Harmonias. Este é o sistema em uso dos falantes da capital do Piauí, talvez de todo o Nordeste, como se depreende nos estudos de Mário Marroquim (1934) e Barbosa da Silva (1989).

4.2 DISCUSSÃO DA ANÁLISE QUANTITATIVA

Os dados que foram submetidos à análise quantitativa do pacote de programas do VARBRUL 2000 estão organizados em três grupos harmônicos: a) Harmonia com a vogal média aberta; b) Harmonia com a vogal alta; c) Harmonia com a vogal média fechada. Portanto, foram três análises binárias.

Partindo-se de hipótese de que haja, no dialeto investigado, uma distribuição complementar dos ambientes da regra de abaixamento e da regra de elevação na pauta pretônica, os efeitos dos dois processos são estudados sob as mesmas variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Além da descrição de cada um desses processos, o que nos interessa discutir é a atuação concorrente entre eles no dialeto. No caso da regra de abaixamento, analisaremos os contextos de maior recorrência desta vogal predominante no dialeto. No caso da regra de alçamento, analisaremos a covariação entre os elementos do ambiente linguístico e do contexto social que favorecem ou desfavorecem o mecanismo de alçamento. Os dados nos mostraram, empiricamente, que as opções de alternância das produções entre os segmentos [ɛ] ~ [i] e [ɔ] ~ [u] obedecem a um padrão sistemático de uso regulado por um fator essencialmente linguístico: a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. No que tange à emergência da vogal média fechada, incomum à marca dialetal predominante, buscaremos especificar os contextos majoritários para a sua realização. A análise do processo variacional no sistema investigado segue os princípios metodológicos da Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolinguística Quantitativa, proposta Labov (1972).

Os resultados das possibilidades de produção alternantes entre os processos supracitados serão analisados em seções distintas, cujo propósito é destacar a existência das três Harmonias no dialeto. A amostra de dados é a mesma para o estudo do papel das vogais alta, média e média aberta referentes a cada harmonização, mas as rodadas são distintas para cada vogal.

4.2.1 Harmonia Vocálica com a vogal média aberta. Variável dependente: vogal média aberta

Nesta seção, através de análise binária, discutiremos os resultados obtidos no estudo da emergência das vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] no dialeto de Teresina-PI. A maioria das palavras, no dialeto em estudo, foi realizada marcadamente com a vogal média aberta, conforme foi referido no conjunto anterior.

Diante dessa constatação, é necessário analisar os motivos que levam os falantes deste dialeto a optarem preferencialmente por essa vogal em posição pretônica. Através da análise quantitativa dos dados, foi possível observar os fatores linguísticos favorecedores e verificar quais os contextos que interferem na realização destes sons.

4.2.1.1 Da seleção dos fatores

Para a vogal média [-post] na pauta pretônica, a análise progressiva de aplicação da regra variável *step-up* selecionou como estatisticamente significativas sete variáveis linguísticas, obedecendo à seguinte ordem:

1. Vogal Contígua
2. Contexto Fonológico Precedente
3. Paradigma
4. Contexto Fonológico Seguinte
5. Faixa etária
6. Escolaridade
7. Homorganicidade

Para a vogal média posterior [+post], a análise progressiva da regra variável *step-up* selecionou como estatisticamente significativas sete variáveis, distribuídas na seguinte ordem:

1. Vogal Contígua
2. Contexto Fonológico Precedente
3. Contexto Fonológico Seguinte

4. Paradigma
5. Escolaridade
6. Faixa etária
7. Gênero

A descrição e análise de cada fator selecionado seguirá a ordem de seleção apresentada para a vogal [-post].

4.2.1.2 Vogal contígua

Observamos, na Tabela 2, o efeito da vogal contígua à pretônica na produção da média aberta.

Tabela 2: Efeitos da vogal contígua

Fatores	Média [-post]				Média [+post]				
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso	Fatores	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
i d[ɛ]lito, r[ɛ]sidência	1376	777	56%	0,43	i c[ɔ]rrigido r[ɔ]tina	740	267	36%	0,32
u pr[ɛ]juízo, d[ɛ]rrubar	233	146	63%	0,35	u d[ɔ]cumento pr[ɔ]curei	178	93	52%	0,52
e pr[ɛ]tendo, fr[ɛ]quên- cia	478	289	59%	0,47	e s[ɔ]frer, m[ɔ]rcego	306	77	25%	0,25
o p[ɛ]scoço, c[ɛ]b[ɔ]la	197	67	34%	0,17	o ec[ɔ]nômico, ch[ɔ]rona	32	22	69%	0,61
ɛ r[ɛ]c[ɛ]bi, [ɛ]létrica	229	201	88%	0,76	ɛ d[ɔ]més-tico pr[ɔ]gr[ɛ]sso	422	265	63%	0,68
ɔ m[ɛ]lh[ɔ]r, f[ɛ]rv[ɔ]ss	212	175	83%	0,67	ɔ f[ɔ]rró, [ɔ]p[ɔ]rtuni- dade	80	71	89%	0,87
a m[ɛ]lancia conv[ɛ]rsar	494	424	86%	0,73	a j[ɔ]rnal, j[ɔ]garam	331	281	85%	0,77
Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-

Input: 0,69
Significância: 0,008

Input: 0,56
Significância: 0,14

Os resultados desta Tabela mostram a presença da média aberta em qualquer contexto, embora com índices ao redor do ponto neutro ou mais baixos, mas salientam a sua presença quando seguida de vogal baixa, seja /a/ com *conversar*, seja com as médias [ɛ, ɔ] como r[ɛ]b[ɔ]la, f[ɔ]rró.

Observa-se que, em termos gerais, os índices atribuídos às vogais que funcionam como gatilho para a assimilação, tanto para a média [-post] como para a média [+post], não apresentam grandes diferenças entre si. Isto, neste primeiro momento, sugere que o princípio de harmonização é atuante no dialeto.

Contudo, convém explicar o índice expressivo (0,61) para a média [-post] diante da vogal média fechada [o]. Recorrendo aos dados, detectamos que essa abertura diante da média fechada se restringe a 19 ocorrências do nome derivativo do verbo chorar – *chorona*, em que o paradigma pode estar influenciando, e de 03 ocorrências da palavra *econômico*, pronunciada [ɛ]c[ɔ]nômico, que reforçam a tendência do dialeto pela abertura das vogais médias.

É válido fazer uma comparação, também, entre o papel das vogais altas /i, u/ e as baixas /ɛ, ɔ, a/, sobretudo, a /u/ na abertura da média [+post], pois, mesmo com um índice ao redor do ponto neutro salienta a sua influência, sugerindo que, quando a Harmonia com a vogal alta não se aplica, a média aberta é a escolhida. Os exemplos constantes dos dados comprovam este fato, como s[ɔ]luço, c[ɔ]luna, r[ɔ]busto, n[ɔ]turna.

Neste ponto, é conveniente ressaltar que no dialeto nordestino as altas /i/ e /u/, na sílaba seguinte, configuram-se como vogais desestabilizadoras da regra geral do dialeto, favorecendo uma realização tripartida de abertura, elevação e fechamento, ocorrências já constatadas nos dialetos de Salvador e Recife, com os trabalhos de Barbosa da Silva (1989 e 2008, respectivamente), e no de João Pessoa – PB (PEREIRA, 1997). Todavia, mesmo diante dessa complexa variação, a vogal que mais sobejamente se faz presente na pauta pretônica é a média aberta, pois, como diz Barbosa da Silva:

[...] uma vogal não alta torna-se sempre baixa (ex. b[é]liche, c[ó]légio, p[é]cado, conf[é]rência e p[ó]tência), a menos que, na sílaba subsequente, esteja uma vogal média, ou que, em verbos e deverbais de primeira conjugação, a consoante imediatamente seguinte seja uma palatal. Em ambos os casos ela se torna vogal média (Ex. c[ê]rveja, c[ô]rreio, f[ê]char, plan[ê]jamento) (1989, p. 218).

Ao compararmos nossos resultados com dialetos não-nordestinos, citados na seção 2.3, encontramos semelhanças nos contextos para a emergência da média aberta com o dialeto de Formosa-GO, no qual Graebin (2008, p. 154-155), analisando o efeito vogal seguinte sobre o abaixamento das vogais pretônicas, destaca que as vogais [ɛ], [ɔ] e [a] são responsáveis pelo abaixamento no dialeto.

Callou, Leite e Moraes (1995), focalizando o dialeto carioca, confirmam diante dos resultados obtidos a existência da tripla alternância, [e], [o], [i], [u], [ɛ], [ɔ], com predominância da média fechada. Entretanto, chamam atenção para o fato de que a regra de abaixamento sobrepujou os contextos esperados para a sua ocorrência no ambiente de derivação, pois:

[...] Do total de 137 ocorrências em nossos dados apenas 40 encontram-se neste contexto. Mesmo assim, comparativamente, continua sendo este o fator mais inibidor para o seu alteamento. Verificamos, no entanto, ocorrências em outros contextos, tais como em *colares, brochar, derrubar, reserva, oboé, ressalva popular, negócio, orquestra, quebrar, relações, verão, versão, cobrado, tomava, Helena* etc. Embora não se tenha feito uma codificação específica, exemplos como *entr[ɔ]samento, r[ɛ]lações* podem ser explicados, talvez pela presença de uma vogal baixa contígua e outros como *d[ɔ]méstico, t[ɛ]mava, r[ɛ]lógio, n[ɛ]gocio* pela presença de vogal baixa na sílaba acentuada. Outros como *d[ɛ]rrubam, fev[ɛ]reiro, v[ɛ]rão, p[ɛ]rcebeu* talvez se expliquem pela presença de uma líquida adjacente (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991, p. 66-67).

Mas, quando o contexto é de uma vogal alta seguinte no dialeto carioca:

[...] Observou-se que não há abaixamento quando a vogal tônica é uma vogal alta. Seu índice geral de aplicação é baixo: .049. Poder-se-ia pensar que o abaixamento é um processo em sua fase inicial que complementa e generaliza a harmonização vocálica: vogais médias podem se realizar como altas no ambiente de vogais altas tônicas e como baixas no ambiente de vogais baixas. Porém o padrão curvilíneo obtido com o uso feito pelas classes etárias é indicativo de uma mudança estável, o que contraria a hipótese sugerida (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991, p. 69).

Já Alves (2008, p. 128 -133), em relação aos falantes de Belo Horizonte – MG, ao apontar os fatores favorecedores do abaixamento das médias, destaca o papel da vogal média aberta na sílaba imediatamente seguinte; contudo, a autora afirma que esse fator não é decisivo para a ocorrência, pois em alguns casos faz prevalecer a média fechada, vogal predominante no dialeto.

Podemos com isso concluir que, nestes dialetos, embora se tenha constatado a presença das médias baixas por gatilhos de assimilação ou como resultante de um processo

variacional permitido no dialeto quando diante de altas ou nasais, o processo atuante nesses é o da neutralização a favor da média fechada. Por isso, é cabível, diante dos nossos resultados, levantar a hipótese de que o dialeto teresinense pode estar a caminho para um processo de neutralização a favor da média aberta.

4.2.1.3 Contexto fonológico precedente

Admitindo-se a influência do contexto vizinho na emissão da pretônica, é o papel da variável enunciada que se verifica nas Tabelas 3 e 4, a seguir.

Tabela 3: Efeitos do contexto fonológico precedente

Fatores	Média [-post]				Média [+post]					
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso	Fatores	Ocorrências	Aplicação	%	Peso	
Velar r[ɛ]tratar	493	399	81%	0,74	Velar c[ɔ]légio, c[ɔ]média	880	350	40%	0,34	
Labial p[ɛ]n[ɛ]tra, com[ɛ]çava	1305	751	58%	0,42	Labial m[ɔ]ram, m[ɔ]derna	629	298	47%	0,46	
Coronal s[ɛ]v[ɛ]ra, l[ɛ]vado	1287	830	64%	0,46	Coronal n[ɔ]v[ɛ]la	404	276	68%	0,65	
Palatal g[ɛ]ladeira, g[ɛ]lada	63	33	52%	0,34	Palatal j[ɔ]rnal, x[ɔ]dó	85	63	74%	0,75	
Vazio [ɛ][ɛ]vado, [ɛ]létrico	71	66	93%	0,82	Vazio [ɔ]bservar, [ɔ]leosa	91	89	98%	0,97	
Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-	
	Input: 0,69 Significância: 0,008				Input: 0,60 Significância:0,11					

Embora não se tivesse nenhuma expectativa sobre o papel de consoantes de articulação altas, por se tratar de uma representação de abaixamento, a Tabela 3 exibe índices altos para o favorecimento da velar (0,74), na abertura da média [-post], bem como para a palatal (0,75) na abertura da média [+post].

Em relação à velar³⁶, esse resultado mostra claramente que o programa considera cada fator independentemente, pois a velar está se mostrando, neste caso, favorecer a abertura da [-post], ao invés de produzir o alteamento, em função de ser uma consoante alta. Por esta razão, infere-se que a velar, que não tem um ponto fixo na área de articulação

³⁶ No dialeto teresinense, a vibrante posterior em posição de *onset* apresenta sua realização fonética como velar.

de que dispõe, ajusta-se facilmente à produção mais recorrente no dialeto. É o que podemos constatar nos exemplos abaixo constantes dos dados, pois dentro do índice de aplicação (399/493) está inserido um grande número de ocorrências de itens lexicais cuja vogal da sílaba seguinte tem a presença de uma das altas /i/ ou /u/, favorecendo um contexto bastante propício para a elevação; todavia, a vogal que emerge é média aberta, como em:

r[ɛ]vista, r[ɛ]gião, r[ɛ]tirante, r[ɛ]ligião, r[ɛ]sidencial, r[ɛ]sidente,
r[ɛ]putação, r[ɛ]sistência, r[ɛ]gistro, r[ɛ]lutante, r[ɛ]sumo, r[ɛ]gionais

Associar esse segmento à composição do prefixo “re”, de pronúncia aberta, para explicar uma possível pronúncia categórica aberta, não nos parece um argumento adequado, pois em outras palavras que contêm esse segmento nesta mesma posição a pretônica é produzida com a média fechada porque tem outra vogal de mesma altura na sílaba subsequente, assim r[ɛ]forço, r[ɛ]torno, r[ɛ]ver, r[ɛ]jeitar, r[ɛ]leito. Esses casos sugerem que, quando a Harmonia com a vogal média fechada não atua, a média aberta ocorre. Tais fatos apontam em direção a uma generalização no dialeto: a média aberta é a vogal *default*. Por essa razão, entendemos que esse segmento parece ser um coadjuvante na abertura das médias, pois na verdade o que delimita sua produção ou seu bloqueio no dialeto é a vogal da sílaba seguinte. Essa é também a conclusão de Barbosa da Silva (1989, p. 130-138) para explicar os casos de legítima assimilação no dialeto de Salvador; o abaixamento é uma regra categórica e os únicos contextos capazes de quebrar essa regra são as vogais médias fechadas /e, o/ na sílaba seguinte.

Pereira (1997, p. 59) também registra o favorecimento do /R/ na abertura das médias [-post] nesta posição.

No que tange ao expressivo índice da palatal para a [+post], ao recorrermos aos dados vimos que as ocorrências limitam-se a poucos vocábulos, porém todos com a presença das vogais baixas na sílaba seguinte, gatilho para aplicação da regra de harmonia.

Quanto à posição inicial, vale o registro de seu favorecimento, bem próximo do categórico, à realização da média aberta tanto da vogal [-post] quanto da [+post].

Das demais consoantes de articulação não-alta, o único segmento com índice alto para o favorecimento da abertura da média [+post] foi a coronal (0,65). Convém ressaltar

que as 276/404 aplicações com esse segmento também acolhem itens lexicais cuja vogal da sílaba seguinte é uma alta /i/ ou /u/, como em s[ɔ]lução, s[ɔ]luço, s[ɔ]licitude, s[ɔ]lícito. Novamente, constata-se a fraca atuação da vogal /u/ no processo de Harmonia, referido em páginas precedentes.

No caso da média [-post], aos segmentos labial e coronal não lhes couberam índices expressivos como favorecedores da abertura; todavia, mostraram-se muito próximos. Com o fim de obtermos resultados mais expressivos, amalgamamos esses segmentos cujos resultados são apresentados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4: Efeitos do contexto fonológico precedente com amalgamações

Fatores	Média [-post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Velar r[ɛ]v[ɔ]lver, r [ɛ]sp[ɔ]sta	493	399	81%	0,73
Labial + Coronal p[ɛ]n[ɛ]tra, sab[ɛ]d[ɔ]ria	2592	1581	61%	0,45
Palatal g[ɛ]lado, ch[ɛ]gar	63	33	52%	0,35
Vazio [ɛ]l[ɛ]vação, [ɛ]létrico	71	66	93%	0,81
Total	3219	2079	65%	-

Input: 0,66
Significância: 0,008

O propósito da amalgamação entre os fatores com valores muito próximos foi constatar se com esse procedimento o superfator (Labial + Coronal) poderia destacar-se como favorecedor do abaixamento da média [-post]. No entanto, os resultados mostram estatisticamente a confirmação dos mesmos fatores que a Tabela 3 pôs em destaque: a velar precedente e a posição inicial absoluta são as privilegiadas.

4.2.1.4 Paradigma

Supondo-se que a relação entre palavras aparentadas, isto é, que entram no mesmo paradigma derivativo ou flexional, pudesse ter um efeito, a análise considerou essa variável, cujos resultados estão na Tabela seguinte.

Tabela 5: Efeitos do paradigma

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Com paradigma [ε][ε]v[a]r [ε][ε]v[a]do	436	189	43%	0,32	Com paradigma f[ɔ]lc[ɔ]re f[ɔ]lclóricas	287	162	56%	0,43
Sem paradigma ac[ε]r[ɔ]la, s[ε]cr[ε]tária	1914	1283	67%	0,54	Sem paradigma c[ɔ]lh[ε]r, c[ɔ]st[ε]la	1394	770	55%	0,52
Total	2350	1472	63%	-	Total	1681	932	55%	-
	Input: 0,66 Significância: 0,11					Input: 0,60 Significância: 0,11			

Embora selecionados pelo programa, os índices atribuídos para esse fator ficaram abaixo e ao redor do ponto neutro. Isto quer dizer que esse fator tem papel significativo na abertura das médias [-post] e [+post], o que contraria a hipótese de paradigma porque não se trata de uma regra que se expande por meio de palavras da mesma classe, mas de uma regra de aplicação mais geral.

4.2.1.5 Contexto fonológico seguinte

Assim como no contexto precedente, esperávamos também que o contexto fonológico seguinte pudesse desempenhar um papel significativo na preservação da vogal média aberta em posição pretônica. A Tabela 6 apresenta os resultados dessa variável.

Quanto à palatal, embora um pouco acima do ponto neutro, não deixa também de nos surpreender, por se tratar de uma consoante de articulação alta, pois, de acordo com a literatura, espera-se que essa consoante provoque a emergência da média fechada /e,o/. No entanto, os índices apontam para isso em relação à média [+post], enquanto a [-post] dá indícios da presença da vogal média aberta com índice de (0,56).

Em relação aos outros segmentos, observe-se que todos apresentaram valores que estão abaixo do ponto neutro, isto é (0,50), porém muito próximos. Diante disso, foi feita a amalgamação, que está expressa na Tabela 7.

Tabela 7: Efeitos do contexto fonológico seguinte com amalgamações

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Labial + Coronal d[ɛ]pr[ɛ]ssão, d[ɛ]m[ɔ]Ra	2067	1281	62%	0,46	Labial d[ɔ]mínio c[ɔ]mércio	1646	738	45%	0,43
Velar + Palatal p[ɛ]g[a]r, r[ɛ]clamar	1152	798	69%	0,58	Velar c[ɔ]rdão, pr[ɔ]gramado	443	338	76%	0,75
Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-

Input: 0,66
 Significância: 0,008

Input: 0,60
 Significância: 0,11

Confirmando os resultados da Tabela precedente, cabem os valores mais altos ao conjunto velar + palatal, para a mostra da média [-post], e à velar, para média [+post].

Diante desses resultados, em relação ao papel de consoantes seguintes ou precedentes, vale notar que, em comparação com estudos de Bisol (1989), Graebin (2008), Alves (2008), Barbosa da Silva (1989) e Pereira (1997), são esses os fatores mais ativos em regras variáveis de levantamento ou abaixamento.

4.2.1.6 Efeitos da homorganicidade

Essa variável parece não ter papel sobre a presença da vogal média aberta na pretônica, pois foi o último fator linguístico selecionado e apenas para a vogal [-post].

Tabela 8: Homorganicidade

Fatores	Média [-post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Vogal seguinte Homorgânica fal[ε]cido, d[ε]lito	1845	1080	59%	0,48
Vogal seguinte não Homorgânica v[ε]rdura, f[ɔ]rmiga	1374	999	73%	0,53
Total	3219	2079	65%	-

Input: 0,66

Significância: 0,11

Selecionada apenas para a vogal [-post], a Tabela 8 revela-nos um dado bastante interessante: se a emergência da vogal média aberta fosse regida pela harmonização, a homorganicidade seria um fator que favoreceria a aplicação da regra de abaixamento. Todavia, os índices salientam que parece haver um equilíbrio entre ambos os fatores. Isso é um argumento que reforça a ideia de que o dialeto tem por excelência a produção de uma vogal média aberta na pretônica, independente da altura da vogal subsequente.

A seguir, discutiremos as variáveis não-linguísticas representadas pelos fatores sociais: faixa etária, escolaridade e sexo. O propósito dos fatores sociais é verificar se algum grupo apresenta preferência por outra variante, assumindo assim uma tendência conservadora ou inovadora no dialeto investigado.

4.2.1.7 Faixa etária

Embora predições mais corretas sobre mudanças se façam com um estudo de tempo aparente e tempo real em paralelo, aqui nos limitaremos, diante dos dados de que dispomos, a inferências relativas à idade dos falantes, pressupondo que a regra inovadora é facilmente conduzida pelos jovens e rejeitada pelos velhos.

A Tabela 9, a seguir, mostra os índices de aplicação da vogal média aberta em posição pretônica, de acordo com cada faixa etária.

Tabela 9: Efeitos da faixa etária

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
+ de 50 anos	1046	718	69%	0,56	+ de 50 anos	726	375	52%	0,52
35 a 50 anos	1158	758	65%	0,50	35 a 50 anos	729	400	55%	0,53
20 a 35 anos	1015	603	59%	0,43	20 a 35 anos	634	301	47%	0,44
Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-

Input: 0,66
Significância: 0,11

Input: 0,60
Significância: 0,11

Os resultados apresentados nesta Tabela, isoladamente, apontam uma diferença no uso da vogal média aberta entre os mais jovens e os demais falantes. A faixa etária de 35 anos em diante mostra-se estável, tanto para a média [-post] quanto para a [+post], enquanto os mais jovens mostram índices relativamente menores.

Contudo, se é a variável faixa etária que pode nos fornecer algum indício de mudança impulsionada pelos falantes mais jovens, os índices não nos autorizam a fazer uma afirmação tão contundente. Mesmo apresentando-se com os menores usuários, os índices das demais faixas etárias giram em torno do ponto neutro ou um pouco acima dele.

4.2.1.8 Escolaridade

O uso de uma determinada variante tem relação com o grau de escolaridade do falante, atuando como forma preservadora de prestígio em relação a possíveis tendências de mudanças que possam atuar em um determinado dialeto. É o que a Tabela 10 expõe.

Tabela 10: Efeitos da escolaridade

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Ensino Fundamental	929	546	59%	0,46	Ensino Fundamental	507	229	45%	0,44
Ensino Médio	1221	840	69%	0,54	Ensino Médio	707	430	55%	0,55
Ensino Superior	1069	693	65%	0,50	Ensino Superior	795	417	52%	0,49
Total	3219	2079	65%	-	Total	2089	1076	52%	-
	Input: 0,66 Significância: 0,11					Input: 0,60 Significância: 0,11			

Os resultados apresentados, nesta Tabela, indicam que o abaixamento nas duas amostras tem um perfil semelhante e que o Ensino Fundamental é o menos expressivo.

Nos estudos sociolinguísticos, a escolarização tem considerável relevância no sentido de se verificar as correlações estreitas que esta mantém com determinados tipos de variantes. Segundo SILVA e PAIVA (1998, p. 340), entre outros, o efeito da escolarização em uma variável linguística está relacionado ao fator idade. Como os resultados desta variável foram homogêneos, para visualizarmos essa relação fizemos o cruzamento com a faixa etária cujos resultados são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11: Cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária

Escolaridade Faixa Etária	Média [-post]			Média [+post]		
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
+50 anos	193/277 70% 0,57	309/429 72% 0,60	216/340 64% 0,48	118/225 52% 0,53	128/230 56% 0,57	129/271 48% 0,47
36-50 anos	173/302 57% 0,43	307/426 72% 0,59	278/430 65% 0,50	64/137 47% 0,47	166/281 59% 0,61	170/311 55% 0,49
20- 35 anos	180/350 51% 0,36	224/366 61% 0,42	199/299 67% 0,53	47/145 32% 0,29	136/276 49% 0,46	118/213 55% 0,53

Input: 0,67

Significância: 0,000

Input: 0,60

Significância:0,016

Neste cruzamento, pode-se ver melhor o panorama do que ocorre socialmente com relação à regra de abaixamento. Observe-se que a situação não se altera substancialmente, mas favorece uma argumentação sobre a diferença entre os falantes que têm o Ensino Fundamental e dos demais níveis de escolaridade.

Ao procedermos à leitura dos pesos relativos no sentido horizontal, veremos que os falantes com +50 anos diminuem a produção das médias abertas [-post] e [+post] quando portadores do Ensino Superior, ao passo que o mesmo declínio não ocorre com os falantes mais jovens, cujos índices mostram uma estabilização, ficando abaixo do ponto de referência e ao redor dele.

Para uma melhor visualização do padrão curvilíneo resultante do cruzamento desses fatores, observem-se, a seguir, os Gráficos 3 e 4, vogal média [-post] e vogal média [+post], respectivamente.

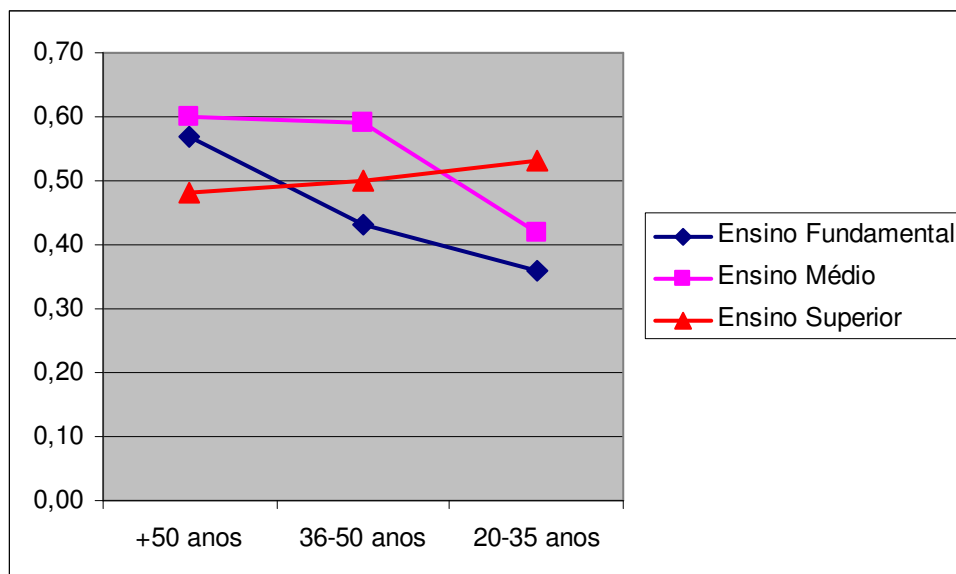


Gráfico 3: Cruzamento de escolaridade e faixa etária da vogal média [-post]

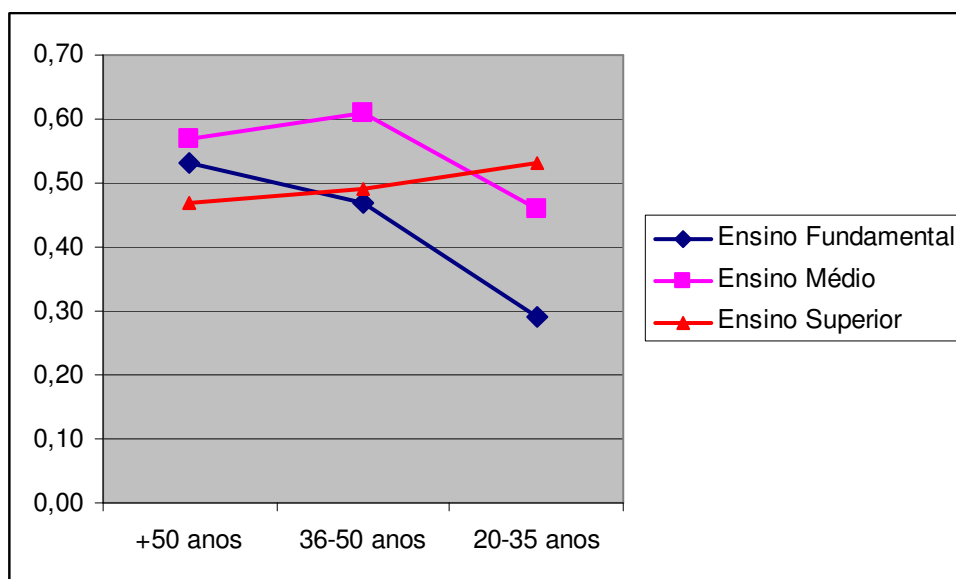


Gráfico 4: Cruzamento de escolaridade e faixa etária da vogal média [+post]

Diante desses resultados, podemos afirmar que a escolarização mostra um papel no nível superior, ainda que leve, tornando-se inexpressivo, quase nulo, nos demais. Por outro lado, por envolver o fator faixa etária, o cruzamento dessa com a escolarização também nos dá subsídios para dizer que não há indícios de mudança em curso, pois os índices mais altos couberam aos mais velhos e os mais baixos aos mais jovens. Isso é um sinal de preservação do sistema.

4.2.1.9 Gênero

A variável gênero é um traço diferenciador do comportamento linguístico entre homens e mulheres. Categorias procedentes de uma construção histórico-social são amplamente discutidas na sociolinguística, que mostra ser esse um fator condicionante da heterogeneidade linguística. Trabalhos como os de Chambers e Trudgill (1980) e Labov (1991) destacam que as mulheres tendem a assumir a liderança na mudança quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada. Todavia, quando a implementação se refere a uma forma socialmente estigmatizada, elas assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo.

Em nosso caso, no entanto, não nos parece prudente atribuir uma função a essa variável com respeito à regra de abaixamento da pretônica no falar teresinense, visto que o programa selecionou esse grupo de fatores como estatisticamente relevante somente para uma das amostras, a vogal média [+post], como vemos na Tabela 12.

Tabela 12: Efeitos do gênero

Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Feminino	1071	565	53%	0,53
Masculino	1018	511	50%	0,47
Total	2089	1076	52%	-

Input: 0,60

Significância: 0,11

Levando-se em conta as considerações anteriores, os resultados nesta Tabela deixam-nos antever com referência aos índices atribuídos à vogal [+post], próximos ao ponto neutro, que essa variável é irrelevante para o condicionamento da abertura da média pretônica.

Em relação à neutralidade desse fator, nossos resultados assemelham-se aos de Pereira (1997, p. 85), cujos índices mostram-se muitos próximos entre si, não permitindo

qualquer outra conclusão referente à mudança no sistema com respeito à predominância da média aberta.

Diante dos resultados das variáveis sociais, podemos afirmar que, no dialeto de Teresina-PI, esses fatores não desempenham um papel relevante no condicionamento da abertura das médias pretônicas.

4.2.1.10 Conclusão

Ao finalizar esta seção, vale observar, no que respeita aos fatores linguísticos, que a vogal contígua e o contexto circundante revelaram um papel que aponta existir, de fato, de acordo com a nossa proposta, uma regra de Harmonia com a vogal baixa, seja /ε, ɔ/ seja /a/.

Quanto aos efeitos das variáveis sociais, os resultados podem ser condensados em uma única expressão: neutralidade no condicionamento da regra, isto é, essas variáveis têm um efeito neutro sobre o abaixamento da pretônica. Isto indica que a regra tende a generalizar. O cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária permitiu-nos tirar conclusões mais contundentes acerca do papel social destes fatores na aplicação da regra de abaixamento, cujos índices mostraram que nenhum padrão etário escolarizado sugere mudança em curso no dialeto, mas uma estabilidade da marca dialetal. A variável gênero, por sua vez, não permitiu uma conclusão mais robusta sobre se a distinção homem x mulher concorre diferentemente na produção das médias abertas, visto que só a vogal média [+post] foi selecionada pelo programa.

Em geral, nossos resultados para a regra de abaixamento assemelham-se aos trabalhos já realizados sobre falares nordestinos, como os de Maia (1986), Barbosa da Silva (1989) e Pereira (1997), que registram o predomínio da vogal média aberta na maioria dos contextos.

Fora do Nordeste, encontramos o abaixamento de uso expressivo como informação relevante, dada a região investigada não estar mapeada dentro dos limites geolinguísticos estabelecidos por Nascentes (1953) para o predomínio da baixa. Neste ponto, destacam-se os trabalhos de Callou, Leite e Coutinho (1991), no Rio de Janeiro;

Bortoni, Gomes e Malvar (1992), em Brasília; Guimarães (2006), Alves (2008) e Dias (2008), sobre os dialetos do Norte de Minas Gerais e da própria capital, Belo Horizonte, e Graebin (2008), na cidade de Formosa, região norte do estado de Goiás, que detectaram a presença da vogal média aberta.

A regra de abertura é um dos processos menos explorados pelos pesquisadores das vogais médias pretônica nos dialetos brasileiros. Por conseguinte, muitos trabalhos sobre a realização destas vogais não separam a regra de abaixamento da regra de elevação, ou seja, a maioria descreve o dialeto da região identificando-o como complexo por apresentar variantes vocálicas dentro de um mesmo item lexical, mas não estudam os efeitos dessas regras variantes em separado, calculando os seus índices como uma variação ternária entre baixas, médias e altas. Outros só se dedicam à harmonização vocálica dada a sua aplicação indiscriminada em todos os dialetos. Aqui se fez o estudo separado, considerando as três variações. Prosseguindo, apresentamos a Harmonia com a vogal alta.

4.2.2 Harmonia vocálica com a vogal alta. Variável dependente: vogal alta

O dialeto de Teresina-PI apresenta duas regras fonológicas bem distintas na realização das vogais médias em posição pré-acentuadas: a primeira, discutida na seção anterior, diz respeito à neutralização em favor da vogal baixa, marca do dialeto, a segunda refere-se à harmonização vocálica com a vogal alta.

Nesta seção, discutiremos a harmonia vocálica com a vogal alta. Todas as palavras cuja vogal média da sílaba pretônica sofreram elevação em consequência da presença da vogal alta /i/ na sílaba subsequente, tanto na amostra da vogal média [-post] como na amostra da vogal média [+post], são aqui consideradas.

4.2.2.1 Da seleção dos fatores

As rodadas foram realizadas em separado para a pretônica /e/ e para a /o/. O programa selecionou como estatisticamente significativas seis variáveis linguísticas, obedecendo à seguinte ordem:

1. Vogal Contígua
2. Contexto Fonológico Precedente
3. Contexto Fonológico Seguinte
4. Paradigma
5. Homorganicidade
6. Escolaridade

Para a vogal média /o/, a análise progressiva da regra variável *step-up* selecionou sete variáveis linguísticas como estatisticamente significativas, obedecendo à seguinte ordem:

1. Contexto Fonológico Precedente
2. Vogal Contígua
3. Contexto Fonológico Seguinte
4. Paradigma
5. Gênero
6. Homorganicidade
7. Escolaridade

Essas variáveis são descritas a seguir.

4.2.2.2 Vogal contígua

Embora estudos, como os de Sousa da Silveira (1921), Silva Neto (1970) e Camara Jr. (1970), tenham atribuído a Harmonia Vocálica à vogal alta tônica imediata ou não-imediata, estudos como os de Bisol (1981), com dados do dialeto gaúcho, e de Barbosa da Silva (1989), com dados do dialeto de Salvador, registram, nos seus respectivos

dialetos, a contiguidade da vogal alta como o mais forte condicionador da Harmonia Vocálica.

Nos dados do dialeto teresinense, procurou-se, então, investigar os efeitos das vogais altas contíguas, independentemente de serem tônicas ou átonas. É o que mostra a Tabela seguinte.

Tabela 13: Efeitos da vogal contígua

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
i qu[i]rido, b[i]bida	1376	314	23%	0,65	i c[u]zinha, p[u]lcial	740	357	48%	0,70
u s[i]guranca, s[i]guro	233	48	21%	0,55	u c[u]stumo, c[u]munidade	178	66	37%	0,60
e p[i]queno, fal[i]ceu	478	50	11%	0,38	e c[u]mer, c[u]meço	306	112	37%	0,50
o c[i]bola, t[i]soura	197	8	4%	0,23	o c[u]locou	32	1	3%	0,11
e S[i]m[e]stre	229	7	3%	0,19	e c[u]st[e]la, b[u]n[e]ca	422	115	27%	0,35
ɔ s[i]nh[ɔ]ra, m[i]lh[ɔ]ra	212	22	10%	0,44	ɔ -	80	0	0%	-
a	494	0	0%	-	a t[u]mate, f[u]gão	331	36	11%	0,27
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	34%	-

Input: 0,13
Significância: 0,11

Input: 0,28
Significância: 0,14

Essa Tabela atesta o papel relevante da vogal alta contígua no dialeto investigado frente à sua ausência: a vogal /i/ (0,70 x 0,65) e a vogal /u/ (0,60 x 0,55), quer acentuada ou não, enquanto os demais valores ficam entre o ponto neutro e os índices mais baixos.

Os índices revelam que o contexto da vogal [+post] é mais produtivo do que o da vogal [-post], pois a vogal subsequente /i/ favorece a elevação tanto da média [-post] como da média [+post], enquanto a vogal /u/ só favorece a pretônica de mesma zona de articulação. Tais efeitos estão em conformidade com Bisol (1981).

Resultado contrário obteve Barbosa da Silva. Segundo a autora, “surpreendentemente, **u** na sílaba subsequente favorece mais a elevação de E (P= 0,74) do que de O (P= 0,69) e **û** só favorece a elevação de E (P= 0,96)” (1989, p. 155). Os dados de Pereira (1997) mostram resultados semelhantes aos nossos, ou seja, a vogal subsequente /i/ favorecendo a elevação da média [-post] e [+post].

Por outro lado, o traço comum entre os dialetos nordestinos, que se deixa revelar diante das vogais altas, é o que já havíamos relatado na seção sobre o abaixamento: as altas /i/ e /u/ na sílaba seguinte favorecem à produção das médias em três graus de abertura – abertura, elevação e fechamento. Atestam essas possibilidades os exemplos fornecidos por Barbosa da Silva (1992, p. 72), como *assuciação:: assôciação:: associação/ pírmitir:: permitir:: permitir*, e Pereira (1997, p. 40) em *sufriemento ~ sófriemento ~ ôfriemento; turcida ~ tórcida ~ tôrcida*. Em nossos dados, encontramos também formas variantes nesse contexto, como: b[ɛ]bida ~ b[i]bida ~ b[e]bida; p[ɔ]ssível ~ p[u]ssível ~ p[o]ssível.

Sobre os fatores que favorecem a elevação das médias pretônicas, destaca-se a presença de uma vogal alta da sílaba seguinte, independente de ser tônica ou átona, constatação há muito apurada em vários trabalhos sobre os falares brasileiros.

Para uma visualização mais precisa do papel dessas vogais, a Tabela 14, que opõe, por amálgamas, as vogais altas às demais, põe em evidência o papel do condicionador na regra que vem se denominando, desde Camara Jr. (1970), de harmonização vocálica.

Tabela 14: Efeitos da vogal contígua com amalgamações

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
i p[i]riquito, r[i]c[i]bir	1376	329	24%	0,63	i c[u]rtina, b[u]nita	740	357	48%	0,69
u p[i]ru, s[i]guranca	233	48	21%	0,60	u g[u]rdura, c[u]stumo	178	66	37%	0,60
Demais vogais p[i]queno, cab[i]seira	1116	89	8%	0,33	Demais vogais s[u]sseo, c[u]meço	1091	264	24%	0,36
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	34%	-

Input: 0,14 Input: 0,27
 Significância: 0,007 Significância: 0,000

Ao destacar-se a vogal alta como estaticamente mais relevante na aplicação da regra, os resultados aqui obtidos confirmam o que os estudos de Bisol (1981) e Barbosa da Silva (1989) apontaram: a vogal alta imediata à vogal-alvo, tônica ou não, é o condicionador da harmonia vocálica. Por outro lado, de acordo com a Teoria Autossegmental, assimilações exigem vizinhança, isto é, não fazem pulos; de outra forma, cruzariam linhas, o que é proibido se entendermos a Harmonia Vocálica como um processo de espraçamento do traço alto.

Considerando esse fato e levando em conta também os argumentos levantados para o abaixamento na seção anterior, parece justo concluir ser o contexto vocálico seguinte o responsável pela altura da vogal pretônica, de modo geral.

4.2.2.3 Contexto fonológico precedente

Partindo-se da hipótese de que algumas particularidades articulatórias de consoantes têm um papel na regra, as consoantes foram classificadas de acordo com o ponto ou a área de articulação. A Tabela 15 mostra os resultados da análise quantitativa.

Tabela 15: Efeitos do contexto fonológico precedente

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Velar qu[i]rido, esqu[i]cido	493	22	4%	0,23	Velar c[u]nsgui, c[u]zido	880	418	47%	0,70
Labial av[i]nida, p[i]dir	1305	263	20%	0,60	Labial p[ulticabana, m[utivação	629	198	31%	0,45
Coronal pr[i]fido, c[i]mitério	1287	161	13%	0,51	Coronal d[u]mingo, s[u]fri	404	68	17%	0,28
Palatal conh[i]cido, d[i]cidu	63	20	32%	0,79	Palatal ch[u]ver, ch[u]calho	85	3	4%	0,11
Vazio -	71	0	0%	-	Vazio	91	0	0%	-
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	33%	-

Input: 0,14
Significância: 0,007

Input: 0,27
Significância: 0,000

Os resultados apresentados, nesta Tabela, em geral, ratificam o que se esperava para as consoantes de articulação alta, embora o comportamento não seja o mesmo para ambas as vogais. As consoantes palatais favorecem o alçamento da vogal /e/, enquanto as velares favorecem o alçamento de /o/.

Comparando esses resultados a outras análises, como a referente ao dialeto gaúcho, constatamos que o papel negativo das palatais é congruente aos de Bisol (1981) e Schwindt (1995) na análise da vogal [+post]. Por outro lado, o alto índice dessas consoantes na elevação das [-post] apenas está em conformidade com os de Battisti (1993), que estudou apenas a vogal inicial.

De um modo geral, esses resultados coincidem com os de Barbosa da Silva (1989). Era esperado das labiais pouca expressividade para /e/ dentro da harmonização vocálica, visto que a sua articulação não envolve altura, porém os dados nos revelam resultados estatísticos significantes de 0,60 para a vogal [-post] e estranhamente

inexpressivos para a vogal [+post], contrariando as expectativas. Bisol aponta as consoantes labiais como contexto favorável à elevação de /o/ para os falantes cultos de Porto Alegre:

[...] a labialidade é um traço das vogais posteriores que gradualmente se acentua à medida que se vai da vogal baixa para alta, é a vogal /u/ aquela que se caracteriza, em princípio, por maior labialização. Essa comunhão de traços entre a labial, por sua constituição, e a vogal posterior, sobretudo /u/, é que torna a labial um contexto favorecedor da elevação da vogal [...] (1981, p. 96).

As coronais, confirmando os resultados de Bisol (1981), Battisti (1993) e Schwindt (1995), mostram-se neutras ou pouco ativas neste processo, portando valores de 0,50 e 0,28 para /e/ e /o/, respectivamente.

Outro ponto que se refere à coincidência de fatores entre os dialetos diz respeito ao relevante papel das velares (0,70), na amostra da vogal [+post], evidenciando que essa vogal tende a elevar-se depois de consoantes com o mesmo traço articulatorio. No entanto, as palatais também não apresentaram o mesmo desempenho; talvez o baixo índice de ocorrência (3/85) para esse fator justifique o seu irrelevante papel sobre a variável dependente /o/.

A consoante velar, nos dados de Salvador para vogal [-post], mostrou um comportamento interessante, pois, apesar de apresentar um índice alto de aplicação (0,70), Barbosa da Silva (1989, p. 165), ao verificar os dados, constata que essa elevação só ocorre em cinco itens lexicais, dos quais dois têm a mesma raiz (*quiriam, quirido, esquici, aquicimento, pequininho*); com isso ela elimina o papel da velar precedente para a variável dependente /e/. Neste ponto, a baixa atuação das velares no dialeto teresinense coincide também com a dos soteropolitanos. Assim, os resultados de Teresina divergem dos de Salvador, apenas com a palatal precedente (0,79).

Pereira (1997, p. 57), ao analisar a fala do pessoense urbano culto, também constata a velar precedente como contexto favorável à elevação de /e/ com um peso relativo bem expressivo (0,79). No entanto, ressalta que não se pode fazer generalizações porque todas as 303 ocorrências nesse contexto resultam da repetição de um único vocábulo: **quiria**. Comportamento inverso tem a labial cujo índice ficou ao redor do ponto neutro (0,53), aproximando-se do nosso para esse segmento.

Comparativamente aos resultados expostos acima, pode-se estabelecer o seguinte paralelismo em relação à vogal [-post]: a amostra de Teresina é coincidente com a de Salvador (1989) e João Pessoa (1997); já para a vogal [+post], os resultados se aproximem mais aos de falantes cultos de Porto Alegre e aos de Salvador.

Diante dos resultados obtidos, concluímos que, dentre os fatores linguísticos que se comportam como indutores da elevação da vogal [-post], pelo menos no que concerne à amostra utilizada, destacam-se as consoantes palatais e labiais. Para a vogal [+post], somente as consoantes velares têm papel positivo nesta amostra.

4.2.2.4 Contexto fonológico seguinte

Por ser a harmonização vocálica uma regra de assimilação regressiva, o contexto consonantal que segue a vogal na pauta pretônica deve ter um papel de acordo com sua articulação.

O que se espera dessa variável é que as consoantes de articulação alta constituam ambientes mais favorecedores ao alçamento das vogais pretônicas. Os resultados estão na Tabela 16.

Tabela 16: Efeitos do contexto fonológico seguinte

Fatores	Médias [-post]				Fatores	Médias [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Labial d[i]via, p[i]pino	580	55	9%	0,42	Labial c[u]mida, d[u]mingo	598	193	32%	0,57
Palatal m[i]xido, v[i]stir	442	60	13%	0,44	Palatal m[u]tivação, c[u]stumo	297	130	44%	0,58
Coronal pr[i]cisando, m[i]nino	1487	217	14%	0,51	Coronal p[u]ssível, p[u]lítico	751	298	40%	0,58
Velar s[i]guro, pr[i]guiça	710	134	19%	0,60	Velar c[u]rrida, c[u]rtina	443	66	15%	0,26
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	33%	-
	Input: 0,13 Significância: 0,11					Input: 0,28 Significância: 0,14			

De acordo com os resultados desta Tabela, o alçamento da vogal média [-post] é favorecido somente pela consoante velar mostrada com índice relevante (0,60), enquanto para a média [+post] a labial, a palatal e a coronal mostram uma tendência ao favorecimento da regra com índices semelhantes.

Considerando o índice expressivo da velar, não podemos deixar de reconhecer a sua importância para o favorecimento da aplicação da regra de harmonia, não só em dialetos em que ocorre a variação tripartida, mas também em outros em que esse fenômeno não ocorre. Comprovando este fato, temos a constatação de Bisol, que dá a seguinte conclusão para a amostra do Rio Grande do Sul: “Os resultados razoavelmente consistentes permitem, pois, inferir que, na regra de /e/ uma velar (ou uma palatal seguinte) condiciona a elevação da pretônica, não o fazendo a labial, a alveolar” (1981, p. 79-80; grifos da autora). Para essa conclusão, Bisol parte de todo o conjunto da amostra, que é composta por falantes de ascendência étnica e de níveis de escolarização distintos; porém, ao considerarmos os resultados obtidos só para os falantes metropolitanos cultos, veremos que os nossos assemelham-se àqueles, conforme mostram as probabilidades daquele dialeto, aqui transcritas:

Fala culta Metropolitanos: Resultados para /E/ – antes de Palatal P = 0,50

– antes de Velar P = 0,85

Com esse índice no ponto neutro, Bisol (1981) não atribui papel para a palatal na fala dos metropolitanos cultos. Desta forma, comparando-os com os nossos resultados, vimos que as coronais tiveram um índice ao redor ponto de referência, as palatais e as labiais abaixo dele; podemos concluir que os resultados autorizam-nos a dizer que, em relação à vogal [-post], os segmentos selecionados com índices favorecedores são os mesmos para os dois dialetos.

Embora seja um dialeto da mesma região, os resultados de Salvador para essa variante só coincidem com os nossos para a velar (0,63), pois a palatal apresentou um valor alto também (0,79).

Para a vogal [+post], três fatores tendem a favorecer: a labial, a palatal e a coronal, enquanto a velar tem um papel negativo, oposto ao que desenvolve em relação à vogal [-post].

Como os índices dessa Tabela em geral são muito próximos, realizamos um amálgama de fatores, com o fim de visualizarmos melhor os resultados. Isso é o que vemos na Tabela 17.

Tabela 17: Efeitos do contexto fonológico seguinte com amalgamações

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Labial + Palatal s[i]minarista, s[i]minario	1022	115	11%	0,43	Labial + Coronal + Palatal p[u]licial, c[u]chilo	1646	621	38%	0,58
Coronal conh[i]cido, m[i]nino	1487	217	15%	0,50	-	-	-	-	-
Velar Cons[i]gui, pr[i]guiça	710	134	19%	0,61	Velar m[u]rda, m[u]rdo	443	66	15%	0,27
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	33%	-

Input: 0,14
Significância: 0,007

Input: 0,27
Significância: 0,000

4.2.2.6 Homorganicidade

Esse grupo de fatores tem o objetivo de averiguar se as vogais altas **i** e **u**, homorgânicas de /e/ e /o/, respectivamente, são igualmente elementos motivadores para a elevação da vogal correspondente.

Tabela 19: Efeitos da homorganicidade

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Vogal seguinte Homorgânica r[i]sistiu, m[i]ntira	1845	332	18%	0,55	Vogal seguinte Homorgânica c[u]stuma, g[u]rdura	305	84	28%	0,37
Vogal seguinte não-Homorgânica s[i]gurança s[i]guro	1374	134	10%	0,44	Vogal seguinte não - Homorgânica c[u]mida, c[u]rtina	1784	603	34%	0,52
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	33%	-
Input: 0,14 Significância: 0,007					Input: 0,27 Significância: 0,000				

Estes resultados revelam que a vogal alta /i/ é o condicionador mais forte, tanto eleva /e/ quanto /o/, ao passo que /u/ tende a restringir-se a /o/ vogal homorgânica, repetindo o resultado averiguado nos dados do Sul, em Bisol (1981), Callou, Leite e Coutinho (1991) e Schwindt (1995). Segundo Guy e Bisol, “a vogal subsequente /i/ mostra-se efetivamente mais forte que a vogal posterior /u/, pois /i/ levanta prodigamente vogais frontais e posteriores, enquanto /u/ tende a restringir sua ação à vogal posterior” (1991, p. 130).

Embora os índices da vogal homorgânica [i] e da não-homorgânica tenham ficado acima um pouco do neutro (0,55) e em torno dele (0,52), comparativamente, em relação à homorgânica [u], é expressivo. Ressalte-se ainda que a harmonização com a vogal alta é de baixa produtividade no dialeto (cf. Gráficos 1 e 2, do presente trabalho), visto que as realizações complexas das variantes pretônicas parecem deixar claro existir no dialeto uma

distribuição complementar dos ambientes da regra de elevação e abaixamento, no sentido de que, quando a harmonia com a vogal alta não se aplica, emerge majoritariamente a vogal média aberta.

A seguir, discutiremos a contribuição das duas variáveis sociais selecionadas na aplicação da regra de harmonização vocálica.

4.2.2.7 Escolaridade

Dentre os fatores externos, a escolaridade é um dos mais relevantes para avaliar o comportamento linguístico dos falantes em relação ao uso de uma determinada variante. A Tabela 20 fornece-nos uma ideia geral sobre o desempenho dos informantes no uso dessa variante, conforme o nível de instrução.

Tabela 20: Efeitos da escolaridade

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Ensino Fundamental	929	161	17%	0,55	Ensino Fundamental	507	199	39%	0,57
Ensino Médio	1221	144	12%	0,45	Ensino Médio	787	229	29%	0,44
Ensino Superior	1069	161	15%	0,52	Ensino Superior	795	259	33%	0,51
Total	3219	466	14%	-	Total	2089	687	33%	-
	Input: 0,14 Significância: 0,007					Input: 0,28 Significância: 0,001			

Os resultados apresentados nesta tabela são coincidentes ao apontarem índices um pouco acima do ponto neutro, para aplicação da regra de harmonização vocálica, concentrados nos falantes com nível de escolarização mais baixo tanto para a média [-post] como para a [+post]. Isso é compreensível se relacionarmos esse fato à questão da influência da escrita como modeladora da fala para aqueles têm mais acesso a ela. Os demais níveis de escolarização subsidiam esse argumento, pois, pelos índices, visualiza-se um ligeiro declínio na aplicação da regra, seguida de uma estabilização.

Apesar de se tratar de uma regra suprarregional, os resultados tornar-se-iam mais significativos para outras inferências se fosse possível fazer cruzamentos desse fator com as variáveis faixa etária e gênero, porém o programa não selecionou a variável faixa etária, fator que poderia delimitar melhor o desempenho em relação às diferenças entre os níveis de escolarização. Quanto ao gênero, o programa só selecionou os resultados para a vogal média [+post]. Por essas razões, fica inviável a execução desses procedimentos que nos auxiliariam na procura por resultados mais expressivos.

Vale salientar, mais uma vez, que o dialeto teresinense tem uma variação tripartida, com predomínio da variante aberta para média [-post] e média [+post], contudo a média [-post] eleva-se menos. Portanto, a harmonia com a vogal alta, na comunidade em foco, tem um índice de aplicação relativamente baixo, como atestam os Gráficos 1 e 2 do presente trabalho.

4.2.2.8 Gênero

Apesar de ter sido selecionada para os dois processos linguísticos até então analisados, curiosamente nos dois o programa selecionou apenas a média [+post], o que dificulta conclusões mais abrangentes.

Tabela 21: Efeitos do gênero

Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Feminino	1071	314	29%	0,44
Masculino	1018	373	37%	0,56
Total	2089	687	33%	-

Input: 0,28
Significância: 0,001

Mesmo selecionado como estatisticamente relevante para a vogal [+post], e ainda que se registre probabilidade mais alta (0,56) entre os homens para a variante [u] que entre as mulheres (0,44), parece-nos mais prudente não ressaltar o papel desse fator no

condicionamento da regra de harmonização vocálica. Posto que, ao fazermos o cruzamento entre este fator e a faixa etária o programa nada selecionou.

A interferência do fator gênero no comportamento de uma regra variável pode, segundo Labov (1972) e Chambers e Trudgill (1980), exercer um papel relevante para indicar a evolução ou regressão dessa regra. De fato, se compreendermos esse fator como um dos indicativos de que uma mudança linguística está ocorrendo, a unilateralidade do resultado se torna bastante justificável, uma vez que se trata de uma regra suprarregional de caráter estável, como já demonstrado nos trabalhos de Bisol (1981), Barbosa da Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Battisti (1993) e Schwindt (1995).

4.2.2.9 Conclusão

Especificamente, no dialeto de Teresina, a realização da vogal alta está relacionada ao processo de Harmonia Vocálica, em que uma vogal da mesma altura na sílaba seguinte exerce um papel decisivo para a produção da variante alta pretônica, mas, como vimos nos Gráficos 1 e 2 do presente estudo, essa regra tem um índice baixo de aplicação no dialeto. Sobre essa baixa produtividade, os primeiros estudos sobre Harmonização Vocálica nos moldes da sociolinguística laboviana, em quatro dialetos regionais brasileiros: Rio Grande do Sul (BISOL, 1981, 1989), Rio de Janeiro (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991; CALLOU; LEITE; MORAES, 1995; YACOVENCO, 1993), Bahia (BARBOSA DA SILVA, 1989) e Minas Gerais (CASTRO, 1990; VIEGAS, 1987), afirmam que, no português do Brasil, esta regra vem se mantendo estável, sem indícios de mudança.

A análise das probabilidades obtidas sobre cada fator, considerando os resultados mais consistentes, autoriza-nos às seguintes conclusões:

- a) com a pretônica seguida preferencialmente por uma vogal alta, o falante tem a opção de aplicar a regra de harmonização tanto para a média [-post] como para média [+post], justificada pelos maiores índices, porém isso não se configura um contexto categórico no dialeto. A vogal alta /i/ subsequente favorece a elevação da sua homorgânica e da não-homorgânica /u/, enquanto /u/ tende a

restingir-se à elevação de /o/. Itens de uma mesma família lexical com vogal alta /i/ subsequente têm a maior probabilidade de aplicação da regra;

- b) diante dos contextos consonânticos precedente e seguinte, a regra se aplica de modo distinto: a média [-post] eleva-se mais diante da palatal precedente e da velar precedente e seguinte, enquanto a [+post] é favorecida apenas pela velar precedente, apresentando índices muito próximos, as consoantes labial, palatal e coronal na posição subsequente;
- c) as variáveis sociais não apresentaram nenhum condicionamento expressivo para a Harmonia com a vogal alta.

Em termos gerais, por se tratar de uma regra suprarregional, nossos resultados assemelharam-se aos de Bisol (1981) com os falantes metropolitanos, Barbosa da Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991) e Pereira (1997).

4.2.3 Harmonia vocálica com a vogal média fechada. Variável dependente: vogal média fechada

A estatística revelou que no dialeto de Teresina-PI a maior concentração das vogais médias fica na área da média baixa e que, um número menor, harmoniza variavelmente com a vogal alta, e um terceiro grupo aponta para a vogal /e, o/ em consonância com a vogal média fechada (ver Gráficos 1 e 2). Por estas características, pode-se afirmar que esse dialeto participa da mesma isoglossa dos demais falares nordestinos³⁷, pois apresenta a mesma variação de caráter regional que se evidencia naqueles falares.

A amostra foi constituída por todas as palavras que se manifestaram com [e] ou [o] na pretônica, independentemente da altura da vogal subsequente, visto que o objetivo é detectar que fatores exercem condicionamento para a emergência desta vogal. Para tanto, essa amostra foi organizada e reclassificada de acordo com o modelo laboviano descrito nos dois processos anteriormente discutidos, em que as vogais médias fechadas passam a

³⁷ Chama-se *isoglossa* a linha ideal que separa duas áreas dialetais que oferecem para um traço dado formas ou sistemas diferentes. A *isoglossa* (ou linha de *isoglossa*) é representada num mapa lingüístico por uma linha que separa os pontos em que se encontra um traço dado daqueles que este não se encontra (DUBOIS, 2004, p. 354).

ser a variável dependente. Estabeleceram-se, então, as seguintes variáveis independentes: Vogal Contígua, Vogal Tônica, Distância da Vogal Tônica, Derivada da Tônica, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Gênero, Escolaridade e Faixa Etária.

Considerando os argumentos consensuais sobre a pouco provável produção de vogais médias fechadas na região Nordeste, desde Nascentes (1953), confrontaremos os resultados de nossos dados com os de Barbosa da Silva (1989) na descrição do dialeto de Salvador e de (1997) com os dados de Recife, Maia (1986) com a descrição da fala de Natal – RN e Pereira (1997) com a fala do pessoense urbano culto, por evidenciarem em suas respectivas pesquisas a existência destas produções.

4.2.3.1 Da seleção dos fatores

A análise progressiva de aplicação da regra variável *step-up* selecionou para as duas amostras, como estatisticamente significativas, as seguintes variáveis linguísticas:

- | | |
|---|---|
| <p>a) Para ambas as vogais [-post, +post]</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Vogal Contígua 2. Vogal Tônica 3. Distância da Tônica 4. Contexto Fonológico Precedente 5. Contexto Fonológico Seguinte 6. Faixa Etária | <p>b) Somente para a vogal [+post]</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Derivada de Tônica 2. Gênero |
|---|---|

Na descrição e análise dos dados, inicialmente serão discutidos, em conjunto, os fatores selecionados que foram coincidentes para as duas amostras; logo em seguida serão discutidas as variáveis selecionadas somente para a vogal [+post].

4.2.3.2 Vogal contígua

A Tabela 22, que diz respeito à vogal contígua, compreende três fatores: vogal alta (m[ɛ]dida ~ m[e]dida ~ m[i]dida), vogal média (d[ɛ]serto ~ d[e]serto) e vogal baixa (locom[ɔ]ver ~ locom[o]ver), a seguir apresentados.

Tabela 22: Efeitos da vogal contígua

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Vogal alta s[e]rviço, p[e]ríodo, b[e]bida, pr[e]sidente	1585	309	19%	0,45	Vogal alta r[o]busto, s[o]frimento, n[o]vidade, p[o]ssível	949	154	16%	0,55
Vogal média fechada r[e]forço, r[e]solver, agrad[e]cer, b[e]besse	722	263	36%	0,72	Vogal média fechada pr[o]teger, b[o]tei, s[o]frer, p[o]deria	368	117	32%	0,67
Vogal baixa s[e]mana, pal[e]tó f[e]chado	912	102	11%	0,41	Vogal baixa r[o]mance, b[o]rracha, t[o]mate	772	55	7%	0,36
Total	3219	674	21%	-	Total	2089	326	16%	-
	Input: 0,17 Significância: 0,000					Input: 0,13 Significância: 0,035			

Os índices mais altos desta Tabela são atribuídos à contiguidade com a vogal média fechada (0,72) para /e/ e (0,67) para /o/. Isso sugere que o condicionador que favorece a realização, na pretônica, das vogais médias fechadas no dialeto teresinense é, destacadamente, a contiguidade com uma vogal média fechada. Tais resultados assemelham-se aos de Barbosa da Silva (1989, p. 110) que, ao descrever o dialeto de Salvador e de Recife (1997, p. 324), constatou que as porcentagens mais elevadas de [e] e [o] ocorrem diante de vogal da mesma altura.

Pereira (1997, p. 45) também constatou que o mesmo fenômeno ocorre no dialeto de João Pessoa, pois os valores percentuais e probabilísticos mais altos, quase categóricos, atribuídos à realização fechada de /e/ e /o/, restringem-se aos contextos de vogal da mesma altura, diminuindo um pouco diante de ditongos.

Embora com um *corpus* muito pequeno, Maia (1986, p. 217) apresenta o fechamento das médias pretônicas, nesse contexto, como uma regra categórica, quando a vogal subsequente é uma média fechada tônica oral e, quase categórica, quando a pretônica está seguida de átona oral subsequente.

A presença dessa regra fonológica de harmonia é antiga nos falares nordestinos. Marroquim (1934, p. 56), ao descrever o dialeto de Alagoas e Pernambuco, a havia identificado registrando a presença da pretônica posterior /o/ nos verbos de segunda conjugação, como em *sôfrê(r)*, *môrrê(r)*, *côrrê(r)*, *cômê(r)*, *môrdê(r)*, *entorpece(r)*, *môvê(r)*, da mesma forma que em nossos dados. O autor não faz qualquer menção à vogal média pretônica anterior /e/ nos verbos. Nossos dados, porém, indicam que a presença desta vogal neste contexto envolve também a vogal [-post], tais como: *agrad[e]cer*, *ofer[e]cer*, *obed[e]cer*, *prot[e]ger*, *d[e]ver*, *perc[e]ber*, *cr[e]scer*. Essa vogal também se registra em verbos de primeira conjugação que ajustam as vogais mencionadas em sequências: *des[e]jado/des[e]jar*; *r[e]speitado/r[e]speitar*; *r[e]pouso/r[e]pousar*. Tais realizações ratificam os contextos já descritos por Marroquim (1934) e, posteriormente, por Barbosa da Silva (1989), quando analisaram dialetos nordestinos.

Barbosa da Silva (1989), em relação à fala de Salvador, agrupou os casos de realização de vogal média fechada em blocos, considerando a vogal subsequente e o paradigma verbal. Desta forma, observou que os verbos de segunda conjugação cuja vogal subsequente é [e] apresentam na sílaba pretônica a vogal média fechada. Daí conclui que as relações entre as vogais do paradigma verbal influem na atuação das regras variáveis daquele dialeto.

À mesma regra fonológica que atua nos verbos de segunda conjugação, Barbosa da Silva (1989) também estendeu aos nomes como em *c[o]rreio* e *c[e]rveja*, que apresentam a vogal média fechada na tônica. Todos esses fatos são constatados em nossa análise, seja em verbos de primeira e segunda conjugação, como os exemplificados acima,

seja em nomes como *certeza*, *cerveja*, *cervejinha*, enquadrando-se, portanto, nos mesmos casos descritos por essa autora.

Constata-se, pois, que embora Marroquim (1934) só se refira à vogal /o/ em verbos, Barbosa da Silva (1989) e este estudo mostraram que essa harmonia ocorre tanto em nomes como em verbos, envolvendo /o/ e /e/, perfazendo-se um caso de concordância de traços.

Contudo, tanto a descrição do falar baiano como a que se faz nesta tese revelam que a desestabilização dessa harmonia ocorre todas as vezes em que se tenha a presença de uma vogal alta na sílaba contígua.

Para asseverar tal argumento, o cálculo da percentagem de aplicação em cima do número total de dados, da Tabela 22, nas duas amostras, confirma a hipótese levantada de que são as vogais altas que desestabilizam a marca dialetal deste falar, fato observável na Tabela 23, a seguir.

Tabela 23: Percentagem total de aplicação da vogal média fechada em ambientes de contiguidade

Fatores	Média [-post]	Média [+post]
Vogal alta	309/3219 9,6%	154/2089 7,4%
Vogal média fechada	267/3219 8,3%	117/2089 5,7%
Vogal baixa	102/3219 3,1%	55/2089 2,6%

Analisando verticalmente as percentagens presentes, na Tabela acima, constatamos que os percentuais mais altos concentram-se nos ambientes em que se tem a vogal alta na sílaba contígua, 9,6% para a vogal [-post] e 7,4% para a vogal [+post], e secundariamente de vogal média fechada, 8,3% para a [-post] e 5,7% para a [+post], enquanto as vogais baixas apresentam percentagem mínima (menos de 5%) nas duas amostras, mais precisamente de 3,1% e 2,6% para [e] e [o], respectivamente.

A deflagração da interferência desse fenômeno pode ser confirmada, ainda, quando retomamos os resultados obtidos diante dessas vogais nos processos anteriormente

analisados – Harmonia com a vogal média aberta e Harmonia com vogal alta – recortados das Tabelas 2 e 13 do presente estudo, expostos a seguir.

Tabela 24: O comportamento das pretônicas diante das vogais altas

Fatores	Variável dependente: vogal média aberta		Variável dependente: vogal alta		Variável dependente: vogal média fechada	
	[e]	[ɔ]	[i]	[u]	[e]	[o]
i	777/1376 56%	267/740 36%	314/1376 23%	357/740 48%	309/1585 19%	154/949 16%
u	146/233 63%	93/178 52%	48/233 21%	66/178 37%		

Esses índices salientam a predominância da vogal baixa (com evidente tendência à neutralização), marca dialetal predominante, seguindo-se a vogal alta e, por fim, a vogal média fechada.

Admite-se, dessa forma, como verdadeira a variação ternária que só se estabelece antes de vogais altas /i/ e /u/, constatável nos exemplos abaixo:

ben[ɛ]fício ~ ben[e]fício ~ bin[i]fício

m[ɛ]dida ~ m[e]dida ~ m[i]dida

pr[ɛ]firo ~ pr[e]firo ~ pr[i]firo

s[ɛ]guro ~ s[e]guro ~ s[i]guro

s[ɛ]gurança ~ s[e]gurança ~ s[i]gurança

p[ɛ]dir ~ p[e]dir ~ p[i]dir

m[ɛ]nino ~ m[e]nino ~ m[i]nino

qu[ɛ]ria ~ qu[e]ria ~ qu[i]ria

qu[ɛ]rido ~ qu[e]rido ~ qu[i]rido

fal[ɛ]cido ~ fal[e]cido ~ fal[i]cido

pr[ɛ]guiça ~ pr[e]guiça ~ pr[i]quiça

al[ɛ]gria ~ al[e]gria ~ al[i]gria

pr[ɛ]cisa ~ pr[e]cisa ~ pr[i]cisa

v[ɛ]stir ~v[e]stir ~v[i]stir

c[ɛ]mitério ~c[e]mitério ~c[i]mitério

s[ɔ]frimento ~s[o]frimento ~s[u]frimento

f[ɔ]rmigueiro ~f[o]rmigueiro ~f[u]rmigueiro

p[ɔ]ssível ~p[o]ssível ~p[u]ssível

c[ɔ]rrida ~c[o]rrida ~c[u]rrida

s[ɔ]frir ~s[o]frir ~s[u]frir

c[ɔ]zinha ~c[o]zinha ~c[u]zinha

p[ɔ]lítica ~p[o]lítica ~p[u]lítica

n[ɔ]tícias ~n[o]tícias ~n[u]tícias

Valendo-nos, ainda, do cálculo percentual como evidências a favor da definição de ambientes vocálicos específicos para a emergência da vogal média fechada *versus* vogal média aberta, atestamos que favoravelmente a produção da média fechada se realiza em ambientes de vogais de mesma altura. É o que nos mostram o confronto entre os resultados recortados das Tabelas 2 e 22 e organizados na Tabela 25.

Tabela 25: Ambientes vocálicos de produção de vogais médias fechadas e médias baixas

Fatores	Harmonia com vogal média aberta		Harmonia com a vogal média fechada	
	[ɛ]	[ɔ]	[e]	[o]
e	289/478 59%	77/306 25%	263/722 36%	117/368 32%
o	67/197 34%	22/32 69%		
ɛ	201/229 88%	265/422 63%	102/912 11%	55/772 7%
ɔ	175/212 83%	71/80 89%		
a	424/494 86%	281/331 85%		

Por estes resultados, pode-se arbitrar que o ambiente para a realização das vogais médias fechadas, no dialeto em questão, é a presença de uma vogal de mesma altura na sílaba subsequente. Por outro lado, evidencia uma relativa expansão da vogal média aberta em contextos desarmônicos.

4.2.3.3 Vogal tônica

Neste caso, a tonicidade foi tratada separadamente da contiguidade porque não tínhamos, neste sentido, um pressuposto da sua emergência como tínhamos nas duas outras amostras. A variável vogal tônica foi considerada em três graus de altura: alta /i, u/, média /e,o/ e baixa /a, ε, o/.

Tabela 26: Efeitos da vogal tônica

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Vogal alta p[e]dir, b[e]nefício, f[e]liz, qu[e]rido	1289	311	24%	0,60	Vogal alta p[o]lítico, n[o]tícia, m[o]torista	723	99	14%	0,47
Vogal média fechada pr[e]guiçoso, p[e]lqueno, t[e]soureira	869	248	29%	0,47	Vogal média fechada pr[o]fessora, c[o]rrer, c[o]l[o]cou	516	143	28%	0,59
Vogal baixa obs[e]servando, d[e]morar, d[e]licado	1061	115	11%	0,41	Vogal baixa d[o]méstica, c[o]mentada, d[o]minó	850	84	10%	0,47
Total	3219	674	21%	-	Total	2089	326	16%	-
	Input: 0,17 Significância: 0,000					Input: 13 Significância: 0,035			

Nessa Tabela, os resultados apresentam condicionadores distintos, nas duas amostras, que favorecem a realização da média alta na pauta pretônica, que são: a vogal alta para a vogal [-post] e a vogal média fechada para média [+post]. Em relação à média [-post], a sílaba tônica com vogal alta apresenta o índice mais alto, seguindo-se a tônica com a vogal média fechada, o que foi observado anteriormente.

No entanto, em relação à [+post], a tônica com vogal média é mais atuante (0,59) na produção do [o], do que as duas outras combinações, ambas com 0,47.

Os dados, portanto, indicam que a sílaba tônica também está envolvida com a presença na pretônica da vogal média fechada, seja por opção no caso de conflito com a harmonia, seja por mera concordância de traços, como mostra a vogal posterior.

Contudo, este resultado acusa um viés³⁸ na frequência da vogal [-post] que se deflagra nas vogais alta e média fechada, 24% e 29%, respectivamente. Para identificar a fonte desse problema, recorreremos à rodada do *step-up*, que apontou uma acentuada queda do peso relativo deste fator quando entra em combinação com o grupo de fatores da vogal contígua.

Assim, para avaliar melhor o efeito deste fator sobre a variável dependente e depurar com mais clareza os contextos vocálicos favoráveis à produção das vogais médias fechadas [e] e [o], cruzaram-se os fatores Vogal Contígua com Vogal Tônica. A combinação dessas duas variáveis mostra, na Tabela 27, que a produção das médias fechadas diferencia-se nas duas amostras das vogais [-post] e [+post].

Tabela 27: Cruzamento da vogal contígua com vogal tônica

Contiguidade \ Tonicidade	Média [-post]			Média [+post]		
	Vogal alta contígua	Vogal média fechada contígua	Vogal baixa contígua	Vogal alta contígua	Vogal média fechada contígua	Vogal baixa contígua
Vogal alta tônica	0,55	0,75	0,53	0,46	0,86	0,28
Vogal média fechada tônica	0,51	0,70	0,22	0,69	0,73	0,62
Vogal baixa tônica	0,29	0,77	0,33	0,66	0,40	0,48

Nesta Tabela, é interessante observar que os pesos nos revelam similaridades e assimilaridades. A similaridade se registra em dois pontos: primeiro, nos altos índices resultantes do cruzamento vogal média fechada contígua com vogal alta tônica (0,75) para [e] e (0,86) para [o], autorizando-nos desta forma arbitrar que, quando a harmonia com a

³⁸ Guy e Zilles (2007, p. 133) definem o viés como qualquer efeito, tanto dos procedimentos do pesquisador, quanto dos contextos em que a pesquisa é conduzida, que tendam a favorecer certos resultados mais do que outros.

vogal alta não se aplica e a vogal *default* não ocorrer, emergem no dialeto as vogais médias fechadas, como em **benefício** e **possível**. O segundo ponto se concentra no contexto legítimo para a harmonização com a média fechada, ou seja, ambiente em que se combinam duas vogais de mesma altura: vogal média fechada contígua e vogal média fechada tônica, a fechada predomina (0,70) para a vogal [-post] e (0,73) para a vogal [+post], como se registram nos exemplos:

rec[e]ber, agrad[e]ço, p[e]rdoa, c[e]rteza
 beb[e]sse, f[e]stejo, c[e]bola, rec[e]besse
 ob[e]deço, p[e]rder, r[e]forço, c[e]rveja,
 b[e]leza, c[o]rreu, forr[o]zeira, col[o]cou
 esc[o]lher, m[o]rcego, m[o]rreir, c[o]rreir

A assimilaridade ocorre na combinação da vogal média fechada contígua com vogal baixa tônica cujo resultado mostrou favorecimento somente para a [-post] com índice (0,77), mas não para a [+post], cujo índice foi (0,40).

Barbosa da Silva (1989, p. 138-141) já discutiu tais ocorrências no dialeto de Salvador e constatou que essas produções se restringem às pretônicas de verbos e deverbais da primeira conjugação, que apresentam no seu contexto subsequente uma consoante palatal. Segundo a autora, a interferência da consoante palatal já havia sido observada no passado por Vianna (1892), para explicar exceções à metafonia em palavras, como f[e]cho. O mesmo processo também foi registrado pela autora no dialeto de Recife (1997, p. 324), cujos dados apontaram que das 132 ocorrências de [e] flagram-se 83 antes de consoantes palatais e deverbais da primeira conjugação.³⁹

Outro ponto de assimilaridade entre as duas amostras diz respeito aos índices do cruzamento da vogal baixa contígua com vogal média fechada tônica, 0,62 x 0,22, correspondentes à vogal [+post] e [-post]. Uma consulta aos dados mostrou-nos que a explicação para isso deve-se ao fato de que as palavras recorrentes com essa classificação linguística são os verbos de segunda conjugação, tais como rec[o]nh[e]cer, c[o]nh[ε]ce c[o]nh[ε]cimento que se apresentam repetidas vezes.

³⁹ Em nota, Barbosa da Silva (1997, p. 334) informa que na amostra de Recife essas ocorrências registram-se nos seguintes itens e em suas formas flexionadas, algumas repetidas numerosas vezes: *vexame, aparelhagem, planejamento, fechamento, chegar, fechar, desejar, manejar, aconselhar, almejar, festejar, aparelhar*.

Diante destes resultados, podemos concluir que o cruzamento dos fatores contiguidade e tonicidade permite afirmar que no dialeto de Teresina a presença da média fechada ocorre quando: a) diante de vogal alta a harmonia não se aplicar e a vogal média aberta não se realizar, a média fechada será a preferida e b) a vogal da sílaba seguinte for uma média fechada, a pretônica também o será.

4.2.3.4 Distância da tônica

Na expectativa de que a distância da variável [e] e [o] em relação à sílaba tônica interferisse na produção das respectivas vogais médias fechadas, essa variável foi examinada considerando três distâncias, conforme o exposto a seguir.

Tabela 28: Efeitos da distância da tônica

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Uma sílaba vend[e]dor, qu[e]rer, l[e]vei, col[o]cou	1840	496	27%	0,57	Uma sílaba m[o]vimento m[o]rcego, n[o]tícia	1188	173	15%	0,48
Duas sílabas r[e]solver, p[e]riqui-to, m[e]ninho, of[e]receram	1110	162	15%	0,46	Duas sílabas m[o]torista, c[o]nfiar, c[o]nhecer	656	133	20%	0,59
Três sílabas d[e]corativa, t[e]souraria, pr[e]senciei	269	16	6%	0,24	Três sílabas c[o]nstrução, f[o]rrozeira, g[o]vernador	245	20	8%	0,37
Total	3219	674	21%	-	Total	2089	326	16%	-
	Input: 0,17 Significância: 0,000					Input: 13 Significância: 0,035			

A Tabela acima, embora não apresente resultados mais robustos para as duas amostras, permite-nos estabelecer relações entre índices acima ou ao redor do ponto neutro e abaixo dele. Nesse sentido, em se tratando da vogal [-post], sílabas próximas à tônica são mais propícias a manifestar a média fechada, enquanto, em se tratando de vogal [+post], a sílaba com duas distâncias da tônica é preferida. Todavia, esses resultados discordantes não permitem uma generalização.

4.2.3.5 Contexto fonológico precedente

Com base em análises sumariadas neste estudo, como Barbosa da Silva (2008) e Pereira (1997), admitiu-se que a presença da vogal média fechada sofresse influência de consoantes específicas, como Nasal Palatal e Líquida; esses foram os fatores considerados.

Tabela 29: Efeitos do contexto fonológico precedente

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Nasal m[e]lância, m[e]nino, com[e]çando	392	42	11%	0,22	Nasal m[o]rcego, m[o]vimento, m[o]tivação	244	80	33%	0,73
Palatal conh[e]cer, ch[e]gar, conh[e]ci- mento	51	10	20%	0,53	Palatal ch[o]ver, ch[o]rona, melh[o]ria	83	19	23%	0,64
Líquida al[e]gria, pr[e]fere, r[e]ceita, r[e]cebi	816	78	10%	0,32	Líquida r[o]busto, pr[o]tejo, apr[o]veitar	226	28	12%	0,49
Demais t[e]soura, cab[e]ceira, p[e]quenino, f[e]stejo	1960	544	28%	0,64	Demais disp[o]sição s[o]frimento c[o]bertura	1536	199	13%	0,46
Total	3219	674	21%	-	Total	2089	326	16%	-
	Input: 0,17 Significância: 0,000					Input: 13 Significância: 0,035			

Os valores probabilísticos desta Tabela exigem que se façam, em primeiro lugar, algumas ressalvas a respeito da distribuição das células. Como se pode ver, do universo amostral de 3219 ocorrências para a vogal [-post], neste contexto, referente às consoantes especificadas Nasal, Palatal, Líquida e mais um fator que acolhe todas as demais, coube à palatal apenas o índice de 1,5% das ocorrências de [e]. A mesma distribuição deflagra-se na amostra da vogal [+post] diante da palatal: de um total de 2089 ocorrências, apenas 3,9% delas favorecem a emergência de [o]. Isto põe em dúvida os efeitos destes fatores, neste contexto, pois há uma evidente sobreposição entre a variável palatal e a

probabilidade de *input*⁴⁰. Esse fator nas duas amostras compreende um índice de menos 5% de todas as ocorrências, em contraposição a um superfator resultante da combinação (NASAL + PALATAL + LÍQUIDA + DEMAIS) para a vogal [-post] que compreende 98,5% dos dados, enquanto o índice da vogal [+post] é 96,1%. Para Guy e Zilles (2007), quando o superfator alcança valores que representam quase a própria probabilidade do *input*, o programa fica impossibilitado de parcializar efeitos mais coerentes, passando a atribuir valores instáveis para os fatores do grupo.

Essa distribuição irregular entre as células expostas nesta Tabela deve-se ao fato de estes dados terem sido submetidos a um novo esquema de codificação, obedecendo a uma suspeita de que a consoante palatal, por motivação fonética, exercesse algum papel na emergência de [e] e [o] no dialeto em questão. Todavia, as ocorrências de tais produções não se apresentaram em grande número em nossos dados, o que provocou uma distribuição irregular em relação aos demais fatores, inviabilizando qualquer generalização.

Barbosa da Silva (1989, p. 129-139), ao discutir o que chama de Regras Categóricas de Timbre (RCT), com que se refere à consoante palatal em verbos e deverbais da primeira conjugação, no dialeto de Salvador, afirma que a regra, neste contexto de precedência, está deixando de se aplicar, valendo-se para isso de um único item lexical: verbo *chegar* e suas flexões. Em nossos dados, essa alternância também se registra com o verbo *conhecer* e seus deverbais.

Sobre o fator DEMAIS, consoante da Tabela 29, fez-se uma busca nos dados para averiguar que consoantes estariam favorecendo sistematicamente a emergência da média fechada.

O resultado dessa busca mostrou que, das 544 ocorrências de [e], as bilabiais são as que mais favorecerem a produção da vogal [e], com 273 ocorrências, seguidas das coronais com 216 ocorrências, velares com 50 e da posição inicial absoluta com 05 ocorrências. No cômputo de 199 ocorrências da vogal [o], as velares foram as que se mostraram mais favoráveis a essa produção, com um total de 109 ocorrências, seguidas das bilabiais com 50, coronais com 36 da posição inicial absoluta com 04 ocorrências. A verificação do papel individual de cada grupo de segmento incluído no fator DEMAIS, nas duas amostras, nos autoriza afirmar que são as bilabiais que elevam o peso relativo deste

⁴⁰ Segundo Guy e Zilles (2007, p. 60), “probabilidade de input”, por definição é o ambiente de 100% de todas as ocorrências.

fator (0,64) na amostra das vogais [-post], enquanto para a vogal [+post] há um índice abaixo do ponto de referência (0,46). Acreditamos que a presença das demais consoantes (velar, coronal e bilabial) influenciou na distribuição das células, provocando a sobreposição.

Por essas razões, concluímos que o evidente desequilíbrio entre os valores percentuais e probabilísticos atribuídos à amostra da vogal [-post] não nos autoriza a apontar nenhum papel às consoantes especificadas. Por outro lado, apesar da amostra da vogal [+post] também apresentar problemas de distribuição com a consoante palatal, a consoante nasal destaca-se como a mais favorável à produção da média fechada [o].

4.2.3.6 Contexto fonológico seguinte

O papel das consoantes subsequentes para a produção da média fechada, descrito na Tabela 30, foi examinado considerando-se as mesmas consoantes relacionadas na Tabela anterior: Nasal, Palatal, Líquida e um fator que agrupa todas as demais consoantes.

Tabela 30: Efeitos do contexto fonológico seguinte

Fatores	Média [-post]				Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso		Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Nasal d[e]morar, d[e]monstração, c[e]mitério, nov[e]nário	332	80	24%	0,65	Nasal c[o]nsultar, c[o]nfortado, c[o]meter	393	88	22%	0,64
Palatal m[e]lhorar, pr[e]juízo, l[e]gião	262	58	22%	0,74	Palatal esc[o]lher, c[o]nhecer, c[o]nhecimen- to	191	146	15%	0,57
Líquida p[e]rder, p[e]rigo, qu[e]rido, c[e]rveja	843	148	18%	0,39	Líquida c[o]rrida, p[o]lítica, c[o]rtina	544	54	10%	0,38
Demais b[e]ber, c[e]bola, cons[e]gui	1782	388	22%	0,48	Demais c[o]stume, p[o]ssível, c[o]zinhar	961	146	15%	0,49
Total	3219	674	21%	-	Total	2089	326	16%	-

Input: 0,17
Significância: 0,000

Input: 13
Significância: 0,035

A Tabela 30 mostra que a consoante palatal seguinte é o contexto consonântico mais significativo para a realização de [e], seguindo-se-lhe a nasal, enquanto para [o] é a nasal seguindo-se a palatal.

A preservação da pretônica [-post] diante da palatal já havia sido observada por Barbosa da Silva (1989, p. 314), no dialeto de Salvador, descrevendo-o em termos da Regra Categórica de Timbre (RCT) de carácter regional que atinge a classe dos verbos e deverbais de primeira conjugação no referido dialeto. Para os dados de Recife (2008, p. 329), Barbosa da Silva atesta a produção desta vogal através da aplicação da Regra Variável de Timbre (RVT)⁴¹ que apontou as consoantes produzidas na região do palato como as mais propiciadoras da regra; portanto, essas consoantes apresentaram os pesos relativos mais altos a partir de um número significativo de dados. Isto, segundo a autora, não é surpreendente, porque pode ser explicado do ponto de vista articulatorio e, ainda, por essas consoantes fazerem parte do contexto da RCT, como, por exemplo, em ch[e]gança, des[e]jar, plan[e]jar etc.

Em João Pessoa, Pereira (1997, p. 67-68) registra que a vogal [-post] não demonstra sofrer influência de nenhum contexto fonológico seguinte; todavia, no que se refere à vogal [+post], o cenário é outro, pois a palatal apresenta resultados mais significativos, como em: g[o]stei, g[o]stoso, f[o]lheando, m[o]strou, g[o]staria, p[o]stura, c[o]lheres, c[o]stumava, p[o]steriores.

A preservação da pretônica diante de nasal é constatada por esta análise, que lhe atribui um índice expressivo e uniforme diante das duas vogais (0,65 x 0,64).

Podemos, pois, afirmar que a produção da média fechada no dialeto teresinense é favorecida pela nasal e pela palatal seguinte.

4.2.3.7 Faixa etária

Admitindo-se que a faixa etária de um falante é um fator condicionante para a preservação ou a implementação de fenômenos linguísticos, busca-se identificar com esse

⁴¹ Barbosa da Silva (1997, p. 324) define RVT como a regra que produz realizações médias violadoras da RCT, isto é, [e] e [o] que não se explicam por assimilação, nem pela antiga regra de interferência das palatais, nem mesmo por guardarem o timbre da vogal tônica de palavra primitiva.

Tabela 32: Efeitos das pretônicas derivadas

Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Derivada de Tônica g[o]rdinho, f[o]lhetim, n[o]vidade	117	22	19%	0,65
Sempre Átonas c[o]luna, m[o]rcego, c[o]meço, p[o]lítico	1972	304	15%	0,49
Total	2089	326	16%	-

Input: 0,13
Significância: 0,035

Os resultados, nesta Tabela, embora não possibilitem uma interpretação mais ampla da produção de vogal média fechada, em função de o programa ter selecionado esse grupo de fatores somente para a amostra da [+post], permitem inferir, através dos índices, que a maior emergência da vogal fechada no dialeto concentra-se em nomes derivados de mot[o]rista/mot[o]r, disp[o]sição/disp[o]r.

Conclui-se, portanto, através dos casos aqui consignados, que a produção de vogal média fechada explica-se pela pressão morfológica, ou seja, paradigmática, que se identificou nos itens lexicais da amostra examinada.

4.2.3.9 Gênero

Na hipótese de que a variável sexo pudesse apresentar alguma interferência na produção da vogal média fechada, buscou-se verificar se esse fator configuraria um indicador de mudança linguística no dialeto em questão. A Tabela a seguir traz os resultados obtidos pelo programa.

Tabela 33: Efeitos do gênero

Fatores	Média [+post]			
	Ocorrências	Aplicação	%	Peso
Feminino	1071	192	18%	0,53
Masculino	1018	134	13%	0,46
Total	2089	326	16%	-

Input: 0,13
Significância: 0,035

O programa considerou apenas como estatisticamente relevante, para esta variável, a vogal média [+post]. Contudo, a proximidade que os índices aqui obtidos têm com o ponto neutro não nos permite, isoladamente, defender qualquer papel significativo dessa variável sobre a emergência da média fechada.

Vale observar que esta Tabela, bem como a Tabela 12 do presente estudo, que trata do processo da harmonia com a vogal média aberta, trazem exatamente os mesmo valores. Isto nos autorizar a dizer que a produção de vogais médias abertas ou fechadas independe da ação deste fator no dialeto.

Assim, partindo do pressuposto de que o gênero interage em conjunto com outros fatores, não podendo ser visto isoladamente, propomos, então, o cruzamento dos fatores gênero (embora o programa tenha selecionado apenas a vogal [+post]) e faixa etária. É o que a Tabela 34 mostra.

Tabela 34: Cruzamento da faixa etária com gênero

Gênero Faixa Etária	Média [-post]		Média [+post]	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
+50 anos	0,42	0,44	0,50	0,40
36-50 anos	0,54	0,48	0,57	0,44
20 – 35 anos	0,59	0,55	0,55	0,57

O cruzamento dos grupos de fatores gênero e faixa etária ratifica a leve tendência das mulheres, de faixa etária compreendida entre 20-50 anos, a usar mais as variantes [e] e [o] no dialeto em análise. Todavia, o resultado desse fator, em relação aos homens, possibilita verificar que eles não são menos refratários à produção das médias fechadas, pois a realização destas vogais é mais atuante na faixa etária dos mais jovens. A literatura variacionista, no entanto, sempre apontou o fato de que o gênero feminino adota atitudes menos conservadoras do que o gênero masculino. Assim, diz Labov (1994) que, em muitas das mudanças linguísticas investigadas, as mulheres são consideravelmente mais avançadas que os homens.⁴²

Os resultados do cruzamento desses grupos para os dados de Barbosa da Silva (1989, p. 304), em Salvador, mostraram que o padrão curvilíneo já delineado a favor de uma maior produção das médias fechadas pelas mulheres, antes do cruzamento, mantém-se. As mulheres da faixa etária compreendida entre 35-55 anos produzem mais as variantes inovadoras. Os homens, por sua vez, mesmo produzindo menos a regra de fechamento nas faixas etárias mais jovens, não impõem dados suficientes para modificar a primeira conclusão arbitrada: as mulheres lideram o processo de fechamento das vogais médias no dialeto.

Para os dados de Recife (2008, p. 331-333), Barbosa da Silva constata também uma gradação etária entre as mulheres (25-33 e 35-43 anos) favorável à aplicação, mantendo o mesmo padrão ascendente, porém chama atenção para um padrão curvilíneo não muito nítido entre os falantes masculinos, pois há uma tendência maior da produção destas vogais nas faixas extremas (23-33 e 55-63 anos); para elucidar, então, a aplicação da regra de fechamento, nesse dialeto, a autora analisa o comportamento individual de cada informante e chega à conclusão de que a regra de fechamento das médias pretônicas não é um comportamento individual, assistemático, porque atinge todos os informantes e que, no dialeto recifense, essa regra se aplica mais entre os homens.

Pereira (1997, p. 87-88), ao proceder essa combinação nos dados de João Pessoa, confirma, em termos percentuais, as mulheres da faixa etária de 25-49 anos como as que mais produzem as vogais médias fechadas. Salienta, ainda, que o comportamento da vogal

⁴² “In most of the vowel shifts that we will look at, women are considerably more advance than men” (LABOV, 1994, p. 156).

[-post] se assemelha ao da vogal [+post], com a ressalva de que aquela se apresenta mais sujeita ao fenômeno de fechamento do que esta.

Diante do exposto, vê-se que os resultados de Teresina-PI, aqui analisados, coincidem com os de Barbosa da Silva (1989) e de Pereira (1997), ao apontar as mulheres com faixa etária de 20-50 anos como as que apresentam uma leve tendência à pronúncia da vogal média fechada.

Assim, com base na concepção laboviana de que a faixa etária corresponde a estágios temporais aparentes e as diferenciações no uso da linguagem em função do sexo decorrem de aspectos de ordem social, constata-se no dialeto teresinense, por um lado, a variante média fechada como a forma preferencial das mulheres mais jovens e, por outro, um evidente decréscimo desta preferência em relação à idade do grupo das mais idosas. Para uma melhor visualização do padrão curvilíneo resultante do cruzamento desses fatores, observem-se, a seguir, os Gráficos 5 e 6, vogal média [-post] e vogal média [+post] respectivamente.

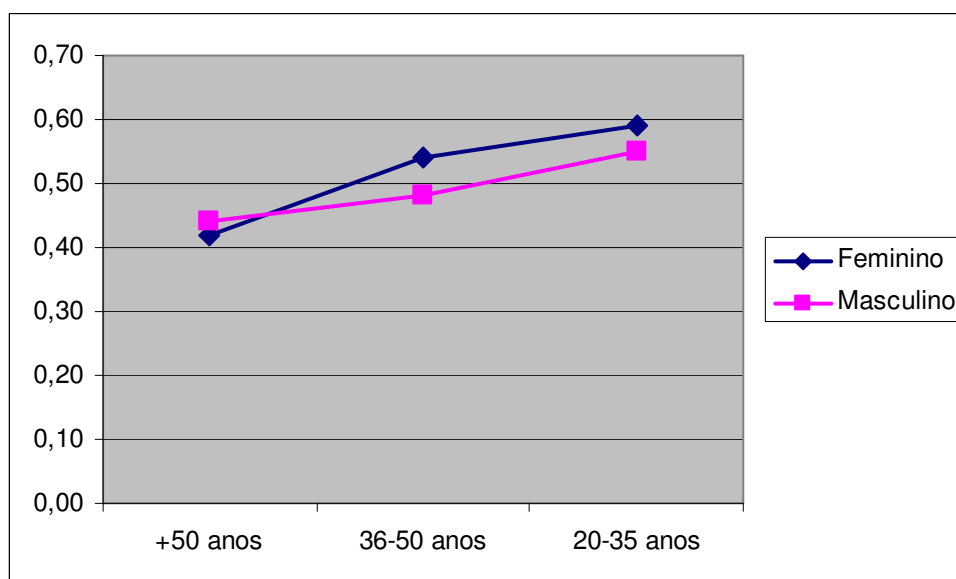


Gráfico 5: Cruzamento da faixa etária com o gênero – Vogal média [-post]

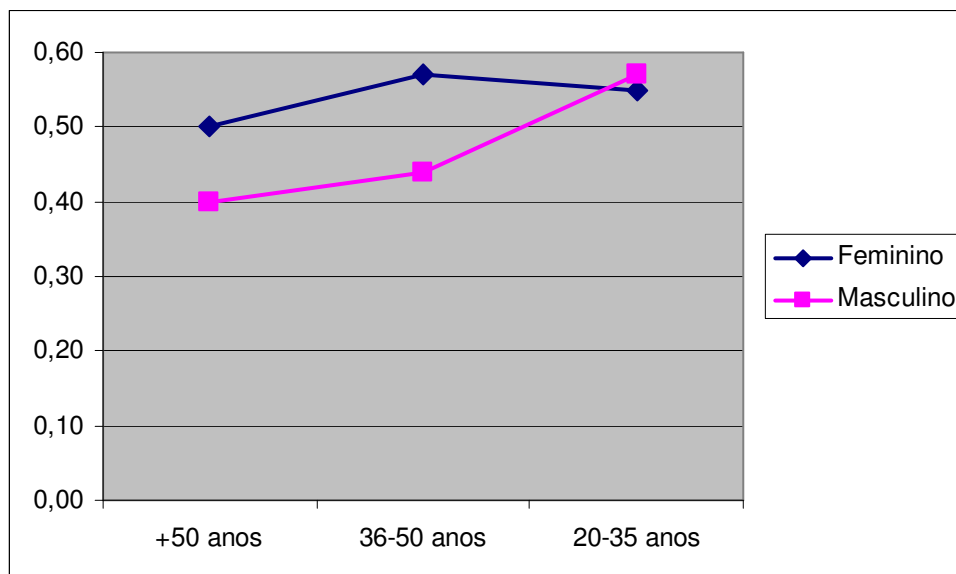


Gráfico 6: Cruzamento da faixa etária com gênero – Vogal média [+post]

É possível constatar que o padrão curvilíneo que emerge desses Gráficos põe em relevo uma sensível regularidade para os dois gêneros, interpretáveis da seguinte forma: (i) os falantes mais velhos são os que menos produzem a média fechada tanto a [-post] quanto a [+post]; (ii) os falantes mais jovens são os que mais a realizam indistintamente; (iii) a faixa intermediária é a que distingue a produção entre ambos os gêneros, com acentuada expressividade para os índices feminino.

4.2.3.10 Conclusão

A análise desta variável permitiu que chegássemos a algumas conclusões relacionadas aos condicionadores que favorecem a produção de vogais médias fechadas no dialeto teresinense em que a média baixa é a presença mais comum.

Constatou-se, a partir dos resultados obtidos, que, tanto para a vogal /e/ quanto para a vogal /o/, a contiguidade com uma vogal da mesma altura configura-se como o primeiro e maior condicionador da realização das vogais médias fechadas na posição pretônica. Essa sequência vogal média fechada mais vogal média fechada confirma-se consistentemente como forte indício para a determinação da altura das pretônicas neste contexto, tal como foi constatado nas pesquisas de Barbosa da Silva (1989 e 2008), Maia (1986) e Pereira (1997).

Também se verificou que a vogal tônica exerce um papel, pois tende a preservar a vogal média fechada em todo o paradigma derivacional.

Em relação às consoantes circundantes, foi o contexto seguinte que se mostrou como mais favorecedor para a realização das médias fechadas, destacando-se as consoantes nasais e palatais por concentrarem os maiores pesos tanto para a vogal [-post] quanto para a [+post].

No que respeita às variáveis extralinguísticas, os resultados da combinação dos fatores gênero e faixa etária apontam para o papel dos mais jovens, tanto mulheres quanto homens, que apresentam um leve sinal de abertura para a presença da vogal média fechada no dialeto.

Concluimos, portanto, que os resultados obtidos para as produções das variantes [e] e [o], no dialeto de Teresina-PI, assemelham-se aos demais falares nordestinos descritos por Barbosa da Silva (1989 e 2008), Maia (1986) e Pereira (1997). A bem da verdade, conforme afirma Barbosa da Silva (1989), os ambientes que favorecem a emergência dessas variantes parecem ser comuns aos dialetos do Norte e Nordeste do Brasil.

5 PROCESSOS FONOLÓGICOS CONCORRENTES NA REALIZAÇÃO DAS VARIANTES VOCÁLICAS NO FALAR TERESINENSE

As primeiras tentativas de delimitar a fragmentação dialetal no português do Brasil conjecturavam que os dialetos nordestinos se caracterizavam, somente, pelas realizações de vogais médias abertas [ɛ]/[ɔ], enquanto os dialetos do Sul, para essas mesmas vogais, caracterizar-se-iam por uma produção de vogais médias fechadas [e]/[o].

De fato, a análise dos dados revelou, de forma mais ampla, que a vogal média aberta é a preferida pelos informantes teresinenses na realização da pretônica. Entretanto, esta análise mostrou que, ao lado da predominância vogal média aberta, há a presença da média fechada em um grupo específico, assim como uma variação tríplice do tipo [ɛ ~ e ~ i] e [ɔ ~ o ~ u], conforme já havia sido registrado para as variedades nordestinas (MARROQUIM, 1934; AGUIAR, 1937; CASTRO, 1958). Posteriormente, Barbosa da Silva (1989) e Pereira (1997), ao descreverem os dialetos baiano e pessoense, respectivamente, detectam também essa variação tripartida na pronúncia nos referidos dialetos.

Ao realizar três formas fonéticas distintas da vogal média na posição pretônica, o dialeto de Teresina apresenta um sistema vocálico de comportamento bastante complexo, com as seguintes formas de emissão desta vogal: a) vogal média aberta, como d[ɛ]c[ɔ]rar; b) vogal alta, como c[u]stume; c) vogal média fechada, como s[e]gr[e]do. Todavia, quando se forma o contexto para a regra variável de harmonizar com a vogal alta, a variação tripartida emerge.

Para definir que processos fonológicos atuam sobre essa complexidade variacional, partiremos, a seguir, da distribuição de ocorrências da pretônica com suas variantes.

5.1 OCORRÊNCIAS DAS VARIANTES DAS VOGAIS MÉDIAS [-POST]

Os resultados da análise estatística para as três possibilidades de realização das variantes das vogais médias pretônicas, [ɛ], [e] e [i], mostram que as vogais médias abertas constituem o maior grupo de ocorrências da amostra representativa de Teresina – PI (2.079). A média fechada em posição pretônica impôs-se como o segundo maior grupo (674) e, por fim, a vogal alta (466), conforme o Gráfico 7 abaixo.

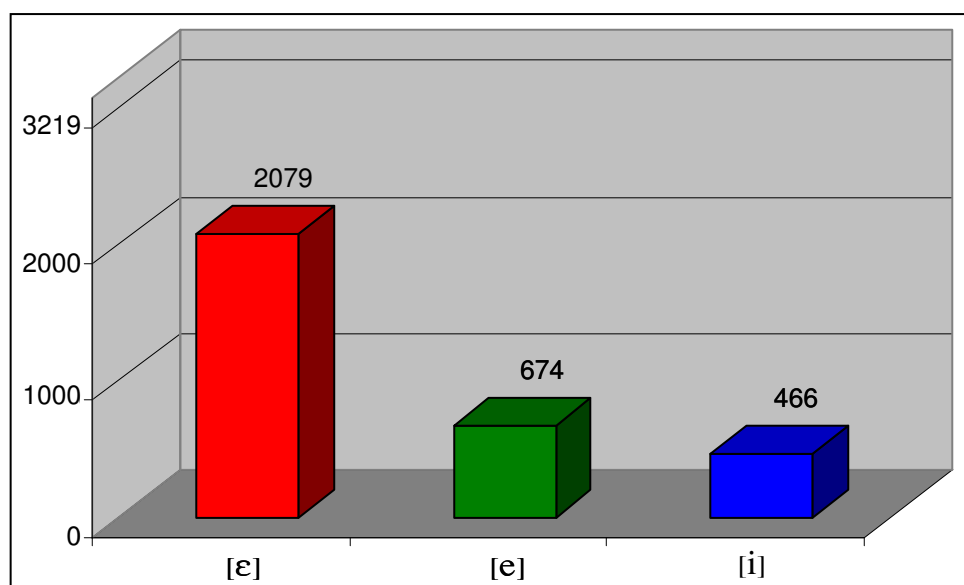


Gráfico 7: Total de ocorrências de variantes das vogais médias [-post] em posição pretônica no dialeto de Teresina – PI

A predominância da primeira variante mostra que a tendência dos falantes do dialeto de Teresina é realizar itens lexicais com vogal média aberta, marca dialetal nordestina. Observa-se, no entanto, que a Harmonia com a vogal alta é a de menor ocorrência e que entre os dois grupos se interpõe a presença da vogal média fechada. Fato que contraria, por um lado, o consenso das primeiras conjeturas sobre a improvável realização de vogais médias fechadas no dialeto nordestino e, por outro, reforça os argumentos bastante discutidos sobre a dialeção de que não há, necessariamente, uma coincidência entre o comportamento linguístico dos falares brasileiros e suas respectivas áreas geográficas.

5.1.1 Ocorrências das variantes das vogais médias [+post]

Da mesma forma que a vogal [-post], os resultados da análise das três variantes da vogal posterior, [ɔ], [o] e [u], mostraram que os falantes deste dialeto privilegiam a vogal média aberta, com um total de 1.076 ocorrências. Todavia, o segundo grupo privilegiado, agora, é o da vogal alta, com 687 ocorrências. Em terceiro lugar, a variante que surge, perfazendo um total de 326 ocorrências, é a vogal média fechada. O Gráfico 8 assim informa.

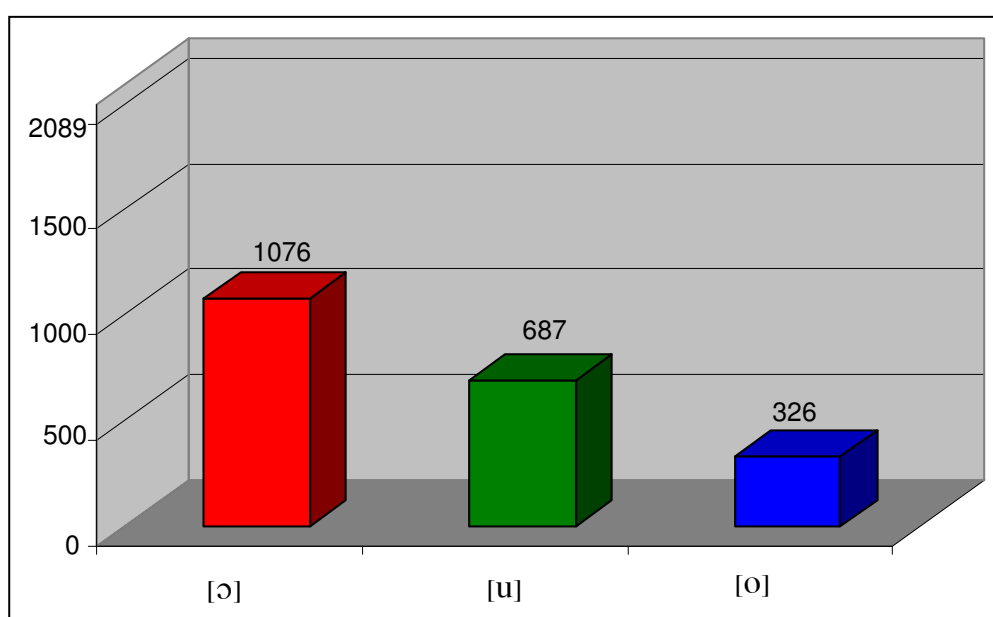


Gráfico 8: Total de ocorrências de variantes das vogais médias [+post] em posição pretônica no dialeto de Teresina – PI

Comparando-se este Gráfico ao de ocorrências de variantes da vogal média [-post], verifica-se que a vogal posterior fechada tem quase a metade de ocorrências daquela, enquanto a vogal alta posterior está mais sujeita à elevação do que a anterior. Isto se deve ao fato de haver contextos linguísticos que, por um lado, favorecem a ocorrência da vogal posterior alta e, por outro, bloqueiam a ocorrência da alta anterior (consultar as Tabelas 14 e 16 do presente estudo).

Para entendermos o predomínio da vogal média aberta e a emergência contextual das demais variantes, trataremos, a seguir, dos processos fonológicos que controlam cada uma dessas variantes vocálicas no dialeto em análise.

5.2 OS PROCESSOS FONOLÓGICOS

A primeira análise do subsistema vocálico do português do Brasil, em termos de grau de abertura da vogal média pretônica, deve-se a Camara Jr. (1970), pois, ao considerar a alofonia resultante das posições átonas, afirma que estas posições caracterizam-se pela redução do número de vogais. Para a explicação desse fenômeno linguístico, Camara Jr. recorre ao conceito clássico de Neutralização, nos moldes da fonologia estruturalista, definida como a supressão do traço de oposição que distingue dois fonemas.

Os estudos sobre as variações das vogais médias salientam a fragmentação dialetal no português do Brasil, ao delimitar a predominância de vogais médias abertas ou médias fechadas em cada região. Todavia, a predominância de um tipo de grau de abertura não exclui a presença do outro em alguns contextos.

Assim como Camara Jr., outros autores discutem as neutralizações do sistema e a harmonia com a vogal alta, dentre os quais podem ser citados: Naro (1973), Harris (1974), Mateus (1975 e 2002), Lopez (1979), Redenbargen (1981), Bisol (1981 e 2003), Quicoli (1990), Wetzels (1991, 1992 e 1995) e Lee (2003).

No entanto, de acordo com os Gráficos 3 e 4 do presente estudo, o dialeto de Teresina sugere que não é possível enquadrar as variantes de pretônica em dois grupos, pois as duas vogais médias se fazem presentes no dialeto, embora a média fechada em número restrito.

O cenário apresentado no desenvolvimento do trabalho permitiu afirmar que o dialeto é governado por três tipos de harmonia: Harmonia com a vogal baixa, Harmonia com vogal média fechada e Harmonia com vogal alta. Seguem-se exemplos.

5.2.1 Harmonia com a vogal baixa

O Quadro 3 mostra que o gatilho da harmonia é uma vogal baixa [a, ε, ɔ] que espraia seu traço de abertura a todas as vogais precedentes.

Quadro 3: Harmonia com vogal baixa

Vogal média [-post]	Vogal média [+post]
f[ɛ]r[ɔ]z	m[ɔ]derna
t[ɛ]m[ɛ]r[ɔ]as	pr[ɔ]f[ɛ]ssias
r[ɛ]c[ɔ]rri	agl[ɔ]m[ɛ]ração
r[ɛ]trata	c[ɔ]ragem,
d[ɛ]talhe	pr[ɔ]c[ɛ]sso
d[ɛ]s[ɛ]rto	f[ɔ]f[ɔ]ca
d[ɛ]c[ɔ]rar	pr[ɔ]m[ɔ]ção
n[ɛ]gócio	pr[ɔ]t[ɔ]c[ɔ]lo
lib[ɛ]rdade	pr[ɔ]j[ɛ]to
d[ɛ]m[ɔ]ra	l[ɔ]t[ɛ]ca
s[ɛ]cador	l[ɔ]cal
r[ɛ]f[ɔ]rça	c[ɔ]l[ɛ]st[ɛ]rol
r[ɛ]f[ɔ]gar	c[ɔ]ragem
p[ɛ]sada	c[ɔ]légio
r[ɛ]t[ɔ]que	ad[ɔ]rar
z[ɛ]ladora	c[ɔ]média
l[ɛ]gal	pr[ɔ]t[ɛ]ção
g[ɛ]lada	n[ɔ]v[ɛ]la
d[ɛ]v[ɔ]ção	dr[ɔ]gada
r[ɛ]f[ɔ]rma	s[ɔ]rt[ɛ]ado
d[ɛ]m[ɔ]crática	c[ɔ]st[ɛ]la
h[ɛ]rança	v[ɔ]lante
esp[ɛ]rança	ign[ɔ]rante
apr[ɛ]ssado	p[ɔ]ssante

Os exemplos arrolados no Quadro 3 permitem observar que a presença de uma vogal baixa na sílaba imediata, /a, ɛ, ɔ/, é fator visivelmente determinante para a realização majoritária das pretônicas abertas tanto no grupo das vogais [-post] quanto das [+post].

Considerando-se que o fator vogal baixa foi selecionado pelo Programa com prioridade, podemos, *a priori*, dizer que a abundância de vogais médias abertas no dialeto teresinense é regida por um processo de harmonia vocálica.

Todavia, verificou-se, na análise da Harmonia com a vogal média aberta (ver seção 4.2.2.1), que os demais fatores têm um papel pouco expressivo, o que interpretamos como sinal de que a regra anda por si só em caminho da generalização no dialeto em descrição.

Vale observar que os exemplos arrolados no Quadro 3 apresentam a média aberta como única opção.

5.2.2 Harmonia com a vogal média fechada

A presença da vogal média fechada se faz notar quando seguida de média da mesma altura, configurando, como no caso anterior, um legítimo caso de Harmonia. É o que mostra o Quadro 4 a seguir.

Quadro 4: Harmonia com vogal média fechada

Vogal média [-post]	Vogal média [+post]
p[e]rder	pr[o]vê
b[e]besse	pr[o]tegido
m[e]xer	pr[o]t[e]gessemos
r[e]g[e]ssemos	f[o]rn[e]cer
agrad[e]cer	c[o]rrer
r[e]c[e]besse	m[o]ver
r[e]forço	pr[o]m[e]teu
r[e]solvo	m[o]rreu
r[e]solver	c[o]lher
d[e]ver	c[o]rr[e]tor
conv[e]rter	c[o]rreio
[e]l[e]ger	c[o]l[o]rau
s[e]greto	c[o]rn[e]ta
c[e]rveja	m[o]leza
c[e]rteza	m[o]lejo
b[e]leza	cal[o]teiro
esp[e]rteza	f[o]rr[o]zeira
f[e]stejo	c[o]rneteiro
c[e]rteiro	c[o]queiro
b[e]rreiro	pip[o]queiro
f[e]steiro	c[o]peiro
t[e]rreiro	d[o]ceiro

Os exemplos arrolados no Quadro acima mostram que, quando na sílaba seguinte está presente uma vogal média fechada, a pretônica também assim se manifesta (ver Tabela 22 do presente estudo). Esses itens lexicais, que não admitem nenhuma outra variante, parecem cristalizados no dialeto nordestino, sobretudo no infinitivo dos verbos de segunda conjugação, os quais são, no dizer de Marroquim (1934), resíduos fiéis do português quinhentista, transmitidos pela tradição oral que resistiram à evolução natural do português na região.

Os verbos que fazem parte deste Quadro refletem positivamente a regra de Metafonía Verbal, denominado Harmonía Verbal, cuja primeira versão se deve a Harris (1974), seguido de Wetzels (1991). Neste estudo, que retrata uma das variedades do nordeste do País, Teresina-PI, vamos admitir que as duas regras estejam em uma relação de *Elsewhere Condition*, de acordo com a análise de Harris (1974), que se vale da proposta de Kiparsky, cujo princípio estabelece que “duas regras adjacentes são disjuntivamente ordenadas se e somente se: a) o contexto de uma das regras seja um caso específico do contexto da outra; b) as mudanças estruturais das regras sejam idênticas ou incompatíveis” (1973, p. 94).⁴³

Diante deste princípio, a variação da pretônica nos verbos citados assim se manifesta: quando não há contexto para harmonía, isto é, se ao radical seguem-se duas vogais, a segunda das duas é o morfema modo-temporal, e a primeira, a vogal, ocorre harmonía com a vogal temática; nos demais casos emerge a vogal baixa. Portanto, as regras envolvidas em que entram flexão estão todas no nível da palavra. Entendemos, pois, que a alternância vocálica no radical do verbo, no dialeto teresinense, é motivada pela aplicação das regras de Harmonía Vocálica e o preenchimento por *default* (abaixamento).

Admitindo-se que as vogais que sofrem estas duas regras não estejam subespecificadas no [aberto 3], segundo Wetzels essa especificação vocálica tem as regras representadas a seguir:

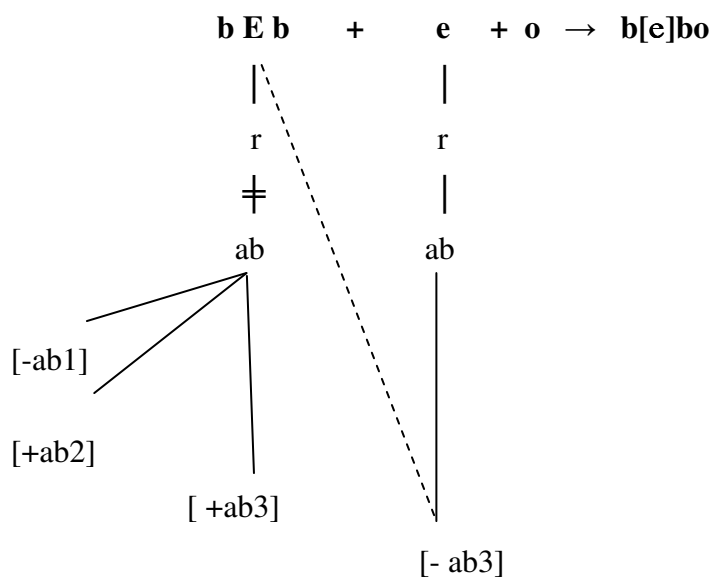
⁴³ “Two adjacent rules of the form

A → B/ P —Q

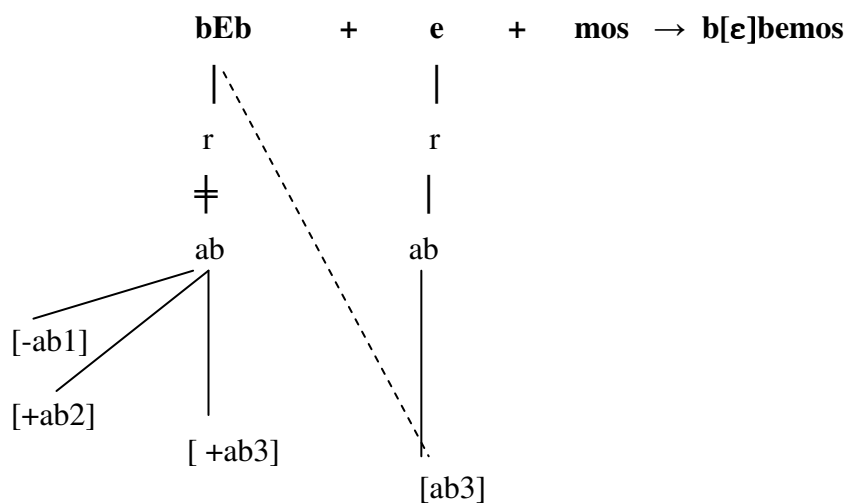
C →D/ R —S

are disjunctively ordered if and only if: a) the set of strings that fit PAQ is subset of the set of strings that fit RCS, and b) the structural changes of the two rules are either identical or incompatible”.

a) Harmonia vocálica



b) Abaixamento



A primeira regra é a Harmonia Vocálica, que determina o processo de Metafonia Verbal, em que a forma verbal se harmoniza em função da sua estrutura morfológica apresentar uma sequência de vogais (VV), sendo que a primeira é a vogal temática e a segunda é o morfema de desinência. Essa regra afeta todos os verbos de segunda e terceira conjugação do português na primeira pessoa do presente do indicativo e todas as pessoas do presente do subjuntivo. A segunda, diz respeito aos casos em que não há harmonização, isto é, o verbo não apresenta estrutura morfológica favorável à harmonização. No dialeto em questão, a regra de abaixamento não se faz necessária porque a vogal baixa é a vogal

default do sistema. Assim, a regra de Harmonia tem privilégio de aplicação em virtude de ser uma regra mais restrita, aplicando-se o abaixamento nos demais casos. É o que se representa no Quadro 5, a seguir.

Quadro 5: Contexto para aplicação da regra restrita e regra *default*

VERBOS	
Regra Restrita I	Regra Default I
b[e]bo, b[e]b[e]sse	b[ε]bes, b[ε]be, b[ε]bemos, b[ε]bem
m[e]xo, m[e]xesse	m[ε]xes, m[ε]xe, m[ε]xemos, m[ε]xem
agrad[e]ço, agrad[e]c[e]sse	agrad[ε]ces, agrad[ε]ce, agrad[ε]cemos, agrad[ε]cem
r[ε]c[ε]bo, r[ε]c[ε]b[e]sse	r[ε]c[ε]bes, r[ε]c[ε]be, r[ε]c[ε]bemos, r[ε]c[ε]bem
c[o]rro, c[o]rr[e]ssemos	c[ɔ]rres, c[ɔ]rres, c[ɔ]rremos, c[ɔ]rrem
pr[o]meto, pr[o]m[e]tesse	pr[ɔ]m[ε]tes, pr[ɔ]mete, pr[ɔ]metemos, pr[ɔ]metem
p[ε]rdo, p[ε]rdesse	p[ε]rdes, p[ε]rde, p[ε]rdemos, p[ε]rdem
cr[ε]sço, cr[ε]scesse	cr[ε]sces, cr[ε]sce, cr[ε]scemos, cr[ε]scem
m[o]vo, m[o]vesse	m[ɔ]ves, m[ɔ]ve, m[ɔ]vemos, m[ɔ]vem
f[ε]do, f[ε]desse	f[ε]des, f[ε]de, f[ε]demos, f[ε]dem
p[ε]rc[ε]bo, p[ε]rc[ε]besse	p[ε]rc[ε]bes, p[ε]rcebe, p[ε]rcebemos, p[ε]rcebem
Regra Default III	
P[ε]rc[ε]ndo	
b[ε]bendo	
m[ε]xendo	
agrad[ε]cendo	
r[ε]c[ε]bendo	
c[ɔ]rrendo	
pr[ɔ]m[ε]tendo	
p[ε]rdendo	
cr[ε]scendo	
m[ɔ]vendo	
f[ε]dendo	

Os dados deste Quadro expõem os contextos de ordenação dos dois processos: a harmonização verbal e o abaixamento da vogal do radical do verbo. No entanto, observa-se que o abaixamento no dialeto tem o campo mais amplo do que tem nas variedades que constituem a base para a análise de Harris e Wetzels, uma vez que a vogal média aberta é a vogal *default* do dialeto em descrição.

Como a vogal média aberta, nesse dialeto, está sempre disponível para ocupar o lugar da pretônica, os verbos da coluna III exemplificam essa situação, quando há uma vogal nasal na sílaba seguinte. Isto também foi constatado nos nomes como dizem os exemplos: fr[ɛ]quencia, dif[ɛ]rente, r[ɛ]dentorista, r[ɛ]m[ɛ]lento, f[ɛ]rmento, m[ɔ]lenga, c[ɔ]rrente, in[ɔ]cente, cal[ɔ]renta, p[ɔ]tente. Os dados parecem indicar que uma sílaba com vogal nasal acarrenta a presença, na pretônica, de vogal média aberta. Tal fato já havia sido registrado nas descrições de alguns falares da região Nordeste. Sobre esses registros temos:

Maia, sobre o falar de Natal, no Rio Grande do Norte:

Vogais pretônicas abertas ocorrem em ambientes de vogais baixas, vogais nasalizadas e vogais altas imediatamente subseqüentes. Ambiente de tônica imediata nasal: s[ɛ]ssenta, [ɔ]fensa, qu[ɛ]stão, p[ɛ]rgunte. Ambiente de átona subseqüente nasal: r[ɛ]spondeu, [ɔ]landeses, [ɔ]fendido (1986, p. 216-220).

Barbosa da Silva, sobre as pretônicas na fala de Salvador (BA):

Dentro desse quadro, pode-se dizer então que as pretônicas no dialeto estudado se tornam obrigatoriamente baixas se a vogal da sílaba seguinte é nasal⁴⁴ e podem tornar-se altas por uma regra variável que atinge igualmente as que se encontram em contextos orais.

Exemplos: d[ɛ]c[ɔ]rrência, d[ɛ]monstração, d[ɛ]pendên-cia, c[ɔ]rrendo, [ɛ]l[ɛ]mento, emp[ɔ]br[ɛ]cendo, esqu[ɛ]cendo, fr[ɛ]quência, [ɛ]l[ɛ]gância, exc[ɛ]lência, expr[ɛ]ssão, [ɛ]xc[ɛ]ção, ign[ɔ]rante, int[ɛ]grante, [ɔ]b[ɛ]d[ɛ]cendo (1989, p. 125-128, 352).

Em termos gerais, o que se constata é que, mesmo em ambientes desarmônicos, o falante faz prevalecer a marca dialetal da região, isto é, a média aberta. Isto, em nosso

⁴⁴ Em nota (p. 337), a autora informa que não estabeleceu, para efeito desse estudo, diferença entre vogal nasal e vogal nasalizada, ou seja, entre aquelas que distinguem por esse traço formas da língua e aquelas que não as distinguem e estão sujeitas à variação conforme as normas lingüísticas. Procedeu-se assim, porque não se observou nenhuma diferença na sua influência sobre a pretônica.

entendimento, é interpretado como um forte indício para os nossos argumentos a favor da presença de vogais de *default*⁴⁵ no dialeto de Teresina-PI.

Pelo exposto, constatamos que os Quadros variacionais harmônicos 3 e 4 mascaram serem esses os únicos ambientes para a produção das respectivas variantes no dialeto, porque os contextos nos levam a interpretar que as ocorrências das vogais médias abertas e médias fechadas só se efetivam diante de vogais de mesma altura. Todavia, os exemplos arrolados no Quadro 5 contrariam essa interpretação. Assim, a questão que se impõe é a seguinte: Por que os falantes teresinenses produzem a vogal média fechada, influenciados pela presença do gatilho de outra vogal de mesma altura na sílaba seguinte em algumas palavras, e outras em que se esperaria a mesma produção não ocorrem?

Para responder a esta questão, é preciso levar em conta, sobretudo, que a pretônica média aberta é a vogal *default* que marca dialetalmente a região nordestina; portanto, contextos linguísticos favoráveis para a sua emergência constituem-se apenas fatores coadjuvantes para essa produção.

Isto justifica o fato destas vogais ocuparem mais espaço na pretônica deste sistema, conseqüentemente, sugerem que o dialeto parece encaminhar-se em direção à Neutralização em favor da vogal média aberta.

5.2.3 Harmonia com a vogal alta

Uma regra do Português do Brasil é a Harmonia Vocálica variável, em nomes que se exemplifica com os dados constantes do Quadro 6 a seguir.

⁴⁵ Entendemos vogais de *default* como vogais usualmente livres de contextos.

Quadro 6: Harmonia com vogal alta

Vogal média [-post]	Vogal média [+post]
p[i]dir	p[u]lícia
p[i]rigo	c[u]zinha
b[i]bida	c[u]zida
c[i]mitério	c[u]mida
pr[i]guiça	c[u]stume
qu[i]rido	n[u]ticiário
p[i]riquito	s[u]frida
al[i]gria	c[u]rtina
m[i]nina	c[u]rrida
m[i]nino	p[u]liciais
qu[i]ria	g[u]rdura
p[i]pino	g[u]rdurosa
fal[i]cido	f[u]rmigueiro
pr[i]firido	b[u]nito
p[i]rigoso	desc[u]brir
v[i]stir	p[u]lítica
s[i]gurança	c[u]zidão
b[i]bia	ac[u]stumei
m[i]xido	P[u]ti
m[i]dida	gas[u]lina
pr[i]ciso	inv[u]lvi

Nos casos apresentados no Quadro acima, a presença da vogal alta na sílaba seguinte é gatilho para o processo de Harmonia Vocálica de aplicação variável, característico de todos os falares brasileiros.

Todavia, um aspecto importante revelado pelos dados que nos chama a atenção é que, ao lado da harmonização usual na fala informal brasileira, esse contexto no dialeto de Teresina-PI dá margem à emergência de uma variação ternária da média pretônica dentro de um mesmo vocábulo. Isto quer dizer que a tendência à elevação, favorecida por esse

contexto, não refreia a predisposição do uso da vogal média aberta por parte do falante teresinense.

Isto constata que, no dialeto em análise, a vogal alta na sílaba seguinte desencadeia um processo fonológico de considerável variação para a pauta pretônica, confirmando a nossa hipótese da existência de uma variação tripartida no dialeto. Talvez esse fenômeno explique também a aplicação relativamente baixa da regra de harmonia neste dialeto (ver Tabela 13 e Gráficos 7 e 8 do presente estudo).

A constatação desse fenômeno de variação tripartida explica o nosso discurso sobre a concorrência de processos fonológicos no dialeto, pois, se, por um lado, pelo harmonioso comportamento das médias, é cabível se determinar o princípio de Harmonia Vocálica como o mais atuante, por outro, a emergência da média aberta em ambientes desarmônicos empresta-lhe o caráter de vogal *default*. Representam esses casos os exemplos arrolados no Quadro 7, a seguir.

Quadro 7: Variação tripartida

Vogal média [-post]	Vogal média [+post]
b[ɛ]bida ~ b[i]bida ~ b[e]bida	c[ɔ]rrido ~ c[u]rrido ~ c[o]rrido
m[ɛ]xido ~ m[i]xido ~ m[e]xido	pr[ɔ]mitido ~ pr[u]mitido pr[o]mitido
r[ɛ]cibo ~ r[i]c[i]bo ~ r[e]cibo	m[ɔ]vido ~ m[u]vido ~ m[o]vido
p[ɛ]rdido ~ p[i]rdido ~ p[e]rdido	p[ɔ]ssível ~ p[u]ssível ~ p[o]ssível
cr[ɛ]scido ~ cr[i]scido ~ cr[e]scido	s[ɔ]frimento ~ s[u]frimento ~ s[o]frimento
f[ɛ]dido ~ f[i]dido ~ f[e]dido	m[ɔ]vimento ~ m[u]vimento ~ m[o]vimento
r[ɛ]pitindo ~ r[e]pitindo ~ r[i]pitindo	disp[ɔ]sição ~ disp[u]sição ~ disp[o]sição
cr[ɛ]scido ~ cr[e]scido ~ cr[i]scido	n[ɔ]vidade ~ n[u]vidade ~ n[o]vidade
pr[ɛ]ciso ~ pr[e]ciso ~ pr[i]ciso	f[ɔ]liões ~ f[u]liões ~ f[o]liões
acr[ɛ]dito ~ acr[i]dito ~ acr[e]dito	m[ɔ]tivação ~ m[u]tivação ~ m[o]tivação
al[ɛ]gria ~ al[i]gria ~ al[e]gria	v[ɔ]lume ~ v[u]lume ~ v[o]lume
pr[ɛ]firido ~ pr[i]firido ~ pr[e]firido	p[ɔ]luído ~ p[u]luído ~ p[o]luído
f[ɛ]liz ~ f[i]liz ~ f[e]liz	p[ɔ]limento ~ p[u]limento ~ p[o]limento
s[ɛ]rvido ~ s[i]rvido ~ s[e]rvido	f[ɔ]rtuna ~ f[u]rtuna ~ f[o]rtuna
pr[ɛ]sidente ~ pr[i]sidente ~ pr[e]sidente	m[ɔ]dificado ~ m[u]dificado ~ m[o]dificado
c[ɛ]mitério ~ c[i]mitério ~ c[e]mitério	p[ɔ]liciamento ~ p[u]liciamento ~ p[o]liciamento
t[ɛ]cido ~ t[i]cido ~ t[e]cido	p[ɔ]lido ~ p[u]lido ~ p[o]lido

Os dados do Quadro acima exibem as três variantes da pretônica no dialeto de Teresina. Os exemplos arrolados confirmam que esse fenômeno só ocorre quando se tem uma vogal alta na sílaba seguinte. Marroquim, ao discutir as vogais médias pretônicas nordestinas, refere-se a esse fato, afirmando que: “As alterações fonéticas das vogais teem entretanto aspecto arbitrário, alcançando umas palavras sem atingir a outras” (1934, p. 52-53).

Embora as vogais médias fechadas, [e]/[o], sejam produzidas nesse ambiente, o número de vezes em que elas emergem é no geral inferior a realizações de [ɛ]/[ɔ]. Isto quer dizer que a vogal média aberta não depende de contexto linguístico categórico para a sua realização.

Há, portanto, no dialeto teresinense, uma tríplice pronúncia no contexto de vogal alta: a) uma pronúncia com as médias elevadas motivada pelo traço de altura da vogal subsequente; b) uma pronúncia imposta pela vogal *default* do sistema; c) uma pronúncia com a média fechada. Todavia, as frequências de usos recorrentes nos dados atestam a predominância da vogal média aberta que se estende de forma irrefreável nesse ambiente (Gráficos 1 e 2 do presente estudo).

Por outro lado, há ainda um bloco de palavras que apresentam uma vogal alta na sílaba seguinte, mas que favorecem a ocorrência de vogais médias abertas e não permitem a possibilidade de outra variante, como mostra o Quadro 8 a seguir.

Quadro 8: Produção categórica de vogais médias abertas em contexto de vogal alta

Vogal média [-post]	Vogal média [+post]
v[ɛ]rdura	s[ɔ]lução
d[ɛ]putada	pr[ɔ]cissão
r[ɛ]ligão	r[ɔ]tina
r[ɛ]sidência	s[ɔ]luço
t[ɛ]rrível	d[ɔ]cumento
l[ɛ]gumes	c[ɔ]rrupto
mat[ɛ]rial	p[ɔ]pulação
r[ɛ]tirante	c[ɔ]rrigido
r[ɛ]sidencial	c[ɔ]lunável
r[ɛ]vista	h[ɔ]rrível
d[ɛ]lícia	c[ɔ]ligação
r[ɛ]sistiu	r[ɔ]dízio
m[ɛ]dicina	m[ɔ]lusco
d[ɛ]rrubar	s[ɔ]lícito
r[ɛ]gionais	p[ɔ]puloso
d[ɛ]dicação	r[ɔ]busta
d[ɛ]licada	s[ɔ]lícito
v[ɛ]sícula	c[ɔ]tidiano
c[ɛ]rimonial	n[ɔ]turno
d[ɛ]lito	pr[ɔ]fissão
pr[ɛ]juízo	esp[ɔ]rtivo

Embora o contexto para a Harmonia esteja satisfeito, os exemplos acima privilegiam a média baixa. Parece que o falante reconhece esse contexto como favorável à emergência da vogal *default* no sistema.

Especificamente, nestes itens lexicais não se observou nenhuma variação, o que sugere ser categórica a produção das médias abertas quando a Harmonia não se aplica. Este último formato de variação confirma que o único ambiente em que o falante deixa de produzir a vogal média aberta é o contexto de vogal média oral fechada na sílaba seguinte, que, por meio de uma legítima concordância de traços, favorece naquela posição a média

de mesma altura. Isto explica a abundância das vogais médias abertas atestadas probabilisticamente no dialeto.

5.3 CONCLUSÃO

Especificamente sobre a variação encontrada no dialeto de Teresina-PI, constata-se que, ao lado da opcionalidade por parte do falante em realizar a média aberta, marca dialetal, há ainda a presença de uma variante média fechada que se realiza, majoritariamente, nos contextos em que se tem uma vogal seguinte de mesma altura, como também a realização de uma variante alta motivada pela presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. Entretanto, um número expressivo de palavras produziu a média aberta em contextos que nos chama atenção pelo seu caráter desarmônico para a aplicação da regra de abaixamento. Foi, então, com base na abundância da presença da vogal média aberta e sua estranha emergência em ambientes inusitados à regra que governa o dialeto, que definimos como uma vogal *default* a vogal baixa.

6 COMPARAÇÃO DE RESULTADOS, EM TERMOS DE FREQUÊNCIA, DE ANÁLISES COM DADOS DE ESTADOS DIVERSOS

O mapeamento da realidade da produção das vogais médias pretônicas posta em discussão há muito por Nascentes (1953), reside na divisão de duas grandes áreas dialetais: os falares do Norte e os falares do Sul. Por sua vez, os trabalhos que descrevem o comportamento dessas vogais, referenciados nesta tese, evidenciam, em uma perspectiva diatópica, uma visão geral da identidade linguística da região descrita, que, de certa forma, confirmam as fronteiras linguísticas então demarcadas pelo autor, em termos de predominância do grau de abertura de uma das variantes das vogais em destaque, mas não de inviabilidade de produção das demais. Nota-se, ainda, uma ausência de pesquisas sobre a regra de abaixamento das vogais médias pretônicas, pois a maioria dos trabalhos se volta para a regra de elevação, o que inviabiliza uma intercomparação mais ampla, dificultando uma discussão mais consistente sobre a propriedade das referidas demarcações em todo o território nacional.

A propósito da delimitação regional da pronúncia aberta das pretônicas, é oportuno lembrar a afirmação de Révah (1958, p. 397), baseado em Houaiss, de que as realizações abertas das pretônicas se estendem numa vasta área do Brasil, que vai do Nordeste até certa região Leste de Minas Gerais.⁴⁶ Portanto, a delimitação dialetal entre o Nordeste e as demais regiões deve-se justificar pela frequência de produção de vogais médias abertas e não pela ausência das demais realizações.

Segundo Mota (2006, p. 328), embora ainda não se tenha uma proposta atual de divisão do Brasil em áreas dialetais, o conhecimento da realidade linguística do País tomou

⁴⁶ “[...] qui dans une vaste zone du territoire brésilien qui va du Nord-Est jusqu’à une certaine région de l’Est de Minas Gerais, les pré-toniques a – e – o sont souvent des voyelles de timbre très ouvert : Péribambuco, colégio, cólega, córrósivo”.

uma dimensão mais ampla a partir da década de 60, através de levantamentos de dados empíricos, em áreas rurais e urbanas que resultaram na publicação dos primeiros atlas regionais.

Cardoso (1986, p. 52-53), ao confrontar os dados registrados pelo Atlas dos Falares Baianos (APFB) com os que se documentam no Esboço de um Atlas Prévio de Minas Gerais (EALMG), afirma que as evidências ali expostas permitem concluir que “Tinha (Tem) Nascentes razão”, pois:

Há uma unidade lingüística configurada pelo Estado da Bahia e a parte Norte/Nordeste/Noroeste de Minas Gerais explicitada na presença das vogais médias abertas pretônicas, documentadas majoritariamente na área.

A linha que demarca a fronteira entre falar baiano e o mineiro e o fluminense, traçada a partir dos dados fornecidos pelos dois atlas, aproxima-se consideravelmente dos limites estabelecidos por NASCENTES (CARDOSO, 1986, p. 53).

Os estudos sobre as realizações das vogais médias pretônicas configuram-se como fatos lingüísticos delimitadores de áreas dialetais essenciais, não só para a produção de Atlas lingüísticos regionais, como também para estudos fonológicos sobre o português falado no Brasil, asseverando com maior rigor científico a percepção lingüística de Nascentes. Objeto de estudo de várias pesquisas de cunho variacionista, o comportamento das vogais médias já dispõe atualmente de um considerável número de falares regionais descritos que viabilizam o mapeamento lingüístico dessas áreas.

A propósito do mapeamento descritivo das realizações das vogais médias como abertas ou fechadas em posição pretônica no português do Brasil, Cardoso (2006, p.369-370), ao discutir a variação diatópica sobre a diastrática, reúne trabalhos de vários Estados, que, de uma forma geral, são consensuais com as propostas de divisão dialetal, como o de Silva (1980), que aponta para o falar de Manaus a predominância das médias pretônicas aberta como o padrão geral nordestino. No Pará, Vieira (1983) revela a predominância das médias fechadas.⁴⁷ No que se refere ao Acre, Lessa, em trabalho monográfico de

⁴⁷ Sobre isso Cardoso, ao comentar o trabalho de Vieira *Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia, semântica*, teceu o seguinte comentário: “Ao contrário das outras variedades nortistas, as pretônicas dessa região só se realizam como baixas em contextos com a presença de baixas homorgânicas (peteca, cotó)” (1986, p. 97). Para Barbosa da Silva: “[...] se os registros de Vieira representam o falar paraense, e não majoritariamente a variedade de um dos grupos examinados [...], cabe levantar-se a hipótese de que o Pará, pelo menos a área pesquisada por Vieira, constitui, nesse aspecto, uma ilha dialetal no falar do Norte” (1989, p. 75).

doutorado, afirma a predominância da realização média aberta.⁴⁸ Em trabalho de 1986, Maia, fundamentada na análise de uma amostra da fala de Natal, conclui pela predominância da realização aberta. Com base nos estudos de Pereira (1997) e observações de Cardoso (1999), reafirma-se a dominância das realizações abertas na Paraíba. Callou, Leite e Moraes (1995), no que tange à realização das pretônicas, reconhecem no Recife comportamento semelhante ao de Salvador e no Rio de Janeiro, com base no projeto NURC, afirmam a predominância das médias fechadas. Em Sergipe, Mota (1979), ao estudar o dialeto de Ribeirópolis, assinala a predominância da média aberta que se estende a todo Estado. Barbosa da Silva (1989), ao examinar dados do Projeto NURC/Salvador e dados cartografados no Atlas Prévio dos Falares Baianos, reconhece a predominância da realização aberta. O Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977) mostra a realidade dessas realizações: no Norte predominam as médias abertas, ficando reservadas as médias fechadas à parte central e à sul do Estado. Os dados do Atlas Lingüístico do Paraná indicam uma predominância da realização fechada e, no tocante ao Rio Grande do Sul, os estudos de Bisol (1981) reconhecem a ocorrência categórica das médias fechadas.

Diante de tais resultados, Cardoso afirma que, embora não cubram todas as áreas geográficas para dar um quadro geral do País, é possível tecer a seguinte observação sobre a pronúncia das vogais médias:

[...] a realização das vogais médias pretônicas concretize-se como fechada ou aberta, apresenta-se, nas regiões consideradas e onde foi possível dispor de dados da fala rural e da norma culta, como típica do uso geral da área e presente, indistintamente, na manifestação lingüística dos falantes, independentemente das variáveis sociais que possam qualificá-los, diferenciando-os (2006, p. 37).

Com o propósito de situar o dialeto teresinense no panorama lingüístico atual, retomaremos, de teses e dissertações referenciadas, os resultados do uso variável da pretônica [ɛ ~ e ~ i]/ [ɔ ~ o ~ u], em termos da frequência, para abrir o campo de estudos comparativos, com o objetivo de visualizar os limites relativos às tendência de produção dessas variantes nas diversas regiões.

⁴⁸ Segundo Cardoso, o trabalho intitula-se *As vogais médias pretônicas na linguagem acreana* cuja conclusão (p. 100) afirma que: “Do estudo das vogais médias pretônicas na linguagem acreana, depreendemos que seu emprego não constitui uma regra categórica, nem com realização de alteamento, nem de abaixamento. A sua realização é variável, porém com predominância da pronúncia aberta” (1986, p. 97).

6.1 QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS DIALETOS

Admitindo-se a possibilidade de três realizações da vogal média pretônica – aberta, l[ɛ]vado, c[ɔ]légio; alta, p[i]rigo, c[u]stume e média fechada, c[e]rteza, s[e]greto – selecionamos os resultados estatísticos de análises dos falares de regiões do Nordeste, sumariados neste estudo, e de três Estados fora dos limites geográficos nordestinos, Formosa – GO, Piranga – MG e Ouro Branco – MG com os quais organizamos a Tabela 35 para fins comparativos.

Tabela 35: Distribuição de ocorrências de vogais médias pretônicas em alguns dialetos

		Vogal média aberta		Vogal média fechada		Vogal alta	
		[-post]	[+post]	[-post]	[+post]	[-post]	[+post]
N	Teresina – PI	2079/3219 65%	1076/2089 52%	679/3219 21%	326/2089 16%	466/3219 14%	687/2089 32%
		Total 3155/5308 59,4%		Total 1005/5308 18,9%		Total 1153/5308 21,7%	
O	Natal – RN	274/418 65,5%		128/418 31%		–	
R D	Salvador – BA	1261/2092 60,3%	680/1177 57,8%	406/2092 19,4%	204/1177 17,3%	425/2092 20,3%	293/1177 24,9%
		Total 1941/3269 59,3%		Total 610/3269 18,7%		Total 718/3269 22%	
E S T	Recife – PE	3323/4994 66,5%	2030/2834 71,6%	1611/4994 32%	804/2834 28,3%	1303/6237 21%	1176/4010 29,3%
		Total 5353/7828 68,3%		Total 2415/7828 30,8%		Total 2479/10247 24,2%	
E	João Pessoa – PB	4019/8679 46,3%	2851/6401 44,5%	1763/8679 20,3%	1383/6401 21,7%	2746/8679 31,7%	2172/6401 34%
		Total 6870/15080 45,5%		Total 3146/15080 20,8%		Total 4918/15080 32,6%	
C E N T R O - S U L	Formosa – GO	445/2176 20,5%	418/1947 21%	1445/2176 66,4%	1278/1947 65,6%	286/2176 13,1%	251/1947 12,9%
		Total 863/4123 21%		Total 2723/4123 66%		Total 537/4123 13%	
		Piranga – MG	872/3709 23,5%	534/2447 21,8%	2298/3709 62%	1634/2447 66,8%	539/3709 14,5%
Total 1406/6146 22,8%			Total 3932/6156 63,8%		Total 818/6156 13,2%		
Ouro Branco – MG	124/3438 3,6%	145/2389 6,1%	2938/3438 85,4%	2078/2389 87%	376/3438 10,9%	166/2389 6,9%	
	Total 269/5827 4,6%		Total 2078/2389 86%		Total 542/5827 9,3%		

Esta Tabela apresenta, em termos percentuais, a presença da média aberta, da média fechada e da vogal alta nos Estados indicados à esquerda.

Destacadamente, a variedade nordestina sobressai-se como a maior usuária da vogal média aberta, o que comprova, em termos de frequência, a afirmação consensual que a literatura registra; enquanto nos demais Estados predomina a média fechada. Com respeito à vogal alta que reflete a harmonização com a alta vizinha, nota-se nos falares nordestinos um uso relativamente mais acentuado, ao passo que nos falares do Centro-Sul essa realização é bem menor.

Embora Formosa (GO), Piranga e Ouro Branco (MG) pertençam a áreas dialetais diferentes, conforme a classificação de Nascentes (1953) (ver Figura 14), isto é, Formosa (subdialeto baiano), Piranga (subdialeto fluminense) e Ouro Branco (subdialeto mineiro), Formosa e Piranga têm índices muito próximos para a vogal média⁴⁹, enquanto os índices de Ouro Branco assemelham-se aos do Centro-Sul do País, com baixa produtividade para a média aberta. Segundo Nascentes (1953, p. 24-26), os dialetos que compõem esse subfalares (Fluminense e Mineiro) fazem parte do grupo do sul do Brasil, que se caracterizam, em oposição ao grupo do norte, por não apresentarem variantes “abertas” em posição pretônica.

Comparando os resultados entre as duas cidades mineiras, podemos notar que há diferenças nos percentuais dos processos de abertura, fechamento e alçamento. Os falantes da cidade de Piranga apresentam a pretônica aberta com índice na ordem de 22,8%; a média fechada, de 63,8%, e a alta, de 13,2%. Já Ouro Branco apresenta 4,6% para a média aberta, 86% para a média fechada e 9,3% para a alta. Os resultados sugerem que a divisão de Nascentes (1953) não é tão rígida como poderia se supor, pois a presença da média aberta fora dos limites estabelecidos contraria sua proposição. Por exemplo, Piranga, sudeste de Minas Gerais, que compõe o grupo dos falares fluminenses (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas – Zona da Mata e parte do Leste – área geográfica em que fica localizada Piranga), apresenta a média aberta.⁵⁰

⁴⁹ Dias (2008, p. 284) conclui com essa semelhança entre os percentuais das duas cidades.

⁵⁰ No Rio de Janeiro, Callou, Leite e Coutinho (1991, p. 74) surpreendem-se com a ocorrência de abaixamento no falar carioca em ambientes não relatados nos estudos já realizados, porém destacam que a probabilidade é pouco significativa, apenas, 5% de ocorrências. Correa (apud GRAEBIN, 2008, p. 132) ressalta que a fala de Brasília apresenta um índice de 3,5% de vogais médias abertas. Célia (2004, p. 61), sobre o dialeto de Nova Venécia – ES, detecta um percentual de 18,8% de abertura na produção das vogais médias pretônicas.



Figura 14: Mapa da primeira proposta de divisão dos dialetos, segundo Nascentes
 Fonte: Disponível em: <<http://www.cin.ufpe.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2009.

Diante dos resultados expostos na Tabela 35, agora visualizados nos Gráficos, comparemos Teresina com os Estados nordestinos e Teresina com os demais não-nordestinos.

O Gráfico 9, a seguir, compara os percentuais obtidos em Teresina *versus* os obtidos nos outros dialetos nordestinos.

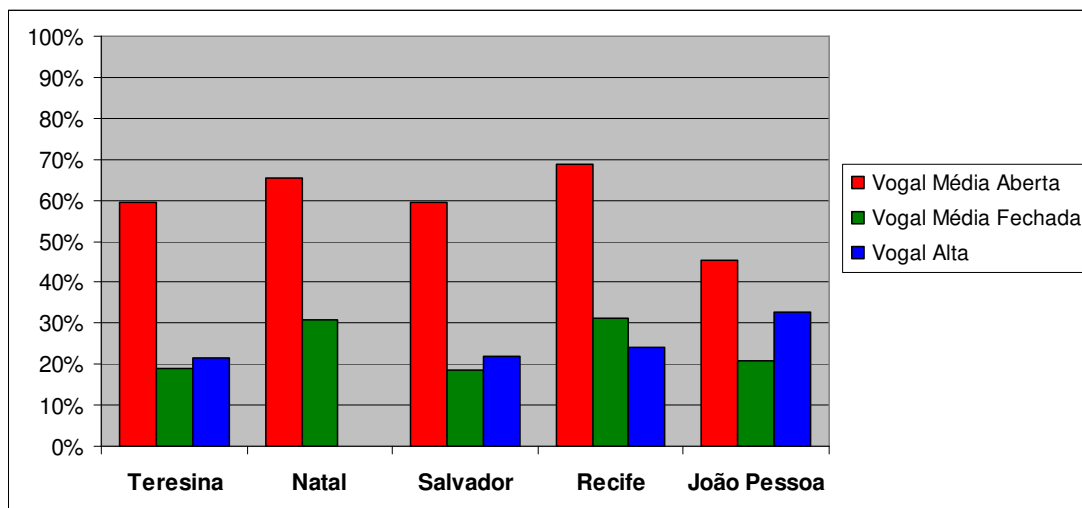


Gráfico 9: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Teresina (PI), Natal (RN), Salvador (BA), Recife (PR) e João Pessoa (PB)

Neste Gráfico, é possível verificar os seguintes aspectos:

- 1) há um equilíbrio entre os percentuais de todas as variantes;
- 2) a média aberta é que predomina;
- 3) a média fechada se faz presente com modéstia;
- 4) a média convertida em alta com percentuais baixos confirma a harmonização vocálica com a vogal alta como um fenômeno suprarregional com baixa produtividade nos dialetos brasileiros, como já haviam registrado Bisol (1981), Callou e Leite (1986) e outros⁵¹;

A comparação entre os percentuais das variantes obtidos em Teresina- PI *versus* os dialetos não-nordestinos é representada no Gráfico 10, a seguir.

⁵¹ Para Bisol (1981, p. 124), os totais de aplicação da regra põem em relevo o seu uso moderado no dialeto gaúcho em que a fala popular mostrou um percentual de 22% de aplicação para /e/ e 32% para /o/; a fala culta teve 21% de aplicação para /e/ e 22% para /o/. Já, para Callou e Leite (1986, p. 156), o percentual de elevação de /e/ e /o/ ficou em torno de 31,05%.

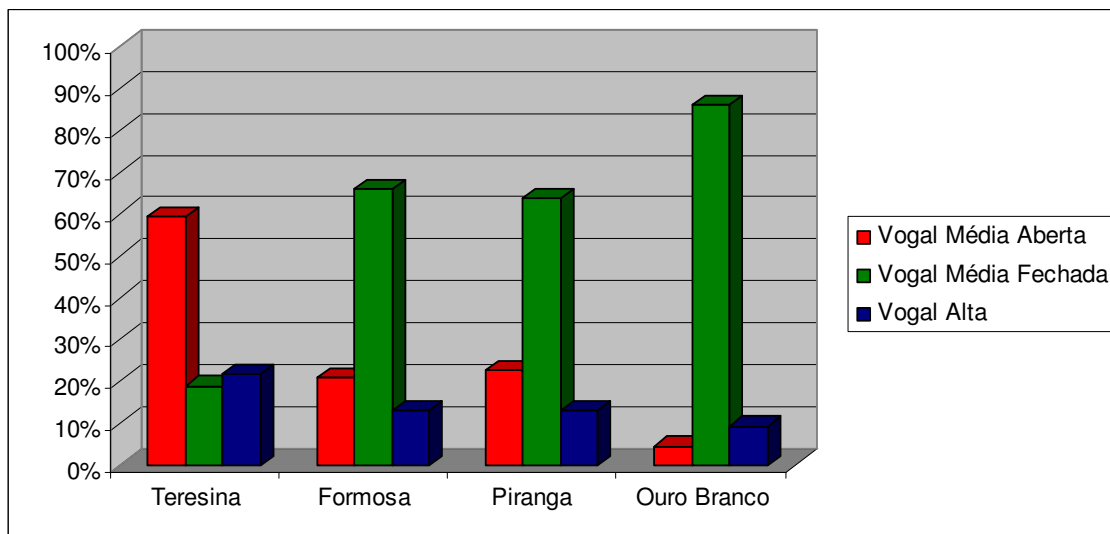


Gráfico 10: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Teresina (PI), Formosa (GO), Piranga (MG) e Ouro Branco (MG)

Ressaltando que os percentuais devem ser tomados como tendências, permitimo-nos as seguintes observações:

- 1) a média fechada é a vogal com maior presença nos dialetos que representam o Centro-Sul;
- 2) a média aberta é a maior presença em Teresina que representa os dialetos nordestinos;
- 3) a vogal média convertida em alta no dialeto teresinense assemelha-se às demais.

A composição de gráficos comparativos em que se destacam as diferenças e semelhanças entre o dialeto de Teresina e os demais citados nesta tese (natalense, baiano, recifense, pessoense, formosense e mineiro) e os que não entraram na composição dos gráficos, mas são referenciados neste trabalho, permitiu-nos a observação de alguns pontos bastante interessantes.

O primeiro ponto diz respeito à presença da média aberta no dialeto de Piranga (MG) que contra-argumenta a seguinte proposição de Nascentes: “No sul não há vogais protônicas abertas antes do acento (salvo determinados casos de derivação)” (1953, p. 20-21). Ainda que o percurso histórico de pronúncias das vogais pretônicas, como média aberta ou como média fechada, tenha estabelecido a demarcação dialetal de uso linguístico

predominante de uma ou outra pronúncia, em termos de estudo variacionista não se pode absolutizar uma única realização.

Opositivamente, o segundo ponto refere-se à presença da média fechada nos falares nordestinos, desmitificando o padrão descritivo de Nascentes (1953) sobre a única realização possível para a região Nordeste ser as vogais médias abertas. Fato esse também enfatizado por Silva Neto, o que é oportuno salientar, pois, segundo o autor: “Ainda na pronúncia do Nordeste, numa área por definir, mas com toda a segurança muito extensa, todas as vogais pretônicas são abertas; assim: dezembro, tolerar” (1992, p. 624). Todavia, a comparação entre os resultados obtidos mostra que nos falares nordestinos, ao lado da predominância das vogais médias abertas, há, como vimos, ainda a presença de uma variação tripartida.

Essa diversidade de produção da média aberta detectada em todos os trabalhos aqui comparados é importante para discutir as variantes pretônicas regionais do Brasil, destacando a complexidade da variação linguística que o País apresenta, em função de um processo resultante de vários fatores decorrentes da história particular de cada município, desde a colonização com o povoamento inicial, em que falares diferentes entraram em contato. Essa é uma das razões motivadoras das variações diatópicas no português do Brasil.

No falar do formosense, Graebin (2008) registra a realização de variantes baixas com uma frequência maior do que a encontrada em Brasília e em contextos muitos semelhantes aos do Nordeste, por essa razão atribui os traços linguísticos da região mais próximos ao nordestino do que ao brasiliense. Em Piranga, como identificou Dias (2008), o processo de abaixamento é favorecido pela presença de uma vogal baixa ou média aberta na sílaba tônica ou entre a vogal da variável e a tônica, que resulta em uma harmonização vocálica. O mesmo acontece, segundo a autora, em Ouro Branco, porém com índice muito baixo. Célia (2004, p. 84-85), sobre o dialeto de Nova Venécia – ES, registra o abaixamento das vogais médias como um fenômeno de assimilação regressiva desencadeado pelas vogais subsequentes à pretônica, cujos resultados são muito claros: o percentual e a probabilidade de abaixamento diante dessas vogais são muito elevados, e fora desse contexto são quase inexistentes. As produções das vogais médias venecianas assemelham-se às produzidas em Piranga – MG. Callou, Leite e Coutinho (1991, p. 74) dizem que, no falar carioca, encontram-se referências a essas produções em casos bem

restritos: (1) quando se acrescentam a um palavra que tenha a vogal média aberta tônica os sufixos diminutivos ou superlativos, ou ainda o formador de advérbio –mente e (2) por harmonização vocálica a uma vogal baixa.

Em termos gerais, a variação das vogais médias nas regiões fora do Nordeste brasileiro mostrou-se mais reduzida, visto que o ambiente para a ocorrência da variante aberta é mais restrito. É importante ressaltar que os contextos favorecedores dessa realização pouco coincidem com os dos nordestinos (no geral, a presença de uma vogal de mesma altura na sílaba seguinte), e quando isto ocorre a frequência de produção não é a mesma, o que é compreensível porque o dialeto faz prevalecer a sua marca regional.

No que tange à conversão da vogal média em alta diante de alta na sílaba seguinte, a comparação entre os falares confirmou que esse atinge indiscriminadamente todos os falares. Nos trabalhos descritos até o momento, não se detectou nenhum indício de mudança em progresso dessa regra; ao contrário, só se evidencia estabilização do processo e até mesmo redução de contextos em função da existência de uma distribuição complementar dos ambientes de elevação e abaixamento para alguns dialetos. É o que explica Callou, Leite e Coutinho, sobre a presença dessas duas variantes no falar carioca:

[...] o que poderia estar acontecendo seria uma simplificação da regra de harmonização vocálica, simplificação essa que seria expressa pela substituição do traço [+alto] na descrição da mudança ocorrida e no ambiente de aplicação pelo símbolo de coincidência de traços [α] (1991, p. 75).

Embora a predominância da vogal média aberta no Nordeste e da vogal média fechada no Sul seja uma característica tão marcante a ponto de impor-se como critério inequívoco para a divisão de Nascentes (1953), os percentuais dos falares aqui comparados revelam a existência de variantes da vogal média desconsideradas por aquele critério classificatório.

6.2 CONCLUSÃO

Em termos de predominância da vogal média aberta ou média fechada, a comparação entre os percentuais nordestinos e os demais confirma as demarcações linguísticas estabelecidas por Nascentes (1953). Todavia, a presença da média aberta na

fala de Formosa (21%) e na de Piranga (22,8%) refreia o caráter absolutista daquelas demarcações e propõe um reordenamento de possibilidades de ocorrências de variantes da vogal média dentro de uma mesma região. Assim, estabelecer fronteiras dialetais rigorosas não é tão simples, até porque as descrições mostram que, no geral, não há uma coincidência entre o comportamento linguístico desses falares e suas respectivas áreas geográficas: Graebin (2008), por exemplo, afirma que Formosa (GO) aproxima-se mais do falar nordestino e do norte de Minas Gerais do que o brasiliense e Barbosa da Silva (2008), sobre o falar de Recife, pelos percentuais obtidos para a vogal média fechada, afirma que este tende a se aproximar mais dos falares do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso histórico do vocalismo português mostrou-nos a complexidade desses segmentos não só pela sua própria evolução linguística, como também pela especificação e classificação por meio dos traços articulatorios distintivos.

O português brasileiro guardou consigo essas marcas da evolução ao apresentar um sistema de sete vogais; no entanto, põe em relevo o comportamento diferenciado que esses segmentos assumem na palavra quanto à posição e a sua predominância em relação à região geográfica. No que diz respeito às vogais médias, diferenciando-as pelo traço [baixo], as suas áreas de demarcação tornaram-se geograficamente delimitadas. Todavia, o que se observa é que a predominância de um traço distintivo não inviabiliza a emergência de outros dentro de um mesmo dialeto.

Assim, ao observamos a variação das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Teresina-PI, constatamos, através dos dados coletados e analisados, que a produção destas vogais admite três realizações fonéticas que se harmonizam indistintamente de acordo com a presença do gatilho situado na sílaba seguinte: a) Harmonia com uma vogal média aberta, b) Harmonia com uma vogal alta e c) Harmonia com uma vogal média fechada. Ao lado dessas variações harmônicas, o dialeto apresenta uma variação tríplice dentro de um mesmo vocábulo quando diante de vogal alta; porém, mesmo neste contexto desarmônico, a vogal média aberta predomina de forma irrefreável. A complexidade desse comportamento variacional nos pôs diante de uma questão: o dialeto está a caminho de um processo fonológico mais geral? Tudo indica que sim, porque a vogal média aberta ocorre seguida de sílaba com vogal alta, quando a harmonia com a vogal indutora for inoperante. Neste contexto, conflita com a média fechada, mas é a vencedora, isto é, prepondera.

A análise dos dados, em seções separadas, forneceu-nos algumas respostas que subsidiaram a confirmação das hipóteses levantadas, assim como mostrou a complexidade do fenômeno no dialeto estudado.

Considerando-se que o abaixamento é a regra padrão no dialeto, a ocorrência majoritária de vogais médias abertas diante da presença de uma vogal de mesma altura deu-se na dimensão esperada, tanto para os dados da vogal [-post] quanto da vogal [+post], isto é, os maiores pesos relativos concentraram-se nas vogais gatilhos do processo [a, ε, o]. Esses resultados induziu-nos à interpretação de que se trata de um processo de harmonia.

No que respeita ao papel das consoantes circundantes, as velares, coronal e palatal se destacaram concentrando os maiores pesos, resultado que coincide com as pesquisas precedentes, como as de Barbosa da Silva (1989), Pereira (1997), Graebin (2008) e Alves (2008).

Quanto aos fatores sociais, não nos surpreenderam, posto que o abaixamento é a regra padrão do dialeto, portanto independe de qualquer condicionamento do grau de escolarização e de outros. A tais constatações só nos foi possível chegar mediante os cruzamentos efetuados entre a escolarização e a faixa etária. Os resultados destes procedimentos mostraram-nos que o dialeto apresenta uma estabilidade na marca dialetal, não sugerindo nenhuma mudança em sentido contrário às expectativas. Essa mesma tendência verificou-se nos trabalhos de Barbosa da Silva (1989) e Pereira (1997).

Em relação à Harmonia com a vogal alta, essa regra tem um índice baixo de aplicação, na ordem de 14% para a vogal [-post] e 33% para a vogal [+post]; no entanto, é oportuno ressaltar que a baixa produtividade dessa regra nos falares brasileiros é constatada em todas as variedades brasileiras, já tendo sido registrada nos trabalhos de Bisol (1981), Barbosa da Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Viegas (1987), entre outros.

Dentre os fatores linguísticos favoráveis à aplicação da regra de elevação, a Contiguidade de uma vogal alta mostrou ser o principal condicionador de aplicação da regra, atestável pelos maiores índices concentrados naquele contexto.

Sobre os segmentos consonantais precedentes e seguintes, favorecedores da elevação da vogal média, constatou-se que a média [-post] eleva-se mais diante da palatal precedente e da velar precedente e seguinte; já a vogal [+post] é favorecida pela velar precedente e pelo conjunto labial, palatal e coronal na posição subsequente, com índices muito próximos.

A regra de elevação não se mostrou condicionada por quaisquer variáveis sociais. Tais resultados confirmam o caráter suprarregional da regra e, em termos gerais, assemelham-se aos resultados de Bisol (1981), Barbosa da Silva (1989), Callou, Leite e Coutinho (1991), Pereira (1997) e Alves (2008).

Sobre a presença da vogal média fechada, aparentemente estranha à pronúncia nordestina, com percentuais, na ordem de 21% para a vogal [-post] e de 16% para vogal [+post], os resultados da análise dos dados mostraram-nos que a contiguidade com uma vogal da mesma altura, majoritariamente, é o condicionador que mais favorece a realização dessa vogal.

Em relação aos segmentos consonantais, as consoantes nasais e palatais subsequentes mostraram-se como os fatores mais favorecedores para a pronúncia das médias fechadas.

Diante dos resultados alcançados na análise e resumidos no exposto, podemos dizer que nossa hipótese inicial com respeito às três harmonias com predomínio da vogal baixa fica confirmada.

A hipótese que os resultados desta análise sugerem em virtude de a vogal média aberta comportar-se como *default* é a seguinte: o dialeto caminha em direção à Neutralização em favor da média aberta, em oposição ao sul do País. É o que se espera averiguar em tempos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Martinez de. Fonética do Português do Ceará. **Revista do Instituto histórico do Ceará**, v. 51, p. 271-307, 1937.

ALVES, Marlúcia Maria. **As vogais médias em posição pretônica nos nomes no dialeto de Belo Horizonte**: estudo da variação à luz da Teoria da Otimalidade. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

_____. **As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

BARBOSA DA SILVA, Myrian. **As pretônicas no falar baiano**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade do Rio de Janeiro, 1989.

_____. Breves notícias sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: UFBA, v. 14, p. 69-77, 1992.

_____. Pretônicas fechadas na fala culta de Recife. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 320-336.

_____. Um traço regional na fala culta de Salvador. **Organon**, Porto Alegre: UFRGS, v. 18, p. 79-89, 1991.

BATTISTI, Elisa. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. Porto Alegre: PUCRS, 1993. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993.

_____; VIEIRA, Maria José Blaskovski. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p.171-206.

BISOL, Leda. A neutralização das átonas. **Revista Letras**, Curitiba: UFPR, n. 61 – especial, p.273-283, 2003.

____. **Harmonia vocálica**: uma regra variável. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

____. **Language, variation and change**. USA: Cambridge University Press, 1989.

____; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BORTONI, Stela M.; GOMES, Elisabete; MALVAR, Christina. A variação das vogais pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical. **Estudos Lingüísticos**, Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p. 9-29, jul.-dez., 1992.

BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language, Variation and Change**, v. 14, p. 261-290, 2002.

CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia. O Português do Brasil: polarização sociolinguística. In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística no Brasil**. Salvador: FUNCULTURAL, 2006. p 259-291.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. **Estudos Lingüísticos**, Salvador: UFBA, n. 5, p. 151-152, 1986.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. **Organon**, Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; COUTINHO, Lilian; CUNHA, Cláudia. Um problema na fonologia do Português: variação das vogais pretônicas. In: PEREIRA, Cilene da C.; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários**. *In memoriam* Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 59-71.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Variação dialetal do português do Brasil: aspectos fonéticos e morfossintáticos. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 14, p. 103-118, dez. 1995.

CALVET, Louis-Jean. **Lingüística e colonialismo**: pequeno tratado de glotofaxia. Santiago de Compostela: Edición Laivento, 1993.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

- ____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- ____. **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- ____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- ____. **Problemas de lingüística descritiva**. 4. ed. Petrópolis:Vozes, 1971.

CARDOSO, Suzana A. Marcelino. As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: Ed. UEL, 1999. p. 93-108.

____. Diatopia e diastratia no português do Brasil: prevalência ou convivência? In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística no Brasil**. Salvador: FUNCULTURAL, 2006. p. 361-379.

____. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 5, p. 49-59, 1986.

CARVALHO, J. G. Herculano. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas e e o em sílaba átona. **Revista Portuguesa de Filologia**, Coimbra: Atlântida, v. XII, p. 2-23, 1962.

CASAGRANDE, Graziela Pigatto Bohn. **Harmonização vocálica: análise variacionista em tempo real**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

CASTILHO, Ataliba T. de. O português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Lingüística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 238-269.

CASTRO, E. C. **As pretônicas na variedade mineira de Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

CASTRO, José Liberal de. Extração da média aritmética da pronúncia nacional. Caracterização da base carioca, como resultado da media. Notas subsidiárias a respeito do linguajar cearense. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, 1. **Anais...** Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 101-112.

CEDERGREN, Henrietta J.; SANKOFF, David. Performance as a statistical reflection of competence. **Language**, Baltimore, v. 50, n. 2, p. 333-355, 1974.

CÉLIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES**. Campinas: UNICAMP, 2004. Dissertação (Mestrado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: CUP, 1980.

CINTRA, L. F. Lindley. **Crônica geral de Espanha de 1344**: a lenda do rei Rodrigo. Lisboa: Verbo, 1964.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In. GOLDSMITH, J. **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwel, 1995, p. 245-255.

CORRÊA, Cíntia da Costa. **Focalização dialetal em Brasília**: um estudo das vogais pretônicas e do/s/ pós-vocálico. Brasília: UnB, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso. Conservação e inovação do português do Brasil. In: **O eixo e a roda**. Belo Horizonte: UFMG, 1986. p. 199-230.

DIAS, Melina Rezende. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e Ouro Branco**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Lingüística**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

ELIA, Silvio. **Ensaio de filologia**. Rio de Janeiro: Acadêmico, 1963.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1998.

GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa – GO**: a pronúncia das vogais médias pretônicas. Brasília: UnB, 2008. Dissertação (Mestrado) Instituto de Letras – Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP, Universidade de Brasília, 2008.

GUIMARÃES, Rubens Vinícius M. **Variação das vogais médias em posição pretônica nas regiões Norte e Sul de Minas Gerais**: uma abordagem à luz da Teoria da Otimalidade. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GUY, Gregory R.; BISOL, Leda. A teoria fonológica e variação. **Organon**, Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, n. 18, p. 126-136, 1991.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HARRIS, James. Evidence from Portuguese for the “Elsewhere Condition” in Phonology. **Linguistic Inquiry**, n. 5, 1974.

KIPARSKY, Paul. Elsewhere in Phonology. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (Orgs.). **A festschrift for Morris Hall**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973. p.

LABOV, William. Contraction, deletion, and inherent variability of the English Copula. In: LABOV, W. **Language in the inner city: the Black English Vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a. Cap. 3, p. 65-129.

_____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English Copula. **Language**, n. 45, p. 715-762, 1969.

_____. Intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language, Variation and Change**, n. 2, p. 205-254, 1991.

_____. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. **Principles of linguistic change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. v. 1.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b.

LEDUR, Paulo Flávio. **Guia prático da nova ortografia**: as mudanças do Acordo Ortográfico. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 2008.

LEE, Seung-Hwa. Mid vowel alternative in verbal stems in Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistic**, n. 2, p. 87-100, 2003.

LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LIMA, D. Luís Caetano de. **Ortografia da língua portuguesa**. Lisboa: s.n., 1736.

LOPEZ, Bárbara S. **The Sound Pattern of Brazilian Portuguese**. P.h.D. UCLA, 1979.

LUCHESE, Dante; BAXTER, Alan. Processo de crioulização na história sociolingüística do Brasil. In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística no Brasil**. Salvador: FUNCULTURAL, 2006. p 165-217.

MacCARTY, John; PRINCE, Alan. Generalized alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. Van (Eds.). **Yearbook of morphology**. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153.

MAIA, Vera Lúcia M. As pretônicas médias na fala de Natal. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 5, p. 209-225, 1986.

MALMBERG, Bertil. **A fonética**: no mundo dos sons da linguagem. Lisboa: Livros do Brasil, 1963.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1934.

MATEUS, Maria Helena M. **A harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do Português**. Porto: Faculdade de Letras da UL, 2002.

____. **Aspectos da fonologia portuguesa**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não-lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 27-14.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana A. Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística no Brasil**. Salvador: FUNCULTURAL, 2006, p. 321-357.

____. Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE. Salvador: UFBA, 1979.

NARO, Anthony J. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973.

____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

NASCENTES. **Linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

____. **O idioma nacional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1922.

NUNEZ DO LIÃO, Duarte. **Orthografia da lingua portuguesa**. Lisboa: João de Barreira, 1576.

OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

OLIVEIRA, Fernão. **Gramática da linguagem portuguesa.** Lisboa: José Fernandes Júnior, 1533.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The neogrammarian controversy revisited. **International Journal of the Sociology of Language**, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.

PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais da história da língua.** Lisboa: FCG, 1970.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. **As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano.** Paraíba: UFP, 1997. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

PINTZUK, S. **VARBRUL programs.** [s.n.t.], 1988. mimeo.

PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO PARA TERESINA. **Agenda – 2015.** Teresina: PMT, 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. **Teresina: aspectos e características.** Teresina: PMT, 1993.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. **Optimality Theory: constraint interaction in generative Grammar.** Boulder: Ms. Rutgers University, New Brunswick and University of Colorado, 1993.

QUICOLI, A. Carlos. T Harmony, lowering and nasalization in Brazilian Portuguese. **Língua 80**, p. 295-331, 1990.

RAMOS, Artur. **O negro brasileiro.** Rio de Janeiro: Graphia, 2001.

REDENBARGEN, Wayne. **Articulator Features and Portuguese Vowel Height.** Cambridge: Department of Romance Languages and Literatures of Harvard University, 1981.

RÉVAH, I. S. **Anais do I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro.** Rio de Janeiro, MEC, 1958. p. 387-402.

RODRIGUES, José Honório. A vitória da língua portuguesa. **Humanidades**, v. 1, n. 4, jul.-set. 1983.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-historical linguistic.** Its status and methodology. Cambridge: CUP, 1982.

ROMÃO DA SILVA, Júlio. **Memória histórica sobre a transferência da capital do Piauí**. 3. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

ROSSEAU, P.; SANKOFF, David. Advances in variable rule methodology. In: **Linguistic variation: models and methods**. New York: Academic Press, 1978. p. 57-69.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: INL, 1965.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTAMAR, Norbet; MATTEIR, Klaus J. (Orgs.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

_____; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GOLDVARB C – A multivariate analysis application**. Toronto: Department of linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV-index.htm#ref>>. Acesso em: 10 de julho de 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHERRE, Marta Pereira. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília: UnB, 1993.

_____. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

_____. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1998. p. 37-50.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista**. Porto Alegre: PUCRS, 1995. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1995.

_____. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

SILVA NETO, Serafim. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Português, 1970.

_____. **História da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Visão de conjuntos das variáveis sociais. In. SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SHCHERRE, Maria Marta Pereira (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1998. p. 337-378.

SILVA, Rita de Cássia B. Cunha e. **Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus.** Rio de Janeiro: PUCRJ, 1980.

SOARES, Adriana de Santana. **As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido.** Salvador: UFBA, 2004.

SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro Ferdinando. A língua nacional e seu estudo. **Revista de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Rohe, v. 9, p. 18-22, 1921.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VIEGAS, Maria do Carmo. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística.** Belo Horizonte: UFMG, 1987. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

_____. O alçamento de vogais médias e os itens lexicais. **Revista de Estudos Lingüísticos**, Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 101-123, jul.-dez. 1995.

_____. **O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais.** Belo Horizonte: UFMG, 2001. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

VIEIRA, Maria de Nazaré da Cruz. **Aspectos do falar paraense: fonética, fonologia, semântica.** Belém: UFPA, 1983.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: NOVAIS, Fernando A.; SOUZA, Laura de Mello e. **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000. v. I, p. 331-385.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems.** The Hague, 1964.

_____; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, Leo. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 21, p. 25-28, jul.-dez. 1991.

_____. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do Português: uma análise auto-segmental. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, p. 25-58, jul.-dez. 1992.

_____. **Mid-vowel alternations in the Brazilian Portuguese verb**. Phonology 12. Cambridge University Press, 1995.

YACOVENCO, L. C. **As vogais médias pretônicas na fala culta carioca**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Sites

<<http://www.teresina.pi.gov.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2009.

<<http://www.cin.ufpe.br>>. Acesso em: 10 de julho de 2009.

APÊNDICE

Ocorrências das vogais médias em posição pretônica

VOGAL MÉDIA ABERTA [-POST]

m[ɛ]lancia (19)	f[ɛ]liz (14)
d[ɛ]liciosa (01)	pr[ɛ]parar (03)
pr[ɛ]juízo (21)	d[ɛ]rrubar (21)
aqu[ɛ]cido (18)	qu[ɛ]rido (15)
p[ɛ]qu[ɛ]nino (23)	p[ɛ]pino (06)
m[ɛ]nino (06)	col[ɛ]gial (01)
m[ɛ]lhoria (17)	p[ɛ]dir (05)
b[ɛ]bida (02)	p[ɛ]riquito (06)
gov[ɛ]rnador (12)	p[ɛ]rigoso/a (10)
s[ɛ]guro (07)	qu[ɛ]ria (14)
esqu[ɛ]cido (14)	d[ɛ]talhe (03)
[ɛ]l[ɛ]trot[ɛ]rapia (02)	pr[ɛ]cisar (02)
r[ɛ]solvendo (02)	pr[ɛ]guiça (02)
t[ɛ]rminando (02)	[ɛ]goísmo (02)
adol[ɛ]scete (03)	s[ɛ]rvico (17)
pr[ɛ]venção (01)	int[ɛ]r[ɛ]ssar (03)
com[ɛ]moração	n[ɛ]gocio (04)
[ɛ]létrica/o (04)	r[ɛ]ligiosa/o (03)
[ɛ]voluída (01)	pr[ɛ]cisando (04)
d[ɛ]rrubou(04)	d[ɛ]s[ɛ]rto(06)
p[ɛ]scoço (01)	g[ɛ]latina (01)
com[ɛ]morado (02)	of[ɛ]r[ɛ]cido (02)
t[ɛ]rmina (03)	t[ɛ]rminou (02)
pr[ɛ]parada (04)	p[ɛ]rdão (04)
r[ɛ]pitindo (05)	[ɛ]quivocado (01)
t[ɛ]st[ɛ]munho(02)	r[ɛ]fogar (02)
r[ɛ]giões (03)	v[ɛ]stimenta (02)
pr[ɛ]gar (02)	ad[ɛ]quada (04)
d[ɛ]dicação (02)	[ɛ]vangelho (02)
p[ɛ]n[ɛ]tra (04)	s[ɛ]m[ɛ]lhante (02)
r[ɛ]volver (02)	pr[ɛ]gação (04)
r[ɛ]sposta (02)	r[ɛ]ligião (08)

p[ε]rs[ε]v[ε]rando (03)	pr[ε]gando (04)
cr[ε]scendo (02)	r[ε]tornei (02)
r[ε]correr (02)	r[ε]cente (01)
[ε]rrar (04)	com[ε]ti (04)
cob[ε]rtura (03)	d[ε]pósito(04)
of[ε]r[ε]ci (15)	v[ε]rduras (07)
cop[ε]rativa (02)	d[ε]corativa (04)
[ε]volui (02)	acont[ε]cendo (02)
pr[ε]sidência (02)	p[ε]rgunta (04)
d[ε]coração (03)	t[ε]rreno (03)
d[ε]mora (02)	s[ε]car (06)
p[ε]sado (04)	b[ε]n[ε]ficiar (04)
art[ε]são (06)	l[ε]gal (03)
p[ε]rsistência (02)	t[ε]l[ε]fone (06)
r[ε]nascença (02)	pr[ε]cisando (04)
f[ε]d[ε]ral (06)	r[ε]lação (02)
pr[ε]cario/a (04)	[ε]ducação (02)
c[ε]rtinho (01)	div[ε]rtir (01)
l[ε]varam (05)	v[ε]t[ε]rinária (02)
t[ε]rminando (04)	p[ε]garam (05)
r[ε]dor (04)	p[ε]rtinho (06)
obs[ε]rvando (02)	obs[ε]rva (04)
m[ε]tal (02)	d[ε]fender (03)
r[ε]clama (06)	dir[ε]ção (02)
pr[ε]conceito (04)	mol[ε]cagem (02)
s[ε]cador (04)	alt[ε]rar (02)
temp[ε]radinho (01)	pr[ε]firo (02)
r[ε]venda (01)	pr[ε]parando (02)
p[ε]gar (02)	h[ε]rança (04)
p[ε]rtubam (02)	esp[ε]cial (03)
al[ε]grar (04)	m[ε]rcearia (02)
v[ε]stígio (04)	ent[ε]rrada (02)
cr[ε]scendo (03)	conh[ε]cia (04)
acont[ε]cido (02)	desob[ε]diente (02)
t[ε]star (01)	sab[ε]doria (04)
r[ε]fogar (02)	n[ε]gativo (04)
l[ε]vantei (04)	conv[ε]rsando (02)
v[ε]stibular (04)	r[ε]voltou (02)
arr[ε]bentar (02)	exp[ε]riência (02)
p[ε]rguntar (02)	forn[ε]ci (02)
pr[ε]senciei (07)	[ε]n[ε]rgia (02)
d[ε]l[ε]gacia (06)	al[ε]gando (04)
lot[ε]ria (04)	r[ε]sultado (04)
com[ε]çando (08)	pr[ε]stacao (02)
[ε]rrado/a (02)	pr[ε]cisasse (02)
[ε]lite (01)	proc[ε]sso (01)
pr[ε]sidiário (01)	z[ε]ladora (04)

[ε]vangélico/a (02)	acr[ε]ditar (04)
p[ε]n[ε]trar (02)	f[ε]rvorosa (02)
[ε]ducada (02)	pr[ε]f[ε]rência (02)
d[ε]rrubando (04)	pr[ε]gar (02)
b[ε]bendo (03)	cob[ε]rtura (02)
r[ε]trata (02)	t[ε]rminei (02)
d[ε]pendendo (02)	int[ε]rior (02)
conv[ε]rsar (04)	pr[ε]cisamos (04)
r[ε]porter (02)	esp[ε]rando (03)
Esp[ε]cífico (02)	pr[ε]firo (02)
pr[ε]fere (02)	conh[ε]ce (02)
d[ε]pende (03)	pr[ε]senciou (04)
L[ε]gionária (02)	v[ε]rgonha (02)
m[ε]rgulho (02)	r[ε]sultado (04)
c[ε]râmica (06)	c[ε]l[ε]braçãozinha (02)
ap[ε]rtando (02)	com[ε]çar (03)
l[ε]vanto (02)	esp[ε]rar (04)
r[ε]partimos (01)	m[ε]renda (02)
v[ε]rdade (08)	d[ε]senho (01)
arr[ε]pendi (04)	com[ε]rciante (04)
r[ε]frig[ε]rante (03)	r[ε]cuperou (02)
r[ε]staurante (05)	v[ε]llório (03)
arr[ε]bentaram (04)	arr[ε]bentada (02)
s[ε]l[ε]tivo (02)	r[ε]laxo/a (04)
p[ε]dágios (01)	apr[ε]sentação
[ε]ventos (02)	r[ε]lâmpago (01)
v[ε]readores (02)	enc[ε]rramento (02)
d[ε]voção (02)	fr[ε]quentada (04)
r[ε]médio (02)	r[ε]zar (02)
d[ε]vorar (04)	r[ε]dentorista (02)
pr[ε]sente (02)	d[ε]t[ε]rminou (04)
p[ε]dacinho (02)	g[ε]lado (02)
s[ε]paração (02)	r[ε]novaram (02)
r[ε]novação (02)	s[ε]m[ε]stre (02)
obj[ε]tivo (03)	r[ε]spiração (02)
[ε]taria (02)	[ε]magr[ε]cimento (02)
pr[ε]vini (02)	[ε]duco (02)
d[ε]mocracia (06)	r[ε]clamo (02)
r[ε]clamando (02)	pr[ε]star (02)
r[ε]laxar (02)	[ε]rguida (04)
impr[ε]ssionante (02)	r[ε]forma (02)
r[ε]f[ε]rência (04)	pr[ε]stadores (04)
[ε]vitando (02)	ass[ε]ssorando (02)
exp[ε]ctativa (02)	s[ε]cr[ε]taria (04)
empr[ε]sário (04)	r[ε]laxada (01)
d[ε]dicação (04)	sobr[ε]vivendo (01)
d[ε]mitido (06)	d[ε]missões (01)

d[ε]dicava (04)	[ε]quilíbrio (02)
r[ε]gimento (01)	atrop[ε]lado (04)
d[ε]t[ε]rminação (02)	reconh[ε]cida (02)
r[ε]solvi (02)	p[ε]dagogia (01)
m[ε]lhorava(04)	t[ε]l[ε]visivos (02)
ex[ε]cutar (02)	f[ε]rimento (02)
r[ε]v[ε]so (02)	d[ε]t[ε]rminada (02)
[ε]quipe (02)	arr[ε]matar (04)
d[ε]lito (04)	p[ε]rfurações (01)
d[ε]bate (01)	mol[ε]cote (02)
r[ε]pentina (01)	pr[ε]f[ε]rência (06)
d[ε]putado/a (04)	ap[ε]gado/a (04)
sooss[ε]gada/o (03)	v[ε]rdadeira (02)
pr[ε]stando (02)	r[ε]sgatou (02)
d[ε]ficiente (02)	p[ε]di (03)
v[ε]sti (03)	[ε]l[ε]vação (02)
m[ε]lhora (04)	reconh[ε]cido (06)
dir[ε]ção (02)	ac[ε]sso (02)
[ε]f[ε]tivo (02)	s[ε]rviçal (02)
nord[ε]stino (05)	esp[ε]táculo (02)
t[ε]cido (04)	mol[ε]cagem (04)
r[ε]sidência (01)	pr[ε]sidente (06)
r[ε]dudância (02)	p[ε]rdendo (02)
f[ε]rmento (01)	traf[ε]gando (02)
d[ε]l[ε]gado (02)	d[ε]mocrática (04)
r[ε]servo (01)	r[ε]strições (03)
corr[ε]ção (04)	m[ε]lhorei (02)
av[ε]nida (03)	agr[ε]ssão (02)
r[ε]sistência (02)	op[ε]rando (02)
d[ε]claração (02)	cat[ε]cismo (02)
pod[ε]rosa (04)	d[ε]cisão (02)
carroc[ε]ria (02)	r[ε]p[ε]titivo (02)
r[ε]cife (01)	d[ε]mocracia (04)
alt[ε]rnativa (02)	b[ε]n[ε]ficiar (02)
p[ε]riféria (02)	dif[ε]renciar (02)
consid[ε]rada (02)	cr[ε]scimento (02)
arr[ε]pender (02)	d[ε]pendência (02)
qu[ε]bradora (01)	p[ε]rmaneci (02)
acr[ε]ditei (02)	t[ε]rminei (01)
p[ε]curso (01)	col[ε]guinho (01)
r[ε]fogar (01)	[ε]logia (02)
p[ε]r[ε]grino (02)	z[ε]lador (02)
m[ε]tade (02)	r[ε]cup[ε]va (02)
r[ε]cup[ε]rar (04)	pr[ε]senciamos (02)
r[ε]fem (02)	comp[ε]tição (04)
r[ε]visão (01)	al[ε]gria (08)
[ε]cologia (01)	m[ε]strado (02)

adol[ε]scência (08)	prolif[ε]rando (02)
r[ε]duz (01)	d[ε]fendeu (04)
s[ε]qu[ε]stro (02)	r[ε]sidencial (04)
ind[ε]pendente (06)	c[ε]l[ε]brar (02)
pr[ε]parando (02)	n[ε]c[ε]ssidade (04)
pr[ε]sépio (04)	r[ε]p[ε]titiva (02)
r[ε]pitiu (02)	l[ε]vantar (04)
p[ε]curso (02)	g[ε]rente (02)
r[ε]sentimento (01)	f[ε]stival (02)
r[ε]pr[ε]sentaram (02)	f[ε]rramenta (02)
h[ε]r[ε]ditário (02)	m[ε]xi (04)
r[ε]bocar (02)	d[ε]corativa (04)
encarr[ε]gada (04)	z[ε]lar (02)
t[ε]rrível (06)	s[ε]cagem (02)
d[ε]pendendo (02)	div[ε]rtir (01)
adol[ε]scence (10)	r[ε]laxar (04)
p[ε]rfil (04)	estab[ε]l[ε]cimento (02)
cap[ε]linha (02)	inf[ε]licidade (04)
r[ε]sponder (02)	r[ε]vitaliza (01)
r[ε]dondeza (02)	r[ε]donda (02)
col[ε]tivo (06)	r[ε]denção (01)
s[ε]r[ε]sta(02)	ing[ε]ri (04)
agr[ε]gado (04)	[ε]conomico
[ε]conomizar (02)	l[ε]vando (02)
ant[ε]c[ε]dência (02)	t[ε]cnologia
t[ε]l[ε]fonar (02)	pr[ε]judicar (02)
mat[ε]rial (04)	pod[ε]ria (04)
r[ε]gime (01)	r[ε]solução (02)
int[ε]rr[ε]sante (02)	r[ε]v[ε]rencilar (02)
esp[ε]rança (05)	r[ε]zando (02)
desguan[ε]cido (02)	fr[ε]quentava (04)
enx[ε]rgar (02)	s[ε]rvir (04)
r[ε]cruta (01)	p[ε]rspectiva (02)
r[ε]cusei (01)	r[ε]n[ε]lgado (02)
t[ε]l[ε]jornais (02)	p[ε]squisa (04)
pr[ε]stação (02)	conc[ε]ssionária
exp[ε]ctador (01)	esp[ε]táculo (02)
r[ε]gional (01)	[ε]rradas (01)
s[ε]l[ε]to (01)	pr[ε]senti (02)
av[ε]rsão (01)	ac[ε]ssível (02)
r[ε]b[ε]lde(04)	f[ε]lidade (02)
pr[ε]f[ε]rida (02)	p[ε]rc[ε]pção (02)
r[ε]zando (02)	p[ε]dagogos
pr[ε]tensão (02)	r[ε]curso (02)
[ε]missoras (01)	r[ε]fogar (06)
gen[ε]ralizar (02)	corr[ε]tíssima (02)
r[ε]fl[ε]xões (02)	r[ε]latar (04)

r[ɛ]mendação (02)	r[ɛ]sponsável (02)
pal[ɛ]tô (04)	gov[ɛ]rnada (02)
s[ɛ]pultura (04)	[ɛ]vitar (02)
v[ɛ]sícula (02)	r[ɛ]tirante (03)
l[ɛ]gumes (02)	r[ɛ]sidencial (02)
s[ɛ]pultura (02)	p[ɛ]rdido (04)

VOGAL ALTA [-POST]

m[i]n[i]nuzinho (03)	qu[i]ria (10)
s[i]guranca (16)	p[i]quena (12)
desp[i]diu	s[i]nhora (04)
c[i]miterio (20)	al[i]gria (10)
p[i]rigoso/a (09)	m[i]lhor (10)
p[i]qu[i]ninho/a (11)	s[i]guro/a (12)
fal[i]cido (08)	acr[i]dito (04)
pr[i]guiça (04)	conh[i]cido (02)
m[i]ninho (13)	conh[i]ciam (04)
fal[i]cidos (02)	pr[i]cisa (06)
p[i]r[i]quito (03)	m[i]nino/a (31)
p[i]rigo (05)	p[i]dir (05)
fal[i]cidos (02)	v[i]stir (08)
b[i]bi (10)	pr[i]guiçoso/a (11)
F[i]liz (08)	m[i]xido (04)
P[i]di (02)	Av[i]nida (03)
p[i]dindo (02)	d[i]via (08)
qu[i]rido (06)	com[i]ti (04)
pr[i]sidente (02)	f[i]rido (02)
conh[i]cia (02)	b[i]bida (08)
m[i]dida (08)	esqu[i]cido (02)
cr[i]sci (02)	pr[i]f[i]rido (03)
p[i]diu(06)	cr[i]scimento (02)
pr[i]c[i]sam	p[i] pino (04)
cons[i]gui (04)	d[i]cidu (02)
par[i]cido (06)	n[i]c[i]ssidade (02)
s[i]minarista (02)	s[i]minário (02)
p[i]pino (02)	m[i]ninada (02)
m[i]dir (06)	cons[i]guiria (04)
transf[i]rido (02)	pr[i]firiram (02)
pr[i]cisa (08)	conh[i]ci (02)
perc[i]bia (02)	b[i]bia (04)
s[i]guida (04)	esqu[i]cia (02)
qu[i]rido (04)	r[i]cibido (04)
acr[i]dito (02)	s[i]rvidor (01)

t[i]cido (01)	cr[i]scido (02)
r[i]cibo (04)	p[i]rdido (02)
cr[i]scido (04)	f[i]dido (01)
f[i]liz (04)	s[i]rvido (02)
pr[i]sidente (02)	c[i]mitério (04)
f[i]licidade (02)	r[i]pitindo (01)
s[i]gurança (06)	b[i]nifício (02)

VOGAL MÉDIA FECHADA [-POST]

t[e]soura (12)	c[e]rteza (08)
r[e]speitando (02)	p[e]rdeu (02)
ch[e]garam (03)	p[e]rder (06)
f[e]chou (04)	c[e]bola (20)
s[e]gredo (04)	[e]l[e]ger (10)
b[e]rreiro (04)	t[e]rreiro (04)
b[e]ber (02)	com[e]cei (02)
f[e]chado (20)	agrad[e]cer (19)
cab[e]ceira (14)	b[e]souro (17)
t[e]soureira/o (09)	f[e]charam (02)
r[e]forço (05)	b[e]bida (08)
p[e]qu[e]nino (10)	d[e]v[e]ria (08)
r[e]ceita (04)	com[e]cei (07)
f[e]stejo (10)	d[e]s[e]jar (06)
f[e]steiro (04)	esp[e]rteza (04)
d[e]sejo (04)	r[e]solvo (05)
c[e]rveja (05)	c[e]rvejinha (04)
r[e]c[e]ber (04)	t[e]r[e]sina
f[e]chamento (02)	cr[e]sceu (02)
m[e]nino (10)	f[e]char (03)
c[e]rola (01)	r[e]solver (06)
r[e]torno (02)	abst[e]cer
p[e]rder (03)	r[e]speita (02)
ch[e]gava (04)	p[e]queno (02)
r[e]pousar (01)	plan[e]jar (01)
r[e]levo (01)	m[e]droso (02)
escr[e]ver (04)	reconh[e]cer (02)
pr[e]feitura (02)	cr[e]scer (02)
ch[e]garem (02)	m[e]xer (02)
d[e]seja (02)	b[e]leza (04)
p[e]rc[e]besse (07)	r[e]speita (02)
r[e]g[e]ssemos (01)	r[e]c[e]bessemos (02)
[e]feito (02)	b[e]besse (02)
sup[e]rei (02)	of[e]r[e]ceram (03)

r[e]c[e]besse (08)	p[e]dir (03)
ch[e]gar(02)	r[e]c[e]ber (02)
[e]leição (03)	f[e]stejar (02)
ob[e]deço (02)	r[e]speitada (02)
b[e]b[e]deira (10)	r[e]c[e]beram (02)
m[e]ntirosa/o (04)	s[e]viço (04)
p[e]ríodo (04)	m[e]dida (04)
p[e]rdoa (02)	pr[e]firo (02)
p[e]pino (03)	p[e]riquito (04)
p[e]rigoso/a (03)	s[e]lguro (02)
s[e]mestre (04)	of[e]r[e]ceram (02)
pr[e]cisa (02)	d[e]monstração (02)
s[e]mana (04)	s[e]gurança (04)
conh[e]cimento (02)	b[e]bia (02)
p[e]rigo (02)	pr[e]guiça(06)
f[e]liz (03)	aqu[e]cido (02)
qu[e]ria(02)	qu[e]rido (04)
s[e]quinho (04)	pr[e]firido (02)
al[e]gria (02)	pr[e]guiçoso/a (02)
p[e]queno (02)	agrad[e]ci (02)
pr[e]cisando (02)	c[e]mitério (03)
v[e]stir (02)	d[e]s[e]rto (02)
lot[e]ria (04)	pr[e]firiu (02)
cons[e]gui (02)	m[e]xido (04)
r[e]cibo (04)	f[e]dido (02)
pr[e]sidente (02)	t[e]cido (04)
cr[e]scido (02)	p[e]rdido (02)
m[e]lância (01)	com[e]çando (01)

VOGAL MÉDIA ABERTA [+POST]

m[ɔ]ram (02)	j[ɔ]rnal (14)
r[ɔ]mance	pr[ɔ]duzida (02)
pr[ɔ]gresso (02)	j[ɔ]garam (02)
p[ɔ]pulação (06)	s[ɔ]licitar (02)
d[ɔ]cumentação (10)	n[ɔ]vena (04)
agl[ɔ]meração (03)	p[ɔ]puloso (02)
m[ɔ]déstia (06)	c[ɔ]l[ɔ]cando (02)
pr[ɔ]curam (04)	pr[ɔ]fissão (14)
ap[ɔ]sentado/a (02)	n[ɔ]venário (02)
c[ɔ]mércio (02)	pr[ɔ]curei (03)
ch[ɔ]rando (14)	pr[ɔ]curando (05)
ch[ɔ]rava (10)	r[ɔ]tina (07)
c[ɔ]ragem (12)	nam[ɔ]rava (02)
n[ɔ]vinha (02)	g[ɔ]rdurosa (02)

b[ɔ]nito (04)	b[ɔ]nitinho (02)
ch[ɔ]rona (16)	c[ɔ]lher (17)
d[ɔ]méstica/o (04)	g[ɔ]staria (03)
c[ɔ]média (02)	c[ɔ]légio (30)
[ɔ]ci[ɔ]sidade (06)	t[ɔ]mar (02)
ad[ɔ]rar (08)	pr[ɔ]cura (04)
d[ɔ]cumentário (08)	n[ɔ]vela (09)
pr[ɔ]priedade (02)	pr[ɔ]curo (02)
g[ɔ]zar (04)	c[ɔ]lesterol (02)
r[ɔ]dela (08)	c[ɔ]rtadinha (02)
t[ɔ]masse (02)	s[ɔ]frendo (06)
c[ɔ]varde (02)	pr[ɔ]grama (s) (07)
[ɔ]bediente (02)	c[ɔ]zinheira (06)
f[ɔ]rmatura (18)	f[ɔ]gão (08)
c[ɔ]rdão (20)	m[ɔ]derna/o (18)
s[ɔ]rteada/o (14)	c[ɔ]rrida (17)
r[ɔ]busta (15)	n[ɔ]tícia (10)
p[ɔ]ssível (10)	g[ɔ]vernador (16)
p[ɔ]rção (17)	m[ɔ]vimento (14)
b[ɔ]rracha (02)	alm[ɔ]çar (02)
m[ɔ]tivo (06)	c[ɔ]stume (09)
c[ɔ]rtina (14)	c[ɔ]stela (13)
c[ɔ]luna (02)	eletr[ɔ]terapia (01)
ad[ɔ]lescente (03)	c[ɔ]ração (10)
c[ɔ]mem[ɔ]ração (02)	[ɔ]p[ɔ]rtunidade (15)
s[ɔ]zinha (04)	ev[ɔ]luída (02)
t[ɔ]rrada (02)	pr[ɔ]teção (02)
p[ɔ]pular (02)	pr[ɔ]fessias (01)
g[ɔ]vernando (04)	[ɔ]rganização (01)
c[ɔ]mem[ɔ]rado (02)	[ɔ]ferecido (04)
ad[ɔ]rado (04)	f[ɔ]rmigueiro (03)
c[ɔ]bertura (12)	[ɔ]ferece (07)
r[ɔ]d[ɔ]viária (08)	l[ɔ]teria (05)
r[ɔ]mantica (02)	c[ɔ]ragem (02)
m[ɔ]tivação (12)	c[ɔ]stuma (04)
p[ɔ]lítico (11)	c[ɔ]perativa (02)
dec[ɔ]rativa (03)	ev[ɔ]lui (01)
ass[ɔ]ciação (02)	pr[ɔ]priedade (02)
dec[ɔ]ração (02)	pr[ɔ]dução (02)
dem[ɔ]rar (02)	c[ɔ]rtar (10)
s[ɔ]lução (06)	ass[ɔ]ciados (06)
p[ɔ]rrada (01)	pr[ɔ]cure (02)
[ɔ]ficina (04)	desc[ɔ]brir (05)
nam[ɔ]rado (06)	c[ɔ]rrendo (04)
t[ɔ]rrar (02)	c[ɔ]rante (04)
[ɔ]bservar (04)	[ɔ]bservando (02)
tr[ɔ]car (02)	l[ɔ]teamento (02)

dem[ɔ]rando (04)	h[ɔ]rrível (03)
pr[ɔ]grama (03)	l[ɔ]cais (02)
pr[ɔ]fissional (03)	s[ɔ]lícito (01)
pr[ɔ]m[ɔ]ção (02)	c[ɔ]mércio (03)
x[ɔ]dó (04)	pr[ɔ]curar (02)
ch[ɔ]calho (04)	j[ɔ]rnais (06)
esn[ɔ]bar (01)	c[ɔ]tidiana (04)
d[ɔ]minical (01)	[ɔ]rientação (02)
c[ɔ]nhesia (04)	c[ɔ]zimento (02)
c[ɔ]ll[ɔ]car (06)	m[ɔ]dificado (06)
ferv[ɔ]r[ɔ]las (04)	des[ɔ]bediente (06)
imp[ɔ]rtante (03)	ref[ɔ]gar (04)
[ɔ]bedece (01)	c[ɔ]gumelo (02)
pr[ɔ]jeto (03)	[ɔ]rganizei (01)
pr[ɔ]prietário (01)	c[ɔ]missão(02)
c[ɔ]ração (02)	disp[ɔ]sição (04)
pr[ɔ]videnciando (01)	im[ɔ]biliária (02)
imp[ɔ]rtante (02)	d[ɔ]cumento(s) (04)
pr[ɔ]cesso (03)	s[ɔ]fri (01)
[ɔ]brigaçãõ (02)	b[ɔ]tar (02)
c[ɔ]lega (02)	[ɔ]le[ɔ]sas (01)
ch[ɔ]ram (04)	b[ɔ]taram (02)
c[ɔ]rtada (06)	esc[ɔ]lar (06)
l[ɔ]cal (10)	apr[ɔ]vados (01)
pr[ɔ]p[ɔ]cionar (02)	pr[ɔ]cura (03)
m[ɔ]lhar (02)	ren[ɔ]vação (02)
dev[ɔ]ção (02)	carr[ɔ]ção (01)
m[ɔ]rando (04)	res[ɔ]lve (02)
[ɔ]bjetivo (02)	c[ɔ]rp[ɔ]ral (02)
c[ɔ]mida (04)	dem[ɔ]crática (03)
pr[ɔ]curo (06)	[ɔ]ração (01)
[ɔ]pção (04)	ec[ɔ]ll[ɔ]gia (01)
[ɔ]rientada (01)	pr[ɔ]blema (06)
n[ɔ]rmal (01)	ch[ɔ]cada (04)
p[ɔ]stura (04)	c[ɔ]rreta (02)
imp[ɔ]rtância (06)	c[ɔ]zinha (10)
n[ɔ]turna (04)	ac[ɔ]m[ɔ]dada (02)
exp[ɔ]sição (04)	inc[ɔ]m[ɔ]dar (02)
[ɔ]rganizada (02)	c[ɔ]mercial (02)
s[ɔ]brevivendo (01)	melh[ɔ]rava(04)
c[ɔ]leta (02)	[ɔ]rganizada (01)
n[ɔ]rdeste (04)	c[ɔ]ll[ɔ]cado (02)
c[ɔ]merciante(02)	pr[ɔ]pício (02)
pred[ɔ]mina (06)	pr[ɔ]cissão (03)
c[ɔ]rreta (04)	s[ɔ]neca (02)
pr[ɔ]paganda (02)	g[ɔ]verno (01)
p[ɔ]rn[ɔ]grafia (02)	pr[ɔ]duto (04)

f[ɔ]rmados (04)	pr[ɔ]stituição (04)
c[ɔ]varde (02)	[ɔ]cupando (02)
m[ɔ]mentos(01)	n[ɔ]tória (02)
pr[ɔ]p[ɔ]cionando (02)	f[ɔ]rmação (04)
[ɔ]fereci (03)	c[ɔ]peramos (02)
f[ɔ]lclórica (04)	n[ɔ]tável (02)
[ɔ]c[ɔ]rrência (05)	[ɔ]c[ɔ]rrendo (06)
n[ɔ]ção (02)	v[ɔ]taram (02)
s[ɔ]lução (04)	m[ɔ]déstia (02)
fav[ɔ]rece (02)	l[ɔ]cais (01)
inf[ɔ]rmações (01)	[ɔ]bjeto (02)
dem[ɔ]cracia (02)	ev[ɔ]lução (02)
ch[ɔ]rar(04)	ch[ɔ]cado (01)
pr[ɔ]gramado (04)	d[ɔ]cumentário (01)
ec[ɔ]nômico (02)	ev[ɔ]lutivo (02)
c[ɔ]rreções (02)	ac[ɔ]m[ɔ]dando (02)
[ɔ]lhando (02)	[ɔ]p[ɔ]rtunista (02)
esp[ɔ]rtivas (02)	l[ɔ]térica (02)
v[ɔ]cação (02)	conf[ɔ]rtável (04)
[ɔ]rientando (01)	[ɔ]brigaçãõ (02)
pr[ɔ]curam (04)	p[ɔ]ssibilidade (02)
f[ɔ]rmado/a (02)	c[ɔ]lega (02)
l[ɔ]calidade (04)	pr[ɔ]vincial (02)
p[ɔ]deria (02)	imp[ɔ]ssibilidade (04)
[ɔ]riente (02)	tecn[ɔ]l[ɔ]gia (04)
c[ɔ]piadora (02)	l[ɔ]c[ɔ]m[ɔ]ção (04)
ec[ɔ]n[ɔ]mizar (02)	p[ɔ]rtão (02)
c[ɔ]letivo (04)	f[ɔ]rró (01)
m[ɔ]rrendo (02)	c[ɔ]r[ɔ]nel (02)
pr[ɔ]t[ɔ]colo (02)	d[ɔ]brar (02)
c[ɔ]l[ɔ]caram (02)	c[ɔ]mem[ɔ]rativa (02)
[ɔ]pera (02)	g[ɔ]rdurosa (04)
t[ɔ]p[ɔ]gráfico (02)	l[ɔ]calidade (02)
l[ɔ]calizam (02)	p[ɔ]dendo (02)
[ɔ]c[ɔ]rre (01)	p[ɔ]ti (02)
h[ɔ]m[ɔ]gênea (02)	b[ɔ]linha (01)
pr[ɔ]duzir(01)	m[ɔ]difica (02)
dec[ɔ]rado (02)	n[ɔ]ção (02)
dr[ɔ]gado (02)	m[ɔ]lhadinha (01)
ferr[ɔ]via (01)	pr[ɔ]v[ɔ]car (02)
ad[ɔ]lescência (04)	v[ɔ]tado (02)
m[ɔ]straram (02)	p[ɔ]lêmica (02)
pr[ɔ]p[ɔ]rcionar (02)	v[ɔ]cação (02)
conc[ɔ]rrência (04)	h[ɔ]rário (01)
colab[ɔ]rando (02)	j[ɔ]gar (02)
[ɔ]lhada (01)	monit[ɔ]rando (01)
s[ɔ]lidário (02)	lab[ɔ]ratório (01)

ren[ɔ]var (02)	[ɔ]perado (01)
ac[ɔ]rdar (04)	m[ɔ]n[ɔ]grafia (01)
ch[ɔ]r[ɔ]sas (01)	cal[ɔ]renta (02)
pr[ɔ]pícia (02)	c[ɔ]rretíssima (02)
r[ɔ]çando (02)	c[ɔ]çando (01)

VOGAL ALTA [+POST]

c[u]zinho (03)	c[u]zinhar (06)
c[u]zinha (35)	c[u]zido/a (04)
ac[u]stumei (02)	ap[u]sentada/o (07)
d[u]mingo (23)	c[u]meçava (01)
ev[u]luiu (01)	c[u]mida (24)
c[u]stumo/a (10)	g[u]vernar (01)
c[u]mer (08)	rec[u]rrir (01)
s[u]frida (01)	s[u]frir (06)
b[u]nito/a (26)	b[u]nitinho/a (20)
c[u]lhido (01)	c[u]stume (15)
c[u]rtina (07)	c[u]rrido/a (08)
p[u]liciais (03)	g[u]rdurosa (14)
f[u]rmigueiro (14)	dec[u]brir (03)
s[u]brinho/a (05)	g[u]rdura (06)
c[u]zinheiro/a (16)	P[u]ti (07)
p[u]lítica/o (13)	c[u]zinhando (02)
c[u]stureira (01)	imp[u]ssível
f[u]lia (02)	p[u]lícia (22)
m[u]rrido(01)	c[u]midinha (04)
c[u]zidão (01)	p[u]ssível (08)
n[u]tícia (07)	ap[u]sentadoria (03)
c[u]lher (19)	c[u]stela (05)
g[u]vernar (01)	g[u]vernador (10)
c[u]mecei (13)	ch[u]ver (01)
s[u]ssego (01)	c[u]meço (10)
alg[u]dão (13)	t[u]mate (11)
c[u]nheci (03)	c[u]nheço (06)
m[u]lecagem (06)	f[u]gão (25)
g[u]verno (13)	c[u]meçando (03)
c[u]munhão (01)	c[u]pera (01)
p[u]liciamento (03)	c[u]meçar (08)
c[u]merciantes (01)	c[u]zidão (01)
c[u]bertura (03)	c[u]municativo (01)
c[u]nhecido/a (02)	ap[u]sentei (01)
m[u]vimento (04)	ac[u]stumado/a (08)
m[u]tivo (04)	c[u]meça (06)
n[u]ticiário (03)	g[u]vernava

c[u]ruja (01)	atr[u]pelado(s) (03)
m[u]lecote (01)	p[u]licial (04)
g[u]rdurada (01)	p[u]der (05)
m[u]rcego (02)	c[u]miti (01)
s[u]ssegado (04)	env[u]lvi (01)
c[u]nheceram (01)	c[u]nhecido (01)
c[u]meçaram (03)	ac[u]stumei (01)
c[u]nhece (02)	c[u]midinha (01)
ev[u]luiu (01)	c[u]nhecia (02)
c[u]locou (01)	p[u]dia (01)
m[u]difica (02)	c[u]nheceu (01)
gas[u]lina (04)	apr[u]veita/o (01)
c[u]nh[i]cimento (03)	c[u]rridinha (02)
p[u]liciando (02)	m[u]tivação (02)
p[u]deria (01)	m[u]derna (02)
disp[u]sição (02)	enc[u]menda (02)
c[u]chilo (04)	c[u]mia (02)
ap[u]sentar (04)	d[u]municipal
conc[u]rrida (02)	p[u]sitivo (02)
esbaf[u]rido (02)	c[u]munidade (03)
m[u]delo (02)	m[u]derna (01)
ch[u]ver (02)	p[u]rção (02)
ac[u]stuma (02)	c[u]mendo (02)
c[u]mentando (02)	m[u]delo (03)

VOGAL MÉDIA FECHADA [+POST]

c[o]rtejo (04)	apr[o]veita
g[o]rdinho (12)	s[o]frimento (02)
c[o]l[o]cou (04)	m[o]ver (04)
f[o]lhetim (02)	n[o]vidade (01)
m[o]rcego (15)	pr[o]meteu (08)
m[o]delo (21)	c[o]rredor (08)
pr[o]ver (08)	c[o]rretor (04)
pr[o]tegessemos (15)	c[o]mer (04)
f[o]rnecer (10)	c[o]meter (12)
f[o]gão (03)	c[o]l[o]rau (03)
m[o]leza (10)	pr[o]fessor(a) (10)
c[o]rreu (10)	c[o]rrer (02)
s[o]rteado (02)	c[o]meço (02)
f[o]rr[o]zeira (02)	[o]bedeço (04)
b[o]tei (08)	m[o]t[o]rista (02)
alg[o]dão (04)	c[o]nhecia (02)
p[o]sitivo (01)	l[o]teria (02)
m[o]rreu (08)	g[o]vernador (02)

b[o]tou (12)	esc[o]lher (06)
c[o]l[o]quei (02)	c[o]rneteiro (02)
m[o]lejo (02)	c[o]munitários (02)
c[o]munidade (03)	disp[o]sição (05)
c[o]mecei (01)	c[o]stume (02)
v[o]libol (02)	s[o]frer (02)
c[o]lher (04)	pr[o]tejo (02)
p[o]deria (06)	c[o]rredores (08)
c[o]nheço (02)	m[o]vimentado (04)
melh[o]ria (02)	m[o]vesse (02)
c[o]rtina (03)	c[o]stume (04)
g[o]rdurosa (04)	pr[o]tegido (04)
rec[o]nhecer (02)	l[o]c[o]m[o]ver (05)
desc[o]brir (02)	m[o]mento (03)
p[o]breza (06)	c[o]queiro (06)
cal[o]teiro (08)	c[o]peira (08)
d[o]ceiro (04)	c[o]rreios (04)
f[o]rmigueiro (03)	c[o]rrida (02)
n[o]tícia (08)	c[o]bertura (02)
m[o]tivo (06)	m[o]tivação (02)
m[o]vimento (02)	p[o]limento (01)
v[o]lume (02)	f[o]rtuna (01)
m[o]dificado (01)	pr[o]mitido (01)
c[o]nfiar (02)	c[o]nsultar (08)
d[o]minó (04)	c[o]nseguir (10)
d[o]méstica (06)	c[o]nstrução (02)
c[o]mentada (04)	c[o]nsigo (04)
d[o]minical (02)	d[o]mínio (04)
c[o]nversa (08)	c[o]nvida (08)